ANTHONY TROLLOPE



Lady Anna

LADY ANNA

ANTHONY TROLLOPE

Tradução de Silvia M. C. Rezende

Copyright © 2017 *by* PedrazulEditora Ltda.



Todos os direitos reservados à Pedrazul Editora.

Texto adaptado à nova ortografia da Língua Portuguesa, Decreto n° 6.583, de 29 de setembro de 2008.

Direção Geral: Chirlei Wandekoken

Direção de arte: Eduardo Barbarioli

Tradução: Silvia M. C. Rezende

Preparação de texto: Maria Francisca Magalhães

Revisão: Sonia Carvalho

Reservados todos os direitos desta tradução e produção. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida por fotocópia, microfilme, processo fotomecânico ou eletrônico sem permissão expressa da Pedrazul Editora, conforme Lei n° 9610 de 19/02/1998.

PEDRAZUL EDITORA

Caixa postal: 645– AGF Fernando Ferrari - Vitória-ES. CEP: 29075-972. www.pedrazuleditora.com.br

Volume I
CAPÍTULO I
A HISTÓRIA PREGRESSA DE LADY LOVEL
CAPÍTULO II
O TESTAMENTO DO CONDE
CAPÍTULO III
LADY ANNA
CAPÍTULO IV
O ALFAIATE DE KESWICK
CAPÍTULO V
O ADVOGADO-GERAL FAZ UMA PROPOSTA
CAPÍTULO VI
O PRESBITÉRIO DE YOXHAM
CAPÍTULO VII
O ADVOGADO-GERAL INSISTE
CAPÍTULO VIII
IMPOSSÍVEL!
CAPÍTULO IX
ISTO NÃO ESTÁ DE ACORDO COM A LEI
CAPÍTULO X
O PRIMEIRO ENCONTRO
CAPÍTULO XI
É TARDE DEMAIS
CAPÍTULO XII
ELES SE RENDERAM?
CAPÍTULO XIII
NOVOS AMIGOS
CAPÍTULO XIV
A CHEGADA DO CONDE
CAPITULO XV

WHARFEDALE
CAPÍTULO XVI
PARA SEMPRE
CAPÍTULO XVII
A VIAGEM DE VOLTA
CAPÍTULO XVIII
UM SEGREDO MUITO PESADO
CAPÍTULO XIX
LADY ANNA RETORNA PARA LONDRES
CAPÍTULO XX
A RECEPÇÃO DE LADY ANNA
CAPÍTULO XXI
DANIEL E O ADVOGADO
CAPÍTULO XXII
O ABISMO
CAPÍTULO XXIII
BEDFORD SQUARE
CAPÍTULO XXIV
O CÃO NA MANJEDOURA
Volume II
CAPÍTULO XXV
A CARTA DE DANIEL THWAITE
CAPÍTULO XXVI
O POETA DE KESWICK
Capítulo XXVII
A CARTA DE LADY ANNA
CAPÍTULO XXVIII
LOVEL VERSUS MURRAY E OUTRO
CAPÍTULO XXIX
DANIEL THWAITE FICA SOZINHO
CAPÍTULO XXX

A JUSTIÇA PRESTES A SER FEITA
CAPÍTULO XXXI
O VEREDICTO
CAPÍTULO XXXII
VOCÊ PROMETE?
CAPÍTULO XXXIII
DANIEL THWAITE RECEBE SEU DINHEIRO
CAPÍTULO XXXIV
A SUA PALAVRA NÃO VALE NADA PARA MIM
CAPÍTULO XXXV
O SARGENTO E MRS. BLUESTONE TOMAM A LIBERDADE
CAPÍTULO XXXVI
AINDA É VERDADE
CAPÍTULO XXXVII
ELA QUE MORRA
CAPÍTULO XXXVIII
A CABECEIRA DE LADY ANNA
CAPÍTULO XXXIX
A OFERTA DE LADY ANNA
CAPÍTULO XL
NÃO ACONTECEU DESGRAÇA ALGUMA
CAPÍTULO XLI
CADA VEZ MAIS PERTO
CAPÍTULO XLII
DANIEL THWAITE VAI A KEPPEL STREET
CAPÍTULO XLIII
DANIEL THWAITE RETORNA
CAPÍTULO XLIV
A TENTATIVA SURPREENDEU MAIS QUE O ATO EM SI
CAPÍTULO XLV
OS ADVOGADOS SANCIONARAM

CAPÍTULO XLVI
CAMINHOS DIFÍCEIS
CAPÍTULO XLVII
AS COISAS ACABAM SE AJEITANDO
CAPÍTULO XLVIII
O CASAMENTO
AUTOR

Lady Anna

ANTHONY TROLLOPE

Volume I

CAPÍTULO I

A HISTÓRIA PREGRESSA DE LADY LOVEL

As mulheres sempre foram usadas pelos homens, mas talvez nenhuma tenha sido tão usada, e experimentado tamanha crueldade quanto Josephine Murray sofreu nas mãos do conde Lovel, com quem ela se casou na igreja da paróquia de Applethwaite – uma paróquia sem uma vila, encravada entre as montanhas de Cumberland – no dia primeiro de junho, de 181… Que seu casamento foi validado de acordo com todas as normas da igreja, e que lorde Lovel estava então apto a se casar, nunca ninguém questionou; assim como o conde nunca alegou que não o era.

Lovel Grange é uma *pequena* casa, cercada por uma *pequena* propriedade – tão pequena quanto pode ser a residência de um nobre rico, situada entre as montanhas que separam Cumberland de Westmoreland, distante em torno de dez milhas de Keswick. Encantadora, desde o brilho das suas pastagens verdes à exuberância de seus bosques selvagens e da proximidade com as montanhas proeminentes à beleza do lago Lovel: um pequeno lago nas montanhas que pertence à propriedade, repleto de ilhotas, cada qual coberta por seus próprios bosques de azevinhos, bétulas e carvalhos- anões. A casa em si é modesta, mal construída, com passagens desconexas e cômodos de teto baixo e o lugar tem uma aparência agourenta e sombria. Quando Josephine Murray foi levada para lá recém-casada, ela achou o lugar muito sombrio e agourento, mas se encantou pelos lagos e pelas montanhas e sonhou com uma alegria de vida misteriosamente vaga que viria da selvageria do seu domicílio.

Creio que ela não tivesse outro incentivo mais forte do que esse, onde pudesse calcar suas esperanças de felicidade. Com certeza, não imaginou que lorde Lovel fosse um homem bom quando se casou com ele, e não se pode dizer que o amava. Ela tinha vinte e quatro anos, e ele o dobro da sua idade. Era uma morena muito bonita, com imensos olhos azuis ousados, cabelos praticamente pretos, alta, corpo esbelto e torneado, bem-nascida e destemida. Era uma mulher ambiciosa, que possivelmente imaginou que um dia fosse se casar com um lorde. Embora nossa história vá se concentrar mais nos seus sofrimentos, faremos um relato resumido dos seus dias de recém-casada. Mas será nas lutas que teve de enfrentar ao longo dos anos que se seguiram que

vamos nos reter, e o leitor, portanto, não terá que ser importunado com longas narrativas sobre a vida pregressa de Josephine Murray antes de ser tornar a condessa Lovel. Espera-se que seus erros sejam dignos de condescendência e que, de alguma forma, justifiquem os motivos ignóbeis do seu casamento.

O conde, quando conheceu a sua pretendente, vivia praticamente na solidão havia doze anos. Não cultivava nenhuma relação de amizade com a nobreza vizinha que habitava a região do lago. Sua propriedade era pequena, e seu caráter era mal. Ele era um conde inglês, mas como tal era pouco conhecido entre aqueles que conhecem todos os nobres. Nunca tinha sido visto no Parlamento e passara a maior parte da vida adulta no exterior, onde vendeu suas propriedades lá adquiridas, transformando acres de terras selvagens em fortuna. Entretanto num tipo de riqueza bem menos tolerada pela maior parte da aristocracia inglesa do que a advinda diretamente da terra. Lovel Grange era a sua única propriedade inglesa remanescente, e, quando em Londres, ele se hospedava em um hotel. Nunca saía para se divertir e não aceitava convites. Sabia-se que era muito rico e diziam que era louco. Este era o homem que Josephine Murray tinha escolhido para casar-se por que ele era um conde.

Ele a conheceu nos arredores de Keswick, morando com o pai – um verdadeiro cavalheiro, pois o capitão Murray descendia diretamente dos Murray – em um bonito chalé com vista para o rio Derwentwater, e dali ele levou-a para Lovel Grange. Ela não levou consigo nem um centavo como dote e nenhum acordo pré-nupcial foi feito a seu favor. Seu pai, que não passava de um homem idoso na época, tentou contestar, mas a ambição da filha prevaleceu e a união foi concretizada. A bela jovem foi levada antes de casar. É desnecessário relatar os esforços para evitar que ela fosse levada da casa do seu pai antes das núpcias, todavia é preciso dizer que até então o conde era um homem que nunca tinha deixado uma mulher escapar da sua luxúria. Ele tinha como regra de vida, quase uma crença, que a mulher tinha sido feita para satisfazer o apetite do homem, e que o homem não passava de uma pobre criatura que não resiste às doçuras a ele ofertadas. Até então ele acreditava que os homens que dedicam a vida à sua esposa, assim como as esposas devotadas ao marido, não passavam de criaturas estúpidas, que não tinham forças para atingir o único objetivo de viver que faz a vida valer a pena. As mulheres nunca passaram de uma presa, assim como a raposa é para o caçador e o salmão para o pescador. Mas ele era hábil na prática do seu esporte e era capaz de atingir seu objetivo usando de todas as artimanhas que somente a experiência é capaz de proporcionar. Era capaz de olhar para uma mulher

como se visse o céu em seus olhos e escutá-la como se as melodias celestiais estivessem contidas em sua voz. Então ele sussurrava palavras que, para muitas mulheres, assemelhavam-se a melodias celestiais, e era capaz de perseverar, abandonando todos os outros prazeres, dedicando-se a maldade com uma veneração tamanha que quase sempre surtia o efeito desejado. Mas, com Josephine Murray, ele não conseguiu obter sucesso em outros termos senão aqueles que lhe permitissem sair da igreja ao lado dele como a condessa Lovel.

Não fazia nem seis meses que estavam vivendo juntos quando ele contou que o casamento não era real e ela era sua amante. Havia uma audácia no homem que ignorava os temores à lei e era imune a ameaças e interferências. Ele assegurou que a amava e que ela poderia continuar vivendo ao seu lado, mas que não seria sua esposa e a criança que estava esperando não herdaria seu nome, assim como não teria direito de herdar sua fortuna. E ele a amou de verdade quando descobriu que ela era uma mulher cuja companhia não o cansara em seis meses. Como pretendia retornar para a Itália, ele a convidou para ir junto, caso contrário, não iria permitir que a farsa persistisse e ela continuasse morando em Lovel Grange apresentando-se como condessa Lovel. Se ela escolhesse ir para Palermo, onde ele tinha um castelo, e concordasse em ir junto no seu navio, durante a viagem ela seria apresentada como sua esposa. Mas ela deveria ter em mente que não era sua esposa. Que era apenas a sua amante.

Claro que ela contou ao pai, invocou todos os Murray dentro e fora da Escócia e claro que houve muitas ameaças. Um duelo foi travado nos arredores de Londres, onde lorde Lovel deixou-se ser abatido duas vezes – declarando depois que ele não achava, em vista das circunstâncias do caso, que merecia levar mais um tiro. Em meio a isso tudo ela deu à luz uma menina e seu pai morreu; nesta época ainda estava morando em Lovel Grange. Mas o que ela iria fazer? Ele tinha declarado que já era casado quando se casou com ela, e que, portanto ela não era e não poderia ser a sua esposa. Será que deveria tentar processá-lo por bigamia, e assim reconhecer que não era sua esposa e que a sua filha era ilegítima? Mas de acordo com alguns indícios, ela acreditava que a mulher italiana com quem o conde era casado anteriormente tinha morrido antes do seu casamento. Mas o conde declarou que a condessa, a verdadeira, só veio pagar as suas dívidas com a natureza, poucos meses depois da cerimônia que ocorreu na igreja de Applethwaite. Num momento de fraqueza, Josephine caiu de joelhos aos pés dele e pediu que a cerimônia fosse

repetida. Ele se abaixou, beijou-a e sorriu. “Minha bela criança por que motivo eu iria fazer isso?” E nunca mais a beijou novamente.

O que ela ia fazer? Antes mesmo que tivesse tempo de decidir, ele já tinha embarcado no navio e estava a caminho de Palermo – certamente não estava sozinho. Ele lhe deixara uma renda – o suficiente para uma amante abandonada por um conde – uns cem por ano, com a condição de que se mudasse de Lovel Grange, parasse de usar o título de condessa e levasse junto a sua criança, para onde quer que fosse. Ele estava pouco se importando se todas as casas do pecado de Londres estivessem de portas abertas para ela. Mas o que ela ia fazer? Parecia inacreditável que tamanha desgraça estivesse recaindo sobre a sua cabeça e que aquele homem fosse escapar sem nenhum tipo de punição – a menos que ela resolvesse assumir a sua condição e o processasse por bigamia. Os Murray se recusaram a ajudar e culparam o pai por entregar a filha a alguém que era considerado um mau-caráter por todos. Um Murray disparou dois tiros em nome dela, em resposta a cada um, o conde atirou ao alto, mas o Murray não pôde fazer muito mais do que isso. Josephine foi arrogante e orgulhosa, ciente de que a sua posição social era imensamente superior a de qualquer um dos Murray com o qual tinha entrado em contato. Mas o que faria agora?

O conde tinha partido havia cinco anos, continuava navegando pelo mundo, sabe-se lá por onde, quando ela finalmente resolveu abrir um processo por bigamia. Durante este período ela continuou morando em Grange com a filha e um juiz atribuiu-lhe um montante em dinheiro, a título de pensão alimentícia, até que seu caso fosse julgado; mas ela teve muitas dificuldades para conseguir colocar as mãos na tal pensão alimentícia. Então ela foi devorada pelos advogados, comerciantes e seu nome caiu em desgraça ao assumir publicamente que não era de fato esposa do homem que estava processando. A situação agravou-se a tal ponto que se tornou insustentável para ela continuar vivendo em Lovel Grange.

Naquele tempo, morava em Keswickum, um tal de Mr. Thomas Thwaite, um alfaiate, que aos poucos acabou envolvendo-se com o caso ao denunciar as injustiças às quais lady Lovel estava sendo vítima. Era um homem poderoso e resoluto e até que contava com bons recursos para a posição que ocupava. Era um Radical[1] assumido em um condado onde os Radicais nunca foram bem vistos, e onde cinquenta anos atrás eles eram bem mais raros do que atualmente. Nessa época, Keswick e região estavam se tornando conhecidas como a morada dos poetas e Thomas Thwaite conhecia Southey[2] e

Wordsworth[3]. Ele era um homem inteligente, honesto e impulsivo, ensinou muito bem ao filho qual era a sua posição no mundo e dizia o que pensava. Era alto, forte e encorpado; coração bom e muito generoso; e odiava o conde Lovel do fundo do seu coração. Depois que as histórias sobre os desvios da condessa tornaram-se públicas, os dois homens se encontraram uma vez e o alfaiate derrubou o conde com um golpe certeiro. Isto aconteceu quando o conde estava de partida de Lovel Grange, a caminho da sua longa viagem. A cena ocorreu logo depois que ele deixou a condessa – à qual nunca mais voltou a ver. Ele se levantou e partiu para cima do alfaiate, mas os dois foram separados e o conde achou melhor seguir seu rumo. Não houve nada além do soco e muitos anos se passaram antes de o conde retornar para Cumberland.

Acabou tornando-se insustentável para a condessa e sua filha, a pequena lady Anna, como era chamada, continuarem em Lovel Grange, e assim, elas acabaram mudando-se temporariamente para a casa de Mr. Thwaite, em Keswick. Nessa época, a condessa estava endividada e já havia ações judiciais pela viabilidade de obter o pagamento destas dívidas por conta da propriedade do marido. E assim que ficou determinado que o processo por bigamia fosse instaurado, a confusão a este respeito só aumentou. A condessa parou de usar o título de condessa, uma vez que não o seria se conseguisse provar que o conde era culpado. E caso ele fosse julgado, culpado de bigamia, o decreto da pensão alimentícia a ela atribuída seria revogado. Se ganhasse, ela seria uma mulher solteira sem um centavo e com uma filha. A filha não teria pai e nem base, e ele – até onde ela podia perceber – nunca seria punido. Mas, na verdade, ela e seu amigo alfaiate não visavam o sucesso, pois eles acreditavam que o conde não tinha cometido tal crime. E caso ele fosse absolvido, então ela reivindicaria o direito de ser chamada de lady Lovel para usufruir dos apanágios da sua posição e ser reconhecida como tal. Ou, pelo menos, algo teria sido feito no sentido de fundamentar tais alegações. Mas enquanto isso, ela se apresentava como Mrs. Murray e a pequena lady Anna era chamada de Anna Murray.

O caso da mulher complicou ainda mais quando o público, em diversas partes do país – em Londres e nos condados ao sul, e mesmo entre uma parcela de nobres de Cumberland e Westmoreland – não ficou do seu lado. Ela havia casado sem tomar o devido cuidado. Alguns homens diziam – e muitas mulheres repetiam – que ela sabia da existência da outra esposa quando se casou com o conde. Que se enterrara em dívidas e depois se recusara a pagá-las. Estava morando na casa de um alfaiate Radical baixo, que tinha agredido

o homem a quem ela chamava de marido; e para completar estava usando o sobrenome de solteira. Corriam boatos que eram totalmente falsos – como o que dizia que ela bebia. Outros tinham algum fundo de verdade – que ela era violenta, orgulhosa e vingativa. Se tivessem dito que fazer valer o direito da sua filha tinha se tornado seu objetivo de vida, por todo e qualquer meio, pelo bem ou pelo mal, fazer justiça a sua filha independente da injustiça que pudesse causar a ela mesma e a outros, então a verdade teria sido dita.

O caso arrastou-se lentamente e a pequena Anna Murray estava com nove anos quando finalmente o conde foi absolvido da acusação que corria contra ele. Durante todo este tempo ele esteve ausente. Mesmo que tivessem tentado obrigá-lo a apresentar-se pessoalmente no tribunal, a lei não teria poderes suficientes para alcançá-lo. Mas não ocorreu tal tentativa. E assim mostrou-se impossível provar o outro casamento que tinha ocorrido na Sicília; se não impossível, pelo menos não apareceram provas suficientes. Não havia um desejo verdadeiro de que tais provas fossem apresentadas. Os advogados do conde se abstiveram, até onde puderam de tomar uma atitude com relação à questão. Eles gastaram todo dinheiro necessário e o advogado-geral da época defendeu-o. Ao fazê-lo, ele declarou que não podia fazer nada com relação ao modo como o conde tratou a lady, que então usava o nome de Mrs. Murray. Que não sabia nada sobre as circunstâncias de tal ligação e que não iria além da sua jurisdição. Estava lá apenas para defender o conde Lovel contra a acusação de bigamia. Isto ele fez com sucesso e o conde foi absolvido. Então, no tribunal, o advogado da esposa declarou que a sua cliente voltaria a usar o título de lady Lovel.

Mas não foi tão fácil convencer as outras pessoas a chamá-la de lady Lovel.

E depois disso tudo ela não apenas encontrava-se em dificuldades financeiras, mas o alfaiate também. Mesmo assim, Thomas Thwaite, em nenhum momento fraquejou no seu intuito de garantir uma boa posição à mulher a quem estava determinado a ajudar; e a batalha seguiu por outro longo período de oito anos. E se arrastou lentamente, como é de costume em tais batalhas; e muito pouco foi feito. Ninguém acreditava que ela voltara usar o título de condessa Lovel, e era merecedora do título. Os Murray, a sua própria família – até onde constava sangue do seu sangue – duvidavam da sua alegação. Se ela era uma condessa, por que tinha se atirado nos braços de um alfaiate velho? Por que permitia que a sua filha brincasse com o filho do alfaiate? Será que aquela filha era lady Anna mesmo? Por que o nome de lady

Anna tinha sido autorizado a ser mencionado, como vinha sendo, junto ao de Daniel Thwaite, o filho do alfaiate?

Ao longo desses oito exaustivos anos, lady Lovel, pois era assim que ela deveria ser chamada, residiu em um pequeno chalé que ficava a pouco mais de um quilômetro distante de Keswick, na estrada para Grassmere e Ambleside, que ela alugava trimestralmente. Ela chegou a conquistar o direito de receber um valor a título de pensão alimentícia, que, não deu para nada, devido à imensa quantidade de dívidas e protestos que corriam em seu nome. E as coisas chegaram a um ponto tal que ela nem sabia mais pelo que estava lutando. Claro que seu objetivo era que todos a reconhecessem como a condessa Lovel e à sua filha como lady Anna. Mas a lei não podia forçar todos a reconhecerem isto. Assim como a lei não poderia forçar o lorde a voltar para casa e viver com ela, mesmo que fossem como gato e rato, como seria em uma situação como aquela. O direito à fortuna era tudo que ela poderia exigir, mas ela não conseguiu encontrar ninguém que pudesse dizer-lhe a quantia exata a qual tinha direito. Tudo que pedia era que não tivesse que ir parar em uma casa de caridade. Mas o velho alfaiate foi fiel e jurou que um dia ela ainda iria se tornar a condessa Lovel de verdade.

Então, de repente, um dia ela ficou sabendo que o conde Lovel estava de volta em Grange e que estava morando lá com uma estranha.

CAPÍTULO II
O TESTAMENTO DO CONDE

Ninguém em Keswick tinha ouvido falar uma palavra sequer sobre o suposto retorno do velho lorde, pois o conde agora era um homem idoso, tinha passado dos sessenta, e, na verdade, assim como acontece com alguns homens, aparentava ter uns oitenta. A vida que levou certamente teve seus divertimentos, mas foi uma vida que raramente proporciona um final feliz e saudável. Os homens que fazem das mulheres suas presas, acabam se tornando presas deles mesmos. Mas lá estava ele, de volta a Lovel Grange, e ninguém sabia por que ele tinha voltado, nem de onde e como. Para chegar em Lovel Grange naquele tempo, há uns quarenta anos, não havia nenhuma estrada para carruagens, além da que passava por Keswick. E por Keswick ele passou na calada da noite, usando os cavalos que tinha alugado em Grassmere, para que assim nenhum habitante da cidade pudesse ver nem ele e nem a sua companheira. Mas não demorou muito, todos ficaram sabendo que ele estava de volta e que viera acompanhado. Meses se passaram sem que ninguém, além dos empregados da casa, o vissem. Mas correram alguns boatos sobre o seu comportamento e as pessoas por todo o condado comentavam que o conde Lovel estava louco. Mesmo assim suas posses estavam sob o seu controle e ele fez o que o aconselharam a fazer..

Assim que ficaram sabendo que ele estava de volta, vários foram cobrar-lhe dívidas em nome da sua esposa e o cobrador mais barulhento e violento foi Thomas Thwaite, o alfaiate, não por inimizade para com a sua velha amiga, a condessa, mas com o firme propósito de fazer o lorde pagar pelo único preço que poderia esperar-se pela sua maldade. E se o conde podia ser forçado a pagar aos credores as dívidas adquiridas pela sua esposa, então a lei, consequentemente, poderia determinar que a mulher era sua esposa de fato. O conde não respondeu a nenhuma das cartas que lhe foram endereçadas e nenhum cobrador que foi até Grange conseguiu falar ou nem mesmo ver de relance o nobre proprietário. O mordomo do lorde em Grange encaminhava todos os cobradores aos advogados do lorde em Londres, que simplesmente repetiam a alegação de que a dama em questão não era esposa do lorde. Até que finalmente surgiu a notícia de uma investigação que seria instaurada para avaliar o estado de saúde física e mental do lorde, em nome de Frederic

Lovel, o herdeiro distante do título. Independentemente do casamento do lorde com Josephine Murray ser verdadeiro ou não, Frederic Lovel, que nunca tinha conhecido pessoalmente o primo distante, seria o futuro conde. Quanto a isto não havia nenhuma dúvida; e assim as investigações seriam feitas. Mas o interesse do jovem herdeiro acabou voltando-se mais para a questão do casamento do que para outros assuntos referentes à família. Lovel Grange e as fazendas montanhosas próximas a Cumberland seriam suas, independente do mal que o maluco do conde pudesse ter causado para com aqueles que carregavam seu nome, porém a maior parte dos bens, a fortuna dos Lovel, as riquezas que permitiram que este poderoso lorde vivesse como um animal de rapina entre os seus, estavam nas mãos dele. Era sabido que ele tinha uma filha, lady Anna, que herdaria tudo caso o pai morresse sem deixar um testamento e caso o casamento fosse provado. O jovem herdeiro e seus parentes mais próximos não acreditavam no casamento, como era de se esperar. Eles nunca tinham visto a mulher que se autointitulava condessa, mas que usara por alguns anos após o nascimento da filha o sobrenome de solteira, Mrs. Murray, e que tinha sido rejeitada pela própria família indo morar com um alfaiate do interior. Com o passar dos anos, a lembrança do que tinha acontecido de fato na igreja Applethwaite caiu no esquecimento; e, apesar de o leitor saber que aquele casamento poderia ser facilmente comprovado – que não teria tido muita dificuldade se a única dificuldade não consistisse em provar – o jovem herdeiro e os parentes distantes dos Lovel não tinham certeza disso. Seus interesses eram contrários e eles estavam determinados a não acreditarem. Mas o Conde poderia, e muito possivelmente iria, deixar toda a sua riqueza para um estranho. Ele nunca reconhecera a sua herdeira. Nunca se importara com aquela que carregava o seu nome. Tais laços no mundo aos quais chamamos de amor, apreço ao respeito e preocupação com a felicidade, porque eles estão relacionados ao casamento e laços de sangue assim como foi estabelecido por todas as leis desde os tempos de Moisés, eram odiosos e ridículos do seu ponto de vista, pois todas as obrigações eram desprezíveis para ele – assim como as leis, exceto as que o protegiam para o uso do seu próprio dinheiro. Mas agora pairava a grande dúvida se ele estava louco ou não. Primeiro correram rumores de que estava prestes a deixar o país e retornar para a Sicília. Depois disseram que tinha morrido.

E ele tinha morrido. Morreu aos sessenta e sete anos, nos braços da mulher que tinha trazido consigo. Sua carreira do mal tinha chegado ao fim e a sua alma partira para aquela vida futura para o qual ele estava destinado de

acordo com a vida que levou aqui. Seu corpo foi enterrado no cemitério da igreja Applethwaite, no extremo do vale onde ficava a paróquia de Lovel Grange. Ninguém chorou junto a sua sepultura, mas o jovem lorde estava lá, no seu direito, e nem se deu ao trabalho de colocar uma faixa preta no chapéu. Já a mulher permaneceu trancada em seu quarto, dificultando a vida do jovem lorde e de seu advogado, que não puderam mandar a estrangeira arrumar as suas coisas e partir antes mesmo que o corpo do seu amante falecido tivesse sido enterrado. Mas uma semana depois do funeral ela foi avisada que não era mais bem-vinda na casa. Ela tentou enfrentar o advogado, que explicara num francês macarrônico que ela iria receber uma boa quantia, mas que obteve como resposta apenas xingamentos ditos em italiano para a criada dela.

Então o testamento foi lido na presença do jovem conde. Tudo que o falecido lorde possuía tinha sido deixado, exclusivamente, para sua querida amante, a *Signorina* Camilla Spondi; e estava declarado, e muito bem especificado, que Camilla Spondi era a senhora italiana que estava morando em Grange na data em que o testamento tinha sido lavrado. Sobre o sucessor do velho lorde, o então conde Lovel, não foi feita nenhuma menção. Havia, no entanto, mais duas clausuras ou partes no testamento. Uma era um relato detalhado sobre as particularidades da fortuna deixada para Camilla Spondi e a outra era uma declaração confusa onde o falecido reconhecia Anna Murray como sua filha ilegítima – mas que a mãe de Anna Murray nunca tinha sido esposa legítima do testante, uma vez que a sua verdadeira esposa, a condessa Lovel, a quem ele tinha reservado um montante, ainda estava viva na Sicília na data deste testamento – e de acordo com o testamento anterior, então invalidado, ele tinha deixado uma quantia para Anna Murray, quantia esta que tinha sido revogada pelo modo como ele fora tratado por Josephine Murray e seu aliado. Eles concluíram que as declarações feitas posteriormente neste segundo testamento confirmavam que Anna tinha sido privada da sua herança por causa do soco que o alfaiate desferiu contra o conde.

Para Camilla Spondi foram relatadas as partes do testamento do conde que lhe diziam respeito, mas lhe disseram também que nenhuma parte da fortuna do falecido seria colocada em suas mãos até que os tribunais pudessem decidir se o falecido lorde estava são ou louco quando assinou o documento. Entretanto, uma quantia em dinheiro lhe foi concedida, com a condição de que ela partisse imediatamente; e ela partiu. Com ela pessoalmente não precisaremos nos preocupar mais. Sobre a sua causa e reivindicações serão feitas algumas alusões, mas dentro de algumas páginas ela caíra fora da nossa história.

Uma cópia do testamento foi enviada aos advogados que estavam encarregados dos interesses da condessa repudiada e lhe foi avisado que deixaria de receber a pensão que vinha recebendo. E se quisesse dar seguimento à sua alegação, ela deveria provar seu casamento, e foi explicado também, provavelmente sem muitas justificativas legais ou verdadeiras, que tal prova deveria também desmentir a afirmação feita no testamento do conde. Como era intenção do herdeiro ignorar este testamento, tal afirmação foi, no mínimo, dissimulada. Mas a coisa toda tinha se tornado tão confusa que dificilmente os advogados seriam ingênuos a ponto de tentar argumentar.

O jovem conde claramente herdou o título e a pequena propriedade Lovel Grange. A italiana era [4]*primâ facie* herdeira do restante, a menos a tal parcela da grande fortuna pessoal a qual a viúva poderia reivindicar, caso conseguisse provar que eles tinham sido casados. Porém, se o testamento fosse invalidado, a italiana não ficaria com nada. Se isto acontecesse o herdeiro ficaria com tudo; mas caso conseguissem provar o casamento, ele não herdaria nada e lady Anna ficaria com toda a fortuna, menos a parte que seria de direito da sua mãe, a viúva. Consequentemente, a italiana e o jovem lorde tinham o mesmo interesse no que dizia respeito à mãe, a filha e ao casamento; e o jovem lorde, a mãe e a filha tinham o mesmo interesse contra a italiana no que dizia respeito ao testamento; mas o jovem lorde teria de agir sozinho contra a italiana, contra a mãe e a filha a quem ele e os seus viam como caloteiras e impostoras. Coube a ele desconsiderar a parte do testamento que cabia a italiana e depois defender-se do ataque violento feito contra ele pela [5]*soi-disant* esposa.

Pouco tempo depois da morte do conde foi oferecido um acordo duplo que beneficiava o jovem conde. A quantia de dinheiro que estava em jogo era imensa. Será que a italiana aceitaria ficar com £ 10.000 e voltar para a Itália, abrindo mão de futuras reivindicações; e será que a *soi-disant* condessa abandonaria o título, reconheceria a ilegitimidade da sua filha e seguiria seu caminho com £10.000; ou com £20.000, como foi, logo em seguida, ofertado pelos cavalheiros que estavam atuando em nome do conde? A proposta era um tanto complicada, uma vez que o acordo, se aceito pelas duas partes, seria excelente, mas não teria nenhum efeito se apenas uma das partes aceitasse. O jovem conde certamente não iria dar-se ao luxo de pagar £10.000 para a italiana, se o efeito de tal suborno acabasse por colocar toda a riqueza do falecido lorde nas mãos da sua filha e da mãe dela.

A italiana concordou. E declarou com ânimo italiano que seu falecido

amante nunca perdera o juízo, mas que ela não entendia nada das leis inglesas e muito menos do dinheiro inglês. Ela aceitou as £10.000, depois que converteram em liras o valor. Mas quando a proposta foi colocada para a condessa e detalhada pelo seu velho amigo, Thomas Thwaite, que tinha ficado pobre por causa dela, ela recusou com amargor e com tanto desprezo que quase respingou no portador da notícia. "É por isso, por isso que tenho lutado?", disse ela.

"Em parte", disse o senhor.

"Não, Mr. Thwaite, não foi só por isso, mas sim para que a minha menina pudesse ter a sua paternidade reconhecida e o direito de usar o sobrenome do pai".

"O direito ao uso do sobrenome será concedido e a paternidade será reconhecida", disse o alfaiate, em cujo coração não havia nenhum ultraje. "Ela terá o título de lady Anna e a senhora será a condessa Lovel". A condição da condessa, se é que ela tinha alguma, era dever ao alfaiate em torno de cinco a seis mil libras, e a oferta oferecida poderia pagar cada centavo que devia a ele e ainda restaria uma boa quantia para as duas mulheres viverem confortavelmente.

"Estou pouco preocupada comigo", disse, tomando a mão do alfaiate entre as suas e beijando-as. "Minha filha é lady Anna e não ouso abrir mão dos direitos dela". Esta conversa ocorreu no chalé, em Cumberland, e depois disso o alfaiate seguiu para Londres para tornar conhecida a decisão da condessa, como ele costumava se referir a ela.

Logo em seguida os advogados colocaram mãos à obra. Como o acordo duplo não pôde ser efetuado, o acordo único não teria validade. A italiana esbravejou e bateu o pé, xingou, exigindo seu meio milhão de liras. Mas não estava escrito em nenhum lugar que ela tinha direito a esta quantia e os advogados do jovem conde deram prosseguimento ao trabalho. A opinião pública é claro tomou partido do jovem conde. Contra a italiana ele tinha do seu lado cada inglês e inglesa. Não cabia na cabeça dos ingleses e das inglesas que um antigo condado inglês pudesse morrer de fome para que uma meretriz italiana se esbaldasse com incalculáveis riquezas. A maioria dos homens acreditava e todas as mulheres afirmavam que qualquer indício de loucura, por menor que fosse, ainda que insignificante, deveria ser usado contra a tal reclamante. O fato de o homem ter feito tal testamento já não era prova suficiente da sua loucura? Muitos foram os que disseram que nem era preciso apresentar mais provas. Mas cá entre nós, a lei é a mesma para uma

meretriz italiana e para uma viúva inglesa. Contudo, é muito provável que nos seus pormenores, ela tenha acabado sendo mais generosa com a primeira do que com a última. Mas a lei alegou que o conde estava louco quando fez o testamento. E assim a italiana foi-se, furiosa, para cair para sempre no esquecimento.

A italiana tinha sido derrotada e agora a batalha estava aberta e livre entre o jovem conde e a alegante condessa. Requerimentos foram feitos em nome da condessa por recursos financeiros para que ela pudesse provar a sua alegação, e estes foram concedidos até certo ponto. A vida que o falecido conde levara tinha sido tão devassa que ficou determinado que os custos de todos os litígios resultantes dos seus delitos deveriam ser custeados com o patrimônio dele; mas para tal era preciso dinheiro vivo e imediato à disposição da condessa para pagar todos os custos com advogados e isto foi difícil conseguir. A esta altura a opinião pública estava quase totalmente do lado do conde. Apesar de ter sido reconhecido que o falecido lorde estava louco e ter sido motivo de júbilo o fato de a italiana ter sido despachada sem um centavo, e caído na obscuridade, por conta da loucura do velho, mesmo assim acreditava-se que ele tinha escrito a verdade quando declarou que o casamento tinha sido uma farsa. Parecia bem melhor aos olhos da sociedade inglesa que o jovem conde se tornasse um homem rico, apto a honrar sua posição, a se casar com a filha de um duque para carregar a glória da aristocracia inglesa, do que uma mulher, de má reputação, fosse reconhecida como uma condessa, com uma filha que ficaria com um dote de dez mil, e que já tinha se confessado apaixonada pelo filho de um alfaiate. Nada poderia ser mais comovente, mais digno de pena, do que o modo como Josephine Murray tinha sido lograda a casar-se, e depois ouvido do próprio homem que deveria protegê-la de todas as intempéries vindas dos céus, que ele a enganara e que ela não era sua esposa. Nenhum tratamento ao qual uma mulher já fora submetida, como o que foi aludido anteriormente, é mais digno de despertar a compaixão e o desejo de ajudar. Mas já tinham se passado dezenove anos desde o acontecido e os fatos cairam no esquecimento. Apesar disso ainda restava um amigo fervoroso, ou melhor, dois: o alfaiate e seu filho Daniel. Mas a opinião pública estava contra a condessa e ninguém que era alguém no mundo se referia a ela pelo título. Apostas foram feitas, dois e três a um contra ela, pois todos acreditavam que ela era uma impostora. O conde tinha todas as glórias do sucesso contra a sua oponente e os grandes advogados sustentavam a favor da sua causa.

Mas os soberbos advogados nem sempre sabem de tudo e a possibilidade

de um acordo foi novamente levantada. Se a senhora aceitasse trinta mil libras e desaparecesse, ela teria o dinheiro livre de deduções, e todas as despesas pagas. A quantia oferecida foi considerada muito razoável, mas não chegava aos pés da renda anual em questão. Ela foi rejeitada com desdém. Se tivesse sido quadruplicada, também teria sido rejeitada do mesmo jeito. Os advogados ainda estavam confiantes; mas… apesar de nunca ter sido admitido em palavras, ainda pairavam algumas dúvidas. E se as partes conflitantes unissem forças, e se o título da Condessa e a qualidade de herdeira de lady Anna fossem reconhecidos, e se o conde e lady Anna se unissem no sagrado matrimônio? Não seria esta uma solução livre de futuros empecilhos?

CAPÍTULO III
LADY ANNA

A ideia desse outro acordo, que era mais que um acordo, ou seja, em parte, um reconhecimento da fraqueza deles, partiu de Mr. Flick, do escritório *Norton and Flick*, os advogados que tinham sido contratados para sustentar a legitimidade do conde. Quando Mr. Flick mencionou isso a Sir William Patterson, um famoso advogado, que na época era Advogado-geral e liderava o grupo aliado ao lorde Lovel, Sir William ficou horrorizado e consternado, pois tinha intenção de fazer picadinho da condessa. Diziam que ele pretendia interrogar a condessa até fazê-la desistir da sua alegação. Ele tinha certeza de que ela era uma impostora; tanto que ela mesma já tinha assumido no passado não ser digna de usar o título.

"Seria muito triste, Mr. Flick, se eu fosse levado a pensar que qualquer coisa deste tipo pudesse ser conveniente".

"A união iria garantir que o dinheiro continuasse com a família", disse Mr. Flick.

"E quanto a nossa amiga, a condessa?"

"Ela continuará se apresentando como condessa Lovel, Sir William. Isto não fará mal a ninguém. Quanto à formalidade do seu casamento, não resta dúvida a respeito".

"Podemos provar com a ajuda de Grogram, o antigo mordomo que trabalhava por trinta anos para o falecido conde, que ela foi avisada de que a outra esposa estava viva", disse Sir William.

"Estou certo que sim, Sir William, mas… está mais do que claro que não devemos em hipótese alguma trazer a outra esposa para depor diante de um jurado inglês. Não convém arriscar. O cavalheiro que enviamos para a Itália tem dúvidas com relação a ela. Que houve um casamento é certo, mas ele acha que esta mulher não é a condessa de verdade. Havia duas irmãs e pode ser que esta seja a outra irmã".

Sir William desanimou, mas acabou recuperando-se. As apostas de que muito possivelmente o cavalheiro que tinha sido enviado ao exterior tinha se deixado influenciar pela opinião de seus compatriotas, que acreditavam na farsa da irmã, eram altas. Sir William achava que Mr. Flick deveria ir pessoalmente à Sicília. Achava até que quem sabe ele mesmo, Sir William, o

Advogado-geral de Vossa Majestade, não deveria ir pessoalmente averiguar. O fato é que não estava disposto a desistir de forma alguma.

"Dizem que a moça não é tudo isso", disse a Mr. Flick.

"Não penso tal mal assim dela", argumentou Mr. Flick.

"Ela é uma dama… ou parece pelo menos com uma?"

"Disseram que é muito bonita".

"Estou certo disso, pois a mãe também é. Nunca vi mulher mais bonita para a idade que tem do que a nossa amiga condessa. Mas eu não aconselharia o jovem lorde a casar-se com uma ilegítima de má reputação; uma bastarda que alega ser prima dele e digo isso baseado apenas em suposições".

"Estamos falando de trinta e cinco mil por ano, Sir William!", declarou o advogado.

"Espero que consigamos os trinta e cinco mil por ano para nosso cliente sem que ele tenha de pagar tão caro por eles".

Tinha-se chegado à conclusão de que a verdadeira condessa, a lady italiana com quem o conde tinha se casado primeiro, deveria ser trazida para a Inglaterra, com documentos que atestassem isso, para provar que ela era a condessa, e que qualquer outra condessa só poderia ser uma impostora ou uma vigarista. Sem dúvida, o velho conde tinha declarado quando contou a Josephine Murray que ela não era sua esposa, que a sua verdadeira esposa tinha morrido nos primeiros meses após o casamento falso; mas era sabido pelos dois lados, que o velho conde era um mau-caráter e um mentiroso. Não era obrigação do jovem conde, ou daqueles que estavam agindo em sua defesa, defenderem o caráter do velho conde. Não interessava a ninguém esclarecer tais detalhes, pois agora ninguém estava preocupado com os desvios do falecido. Mas se pudessem provar que ele tinha se casado com a senhora na Itália, e quanto a isto não restava dúvida, e que a tal senhora ainda estava viva, então lady Anna não herdaria a fortuna que tinha sido tirada das garras da amante italiana. Mas parecia que a senhora, se é que ainda estava viva, não poderia vir. Mr. Flick viajou para a Sicília e voltou dizendo a Sir William que lorde Lovel deveria ser aconselhado a se casar com lady Anna.

Nesta época, a condessa e a filha tinham se mudado da casa que ocupavam em Keswick para Londres, e estavam vivendo humildemente em um apartamento alugado, que ficava em uma ruazinha que saía da New Road, próximo do [6]YorkshireStingo. O velho Thomas Thwaite acompanhou as duas durante a viagem de Cumberland, mas o apartamentinho foi alugado pelo seu filho, que na época trabalhava como contramestre de um famoso alfaiate que

tinha uma loja na Wigmore Street; pois Daniel Thwaite tinha um quarto no mesmo prédio onde a condessa tinha alugado. O arranjo não foi uma boa ideia, uma vez que já corriam boatos sobre a preferência de lady Anna pelo jovem alfaiate. Mas como ela poderia deixar de gostar do pai e do filho, uma vez que eles eram os únicos homens simpatizantes da causa delas? Quanto a condessa, esta, talvez, tirando aqueles comentários que diziam respeito à causa em nome da sua filha, nunca tinha ouvido uma palavra sequer a respeito de tais insinuações sobre a sua menina. Para ela, Thomas e Daniel Thwaite eram apenas amigos queridos, que deveriam ser reembolsados com generosidade por seus esforços – isto, se um dia ela viesse a ter recursos para tal. Mas ela era uma mulher ambiciosa, sempre pensou mais na sua posição, no sangue dos seus ancestrais, em ensinar a filha sobre os deveres e os privilégios da riqueza e posição. Pois a condessa nunca duvidou de que um dia fosse vencer. Nunca lhe passou pela cabeça que lady Anna pudesse jogar-se nos braços de Daniel Thwaite. Assim como nunca sonhou que Daniel Thwaite pudesse aspirar pela mão da sua filha. E mesmo assim todos os vendedores e vendedoras que trabalhavam nas lojas de Keswick não falavam de outra coisa ao longo dos últimos doze meses, e os mesmos rumores que antes corriam em Keswick e nas redondezas, corriam também em Londres. Pois o caso foi um dos mais comentados na época e todo mundo falava sobre a condessa e a sua filha. A condessa não desconfiou de nada antes de se mudar para Londres, e quando a suspeita passou pela sua cabeça não foi de amor que desconfiou, mas sim do fato da sua filha não fazer a menor ideia da vida que esperava por ela. “Minha querida”, disse ela um dia, logo após uma visita de Daniel Thwaite, “você deveria dar menos liberdade para aquele jovem rapaz”.

“Como assim, [7]*maman*?”, indagou a filha, ruborizando.

“É melhor chamá-lo de Mr. Thwaite”.

“Mas eu o chamo de Daniel desde que nasci”.

“Ele sempre a chamou de lady Anna”.

“Às vezes ele me chama assim, *maman*”.

“Nunca o vi se dirigir a você de outra maneira”, disse a condessa, beirando a indignação. “Quanto ao pai não vejo problemas, pois ele é um homem velho e fez muito por nós”.

“Assim como Daniel, *maman*. Os dois fizeram de tudo”.

“É verdade. Os dois são amigos muito queridos e Deus me livre se um dia eu me esquecer disso. Tenho certeza de que viveremos para mostrar que eles não foram esquecidos. Mas não é adequado que exista entre você e ele o tipo

de intimidade de pessoas que ocupam a mesma posição. Você não ocupa a mesma posição que ele. Ele nasceu para ser um alfaiate e você é filha e herdeira de um conde".

As últimas palavras foram ditas num tom quase desprezível para lady Anna. Ela tinha ouvido tanto sobre a posição e a riqueza do seu pai, que seriam dela, mas que nunca tinham chegado ao seu alcance, que sempre foram um problema e um peso em sua vida, tanto que ela aprendera a odiar o título e a reivindicação do mesmo. Claro que sempre acreditara piamente que a sua mãe tinha sido casada com seu pai. A dúvida sempre estivera fora de questão. Mas a luta constante pelos direitos negados, a possibilidade de uma posição que nunca seria alcançada, o uso de títulos que eram simplesmente ridículos diante do tipo de vida que ela era obrigada a levar, estas coisas acabaram tornando-se odiosas. Ela não tinha a mesma ambição que movia sua mãe e sua vida era bem mais simples, ela aceitaria de bom grado ser chamada de Anna Murray ou Anna Lovel, uma garota com o simples privilégio de amar seu amado.

Pessoalmente, ela era encantadora, menos alta e encorpada do que a mãe, mas com um rosto mais suave e mais meigo. Os cabelos eram menos escuros, e os olhos não eram nem azuis e nem ousados. Mas eram reluzentes, suaves e muito eloquentes, e quando inundados em lágrimas eram de partir o coração, até mesmo do seu pai se os visse. Era menos poderosa do que a mãe, tanto em corpo quanto em mente, mas provavelmente era mais preparada para formar um lar feliz para um marido e filhos. Era carinhosa, abnegada e feminina. Se a oferta de trinta, vinte ou dez mil libras tivesse sido feita a ela, ela teria aceitado com satisfação, pois pouco se importava com seu sobrenome, menos ainda com fama, contanto que pudesse levar uma vida feliz, sossegada e livre para amar assim como as outras garotas. Na situação em que se encontrava, que chances tinha de ser feliz no amor? Ela era lady Anna Lovel, herdeira de uma imensa fortuna, mas morava em um apartamentinho, na Wyndham Street, próximo a New Road. E não acreditava como a sua mãe na chegada de tempos melhores. Seu inimigo era um conde reconhecido, dono de Lovel Grange, do qual ela ouvira falar durante toda a sua vida. Será que não seria melhor aceitar o que o jovem lorde tinha proposto e deixar para lá todo o resto? Mas ela não ousou expressar tais ideias à sua mãe, pois esta seria capaz de esmagá-la com um olhar apenas.

"Contei para Mr. Thwaite", disse a mãe para a filha, "sobre a conversa que tivemos nesta manhã".

"Sobre o filho dele?"

“Sim. Sobre o filho dele”.

“Oh, *maman*!”

“Eu tinha de fazê-lo”.

“O que ele disse, *maman*?”

“Ele não gostou e me falou que não gostou. Mas admitiu que era verdade. Admitiu que seu filho não era digno de ter intimidades com lady Anna Lovel”.

“O que teria sido de nós sem ele?”

“Teria sido muito ruim. Mas isto não muda a obrigação dele, ou as nossas. Ele está ajudando-nos a lutar por aquilo que é nosso, mas acabaria estragando tudo se colocasse uma mancha naquilo que vem se esforçando para nos ajudar a restaurar”.

“Uma mancha, *maman*!”

“Sim. A sua posição estará manchada se você, lady Anna Lovel, continuar mantendo esta intimidade com Daniel Thwaite. O pai dele entendeu isso e irá falar com ele”.

“*Maman*, Daniel vai ficar muito bravo”.

“Neste caso, ele não estará sendo muito razoável. E, Anna, não vou permitir que você se refira mais a ele como Daniel”.

CAPÍTULO IV
O ALFAIATE DE KESWICK

Durante este período, o velho Thomas Thwaite permaneceu em Londres por conta dos interesses da condessa, mas nunca teve intenção de se mudar para lá. Manteve a sua loja em Keswick e ainda costurava paletós e calças para os estadistas de Cumberland, pois não estava em condições de aposentar-se, depois de ter gasto todas as suas economias em prol da causa da condessa e de sua filha. Disseram-lhe que se ele não tivesse agredido o conde no jardim do Crown, em Keswick, amplas provisões teriam sido enviadas pelo velho pecador para sua filha, uma vez que este tinha viajado com vários cavalos extras acompanhando a sua carruagem. Isto poderia ter acontecido, ou não, mas a hipótese despertou no alfaiate ainda mais zelo e generosidade. Fazer oposição a um conde, ainda que fosse em nome de uma condessa, era uma satisfação para ele; desfazer algo errado, por fim a crueldade e aliviar o desespero de uma mulher eram motivo de orgulho para seu coração, sobretudo por seus esforços estarem sendo direcionados contra um ranque mais alto. Ele era um homem meticuloso com seu trabalho, apesar de a sua meticulosidade ter sido a sua ruína. Desprezava os Murray, que deveriam ter lutado pela prima distante, e colocou na cabeça que um dia todos iriam reconhecer que o alfaiate de Keswick tinha sido muito mais fiel do que os parentes escoceses bem-nascidos e muito mais ricos. E os poetas dos lagos, que ainda não tinham entrado para o [8]Tory, tomaram-no pela mão e exaltaram-no. Os direitos da condessa e os males causados pelo conde tinham se tornado a sua vida. Mas ele ainda tinha seu pequeno negócio no norte e agora era imprescindível que voltasse para Cumberland. Ele tinha ouvido falar que iriam tentar propor um novo acordo, apesar de que até então ninguém tivesse sugerido ao conde a ideia do casamento entre os primos distantes. Ele estava conversando com a condessa sobre a possibilidade de algum acordo quando ela lhe falou sobre o seu filho; e ele recomendou que certos termos deveriam, se possível, serem aceitos. Que o dinheiro fosse dividido, com a condição de que o casamento fosse reconhecido. Certamente, o jovem conde não teria problemas em concordar com esta condição, as menos que um grupo adversário trouxesse alguma prova da Itália que provasse o contrário. A cerimônia na igreja de Applethwaite era incontestável. O dinheiro que fosse dividido, que a condessa

se tornasse a condessa Lovel e lady Anna, ela mesma para o mundo todo. O velho Thomas Thwaite parecia acreditar que tal acordo fosse suficiente.

"Mas podem convencer a italiana a vir requerer seus direitos", disse a condessa. "Se tudo não for acertado agora, depois que eu morrer e tiver partido, dirão que a minha filha não tem direito ao seu sobrenome".

Então, o alfaiate garantiu que iria averiguar melhor, pois achava que tal decisão seria absoluta, uma vez que seria aceita pelas duas partes envolvidas na disputa.

Assim sendo, a condessa falou sobre Daniel Thwaite, o filho, e Thomas Thwaite, o pai, ouviu tudo com uma raiva disfarçada. Lutar contra o conde em prol da esposa injustiçada tinha sido fácil para ele, mas decidir se comprava esta briga pessoal porque ele e seu filho não eram dignos de manter laços de amizades com a filha injustiçada foi muito difícil. Por outro lado, ele sabia que a condessa estava dizendo a verdade, até chegou a admitir isso; apesar de seu rosto ter dito muito mais do que suas palavras; e demonstrado claramente seu descontentamento.

"Não é de você que estou falando", disse a condessa, pousando a mão sobre a manga do paletó do senhor.

"Daniel é, de qualquer maneira, muito mais digno do que eu", disse o alfaiate. "Ele estudou e eu nunca".

"Ele é um menino de ouro. Não é disso que estou falando. Você sabe o que eu quis dizer".

"Sei muito bem o que quis dizer, lady Lovel".

"Não tenho nenhum amigo que se compare a você, Mr. Thwaite. Nenhum que eu ame tanto quanto o amo. E em segundo lugar vem seu filho. Não existe nada que eu não faria por ele ou por você: nenhum trabalho, mesmo que serviçal, que eu não faria por vocês com as minhas próprias mãos. Sou imensamente grata a vocês. Mas a minha menina é jovem, e este fardo de posição e riqueza é dela, e é certo que ela os honre".

"E não é honrado que ela seja vista falando com um alfaiate?"

"Ah, se prefere colocar as coisas assim!"

"Como eu deveria colocar? Se o que digo é verdade. E o que está dizendo também. Vou falar com Daniel". Mas ela sabia muito bem, enquanto ele ia embora, que tinha partido seu coração.

O senhor falou com o filho, no quarto do rapaz, que ficava no andar de cima ao que a condessa ocupava. O velho Thomas Thwaite era um homem forte, mas seu filho em alguns aspectos era ainda mais. Como seu pai havia dito, ele

de fato tinha estudado, ou melhor, se instruído; e a instrução desperta o poder de pensar. Ele analisava as coisas mais profundamente do que seu pai, era movido por causas maiores e superiores. Seu pai tinha sido um Radical por toda a sua vida, provavelmente fora guiado por algum tipo de doutrinação anterior, e abraçou sua crença baseado em sentimentos que o levaram a odiar as pretensões de uma superioridade assumida. O velho Thwaite não suportava pensar que um homem pudesse ser considerado melhor do que outro apenas por ser mais rico. Apesar disso, aceitava os ricos, e até mesmo a justiça para com eles, pois ele mesmo fora um homem rico em seu meio, durante boa parte da vida. Entretanto negava a superioridade; e era capaz de citar, para provar sua crença, a inferioridade de um certo pecador já citado. A vida do conde Lovel era para ele uma prova cabal da decadência da aristocracia inglesa como um todo. Ele sonhava com uma república na qual um alfaiate pudesse ser presidente, senador, ou ocupasse um cargo quase nobre. Mas nenhuma noção de governança racional existente jamais entrou na sua cabeça, e de política mesmo ele entendia tanto quanto o assistente que alinhavava as suas costuras.

Mas Daniel Thwaite era um homem ponderado que tinha lido muitos livros. *Utopia de More* e *Oceana de Harrington*, cujas narrativas pautadas no mesmo espírito o ensinaram a acreditar que uma forma de governo perfeita, ou melhor, uma política, na qual todos os homens pudessem ser felizes e satisfeitos, era possível na Terra, e poderia ser atingida, não apenas por intermédio dos lentos avanços obtidos de acordo com os desígnios de Deus, mas pelos esforços contínuos de homens bons e sábios que, com sabedoria e bondade, despertariam a confiança das multidões. Para diminuir as distâncias, não apenas entre o rico e o pobre, mas entre o grande e o pequeno, havia a grandiosa teoria política, que sempre guiava a sua linha de pensamento. Enquanto seu pai só pensava nele mesmo e no conde Lovel, Daniel Thwaite pensava na diferença injusta que havia entre dez milhões de aristocratas e trinta milhões de cidadãos, que eram em sua maioria ignorante e faminta. Não que ele não pensasse em si mesmo. Com o tempo ele se deu conta de que se seu pai não tivesse gastado quase tudo que tinha em nome da condessa Lovel, ele, o filho, não seria um contramestre de alfaiate na Wigmore Street, mas sim um mestre-alfaiate. Mesmo assim nunca reclamou. Sempre fora tão fiel à causa quanto seu pai. Este tinha sido o romance da sua vida, desde que ela se tornara digna de um romance; com a diferença de que ele não respeitava a posição que seu pai tanto ansiava em ajudar a condessa a restaurar, pois não valorizava os títulos reivindicados pela mãe e pela filha. Ele odiava o título da condessa e o

de lady Anna. Acreditava que elas deveriam abandoná-los, pois aos seus olhos eram sinais odiosos de pretensões injustas. Mas ele também ansiava por punir e reparar todas as maldades cometidas pelo conde. Reverenciava seu pai por ter nocauteado o conde cruel, pois abraçava de corpo e alma a causa da esposa injustiçada. Mas a única coisa na Terra que ele realmente amava era lady Anna.

Esse era o grande amor da sua vida. Eles cresceram juntos como amigos em Cumberland, onde ele comprara várias brigas com aqueles que ousavam negar que era lady Anna, apesar de já odiar o título desde a tenra idade. Os outros garotos faziam troça por causa da sua namoradinha nobre e ele ficava furioso quando se referiam a ela desta maneira. A única irmã e a sua mãe morreram quando ele ainda era criança, desde então restaram apenas ele e o pai na casa. Quando era pequeno ele era frequentador assíduo do chalé da condessa e jurou para lady Anna milhões de vezes que seria capaz de morrer a serviço dela. Agora, homem feito, era-lhe ainda mais devotado do que nunca. Este era o grande amor da sua vida. Mas como seria possível a filha reconhecida de um conde, herdeira de uma imensa fortuna, casar-se com um alfaiate? Mesmo assim ele guardava esta ambição. Não que se importasse com o dote. Não que, e de forma alguma, a esperança no dote tenha sido o que o levou a apaixonar-se por ela. A sua paixão nasceu de seu propósito e floresceu antes mesmo do velho conde voltar pela última vez para Lovel Grange – quando ninguém fazia a menor ideia de como a sua fortuna seria repartida. No entanto, não seria justo dizer que a perspectiva da riqueza dela não tinha se juntado às suas aspirações. O homem insensível ao poder que o dinheiro é capaz de proporcionar só pode ser um tolo. Daniel Thwaite não era tolo e gostava do poder. Mas tinha coração orgulhoso e costumava repetir para si mesmo que só ficaria com a garota na condição de que ela abandonasse a riqueza, que deveria ser desprezada sem questionamentos.

Seria de se imaginar que para um homem como este as palavras ditas por seu pai sobre lady Anna, sugerindo o distanciamento apropriado com o qual um contramestre de alfaiate deveria abordá-la, seriam recebidas com amargor. Elas, de fato, foram duras de serem distas e ainda mais duras de serem ouvidas.

“Daniel”, disse o pai, “é estranha a vida que você está levando com a condessa e lady Anna morando bem embaixo de você, no mesmo prédio”.

“O lugar é sossegado e barato”.

“Sossegado o bastante e tão barato quanto qualquer outro, eu diria. Mas não

creio que seja correto você continuar interagindo tanto com elas. Elas são diferentes de nós". O filho olhou então para o pai, mas não disse nada. "Acabamos nos aproximando por conta das dificuldades delas", continuou o senhor "mas vai chegar o dia que será melhor nos afastarmos".

"O que o senhor quer dizer, pai?"

"Quero dizer que somos alfaiates e essas pessoas nasceram nobres".

"Elas têm aceitado a nossa ajuda, pai".

"Bem, sim, aceitaram. Mas não nos cabe comentar nada a respeito. A ajuda foi dada de coração".

"Certamente foi de coração".

"E deve ser dada até o fim. Mas o fim está próximo. Uma será condessa e a outra lady Anna. Você acha correto elas manterem laços de amizade com gente como você e eu?"

"Já que me perguntou, pai, creio que sim".

"Mas elas não. Pode estar certo disso".

"Elas disseram isso, pai?"

"A condessa disse isso. Reclamou que você chama a filha dela simplesmente de Anna. No futuro você deverá usar o título para se dirigir a ela". Daniel Thwaite era um homem de cabelos castanhos escuros, mas não tinha nada de grosseiro em sua aparência: era elegante, quase moreno, cujas mãos tinham o tom amendoado de uma noz, cujas faces e testa tinham a tez um pouco mais escura. Mas agora ele estava vermelho. O sangue tinha subido para seu rosto e se destacava na sua pele morena. Ele ruborizou, como os homens costumam ruborizar – com um ar de indignação no rosto. "Apenas chame-a de lady Anna", disse o pai.

"Foi a condessa que andou reclamando de mim, então?"

"Ela insinuou que a filha será prejudicada pela sua intimidade e ela tem razão. Suponho que lady Anna Lovel deva ser tratada com deferência por um alfaiate, mesmo que o alfaiate tenha gastado seu último centavo a serviço dela".

"Não vamos falar de dinheiro, pai".

"É melhor não. Também prefiro não pensar em dinheiro. O mundo ainda não está maduro, Daniel".

"Não, o mundo não está maduro".

"Ainda devem continuar existindo condes e condessas".

"Não vejo sentido nisso. Existem condes e condessas assim como existiram mastodontes e outros seres brutos super desenvolvidos que vagavam

miseráveis e famintos pelas florestas pantanosas. Criaturas que passavam frio, não tinham conforto e pereceram conforme as coisas foram mudando. Os grandalhões tiveram de dar lugar aos que sabiam pensar e eram melhor preparados".

"Espero que os homens e as mulheres não tenham de dar lugar para os insetos e as mocas", disse o alfaiate, que adorava ridicularizar a filosofia do filho.

O filho estava prestes a explicar sua teoria do tamanho médio perfeito de seres estimulados intelectualmente, quando seu coração palpitou por Anna Lovel.

"Pai", disse ele. "Acho que a condessa deveria ter guardado a sua opinião".

"Eu também, mas como foi verbalizado, só me restou contar para você. Um dia você vai querer casar-se e não vai adiantar tentar procurar pela sua namoradinha naquela casa". Nisso as suas lembranças o levaram de volta para o passado e contra isto Daniel Thwaite não teve mais argumentos. "Logo isto tudo vai acabar", continuou o senhor, "e talvez seja melhor elas não se mudarem até que tudo esteja acertado. Eles vão dividir o dinheiro e a quantia será suficiente para as duas. A condessa será a condessa e lady Anna será lady Anna; e então elas não vão precisar mais do velho alfaiate de Keswick. Elas irão para outro mundo e talvez tenhamos notícias delas no Natal quando recebermos de presente uma cesta e uma garrafa de vinho".

"O senhor não pensa assim delas, pai".

"O que mais elas podem fazer? Os advogados vão pagar o dinheiro e elas serão levadas embora. Elas não poderão ir para a nossa casa, nem nós para a delas. Parto amanhã, meu filho, às seis em ponto e o aconselho a incomodá-las o mínimo possível com a sua presença. Esteja certo de que elas não querem isso".

Daniel Thwaite certamente não estava disposto a acatar o conselho do pai, mas ele sabia muito mais que seu pai. A cena acima aconteceu no final do dia, após o expediente de trabalho do filho. Na manhã seguinte, ao passar pela porta do apartamento, onde as duas damas dormiam, ele se lembrou das palavras de seu pai: *Não vai adiantar tentar procurar pela sua namoradinha naquela casa*. Por que não? Mas o conselho tinha vindo demasiado tarde. Ele já tinha buscado pela sua namoradinha lá. Tinha expressado seu amor e a garota tinha sido receptiva. Ele a abraçou junto ao seu peito, seus lábios se tocaram e ele a chamou de minha Anna, minha amada, minha pérola, meu

tesouro; e ela; ela apenas suspirara em seus braços e deixara-se envolver no abraço. Ela chorara sozinha ao pensar nisso, ciente de que era lady Anna e que não poderia existir amor entre eles. Mas quando ele falou e a envolveu em seus braços, ela nem sonhou em repreendê-lo, pois sabia tanto quanto ele que não desejava outra coisa senão viver ao seu lado e ser amada, pois nunca imaginou que fosse possível conhecer tão bem outra pessoa. Toda aquela história de título já tinha cansado. E assim, Daniel se foi, pensando no abraço dela, pensando naqueles beijos e pensando no conselho do seu pai, e jurou para si mesmo que as dificuldades que por ventura surgissem no caminho jamais iriam impedi-lo de atingir seu objetivo.

CAPÍTULO V

O ADVOGADO-GERAL FAZ UMA PROPOSTA

Mr. Flick voltou da Sicília convencido de que a melhor saída seria tentar algum acordo. Ele tinha visto a suposta condessa italiana, que então estava sendo chamada de Condessa por todos ao seu redor, mas nem por um momento acreditou que um dia ela tivesse sido casada com o velho conde. Que uma italiana havia se casado com ele vinte e cinco anos atrás, ele acreditava, provavelmente a irmã mais nova desta mulher; assim como também acreditava que a tal esposa tinha morrido antes do novo casamento do conde em Applethwaite. Mas esta era a sua opinião pessoal. Mr. Flick, era a seu modo, um homem honesto, que certamente não participaria conscientemente de uma alegação injusta. Mas ele estava advogando em nome do jovem conde e não era da sua alçada reunir provas para os oponentes do lorde. Ele acreditava que se fosse perspicaz e usasse todos os recursos à sua disposição conseguiria apresentar a verdade de um modo tal que tudo se tornaria claro e irrefutável a um júri inglês; mas e se a verdade fosse contrária à sua causa, por que procurar por ela, então? Ele achava que a condessa inglesa continuaria insistindo na legalidade do casamento em Applethwaite e na absolvição da acusação por bigamia do falecido conde. Se a condessa inglesa seguisse firme nesta linha, até onde pudesse seguir, caberia ao outro lado, o do jovem conde, provar a existência do casamento anterior. O peso de apresentar a prova caberia a ele e não a condessa inglesa. Advogados velhacos – e Mr. Flick, que embora fosse relativamente honesto também sabia ser velhaco entre seus pares – tinham declarado o contrário. Esta era a situação. Mas como o dinheiro era escasso para a condessa e seus aliados, não tinha sido feita nenhuma tentativa da parte deles de tentar importar provas da Sicília. Tudo isso, Mr. Flick sabia e não acreditava que seria perspicaz da sua parte mexer ainda mais com aquele romance siciliano. A condessa italiana, que era uma mulher velha e acabada, dizia ter quarenta e quatro anos, mas provavelmente tinha cinquenta e cinco, apesar de aparentar ter setenta e sete, recusava-se a vir para a Inglaterra. Ela seria capaz de jurar e já havia jurado várias vezes. Não faltavam provas: dela, de vários padres, dos criados e dos vizinhos. Mr. Flick ficou sabendo, por intermédio do seu intérprete, que um padre idoso havia

ridicularizado a ideia da existência de alguma dúvida. E para completar havia cartas que supostamente tinham sido escritas pelo conde à esposa, e que foram apresentadas a ele como prova. Mr. Flick era um homem estudado e sabia de muitas coisas. Conhecia um pouco sobre a confecção do papel e não teria lido as cartas após uma breve análise neste sentido. Mas não cabia a ele arrumar provas para o outro lado. A velha asquerosa estava louca por dinheiro. O padre estava louco por dinheiro. Os vizinhos estavam loucos por dinheiro. Será que não seriam capazes de jurar qualquer coisa em nome do dinheiro? Uma quantia modesta foi paga à velha falastrona e gananciosa, uma gratificação – da qual Mr. Flick ficou muito envergonhado – foi ofertada ao padre e depois disso, Mr. Flick voltou para a Inglaterra, convencido de que deveria ser feito um acordo com relação ao dinheiro, e que a legalidade dos títulos reclamados pelas duas damas deveria ser reconhecida. Pode até ser que aquela mocreia medonha tenha sido um dia a condessa Lovel. E que o velho conde se referia a ela desta maneira, apesar de nunca ter ido visitá-la durante a sua última estada na Sicília. Pode ser que aquelas cartas malfeitas tenham sido escritas com o intuito de criar provas para algo que tinha acontecido de verdade. Mas Mr. Flick acreditava que a melhor saída seria propor um acordo e expressou sua opinião de forma clara a Sir William Patterson. "Você quer dizer um casamento", disse o Advogado-geral. Nesta ocasião, Mr. Hardy, C. R.,[9]o segundo consultor jurídico que estava agindo a favor do conde, também estava presente.

"Não necessariamente por meio de um casamento, Sir William. Eles poderiam dividir o dinheiro".

"A garota não é maior de idade", disse Mr. Hardy.

"Ela acabou de completar vinte anos", disse Sir William.

"Acho que isto pode ser usado a favor dela", disse o advogado.

"Quem teria poderes para sacrificar os direitos dela?", perguntou Mr. Hardy, que era um homem impaciente.

"Quem sabe possamos enrolar até que ela atinja a maioridade", disse o Advogado-geral, que entre os presentes era um homem mais ponderado e cordato, apesar de ser capaz de interrogar uma testemunha a ponto de fazê-la cair por chão, mesmo que fosse uma mulher.

"Claro que poderíamos fazer isso, Sir William. O que é um ano em um caso como este?"

"Não é muito para advogados, não é mesmo, Mr. Flick? O senhor acha que não deveríamos levar o caso ao tribunal".

“Sem dúvida, trata-se de um bom caso, Sir, William! Tem a mulher italiana, vamos nos referir a ela como condessa siciliana, pronta para jurar, e já jurou que era a esposa do falecido conde. Todas as pessoas ao seu redor a chamam de condessa. O conde, sem sombra de dúvida, costumava se referir a ela como condessa e lhe enviava pequenas quantias de dinheiro, durante os dez anos ou mais, depois que ele partiu de Lovel Grange. Tem também o velho padre que celebrou o casamento deles”.

“Ao diabo se este não for um bom caso!”, exclamou Mr. Hardy.

“Prossiga, Mr. Flick”, disse o Advogado-geral.

“Obviamente, contamos com todas as provas documentais, Sir William”.

“Prossiga, Mr. Flick”.

Mr. Flick coçou a cabeça.

“Há muito em jogo, Sir William”.

“Não tenho dúvida disso. Prossiga”.

“Creio que não tenho muito mais a dizer, exceto que eu tentaria um acordo se pudesse. Nosso cliente, Sir William, ficaria em uma posição muito boa se continuasse com metade da renda que está em jogo”.

“Ou com tudo caso se case , disse o Advogado-geral.

“Sim, Sir William. Mas se perder tudo, ele ficará, como dizem, sem eira nem beira”.

“Totalmente”, disse o Advogado-geral. “A tal propriedade ligada ao título não rende nem mil por ano”.

“Eu tentaria fazer um acordo”, disse Mr. Flick, cujos instintos tendiam naturalmente para um ganho maior. Que a sua parte, incluindo os honorários dos advogados, mais cedo ou mais tarde seriam pagos pelo estado, disso ele não tinha dúvida, mas um acordo tornaria tudo muito mais fácil e agradável.

Mr. Hardy era a favor de seguir em frente com a luta. Não havia nenhum advogado mais astuto, honesto e lúcido do que Mr. Hardy, mas ele não tinha o dom de adivinhar o que se passava nas profundezas da mente do Advogado-geral. Quando Mr. Flick falou para eles sobre a força do caso, baseado nas provas que tinham a favor deles, Mr. Hardy acreditou nas palavras de Mr. Flick, mas rechaçou a sua opinião. Ele acreditava piamente que a condessa inglesa era uma impostora e que nem ela mesma acreditava na própria alegação. Portanto, seria com profundo amargor que ele entregaria para a tal metade da riqueza que deveria sustentar a dignidade e a aristocracia da casa Lovel. Rejeitava totalmente a ideia de um acordo e ansiava por justiça, mas tinha mais fama do que causas ganhas. Sir William logo percebeu que havia

algo mais por trás e que era seu dever analisar, algo que estava disposto a fazer, apesar de desconfiar que talvez não fosse aconselhável ir tão fundo. Deveria fazer o melhor possível pelo seu cliente, o conde Lovel, com uma renda anual de mil libras, e isto já seria motivo de embaraço, não passaria de um coitado, um lorde de mentira, um conde sem um condado. Mas o conde Lovel com quinze ou vinte mil por ano seria tão bom quanto qualquer outro conde. Isto faria toda a diferença entre ter dois ou quatro lacaios, quatro ou oito caçadores, ter uma casa na Belgrave Square ou em Eanton Place. Sir William, se estivesse confiante, claro que teria preferido que seu cliente tivesse os quatro lacaios, os oito caçadores e uma residência na Belgrave Square; mesmo que com isso a pobre condessa inglesa pudesse passar fome ou tivesse de continuar vivendo à custa do alfaiate. Mas ele não estava confiante. Estava começando achar que o velho conde malvado tinha sido muito perverso com todos.

"Dizem que ela é uma moça muito boa", observou Sir William.

"Ouvi dizer que é muito bonita", completou Mr. Flick.

"E que está apaixonada pelo filho do alfaiate de Keswick", falou Mr. Hardy.

"Ela vai preferir o lorde em vez do alfaiate", disse Sir William.

E assim ficou decidido, após alguma hesitação, que deveria ser sugerido ao cliente deles a proposta de um acordo. Eles tinham certeza de que a pobre mulher ficaria feliz em aceitar, para ela e para a filha, metade da fortuna em jogo, uma vez que metade já seria uma verdadeira fortuna para ela, com a condição de que seus títulos fossem mantidos: o título e todos os privilégios do reconhecimento da legitimidade paterna. Mas como a necessidade de postergar tal oferta de acordo certamente seria um grande empecilho, ficou decidido que a melhor opção seria a proposta de casamento. Mas quem deveria fazer a proposta e como seria colocada? Sir William estava disposto a fazer a sugestão ao jovem conde ou a família dele, cujo consentimento deveria ser dado antes de mais nada; mas quem iria quebrar o gelo com a condessa?

"Acho que deveríamos pedir ao nosso amigo [10]Sargento", sugeriu Mr. Flick.

O Sargento Bluestone era o consultor da equipe de defesa da condessa e estava muito envolvido com o caso. Ele apregoava que o Advogado-geral não tinha provas suficientes para sustentar o caso e que estava ciente de que não tinha provas. Eles que ousassem trazer aquela condessa italiana. Ele iria *condessá-la* e *descondessá-la*! Desde que iniciara sua carreira no Direito, ele

nunca se deparara com um caso tão difícil quanto aquele. O velho conde já não tinha sido absolvido da acusação de bigamia quando a infeliz mulher estava fazendo de tudo para sair da posição em que se encontrava? O Sargento Bluestone, que era um homem muito violento, levava todos seus casos para o lado pessoal e nunca tinha mostrado tanta violência.

"O Sargento verá isso como uma rendição", disse Mr. Flick.

"Precisamos dobrar o Sargento", argumentou Sir William. "Há mulheres na família Lovel; precisamos dar um jeito de conseguir isso através delas".

E assim ficou acertado entre os advogados do jovem lorde que deveria ser feita uma tentativa de casá-lo com a herdeira.

Os dois primos nunca tinham se visto. Lady Anna mal tinha ouvido falar de Frederic Lovel antes da morte do seu pai, mas, desde então, tinha sido induzida a ver o jovem lorde como seu inimigo natural. O jovem lorde tinha sido ensinado desde a tenra juventude a ver a *soi-disant* condessa e sua filha como impostoras que um dia poderiam usurpar o que era seu de direito; e, por último, como impostoras que estavam lutando com afinco em defesa da própria causa. Tinham lhe contado sobre a intimidade entre a condessa, o velho alfaiate e sobre a moça a quem chamavam de lady Anna com o jovem alfaiate. Para estes Lovel distantes, Frederic Lovel, que crescera sabendo que um dia seria o novo conde, seu tio e tia que o criaram, a mulher de Keswick tinha sido descrita como uma pessoa vulgar, odiosa e de má reputação. Todos nós sabemos o quão firme pode ser a fé de uma família com relação a tais questões. Os Lovel tinham receios quanto aos resultados das tentativas que estavam sendo feitas. Compreendiam quase tão bem quanto Mr. Flick a glória da posição que seria alcançada caso a tentativa fosse um sucesso e a miséria que recairia sobre o condado caso a tentativa falhasse. Eles estavam nervosos e um tanto assustados. Mas a confiança na justiça em prol da causa deles era ilimitada. O velho conde, cuja memória era odiada por eles, tinha deixado de propósito duas inimigas no caminho deles. A amante italiana, citada no testamento, e a filha ilegítima. A primeira, tinha sido vencida, mas a outra…! Ah… seria péssimo para eles se essa inimiga não pudesse ser vencida também! Eles tinham oferecido trinta mil libras à inimiga, mas ela não aceitou. A ideia de colocar um fim a todos os problemas com um casamento nunca tinha passado pela cabeça deles. Se tivessem perguntado a Mrs. Lovel a sua opinião sobre isto, ela teria dito que Anna Murray – como costuma se referir a lady Anna – não era moça para casar.

O jovem lorde, que poucos meses após a morte do seu primo tinha atingido

a idade de ocupar um assento na Câmara dos Lordes, era um homem gentil e de bom coração, que tinha sido trazido para Inglaterra aos vinte anos de idade, por conta da morte do seu irmão mais velho. Alguns membros da família achavam que ele deveria dar seguimento à carreira profissional apesar do condado, mas não seria adequado que fosse um conde e um aspirante à marinha ao mesmo tempo, e a morte do seu primo, enquanto ele ainda se encontrava em terra firme, pôs um ponto final à questão. Ele era um rapaz loiro e bem apessoado, parecia um marinheiro, mas era em tudo um cavalheiro. Se acreditasse que lady Anna era lady Anna, nada neste mundo o convenceria a querer pôr a mão no dinheiro. Desde a morte do velho lorde ele passara a morar com seu tio Charles Lovel, tendo passado dois ou três meses em Lovel Grange na companhia do tio e da tia. Charles Lovel era um pároco que vivia confortavelmente em Yoxham, Yorkshire, e tinha se casado com uma mulher rica, que recebia em torno de dois mil por ano, e por conseguinte ocupava uma boa posição no mundo. Seus dois filhos estudavam em [11]Harrow e ele tinha uma filha. Morava também com eles, Miss Lovel, tia Julia, que era tida por todos os Lovel como uma pessoa sábia e de personalidade forte. O pároco, apesar de ser um homem popular, não tinha personalidade forte. Era um homem passional, falante, generoso, afetuoso e indiscreto. Tinha muito orgulho da posição de chefe de família do sobrinho e estava farto dos percalços enfrentados pelo seu sobrinho por causa da fraude perpetrada por aquelas mulheres Murray. Era um Tory convicto e tinha ouvido falar muitas coisas sobre os Radicais de Keswick. Nunca duvidou por um segundo sequer que o velho e o jovem Thwaite estavam articulando um plano para ficarem ricos. Seu sonho era ouvir que os dois tinham sido condenados e enviados para o exílio. A ideia de que um Radical não pudesse ser exilado era inconcebível para ele. Que um Radical pudesse ser honesto, inacreditável. Mas ele era um homem humano e caridoso, cujas boas qualidades não eram reconhecidas pelo velho Thomas Thwaite, assim como as de Thomas Thwaite também não eram reconhecidas por ele.

Com quem o Advogado-geral deveria abordar primeiro a questão? Ele já tinha falado algumas vezes com os Lovel e não ficara muito impressionado com a inteligência do pároco. Ele era um Advogado-geral que pertencia ao partido Whig, pois naquele tempo ainda existiam Whigs, e Mr. Lovel não gostava muito dele. Mr. Flick tinha tido mais contato com a família, estivera várias vezes com o jovem lorde, com o pároco e com a tia Julia. Ficou acertado, de acordo com a sugestão de Sir William, que Mr. Flick deveria

escrever uma carta para tia Julia, perguntando se ela poderia vir a Londres.

"Mr. Lovel vai ficar muito bravo", disse Mr. Flick.

"Temos de fazer todo o possível pelo nosso cliente", disse Sir William.

A carta foi escrita e Miss Lovel foi informada, no estilo discreto de Mr. Flick, dizendo que como Sir William Patterson ansiava por discutir uma questão relativa ao caso do lorde Lovel sobre o qual a opinião de uma mulher provavelmente seria mais útil do que a de um homem, se Miss Lovel não se incomodaria em vir para Londres. Miss Lovel veio com seu irmão.

A conversa teve lugar no gabinete de Sir William e estavam presentes o próprio, Miss Lovel e Mr. Flick, que tinha sido instruído a permanecer calado, a menos que lhe fosse perguntado algo; e foi o que ele fez. Após alguns pedidos de desculpas, que foram, talvez, demasiadamente brandos, delicados e totalmente desnecessários, uma vez que Miss Lovel, apesar de muito inteligente, não era uma pessoa branda e nem delicada, o grande homem foi direto ao assunto.

"Esta questão é muito séria, Miss Lovel".

"É de fato muito séria".

"A senhorita não imagina o peso da responsabilidade que um advogado carrega sobre os ombros, quando precisa dar conselhos em casos como este, quando a prosperidade de toda uma família pode mudar de acordo com o que ele disser".

"Ele deve dar o melhor de si".

"Ah, sim, Miss Lovel. Isto é fácil dizer, mas como ele vai saber o que é o melhor?"

"Suponho que a verdade irá prevalecer no final. É inconcebível pensar que um jovem como meu sobrinho venha a ser privado do seu direito de receber a nobre herança por conta das intrigas criadas por aquelas duas mulheres. Não acredito nisso e nunca acreditarei. Claro que sou apenas uma mulher, mas sempre achei errado oferecer-lhes um xelim sequer". Sir William sorriu e coçou a cabeça, olhando nos olhos da dama. Apesar do sorriso, ela percebeu que havia uma tristeza sincera em seu rosto. "O senhor não vai me dizer que está em dúvida?", indagou.

"Na verdade, sim".

"O senhor acha que um esquema falso como este pode convencer um juiz inglês?"

"Mas e se o esquema não for falso? Permita que eu lhe diga uma ou duas coisas, Miss Lovel, ou melhor, que eu dê a minha opinião sobre um ou dois

pontos. Não acredito que essas duas damas sejam impostoras".

"Elas não são damas e tenho certeza de que são impostoras", disse Miss Lovel com convicção, virando o rosto ao falar com o advogado.

"Estou simplesmente dizendo, é claro, a minha opinião, e peço que acredite em mim que ao formá-la usei de toda a experiência e cautela adquiridas ao longo de muitos anos de exercício da minha profissão. Seu sobrinho merece que eu faça o melhor possível, e, no presente momento, cumprirei meu dever para com ele, pedindo que escute o que tenho a dizer". A dama cerrou os lábios e permaneceu em silêncio. "Quanto ao fato de Mrs. Murray, como temos nos referido a ela, ser ou não a esposa legal do falecido conde, eu simplesmente não vou expressar uma opinião agora, mas tenho certeza de que ela acredita que foi. O casamento ocorreu dentro dos conformes. O conde foi julgado por bigamia e foi absolvido. As pessoas com quem falamos além-mar, na Sicília, não são respeitáveis. Não conseguimos convencê-las a virem até aqui para testemunharem. Um júri inglês ficará contra elas naturalmente. Tudo é uma questão de fatos para o júri e não podemos passar por cima de um. Se a filha fosse um filho, caberia a Câmara dos Lordes decidir qual dos dois deveria herdar o título. Contudo, neste caso, é simplesmente uma questão de direito à fortuna e os fatos são relativos ao direito de propriedade. Se perdermos o caso, seu sobrinho será um homem muito pobre".

"Um homem muito pobre mesmo, Sir William".

"Ele ficaria numa situação desoladora. Sou obrigado a dizer que se tentarmos levar este caso a corte será com grande insegurança. E neste ponto Mr. Flick concorda comigo".

"Plenamente, Sir William", disse Mr. Flick.

Miss Lovel voltou os olhos para o advogado, cerrou os lábios com ainda mais força e não disse uma palavra sequer.

"Em um caso como este costumam surgir preconceitos, Miss Lovel. É natural que a senhorita e vossa família tenham preconceitos contra essas damas. De minha parte, não sei de nada que possa ser alegado contra elas".

"A garota se desgraçou ao envolver-se com o filho de um alfaiate", Miss Lovel praticamente gritou.

"Foi o que ouvi dizer, mas não acredito que seja verdade. Eles foram, sem sobre de dúvida, criados juntos; e Mr. Thwaite tem sido muito bom para as duas". Nisso, Miss Lovel se lembrou de que Sir William era um Whig e que havia poucas diferenças entre um Whig e um Radical. Para tomar partido de um cavalheiro, ou de uma dama, era preciso, do ponto de vista dela, ser um

Tory. “Seria uma pena que uma fortuna tão nobre saísse das mãos de uma família que, pelo seu esplendor e tradição, carece de amplos recursos”. Ao escutar o sinal de solidariedade, que poderia muito bem ter vindo de um Tory, Miss Lovel relaxou um pouco os músculos faciais. “Se o conde casasse com a prima…”

“Ela não é prima dele”.

“Se o conde casasse com a jovem que, muito provavelmente conseguirá provar que é prima dele, tudo estaria resolvido”.

“Casar com ela!”

“Ouvi dizer que ela é encantadora e que investiram na sua educação. A mãe é bem-nascida e bem-educada. Se pudesse ter acesso à verdade, Miss Lovel, a senhorita iria acabar descobrindo que elas não são impostoras. Elas são tão impostoras quanto eu. E vou além, apesar de talvez, a senhorita, o jovem conde e Mr. Flick possivelmente pensarem que não sou bom o bastante para continuar cuidando deste caso, depois de tal declaração, acredito que, apesar de ter uma pontinha de dúvida, a dama mais velha seja de fato a condessa Lovel e que a sua filha é a herdeira legítima do falecido conde”.

Mr. Flick ouviu tudo boquiaberto, com o coração disparado, quase em desespero. Ele era da mesma opinião de Sir William. Na verdade, foi pela sua opinião, exposta com certo temor, mas perfeitamente compreendida, que Sir William tinha se deixado influenciar. Só que ele não imaginava que Sir William tivesse a ousadia de expor tudo com tanta sinceridade.

“O senhor acredita que Anna Murray é a verdadeira herdeira?”, indagou com assombro Miss Lovel.

“Sim, com uma pontinha de dúvida. Pendi para este lado depois de formar a minha opinião baseada em provas muito conflitantes”. Nesta altura, Mr. Flick tinha certeza de que Sir William estava certo em sua opinião; apesar de achar que talvez não tivesse sido uma boa ideia compartilhá-la com uma mente muito mais perspicaz do que a sua. “Seguindo a minha linha de raciocínio”, continuou Sir William, “que pende naturalmente para o lado do meu cliente, eu pergunto: o que o júri vai pensar, quem irá pender para o nosso lado? Se eles são primos, primos distantes, por que não se casarem e serem felizes com um trazendo o título e o outro a riqueza? Não haveria união mais lógica, Miss Lovel”.

Uma longa pausa seguiu-se sem que ninguém dissesse uma palavra sequer. Mr. Flick tinha sido proibido de falar e Sir William, após ter colocado a sua proposta, estava determinado a esperar pela resposta da dama. Mas a dama em

questão ficou tão perplexa, que por um bom tempo, não conseguia nem pensar ou dizer algo. Até que finalmente ela abriu a boca.

"Preciso falar com meu irmão sobre isso".

"Faz muito bem, Miss Lovel".

"Agora posso ir, Sir William?"

"Tenha um bom-dia, Miss Lovel".

E com isso ela se foi.

"O senhor foi muito mais longe do que imaginei que iria, Sir William", comentou Mr. Flick.

"Não fui longe o suficiente, Mr. Flick. Teremos de ir ainda mais fundo se quisermos salvar alguma parte da fortuna desse jovem rapaz. O que ganharíamos, mesmo que conseguíssemos provar que o conde era mesmo casado com aquela mocreia siciliana que ainda está viva? Ela herdaria a fortuna; não o conde".

CAPÍTULO VI
O PRESBITÉRIO DE YOXHAM

Miss Lovel, sábia e de personalidade forte como era, não ousou tomar uma decisão com relação à proposta feita sem antes consultar alguém. Apesar de ser determinada, pela primeira vez, ela sentiu-se muito insegura para falar com o sobrinho sobre o tema abordado no último encontro que tivera com o grande advogado sem antes pedir a opinião do seu irmão. O pároco a acompanhara até Londres, extremamente contrariado com Sir William, por não ter sido chamado no lugar da sua irmã. Mas foi para ele, contudo, a quem ela contou primeiro tudo que tinha sido dito. Seu irmão estava no clube quando ela retornou para o hotel e por conta disso ela teve algumas horas para analisar a situação, pois não conseguia acreditar de forma alguma que todas as suas crenças tinham sido em vão e infundadas.

Mas se a opinião do Advogado-geral não tinha conseguido convencê-la, convenceu menos ainda quando chegou, de segunda mão, aos ouvidos do seu irmão. Ela estava abalada, já Mr. Lovel, a princípio, não se abalou nem um pouco. Sir William era um Whig e um traidor. Ele nunca conhecera um Whig que não fosse um traidor. Sir William estava entregando todos eles. Os Murray, que eram todos Whigs, estavam influenciando-o. O caso deveria ser tirado imediatamente das mãos do *Norton andFlick*. Será que ninguém percebia que eram impostores? Sir William deveria ser denunciado e rebaixado, apesar de, no que dizia respeito ao rebaixamento, Mr. Lovel tinha quase certeza de que o partido iria valorizar ainda mais o Advogado-geral que tinha se mostrado um traidor e, consequentemente, provado que ser um bom Whig. Ele esbravejou e saiu pisando duro pelo quarto, usando um linguajar que não era do seu feitio. Caso seu sobrinho casasse com aquela moça, ele nunca mais o consideraria seu sobrinho. Se fosse para aquela farsa prevalecer, seu sobrinho que saísse dessa pobre e honesto. Ele daria metade de tudo que tinha para apoiar o nobilitário e tinha certeza de que seu sobrinho lhe seria grato por isso. Mas eles jamais iriam chamar aquela mulher de prima; e que a sua língua se enchesse de aftas se um dia ele se referisse àquela mulher como condessa Lovel. Ele achava que o caso deveria ser tirado imediatamente das mãos do *Norton andFlick*, sem aviso prévio, e que fosse contratado outro consultor jurídico. Mas no fim acabou concordando em falar com Mr. Norton,

na manhã seguinte.

Mr. Norton era um senhor honesto e gordo, que cuidava de casos simples de transferência de propriedade, que vivia cercado das caixas de aço de seus clientes proprietários de muitos acres de terras. Ele não teve outra opção senão mandar chamar Mr. Flick, que atendeu ao chamado. Quando Mr. Lovel começou a tentar dar vazão a sua raiva, Mr. Flick ficou indignado. Mas Mr. Flick sabia como se impor e Mr. Lovel não se portou na sala do advogado do mesmo modo que se portara no quarto de hotel. Mr. Flick era da opinião de que não havia conselheiro jurídico melhor na Inglaterra do que o Advogado-geral e que nenhuma opinião era mais digna de confiança do que a dele. Se o conde resolvesse colocar seu caso nas mãos de outro, claro que poderia fazê-lo, mas convinha ao lorde tomar cuidado, do contrário ele poderia prejudicar seus interesses ao mostrar fraqueza para seus oponentes. Mr. Flick falou em nome dos interesses do seu cliente, pelo menos foi o que afirmou, e não em nome dos seus interesses pessoais. Mr. Flick acreditava que um acordo deveria ser proposto; e depois de expressar sua opinião, não havia mais nada a ser dito naquele momento. No dia seguinte o jovem conde se reuniu com Mr. Flick e Sir William e então sua tia lhe contou sobre a proposta que tinha sido feita. O pároco partiu para Yoxham e Miss Lovel permaneceu em Londres com o sobrinho. Lá pelo final da semana, Miss Lovel já estava achando que um acordo seria conveniente. Tudo isto aconteceu em maio. A causa seria julgada em novembro; o longo intervalo tinha sido dado por conta da esperada dificuldade de conseguir as provas necessárias para rebater as alegações da filha do falecido conde.

Em meados de junho, todos os Lovel estavam em Londres novamente: o pároco, sua irmã, a esposa do pároco e o conde.

"Nunca vi a moça em toda a minha vida", disse o conde para a tia.

"Quanto a isso", disse a tia, "sem dúvida pode dar um jeitinho de vê-la se achar oportuno".

"Não seria melhor que ela fosse convidada a comparecer no presbitério?", sugeriu Mrs. Lovel.

"Isto seria o mesmo que desistir de vez", disse o pároco.

"Sir William disse que isto não reverteria contra nós", argumentou tia Julia.

"Teremos que nos dirigir a ela como lady Anna", disse Mrs. Lovel.

"Eu não conseguiria", disse o pároco. "Seria muito melhor dar logo a ela a sua metade".

"Mas por que ela aceitaria ficar com a metade se tem direito a tudo?",

indagou o jovem lorde. “E por que eu deveria pedir até mesmo a metade se nada me pertence?”

Nesta altura, o jovem lorde tinha perdido as esperanças de receber seus alegados direitos e, vez ou outra, desabafava com os seus dizendo que iria retirar a sua alegação, pois tinha chegado à conclusão de que Sir William acreditava que a filha era a verdadeira herdeira, e ele achava que Sir William certamente sabia muito mais que todo mundo. Ele estava triste e desanimado, mas não menos determinado em ser justo em todas as suas atitudes.

“Andei investigando”, disse tia Julia, “e acredito que tudo que ouvimos falar sobre a garota não era verdade”.

“O alfaiate e o seu filho têm sido os melhores amigos delas”, disse Mr. Lovel.

“Porque elas não tinham outros”, respondeu Mrs. Lovel.

Ficou decidido que até vinte e quatro de junho, o lorde daria uma resposta se aceitaria ou não o conselho de Sir William. Se aceitasse, Sir William iria sugerir o próximo passo a ser tomado no sentido de fazer as propostas necessárias às duas damas. Caso não aceitasse, então Sir William iria dizer qual seria a melhor maneira de dar continuidade ao caso. Na data marcada, eles estavam todos em Yoxham, e a resposta deu-se por meio de uma carta enviada a Mr. Flick. O jovem tinha passado a manhã toda ponderando sobre a sua situação e sem sombra de dúvida a cobiça pelo dinheiro tinha crescido dentro dele. Por que não dar este passo? Acaso existia algum nobre em toda a Grã- Bretanha capaz de dizer que perderia toda a sua fortuna ou a fortuna que esperava receber sem uma agonia de partir o coração? O jovem lorde Lovel ansiava pela riqueza sem a qual seu título não passaria de um fardo, mas ao mesmo tempo estava determinado a não tomar parte de nada que fosse injusto. A garota, tinham lhe dito, era bonita, delicada, agradável e por último disseram que as coisas más que tinham sido ditas sobre a sua pessoa não passavam de calúnias. Tinham lhe assegurado de que ela não era nem grosseira e nem vulgar e que ainda era donzela. Dois ou três senhores, que eram da sua mesma posição social – senhores estes que tinham sido amigos do seu pai, eram aliados dos Lovel e estimados por Sir William – tinham lhe dito que o meio mais digno de sair desta dificuldade já tinha sido sugerido. Não havia nada, disseram eles, mais apropriado do que dois primos que se encontravam nesta situação casarem-se. Com o reconhecimento do título e da paternidade todos iriam visitar a sua esposa. Não haveria uma condessa ou uma duquesa em Londres que não ansiaria por apertar a mão dela. Aos poucos,

suas tias acabaram cedendo à ideia e estava claro para ele que seu tio iria acabar concordando, até mesmo seu tio, caso ele mesmo acabasse cedendo. Foi explicado que se a garota viesse a Yoxham, e fosse tratada como lady Anna pelos moradores do presbitério, certamente ela acabaria chegando à conclusão de que deveria aceitar o pedido de casamento do primo.

"Mas ela pode não gostar de mim!", disse o jovem conde para a tia.

"Não gostar de você?", disse Mrs. Lovel, tocando na testa dele para afastar uma mecha de cabelo. Como uma garota não iria gostar de um homem como este, que para completar ainda é um conde?

"E se eu não gostar dela, tia Lovel? Neste caso não pedirei a mão dela em casamento". Ele achava tudo aquilo injusto, mas antes do dia terminar acabou concordando.

"Não acho que vou conseguir chamá-la de lady Anna", disse o pároco. "Acho que não vou conseguir nem mover a língua".

CAPÍTULO VII
O ADVOGADO-GERAL INSISTE

Houve uma considerável dificuldade para colocar a proposta às duas damas, ou melhor, para colocar para a senhora, pois a sugestão, se tivesse de ser feita à filha, obviamente, teria de partir da sua mãe. Finalmente ficou decidido que lady Anna não poderia ser convidada a comparecer no presbitério antes que todos concordassem em tratá-la por lady Anna e que todas as oposições à alegação deveriam ser suspensas, pelo menos até que os jovens não mostrassem desejo de ficarem noivos.

"Como vou chamá-la de lady Anna se ainda não estou convencido de que é lady Anna?", disse o pároco, quase em lágrimas. Quanto aos outros membros da família, pode-se dizer que acabaram concordando que a condessa era condessa e lady Anna era lady Anna; isto entre eles, pois nenhum deles, tirando o jovem lorde, estava convencido disso. Na opinião deles, Sir William Patterson tinha sido muito duro. Era verdade que ele era um Whig. E possivelmente um traidor. Mas era um homem poderoso e a sua opinião tinha sobrepujado a deles. Para que as coisas se acertassem da melhor maneira possível seria melhor que os jovens se casassem. O que seria do condado de Lovel sem a riqueza que o velho conde maluco tinha acumulado?

Sir William e Mr. Flick eram fortemente a favor do casamento e Mr. Hardy acabou concordando. O pior de tudo é que a sombra da dúvida por parte do conde e os seus acabou sendo percebida pelo grupo oposto.

"Eles estão tremendo na base, Mr. Maisail", disse o Sargento Bluestone para seu assistente. "Não creio que eles vão mesmo comprar a briga", disse então para Mr. Goffe, o advogado da condessa.

Mr. Mainsail esfregou as mãos. Mr. Goffe meneou a cabeça, pois tinha certeza de que eles iriam lutar até o fim. Mr. Mainsail, que tinha trabalhado como um cavalo para arrumar e organizar todas as provas a favor da condessa, e analisado os documentos italianos, ficou animado.

Era exatamente isso que Sir William temia, além de achar que o pedido de casamento do conde poderia ser rejeitado por não valer a pena. "Precisamos contar com o título dele", dissera Sir William para Mr. Flick. "Ela não arrumaria partido melhor mesmo que toda a fortuna fosse só sua".

Mas como a proposta deveria ser abordada? Mr. Hardy queria que tudo

fosse feito sem rodeios e Sir William concordou, apesar de, no íntimo, estar um pouco contrariado com a postura arrogante de Mr. Hardy. Sir William ansiava por acertar tudo da melhor maneira possível para os dois lados. Mr. Hardy não queria apenas que o certo fosse feito, mas que fosse feito da forma mais justa possível. A grande dúvida era como eles poderiam se aproximar da viúva e da filha senão por intermédio do Sargento Bluestone.

"O Sargento não passa de um parlapatão", disse o Advogado-geral.

Mas o Sargento era o consultor jurídico das damas e, finalmente, ficou decidido que deveria acontecer uma reunião geral no gabinete de Sir William. Um bilhete curto foi escrito por Mr. Flick a Mr. Goffe, informando que o Advogado-geral acreditava que uma reunião entre os advogados seria de grande proveito para as duas partes; e assim a reunião foi marcada. Estavam presentes três representantes de cada lado e muito se pensou sobre como a reunião deveria ser conduzida. O Sargento Bluestone estava determinado a ir contra o Advogado-geral e dizer livremente o que lhe viesse à cabeça. Mr. Mainsail preparou algumas perguntas sem grande relevância. Mr. Goffe e Mr. Flick achavam que lhes convinha ficarem calados, a menos que questionados, mas ambos estavam determinados a defender seus respectivos clientes. Mr. Hardy, no fundo, acreditava que seu ilustre amigo de profissão estava prestes a abandonar o caso. Mas Sir William já tinha em mente qual seria a sua linha de ação. Ele acomodou todos da maneira mais cortês possível, colocando cada um de acordo com a hierarquia profissional que ocupava. Ao Sargento Bluestone foi oferecida uma confortável cadeira de braços, que ele pouco aproveitou por conta da sua energia. Só então teve início a reunião.

"Cavalheiros", disse Sir William, "seria uma pena se essa fortuna fosse desperdiçada".

"Não se preocupe com isso, caro consultor", disse o Sargento.

"Seria uma pena se essa fortuna fosse desperdiçada", repetiu Sir William, inclinando a cabeça na direção do Sargento, "e acredito que a melhor coisa que os dois jovens podem fazer é se casarem". Em seguida fez uma pausa e os três cavalheiros que representavam a outra parte permaneceram calados. Mas o Advogado-geral não tinha mais nada a adicionar. Tinha colocado a sua proposta e queria sentir o efeito antes de dizer algo mais.

"Então o senhor reconhece o casamento da condessa, obviamente", colocou o Sargento.

"Desculpe-me, Sargento, não reconhecemos nada. Para todos os efeitos ela é a condessa enquanto não for provado que havia outra esposa viva na ocasião

do seu casamento".

"Certamente para todos os efeitos", reafirmou o Sargento.

"Certamente para todos os efeitos, se isto torna o caso mais forte", continuou Sir William. "O casamento dela foi formal e dentro dos conformes. Nunca duvidei de que ela acreditasse que seu casamento tenha sido reconhecido aos olhos de Deus. Deus me livre pensar mal de uma pobre dama que já sofreu tanto".

"Por que levantaram suspeitas, então?" perguntou o Sargento, agitando o braço esquerdo.

"Se não me engano", disse Mr. Mainsail, "foram levantadas evidências para provar que a condessa é uma fraude".

"Então o senhor está enganado, Mr. Mainsail", disse Sir William. "Admito com toda clareza que a dama não é suspeita de nenhuma fraude. Já se ela é ou não a condessa Lovel, o que acredito que possa ser, levará anos para provar, de acordo com o ritmo da lei".

"Acreditamos que podemos dispor de um pedido reconvencional num curto espaço de tempo", disse o Sargento.

"Pode ser. Particularmente, não creio que isso seja possível. Nossa prova a favor da dama, que mora atualmente a aproximadamente onze quilômetros de Palermo, é muito forte. Ela é uma pobre criatura, velha e ignorante – que está longe de poder contar com a generosidade do falecido conde, anseia por algo mais – porém, não está disposta a vir para este país – sem filhos e totalmente indiferente ao segundo casamento, contanto que isto não interfira com as suas esperanças de conseguir receber algo da família Lovel. Um dos lados não torce que ela se saia bem. O outro só anseia – pois só pode ansiar – que a imensa fortuna em jogo não caia em mãos erradas".

"E que a justiça seja feita", disse Mr. Hardy.

"E que a justiça seja feita, é claro, como observou meu amigo. De um lado temos um jovem que sem dúvida é o conde Lovel e clama pelo direito a uma fortuna como herdeiro do falecido conde. Do outro, uma jovem dama, que disseram ser muito bela, instruída, e que é a filha do falecido conde. Ela também clama pelo direito à fortuna por acreditar ser a herdeira legítima. A disputa entre os dois é muito complicada".

"O [12]*ounus probandi* cabe ao senhor, Advogado-geral", disse o Sargento.

"Reconhecemos isso, mas o caso em questão não deixa de ser menos complicado. Para evitar uma ação de litígio e gastos, e para garantir por meio de um acordo que a fortuna fique nas mãos do dono de direito, propomos que

os passos seguintes sejam dados no sentido de aproximar esses dois jovens. A dama, que neste momento chamarei de condessa, a mãe da moça que espero que o jovem lorde venha tomar como a sua condessa, ainda não está a par desta proposta de acordo.

"Espero que não", disse o Sargento.

"O amigo parece um pouco irritado", disse Sir William, rindo. "Acredito que os senhores vão discutir o assunto juntos – e seja lá qual for o conselho que acharem melhor oferecer à mãe, tenho certeza de que se sentirão no dever de fazer com que a proposta de acordo chegue a ela. Vejo-me na obrigação de ressaltar que se a jovem dama aceitar o pedido de casamento do jovem lorde estaremos todos no mesmo barco, no que diz respeito ao reconhecimento do título da mãe e à alegação da viúva de direito à fortuna deixada pelo seu falecido marido".

E assim o Advogado-geral colocou a sua proposta e a reunião terminou com uma promessa de que Mr. Goffe enviaria uma resposta a Mr. Flick. Mas o Sargento já tinha formado a sua opinião contra o acordo. Ele ansiava pelo perigo, a poeira e a batalha. Sem sombra de dúvida, era fiel aos interesses das suas clientes – sua intenção era ser verdadeiramente fiel, mas o gosto pessoal pela briga prevaleceu e ele foi claro quanto à necessidade de seguir em frente.

"Eles sabem que estão acabados", disse para Mr. Goffe. "O Advogado-geral sabe tanto quanto eu que não tem provas suficientes para sustentar o caso". E assim, Mr. Goffe escreveu a seguinte carta para os advogados do *Norton andFlick*:

Raymond's Buildings, Gray's Inn,
1 de julho de 1983.

Prezados senhores, Norton e Flick,

Em referência à reunião que ocorreu no gabinete do Advogado-geral, no dia vinte e sete último, gostaríamos de informar que não estamos dispostos, como representantes das nossas clientes, a condessa Lovel e sua filha lady Anna Lovel, a concordar com a proposta apresentada. Além de estarmos confiantes quanto ao sucesso das nossas clientes – que certamente foi reforçado pelo que escutamos na ocasião – acreditamos que não temos o direito de interferir, sugerindo o casamento dos jovens que ainda nem tiveram a oportunidade de se conhecerem. Caso o conde Lovel venha pedir a mão da sua prima, lady Anna, e se case com ela com o consentimento da

condessa, ficaremos imensamente satisfeitos com tal arranjo em família, mas não acreditamos que nós, como advogados, ou, se nos permite dizer, que os senhores como advogados, tenham nada a ver com tal assunto.

Sinceramente,

Goffe e Goffe".

"Bobagem!", disse Sir William, assim que acabou de ler a carta. "Não vamos fazer nada disso. Era de se imaginar que o Sargento, que tem o caso nas mãos, seria um péssimo intermediário para uma história de amor…

"Ainda não se trata de amor, meu caro Advogado", apontou Mr. Flick.

"Eu quis dizer de um possível amor, mas não vou me deixar abater pelo Sargento Bluestone. Precisamos tentar acessar a senhora por outros meios. Escreva para aquele alfaiate de Keswick e diga que quero falar com ele".

"Será que podemos fazer isso, Sir William?"

"Eu apoiarei a negociata, Mr. Flick".

Mr. Flick escreveu para Thomas Thwaite e ele veio até Londres e compareceu ao gabinete de Mr. Flick.

Thomas Thwaite ficou muito contente quando recebeu a missão. A injustiça teria um fim, pelo menos a que ele vinha sofrendo. Mas, mesmo assim, uma sensação de decepção que ele não conseguia entender abateu seu coração. Se a garota se casasse com o conde Lovel seria o fim dos seus serviços e do seu filho também. Como o leitor deve lembrar, ele tinha dito ao filho que fosse procurar o amor em outro lugar. Assim como dissera a si mesmo várias vezes, que quando a condessa fosse reconhecida, a amizade deles chegaria ao fim – e que não poderia haver nada em comum entre ele, o alfaiate Radical de Keswick e uma condessa de verdade. A condessa, apesar de ainda não ter sido reconhecida de fato, já tinha pedido para que seu filho fosse instruído a parar de se dirigir a filha dela pelo nome de batismo apenas. O velho Thwaite ao ser abordado sobre esta diferença de posição que existia entre eles, apesar de ter reconhecido que era verdadeira, sentiu-se amargamente ofendido e agora tinha chegado o momento. Claro que a condessa iria agarrar a oferta. Claro que isto poderia lhe dar tudo aquilo pelo qual ela ansiava e muito mais do que esperava. Ao alinhar seus sentimentos com a oportunidade, ele pouco pensou na moça. Por que ela não iria gostar do arranjo? Sobre o jovem conde ele só tinha ouvido falar que era um rapaz bonito, modesto e gentil; que só desejava a fortuna para se tornar mais um entre os mais populares da juventude de ouro da Inglaterra. Por que a garota não ficaria feliz com a perspectiva de

conquistar um marido como aquele? Certamente o desejo de arrumar um marido já estava em seu coração, fosse ela lady Anna Lovel, ou simplesmente Anna Murray. E que casamento seria mais auspicioso do que esse? Com este sentimento e sem pensar muito, o alfaiate disse que faria o que lhe estava sendo pedido.

"Mandamos chamá-lo porque sabemos que é um velho amigo", disse Mr. Flick, que não aprovava muito o emissário escolhido por Sir William.

"Farei o possível, senhor", disse Mr. Thwaite, com uma cortesia. Thomas Thwaite saiu andando pelas ruas sozinho, determinado a cumprir com a nova missão que lhe fora incumbida sem dizer nada ao filho.

CAPÍTULO VIII

IMPOSSÍVEL!

"Eles mandaram me chamar, lady Lovel, e me pediram para perguntar se Vossa Senhoria consentiria no casamento entre os dois jovens primos". Foi assim que o alfaiate repetiu pela segunda vez a mensagem que lhe tinha sido confiada, mostrando o rancor e o orgulho que estavam a serviço do seu coração, ao repetir os títulos com os quais ele se referiu à sua velha amiga.

"Eles querem que Anna se case com o jovem lorde!"

"Sim, milady. É isso mesmo".

"E o que será de mim?"

"Apenas a condessa Lovel – com direito a um terço da fortuna. Suponho que seja um terço, mas pode estar certa de que os advogados vão acertar tudo direitinho. Uma vez que a sua filha será uma deles, eles não vão poupar honras à senhora. Todos irão jurar que o casamento foi válido. Eles já sabem, por isso estão propondo este acordo. Vossa Senhoria não terá que temer mais nada, pois todos irão reconhecê-la como a condessa Lovel. Creio que eu não terei mais que vir a Londres".

"Oh, meu amigo!"

A exclamação brotou da necessidade de dizer algo para aplacar o orgulho ferido do alfaiate, mas no fundo ela só conseguia pensar no desfecho daquilo pelo qual passara tantos anos lutando. Será que iria conseguir mesmo? Seria possível que agora, finalmente, todas as pessoas iriam tratá-la como condessa Lovel e reconheceriam sua filha como lady Anna – até que ela também virasse uma condessa? Sobre o jovem lorde, ela só tinha ouvido coisas boas e nesse sentido não havia o que temer, ainda que fosse uma pessoa temerosa por natureza. Mas ela era uma mulher ousada e ambiciosa e, apesar de tudo que sofreu, não tinha perdido as esperanças. Ainda tinha muita ambição e não se deixaria levar por escrúpulos femininos. Lutara a vida toda para que ela e sua filha fossem aceitas na aristocracia do seu país. Era uma mãe tão amorosa e devotada que em todas as suas batalhas sempre pensou mais na filha do que em si mesma. E teria concordado em continuar a batalha na pobreza até seu último suspiro se fosse para garantir o sucesso da filha. Mas não era do tipo

de mulher de se abalar com a ideia de entregar a filha em casamento para um estranho, principalmente quando o tal estranho era alguém como o jovem conde Lovel. Ela tinha sido uma condessa, mas uma condessa miserável, não reconhecida e assolada pela pobreza por mais da metade da sua vida. Este casamento faria da sua filha uma condessa próspera, aceita por todos e muito rica. Que final melhor poderia ter a sua longa luta? Claro que ela iria aceitar.

"Não sei por que eles se deram ao trabalho de mandarem me chamar", disse o alfaiate.

"Porque você é o melhor amigo que tenho neste mundo. Em quem mais eu poderia confiar tanto quanto confio no senhor? O conde está de acordo?"

"Isso não me disseram, milady".

"Eles não o teriam enviado se ele não tivesse concordado. Não acha, Mr. Thwaite?"

"Não entendo muito dessas coisas, milady".

"O senhor contou para o Daniel?"

"Não, milady".

"Oh, Mr. Thwaite, não fale assim comigo. Soa como se estivesse me abandonando".

"Não haverá motivos para não abandoná-la, agora. A senhora terá amigos mais qualificados do que este velho Thomas Thwaite. E, para dizer a verdade, agora que a questão está chegando ao fim estou ficando cansado disso. Não sou mais tão jovem quanto era e será melhor se eu puder ficar em casa cuidando dos meus negócios".

"Espero que possa se aposentar, Mr. Thwaite".

"Não, milady. Um homem nunca deve abandonar seus negócios. Espero que Daniel se saia melhor do que o pai, para que seu filho nunca tenha de ser empregado de outro homem".

"O senhor está falando de um jeito amargo comigo".

"Não foi a intenção. Sou rude por natureza, eu sei, e talvez, no presente momento, eu esteja um pouco abatido e um pouco triste com a separação de velhos amigos".

"Velhos amigos não precisam se separar, Mr. Thwaite".

"Quando Vossa Senhoria me contou sobre a maneira inadequada com a qual meu filho estava se dirigindo à lady Anna, eu soube que era assim que deveria ser. Sua Senhoria estava certa. No futuro não terá mais lugar para uma amizade entre lady Lovel e um ajudante de alfaiate. Eu estava errado desde o começo".

"Oh, Mr. Thwaite! Sem tal engano onde teríamos chegado?"

“Não tem cabimento a amizade entre pessoas como vocês e nós. Lordes e ladies, condes e condessas, são nossos inimigos e nós deles. Podemos até fazer suas roupas e aceitar o dinheiro deles como pagamento, suportá-los igual os judeus suportam os cristãos, mas não podemos comer e nem beber com eles”.

“Quantas vezes comi e bebi na sua mesa, quando nenhuma outra mesa me foi oferecida?”

“Vossa Senhoria era uma judia quase como nós. Agora não podemos mais ficar ombro a ombro e braço a braço como amigos”.

“Quantas vezes a minha filha repousou em seus braços quando era um bebê e acalmou-se mais do que nos braços da própria mãe?”

“Tudo isso passou. Outros braços vão se abrir para recebê-la”. Enquanto dizia estas palavras o alfaiate se recordava de como seu filho costumava levar a menininha para passear aos pés da montanha, e como os dois costumavam vagar juntos pelas longas tardes de verão; e concluiu que as lembranças daqueles dias certamente deviam estar ainda mais vividas no coração do seu filho do que no seu. Uma sombra da dor que iria acometer o rapaz recaiu, então, sobre o pai e quase o fez se arrepender do que tinha acabado de fazer. “Alfaiates devem casar-se com iguais”, disse ele, “e lordes e ladies devem casar-se entre eles”.

A condessa também foi acometida por um sentimento semelhante. Se não fosse pelo filho, o pai, depois de tudo que ele tinha feito por elas, poderia continuar próximo e querido como sempre. Ele poderia até continuar chamando lady Anna pelo seu nome de batismo, pelo menos enquanto ela não se casasse com o conde. Mas, apesar de ser profundamente doloroso romper esta amizade, era absolutamente necessário por conta do filho.

“Ah, bem”, disse ela; “é difícil esperar que tantas coisas tortas sejam acertadas sem muita dor. Se soubesse, Mr. Thwaite, o quão pouco anseio por mim!”

“É por saber disso que estou aqui”.

“Isto será bom para ela, não será, casar-se com o primo?”

“Se ele for um homem bom. Nem sempre uma mulher é feliz só porque casou-se com um conde”.

“Quantas palavras duras, Mr. Thwaite! Mas esse jovem é bom. O senhor mesmo falou que ouviu dizer isso”.

“Não ouvi nada contrário, milady”.

“O que devo fazer?”

“Explique tudo para lady Anna. Acho que isto ficará claro”.

“O senhor acha que ela vai aceitar tão fácil assim?”

“Por que não aceitaria? Sem dúvida ela terá alguns escrúpulos de moça. Que moça não os tem? Mas no fim vai ficar feliz com tal desfecho para todos seus problemas. Que moça não ficaria? Permita que eles se conheçam o quanto antes e acabe logo com isso. Quando ele colocar a aliança no dedo dela, a senhora terá vencido a sua batalha”.

O alfaiate achou que sua missão estava cumprida e que assim podia ir embora. Ficou acertado que no caso da condessa concordar com a proposta de casamento, ele procuraria por Mr. Flick para dar a resposta. Caso contrário, um bilhete curto seria o suficiente. Se fosse o caso, o Advogado-geral iria incentivar o jovem lorde a cuidar dos arranjos necessários para se encontrar com a condessa e sua filha. O alfaiate sugeriu à mãe que contasse para lady Anna sobre a proposta o quanto antes, mas a condessa sentiu que deveria dizer algo mais antes que seu velho amigo se fosse.

“Pretende retornar imediatamente para Keswick, Mr. Thwaite?”

“Amanhã de manhã, milady”.

“Talvez seja melhor não contar nada sobre isso ao seu filho, por enquanto.”

“Claro, milady. Não vou contar nada ao meu filho sobre isso, por enquanto. Meu filho é determinado e orgulhoso, mas tem um bom coração. Se tiver algo contra este casamento, é muito provável que verbalize”. Então o alfaiate se foi sem nem mesmo trocar um aperto de mão com a condessa.

A mulher permaneceu sozinha pelas duas horas seguintes, pensando em tudo que tinha acontecido. Um tipo de amizade brotara nos últimos dias entre Mrs. Bluestone, as duas Misses Bluestone e lady Anna, mais por conta da situação de penúria da jovem lady do que por algum tipo de afinidade. Mrs. Bluestone era gentil e maternal. Suas filhas delicadas e boas. O pai era como um deus no seu lar – como deveria ser, é claro – e era venerado em todos os sentidos. Para a maioria das pessoas, o grande Sargento Bluestone, era um advogado cheio de energia, sanguíneo, parlapatão e troante, que não chegava a ser exatamente odiado por todos, apesar de ser tão grandalhão e barulhento. Mas em casa, o Sargento Bluestone era todos os juízes em um só. Apesar disso, era um homem de coração bom e mandou a esposa e as filhas fazerem uma visita à condessa. A desconsolada lady Anna, que não tinha amigas, adorou as companhias das Misses Bluestone, e naquela ocasião encontrava-se na casa do Sargento, na Bedford Square. Mrs. Bluestone costumava comentar sobre as maldades e os direitos da condessa Lovel e as Misses Bluestones tinham o

caso na ponta da língua. Duvidar que o Sargento fosse ganhar, ou duvidar que o sucesso da condessa e sua filha pudessem estar atrelados a outra fonte que não a eloquência e ao zelo do Sargento, seria o mesmo que cometer uma heresia na Bedford Square. A possibilidade de que o jovem Jack Bluestone, que se encontrava em Brasenose, viesse casar-se com lady Anna, tinha passado apenas na cabeça da sua mãe.

Lady Anna estava fora com suas amigas enquanto a condessa ponderava sobre as novas esperanças que tinham aberto. A princípio, não conseguia parar de pensar na posição que iria ocupar depois que a filha se casasse e fosse levada para longe do seu convívio. O jovem conde certamente não iria querer a sogra por perto – uma sogra que passara os melhores anos da sua vida na companhia de um alfaiate. E a filha, que ainda era muito jovem para começar uma nova vida em uma nova esfera social, não iria querer mais a ajuda da mãe. Quanto a sua situação, a condessa tinha consciência de que a vida que levara por tanto tempo, e a luta agonizante que acabara sendo forçada a abraçar, a incapacitara de se adequar ao luxo da vida aristocrática, próspera, feliz e sorridente. Quando aquela xícara se esvaziasse não iria restar mais nada. Ela teria a posição, é claro – e dinheiro suficiente para sustentá-la. Ninguém mais poderia prejudicá-la financeiramente. O marido da sua filha sem dúvida iria providenciar uma casa adequada, com todos os apanágios e parafernálias dignos de uma condessa viúva. Mas quem iria lhe fazer companhia, quem seriam seus amigos? Mesmo agora as duas Misses Bluestone eram mais amigas da sua filha do que dela. Quando estivesse estabelecida no seu novo lar luxuoso, com criados chamando-a de milady, sem ninguém para contradizer seus direitos, ela não poderia mais ficar até tarde da noite conversando com seu amigo, o alfaiate. Para ela talvez fosse melhor que a luta continuasse.

Mas a luta não tinha sido por ela, mas sim pela sua filha, e a vitória da sua filha seria conquistada pela sua própria perseverança. Ela dedicara a vida à conquista dos direitos da filha e assim deveria ser até o fim. Seu maior desejo era que o mundo reconhecesse o título dela e agora ele seria reconhecido. Ela não iria se tornar apenas a condessa Lovel por intermédio do casamento, mas também o sobrenome assumido por ela e que fora motivo de chacota para muitos, e contrário à crença de quase todos, agora seria provado que era seu de fato, assim como o título. E então, finalmente, todos iriam saber que ela, a mãe sofrida e enganada, tinha ido para a casa daquele homem cruel, não como a sua amante, mas como a sua verdadeira esposa!

Nem passou pela sua cabeça que a sua filha pudesse não concordar. Ela não fazia a menor ideia de que o coração da moça tinha sido tocado pelo jovem alfaiate. Ignorava tudo sobre os jovens apaixonados e o amor deles e, apesar das reversas que tinha com relação a Daniel Thwaite, nunca chegou a suspeitar de tal perigo. Para ela, a intimidade entre os dois não era certa, nada mais. Esperava que a sua filha fosse ambiciosa como ela, portanto, iria ficar muito satisfeita com um desfecho tão perfeito. Ela mesma pregara e praticara a ambição por toda a sua vida. Foi por necessidade que teve de pensar mais do que em qualquer outra coisa no seu direito a um nome nobre. Era natural que acreditasse que a filha compartilhasse do mesmo sentimento.

Finalmente, lady Anna chegou.

"Elas queriam que eu ficasse para o jantar, *maman*, mas eu não quis deixá-la sozinha".

"Preciso me acostumar a isso, minha querida".

"Por que, *maman*? Para onde quer que formos sempre estaremos juntas. Mrs. Bluestone ficou triste porque a senhora não foi. Elas são tão boas! Eu gostaria muito que a senhora tivesse ido".

"Estou melhor aqui, minha querida". Uma pausa seguiu-se. "Mas estou feliz que você tenha voltado para casa".

"Claro que eu voltaria para casa".

"Tenho algo especial para lhe dizer".

"Para mim, *maman*! O que é?"

"Acho melhor deixarmos para depois do jantar. Já está tudo pronto. Suba, tire o chapéu e lhe conto depois do jantar".

"*Maman*", disse lady Anna, assim que a criada deixou a sala, "Mr. Thwaite, o pai, esteve aqui?"

"Sim, minha querida, ele esteve aqui".

"Foi o que imaginei, pois a senhora tem alguma coisa para me dizer. É algo relacionado a ele?"

"Não a ele, Anna; apesar de ele ter sido o mensageiro. Venha e sente-se aqui, minha querida, perto de mim. Você já pensou em se casar, Anna?"

"Não, *maman*. Por que deveria?" Mas isto certamente era uma mentira! Quantas vezes ela pensou no quanto seria bom se casar com Daniel Thwaite e colocar um ponto final na luta desgastante pelo título! Mas o que a sua mãe queria dizer com aquilo? Thomas Thwaite tinha estado lá, mas era impossível que a sua mãe pudesse considerar Daniel Thwaite digno de se casar com a filha dela. "Não, *maman*. Por que deveria?"

“É algo a se pensar, minha querida”.

“Por que agora?” Ela sabia muito bem que havia algum motivo especial para sua mãe estar tocando naquele assunto.

“Depois de tudo que passamos, estamos prestes finalmente a vencer. Eles estão dispostos a nos dar tudo que temos direito, mas com uma condição”.

“Qual condição, *maman*?”

“Chegue mais perto, querida. Você não ficará triste se tiver de se casar com um homem que poderá vir a amar?”

“Não. Se eu realmente o amar”.

“Você já ouviu falar do seu primo, o jovem conde?”

“Sim, *maman*. Já ouvi falar dele”.

“Disseram que ele é tudo de bom. O que acha de tê-lo como marido?”

“Isso seria impossível, *maman*”.

“Impossível! Por quê? O que poderia ser mais oportuno? Vocês pertencem à mesma classe social. Na verdade você está num patamar mais alto, uma vez que seu pai era o conde. Em termos de dinheiro você será superior a ele. Com a relação à idade, a sua é perfeita. Por que seria impossível?”

“Oh, *maman*, é impossível!”

“Por que está dizendo isso, Anna?”

“Nunca nos vimos”.

“Bobagem! Minha criança. Por que não se conhecerem então?”

“E para completar somos inimigos”.

“Não somos mais inimigos, querida. Eles mandaram dizer que se nós – você e eu – concordarmos com o casamento, eles também concordam. É a vontade deles e partiu deles. Não pode haver um final melhor para este processo cansativo. É correto que o título e o sobrenome sejam aceitos. É correto que a fortuna que seu pai deixou seja usada para apoiar a família dele. Você será a condessa Lovel e tudo nos será concedido. Não existe melhor saída para nos tirar das nossas dificuldades”. Lady Anna ficou olhando para a mãe pasmada, mas não disse nada. “Você não precisa ter medo do rapaz. Todos dizem que ele é o genro que toda mãe sonha em ter. Não gostaria de conhecê-lo?” Mas lady Anna só conseguia dizer que era impossível. “Por que impossível, minha querida? O que quer dizer com impossível?”

“Oh, *maman*, é impossível!”

A condessa achou por bem esperar por uma noite para voltar a tocar no assunto e consolou-se imaginando que a súbita novidade tinha deixado a filha muito perplexa.

CAPÍTULO IX

ISTO NÃO ESTÁ DE ACORDO COM A LEI

Na manhã seguinte, lady Anna amanheceu doente e não conseguiu sair da cama. Quando sua mãe foi vê-la, ela falou que estava com uma dor de cabeça insuportável e ninguém conseguiu convencê-la a se vestir.

"Está assim por causa daquilo que lhe falei ontem à noite?", perguntou a Condessa.

"Oh, *maman*, aquilo é impossível", respondeu ela.

A mãe teve a impressão de que a menção do nome do jovem lorde tinha produzido um horror tal na mente da filha que nada seria capaz de atenuar. Antes do final do dia, no entanto, a moça reconheceu que tinha, de qualquer maneira, obrigação de conhecer o primo. A condessa se deu por satisfeita com a concessão, e baseada nisso, firmou-se em seu propósito de dar continuidade ao projeto. Os advogados dos dois lados a ajudariam, pois era de interesse de todos que acontecesse tal união. Ela determinou, entretanto, que antes iria falar com Mr. Goffe, seu advogado, para explicar em termos gerais que o caso deveria prosseguir de acordo com esta nova base matrimonial.

Mas pairava uma imensa dúvida em sua mente – um medo, uma pontinha de desconfiança, do que ela deixou escapar sem querer para Thomas Thwaite quando perguntou se ele tinha comentado algo com seu filho sobre a proposta de casamento. Ele entendeu o que estava passando pela cabeça dela quando o fez prometer que não iria contar nada para Daniel Thwaite por enquanto. Mas mesmo assim ela seguiu dizendo para si mesma, repetidas vezes, que não era possível que a sua filha fosse tão fraca, tão fútil, tão tola, tão má! Não era possível que depois de todas as suas lutas – quando o sucesso, o sucesso perfeito, finalmente se colocara ao seu alcance, quando tudo que tinha sido feito e muito bem feito, quando a grande recompensa estava prestes a tocar seus lábios como uma maré cheia – justamente no momento da vitória tudo fosse colocado a perder por causa da fraqueza da uma mocinha tola! Seria possível que a sua filha – a filha de alguém que passou a vida lutando pela posição que era sua de direito – iria estragar tudo ao preferir um ajudante de alfaiate em vez de um jovem nobre da alta sociedade, pertencente a uma linhagem tradicional, que ao se casar com ela iria torná-la rica o suficiente

para enaltecer ainda mais a posição da família diante da sociedade? Que houvesse uma ou duas demonstrações de timidez de moça, a condessa podia entender, mas a coisa vinha repetindo-se com uma veemência além dos limites da timidez. E agora a moça dizia estar doente de cama, e quando o assunto era abordado, ela só chorava, e repetia aquela mesma palavra que usara para expressar seu repúdio ao casamento.

Até então ela não era assim. Com seu jeitinho calado, compartilhava das mesmas aspirações da mãe, sempre solidarizando com seus sofrimentos. E fora dócil durante todo este tempo, comportando-se com obediência em consideração à delicada situação da sua mãe. Sempre teve consciência das maldades às quais sua mãe fora submetida e em todos os aspectos sempre foi uma filha amorosa. Mas agora insistia que não poderia fazer a única coisa que faltava para completar o triunfo delas e não dava nenhuma justificativa para tal. Depois de muito ponderar sobre tudo que estava acontecendo, a condessa jurou para si mesma que preferia arrancar de seu peito todo o sentimento maternal do que ser vencida pela própria filha. Sua filha iria descobrir que ela poderia ser dura e severa quando contrariada. O que poderia ser pior para ela do que se a sua filha, lady Anna Lovel, a herdeira e única filha legítima do falecido conde Lovel, viesse a casar-se com um alfaiate?

E então, mais uma vez, ela disse a si mesma que não existia motivo para alarme. O comportamento da filha sempre fora contido. Ela nunca foi de fazer amizade fácil, ou propensa a conhecer homens, o que todos chamam de flertar. Possivelmente a ausência de tal propensão – o próprio fato de até então não ter sido apresentada à sociedade – tinha produzido aquele sentimento que beirava o pavor que ela havia expressado. Mas, ao menos, ela tinha dito que iria conhecer o rapaz e a condessa, por conta disso, tratou de ir falar com Mr. Goffe no gabinete dele e expôs ao cavalheiro seu desejo de colocar um ponto final à disputa, dando a mão da sua filha em casamento para o jovem conde. Mr. Goffe, que estava presente na reunião dos advogados, na hora entendeu tudo. A abertura partira do outro lado para a sua cliente.

"Claro, milady!", disse Mr. Goffe.

"O senhor acha que o acordo será bom?"

No fundo, Mr. Goffe achava que seria um ótimo acordo, mas não poderia expressar tal opinião. O Sargento Bluestone achava que a luta deveria continuar e Mr. Goffe não estava preparado para separar-se do seu consultor jurídico. Ainda mais depois do que o Sargento Bluestone tinha dito, com grande veemência argumentativa, após a reunião: "E se concordarmos com

isso e o casamento não acontecer? O tribunal não pode concordar com um casamento. O tribunal deve conceder a fortuna a quem tem o direito de fato. Eles dizem que podem provar que o casamento não foi um casamento de verdade. Que façam isso, do contrário que retirem a alegação. Suponhamos que a italiana resolva apresentar-se como a viúva, o que será da posição da minha cliente e do seu título como condessa viúva, e a sua reivindicação pelo direito ao patrimônio do seu marido? Nunca ouvi falar de nada mais irregular em toda a minha vida. Isto parece coisa do Patterson, que sempre acha que pode burlar as leis de acordo com seus interesses". Isto foi o que Sargento Bluestone dissera aos advogados que estavam atuando junto dele. Portanto, Mr. Goffe, apesar de acreditar que o casamento fosse a melhor saída, não pôde discordar do Sargento.

Sem dúvida ainda surgiriam outras dificuldades, mesmo que o jovem conde e lady Anna Lovel concordasse em se casarem. Mr. Goffe, na ocasião, pouco falou à condessa e ela se foi com a sensação de que um balde de água fria tinha sido jogado sobre o plano. Mas ela não iria deixar-se abalar por isso. O casamento iria acontecer sem o consentimento dos advogados e a condessa ficaria satisfeita, uma vez que, caso o casamento se concretizasse, o dinheiro e os títulos seriam conquistados de acordo com o seu desejo. Ela já estava começando a confiar mais no Advogado-geral do que em Mr. Goffe ou no Sargento Bluestone.

Mas o Sargento Bluestone não era do tipo de aguentar as coisas calado. Ele ficou sabendo naquele mesmo dia, através de Mr. Goffe, do que tinha sido dito, e expressou seu descontentamento com estardalhaço. Nenhum outro homem do meio profissional, exceto Patterson, teria sido capaz de fazer aquilo! O advogado do outro lado – provavelmente o próprio Patterson em pessoa – tinha estado com a sua cliente, aconselhando-a depois que o próprio conselheiro dela tinha decidido que tal conselho não deveria ser dado! Ele iria marcar um horário com o Procurador-geral, e perguntar o que ele achava daquilo tudo! Corria nos círculos legais, um boato de que o Procurador-geral e o Advogado-geral não eram melhores amigos: e que o último costumava referir-se ao primeiro como velho calculista, e o primeiro costumava dizer que o último teria dado um ótimo filósofo, mas não um advogado. E deste modo o caso tornou-se alvo de comentários no meio profissional e as opiniões dividiram-se quanto à atitude do Advogado-geral.

Mas uma coisa era certa: ninguém poderia ter a posse dos bens até que o tribunal tivesse decidido a quem eles pertenciam. Se o conde retirasse a sua

alegação, a viúva seria chamada para provar seu casamento – que na verdade já tinha sido provado uma vez – e o direito da sua filha legítima consequentemente seria reconhecido. Era pouco provável que a italiana fizesse alguma alegação em seu nome – e mesmo que fizesse, não havia prova suficiente para sustentar.

"Eles devem ser uns idiotas", disse o Advogado-Geral "por não perceberem que estou lutando pela batalha deles e que estou fazendo isso, pois, ao assegurar os interesses das clientes deles, estarei assegurando os interesses do meu cliente também".

Mas mesmo assim, ele ficou nervoso um ou dois dias depois e curioso para saber se o plano do casamento estava seguindo adiante. E disse ao seu cliente, lorde Lovel, que seria bom que o casamento fosse realizado antes da audiência em novembro.

"Neste caso, as coisas já terão se acertado obviamente e simplesmente retiramos a alegação. Declaramos sobre o novo casamento e afirmamos que estamos convencidos de que o antigo casamento foi legal e válido. Mas não perca tempo com namoro demorado, milorde". Nisso, o conde ainda não tinha conhecido a prima; não tinha nem decidido quando deveriam se encontrar.

"É meu dever lhe dar uma explicação, lady Lovel, como minha cliente", disse o Sargento Bluestone para a condessa "que este arranjo não vai trazer um resultado satisfatório para a senhora no sentido de reestabelecer a sua posição".

"Mas será tão bom para toda a família!"

"Quanto a isto não sei, lady Lovel. Se sua filha e o conde se gostarem, não haverá motivo na Terra para que não se casem. Mas isto é outra coisa. A sua posição não deve depender da dela".

"Mas eles vão retirar a alegação, Sargento Bluestone".

"Como pode ter certeza de que eles farão mesmo isso? Suponhamos que na última hora, lady Anna decida não se casar; será que mesmo assim eles retirariam a acusação? De forma alguma. A questão se arrastaria ainda mais e ficaria para o ano que vem. A senhora e a sua filha ficariam sem o dinheiro e ainda haveria o risco".

"Não terei de me preocupar com isso se eles estiverem casados".

"E eles arrumaram esta condessa italiana; que nunca foi uma condessa, mais do que eu. Mas agora eles estão querendo tirá-la da jogada. E se ela resolver tomar uma atitude por conta própria, o que será da senhora?"

O Sargento não estava gostando nada daquilo. Tinha a sensação de que

estava sendo dispensado, não apenas pela sua cliente, a condessa – quanto a isso ele era indiferente, pois achava que o mundo se dividia entre os advogados e os leigos, e os que não eram advogados eram como crianças, e como tal era esperado que cometessem uma bobagem atrás da outra. E como as pessoas não podiam ser obrigadas a submeterem-se aos seus advogados, obviamente, saíam fazendo bobagem. O Sargento conhecia muito bem a ignorância e a idiotice da raça humana e das mulheres em geral que lhe causavam desânimo; elas que saíssem fazendo suas bobagens. Mas neste caso a culpa era do outro advogado, que tinha interferido junto à sua cliente, e que parecia ser tão ignorante quanto aos que pertenciam àquela outra parcela do mundo. E este homem havia sido nomeado Advogado-geral – e estava acima de metade dos profissionais da lei – só por que podia discursar no Parlamento!

Mas ao final de duas semanas, o Advogado-geral começou a se inquietar quando soube que os jovens, como vinha se referindo ao casal, ainda não tinham se conhecido. Ele não gostaria que dissessem que ele abandonara seu cliente. E para completar ainda havia alguns que acreditavam que o casamento da italiana tinha acontecido de fato e que ela estava viva na época do casamento em Cumberland – apesar de a italiana que agora estava viva nunca ter sido a condessa de verdade. Mr. Hardy, no íntimo, achava que o Advogado-geral tinha cometido uma grande indiscrição.

"Não creio que temos condições de encarar um júri em hipótese alguma", disse Sir William para Mr. Hardy quando eles discutiam o assunto, aproximadamente duas semanas depois de a proposta ter sido colocada.

"Por que o conde sempre disse que a italiana era sua esposa?"

"Porque o conde era muito malvado".

"Mr. Flick não pensa assim".

"Ele pensa, sim. Mas, Mr. Flick, como todos os advogados que estão com um caso ruim em mãos, prefere não dizer coisas como essas, nem mesmo para seu consultor jurídico. Mr. Flick não gosta de abandonar um cliente, nem eu, nem o senhor. Mas neste caso não temos o direito de criar expectativas e toda a agonia que advém de falsas esperanças. A moça é herdeira do seu pai. Você acha que eu não continuaria insistindo nisso se não tivesse certeza?"

"Então diga isso ao conde e permita que a moça usufrua dos seus direitos".

"Ah! Agora me pegou. Pode ser que seja o mais justo, mas, Hardy, você não entende que apesar da minha certeza, existe uma pontinha de dúvida; que apesar de o caso ser ruim, talvez não seja ruim o bastante para abandonar?

Trata-se de um caso que pode ser resolvido com um acordo. Se um quarto, ou até mesmo um oitavo de possibilidade estiver com você, pegue esta sua parcela e siga confiante. Mas neste caso o acordo seria bom para todos nós. Quem iria querer roubar da moça o seu sobrenome nobre e a imensa herança se ela for mesmo a herdeira? Eu não, apesar de o conde ser meu cliente. E mesmo assim, que triste seria ter que dizer para aquele jovem que não lhe resta nada além de aceitar a perda de toda a riqueza que pertence a família para a qual ele nasceu para chefiar! Se conseguirmos juntar os dois, nenhum de nós sairá dessa com a consciência pesada".

Mr. Hardy reconheceu, no íntimo, que o Advogado-geral defendia muito bem seu ponto, mas ainda assim, seguiu achando que isto não estava de acordo com a lei.

CAPÍTULO X
O PRIMEIRO ENCONTRO

Lady Anna continuou acamada dias depois do pedido de sua mãe. Ela implorou para não ser examinada por um médico. Estava com dor de cabeça, nada mais. Mas era impossível casar-se com o conde Lovel. Isto ela repetia sempre que sua mãe retomava o assunto: "Nunca o vi, *maman*. Não o conheço. Tenho certeza de que isto seria impossível". Então, quando finalmente foi convencida a vestir-se, ela ainda não estava disposta a ser forçada a ir ao encontro para o qual já sabia que teria de se submeter. Finalmente acabou concordando em passar o dia na Bedford Square, para depois jantar, e ser levada de volta para casa. A condessa nesta época, depois de ter ficado sabendo que o Sargento era contra o esquema do casamento, já não confiava muito mais nele, mas mesmo assim ficou feliz que a filha saísse de casa, embora fosse para ir à casa do próprio, uma vez que depois desta visita a moça não teria mais desculpa para postergar o encontro com o primo. Afinal, não ia poder dizer que estava muito doente para conhecer o primo depois ter ido jantar com as Misses Bluestone.

Neste ínterim, muitos planos foram propostos para o encontro. O Advogado-geral, ao discutir a possibilidade com o jovem lorde, achou melhor que lady Anna fosse convidada para uma visita a Yoxham – o jovem lorde ficou satisfeito com o arranjo. Ele faria a corte obrigatória entre os seus, em uma casa onde se sentia à vontade, com muito mais naturalidade do que em Londres. Mas seu tio, que tinha a mesma opinião de Mr. Hardy sobre o assunto, ainda era contra.

"Seria melhor abrirmos mão de tudo", disse ele "a ter de chamá-la de lady Anna. O que será de nós se eles não se entenderem? Não acredito e nunca acreditarei que ela é lady Anna Lovel".

O Advogado-geral, quando ficou sabendo da objeção, balançou a cabeça, aborrecido. Como essa gente podia ser tão estúpida a ponto de não perceber que a melhor maneira de saírem desta dificuldade seria abrindo os braços para a herdeira! Se continuassem com a teimosia e o preconceito, logo tudo estaria perdido.

Então, ele arquitetou um plano para convidar a moça para ir à sua própria casa e obteve o aval da sua esposa para tal. Mas faltou-lhe coragem; ou, para

ser mais justo, a prudência prevaleceu. Ele estava muito ansioso, ávido por resolver esta grande disputa familiar de um modo que todos saíssem beneficiados, pois não tinha certeza de que todos os sentimentos relacionados à questão eram sinceros. Mas para atingir seu objetivo ele não poderia ultrapassar o limite a ponto de se prejudicar profissionalmente, caso viesse a se comprovar que estava errado em suas deduções. Por todos estes motivos o plano foi abandonado.

Não restou outra opção senão o jovem conde encarar sozinho a dificuldade e ser apresentado a moça no apartamento da Wyndham Street. Mas antes, um encontro foi marcado no gabinete de Mr. Flick entre a condessa e seu futuro genro. Afinal não havia nada de errado no conde comparecer ao escritório do seu advogado. A condessa chegou depois do conde – o que não estava de acordo com as regras e quase levou o Sargento a declarar, quando ficou sabendo, que ele não tinha mais nada a ver com o caso.

"Milorde, é um prazer conhecê-lo. Espero que possamos ser amigos", saudou a condessa.

O jovem se mostrou menos controlado e gaguejou algumas palavras com a intenção de ser educado.

"É uma pena que haja conflitos de interesses entre os senhores", apontou o advogado.

"Espero que isto não precise continuar assim", disse a condessa. "Meu coração, Lorde Lovel, anseia por unir a nossa família. Não lhe negaremos nada se o senhor não nos negar o nome que é nosso, mas que sem ele não podemos viver de maneira honrada diante da sociedade". Em seguida mais algumas palavras foram trocadas, e o conde prometeu comparecer a Wyndham Street num determinado dia e horário. Nada foi dito sobre o casamento. Nem mesmo a condessa, com toda a sua determinação e coragem, sentiu-se à vontade para pedir ao jovem que se casasse com a sua filha.

"Ela é uma mulher muito bonita", comentou o lorde com o advogado, depois que a condessa se foi.

"Sim, é mesmo".

"E parece ser uma dama".

"Parece uma dama. Ela vem de uma boa família".

"Acha mesmo possível que ela tenha sido esposa do falecido conde, Mr. Flick?"

"Quem pode ter certeza, milorde? Esta é a questão. O Advogado-geral pensa que ela pode provar seu direito e nunca ouvi falar de um caso em que

ele tenha tido um palpite errado".

"Por que não entregamos tudo para ela de uma vez por todas?"

"Eu não poderia recomendar isso, milorde. Os interesses em jogo são muito altos. Nem por um segundo, eu sugeriria ao senhor desistir".

"Não quero nada, Mr. Flick, que não me pertença".

"Justo. Talvez isto não pertença ao senhor. Nunca teremos certeza. Sem dúvida o modo mais seguro será fechando uma aliança com essa senhora. Claro que depois disso deveremos encerrar o caso, mas o acordo vai legalizar seu direito a fortuna".

O jovem conde não estava gostando nada disso. Preferia iniciar a corte depois que a moça tivesse sido reconhecida como herdeira e quando ela já não tivesse mais obrigação de aceitá-lo como marido. Mas mesmo assim, foi obrigado a ceder, pois agora era muito tarde para voltar atrás. Ficou acertado que ele deveria comparecer a WyndhamStree às doze horas do dia seguinte para ser apresentado à prima.

Ao final daquele dia a condessa sentou com a filha com o intuito de não tocar no assunto até a manhã seguinte, antes do encontro marcado, para não deixar a moça nervosa. Mas enquanto estavam juntas entre o lusco-fusco e o cair da noite, perto da janela, por onde penetrava o pesado ar da metrópole, quente, com todo o calor de um dia de julho em Londres, muitas palavras foram ditas pela condessa.

"Só dependerá de você amanhã, concretizar ou estragar tudo que tem sido feito por você desde o dia do seu nascimento".

"Oh, *maman*! Que coisa terrível de se dizer!"

"Coisas terríveis precisam ser ditas se forem verdadeiras. E este é o caso. Cabe a você decidir se venceremos ou seremos esmagadas para sempre".

"Não consigo entender isso. Por que seríamos esmagadas? Ele não iria querer casar-se comigo se esta fortuna não fosse minha. Ele não está tentando se aproximar porque me ama, *maman*".

"Você diz isso porque não entende. Acha que terei direito ao meu sobrenome caso você se recuse a casar-se com seu primo? Se pensa isso, então está redondamente enganada. A luta vai continuar e como não teremos dinheiro, certamente perderemos no final. Por que você não o amaria? Você não está apaixonada por ninguém".

"Não, *maman*", disse ela devagar.

"Então, o que mais pode querer?"

"Eu nem o conheço, *maman*".

"Mas vai conhecê-lo. Antes disso nenhuma moça deve se casar. Não é maravilhoso que seja convidada para assumir e desfrutar da posição que pertenceu à sua mãe, mas que ela nunca pôde usufruir?"

"Não me importo com posição, *maman*".

"Anna!" Ao ouvir isso, a mente da mãe foi invadida pela lembrança do jovem alfaiate. Seria possível que depois de tudo que passara ela ainda tivesse sido abatida por uma desgraça como essa?

"Eu quis dizer que não ligo para isso. Nunca teve serventia nenhuma para nós".

"Mas o título é algo que lhe pertence, para o qual você nasceu, tem de carregar, seja na alegria ou na tristeza; seja uma benção ou uma maldição. Se é seu, você não pode rejeitar. Você pode até não gostar, mas mesmo assim é obrigada a carregar. Apesar de ter sido rejeitada, mesmo assim ainda é lady Anna, a filha do conde Lovel".

"Não preciso deste título".

"Mas é assim que devem chamá-la. Este é o seu nome e você não tem como se livrar disso. É seu direito, assim como eu também tenho direito; e não afirmar isso, não lutar por isso, não ter orgulho disso, seria uma grande perda. [13]'*Noblesse oblige'*. Você já ouviu este lema e sabe o que significa. E mesmo assim seria capaz de jogar para o alto tudo pelo qual venho lutando durante toda a minha vida para conquistar por causa de uma fantasia infantil? Você já pensou na vida que tenho levado, Anna?"

"Sim, *maman*".

"Você teria coragem de me desapontar, agora que a vitória é nossa; agora que ela pode ser conquistada com a sua ajuda? Será que estou lhe pedindo muito? Se este homem fosse ruim, se fosse igual ao seu pai, um bêbado, cruel, corrupto, ou até mesmo gordo, tolo ou deformado; se tivesse escutado histórias ruins sobre a sua pessoa, que mentiu para alguma mulher, ou algo assim, eu até poderia entender. Mas não escutamos nada sobre este homem que não seja bom e agradável; um ótimo rapaz, que é querido por todos os que o conhecem. Do tipo que todas as moças da sua posição dariam tudo para conquistá-lo".

"Então deixe que ele fique com uma moça que goste dele".

"Mas ele quer você, minha querida".

"Não porque me ama. Como ele poderia me amar se nunca me viu? Como eu posso amá-lo se nunca o vi?"

"Ele deseja ficar com você porque sabe quem você é, e porque sabe que ao fazer isso irá consertar algo que tem estado errado há anos".

"É só porque ele não vai ficar com todo o dinheiro".

"Vocês dois ficariam com o dinheiro. Ele não deseja nada que não seja justo. Tudo que receber de você, ele lhe dará de volta. E não apenas para esta geração. Não acha importante que seus descendentes possam andar de cabeça erguida entre os outros nobres ingleses? Não gostaria que seu próprio filho fosse o próximo conde Lovel, com riqueza suficiente para bancar a sua dignidade?"

"Não acho que isso o faria feliz, *maman*".

"Tem algo por trás de tudo isso, Anna, mas que não consigo entender o que é. Você não era assim. Quando falei sobre estas coisas em outros tempos você não costumava mostrar indiferença".

"Na ocasião, não tinham me pedido para casar com um homem que não amo".

"Tem algo mais, Anna".

"Não, *maman*".

"Se não tiver nada então você vai aprender a amá-lo. Amanhã irá conhecê-lo e será deixada sozinha com ele. Ficarei um pouco com vocês e depois os deixarei a sós. Só lhe peço que o receba sem preconceitos. Não se esqueça do quanto depende de você e que você não é como as outras moças".

Depois disso, lady Anna teve permissão para recolher-se e chorar sozinha pela situação em que se encontrava. O problema não era apenas que ela amava Daniel Thwaite com todo seu coração –amava-o com um amor que crescera com o passar do tempo – mas também porque ela o temia. O homem tinha se tornado o seu senhor; e mesmo que tentasse, lhe faltaria coragem para mentir para o homem a quem tinha prometido seu amor.

Na manhã seguinte, lady Anna não desceu para o desjejum e a condessa ficou com medo de não conseguir convencê-la a levantar-se a tempo de receber o visitante. Mas a pobre filha estava decidida a receber a visita e não tinha intenção de escapar a isso. Às onze horas, ela começou a vestir-se lentamente e antes das doze desceu para a única sala de estar que tinham. A condessa deu uma olhada, curiosa para verificar se a filha estava bem arrumada. Algumas instruções de como se vestir tinham sido dadas: o penteado que deveria usar e a disposição das fitas. Tudo foi seguido à risca, mas havia uma determinação firme em seu semblante que causou certo temor na mãe de que pudesse assustar o conde. A mãe sabia que a filha nunca fora daquele jeito.

Pontualmente às doze, o conde foi anunciado. A condessa o recebeu com

cordialidade e elegância. Eles trocaram apertos de mãos como se já se conhecessem há muito tempo e em seguida ela o apresentou à sua filha com um sorriso gentil.

"Espero que a reconheça como uma prima distante, milorde. O sangue, como dizem, é mais grosso do que água, e, como tal, vocês dois devem ser amigos".

"Estou certo que seremos", disse o conde.

"Espero que sim, milorde", disse a moça, enquanto estendia a mão num gesto lento.

"Ouvimos falar do senhor em Cumberland", disse a condessa. "Faz tempo que não piso lá, mas nunca me esquecerei daquele lugar. Não tem um arbusto entre as montanhas que não mereça ser lembrado; sim, até no outro mundo, se é que podemos levar alguma lembrança".

"Amo as montanhas, mas a casa é muito lúgubre".

"É mesmo muito lúgubre. Se o senhor achou triste, imagine eu? Espero ter oportunidade de lhe contar algum dia tudo que lá sofri. Há coisas que nunca contei para ninguém. Ela, pobre criança, ainda é muito jovem e ingênua para ser importunada com essas histórias. Às vezes tenho a impressão de que nenhuma tragédia foi escrita, nenhuma história de terror contada, que supere tudo o que vivi durante aquele ano de casada". Então ela continuou, não contando os detalhes daquele ano terrível, mas falando de um modo geral sobre as agruras da sua vida. "Nunca imaginei, milorde, que o senhor e seus parentes pudessem questionar a minha posição. Um homem cruel me envolveu com a sua maldade de um modo que estava além das minhas forças conseguir me livrar". Todo este discurso já tinha sido planejado antes, com a intenção de conquistar a simpatia do rapaz para que, se possível, ele ficasse do seu lado.

"Espero que tudo isso já tenha sido superado", disse ele.

"Sim", respondeu ela, erguendo-se lentamente do assento. Era chegado o momento da sua tacada mais arriscada no jogo e tudo dependia do modo como iria jogar. Ela não poderia deixar os dois sozinhos, saindo abruptamente da sala, sem justificar tal atitude tão inusitada. "Sinceramente, espero que isto já tenha sido superado, tanto para nós quanto para o senhor, Lorde Lovel. Aquele homem cruel prejudicou o senhor tanto quanto a nós ao deixar esta disputa infeliz. Rezo a Deus para que o senhor e essa querida menina consigam abrir espaço no coração para confiarem um no outro, para que deste modo o senhor possa corrigir o mal causado pelo seu antecessor. Se isso acontecer, os descendentes dos Lovel que ainda estão por vir serão gratos a vocês". Dito

isso, ela deixou a sala a passos lentos.

Lady Anna até então tinha falado uma palavra apenas, e isto foi tudo. Certamente não caberia a ela se pronunciar agora. E assim, permaneceu sentada, debruçada sobre a mesa, com os olhos fixos no chão, sem ousar olhar para o homem que tinha sido trazido a sua presença como seu futuro marido. Tudo que fizera foi dar uma olhadinha de soslaio quando ele entrou na sala e então teve a oportunidade de ver que ele era loiro e bonito, e que ainda tinha aquela fisionomia de garoto no rosto que faz uma moça sentir que não tem porque temer o homem – e que o homem também tem um pouco da sua própria insegurança, e que não precisa ser tratado como alguém sábio, grandioso ou heroico. Viu também em uma olhada apenas o quanto ele era diferente de Daniel Thwaite, o homem a quem ela tinha se entregado completamente; e na hora reconheceu o charme do luxo e da aristocracia. Daniel Thwaite era moreno, tinha mãos grossas, barba escura – tinha um brilho nobre nos olhos, mas uma rudeza inata na boca que denunciava aspereza e força. Ela achou que se tivesse acontecido em outras circunstâncias até poderia ter se apaixonado pelo jovem conde. Mas nesta situação, não havia nada que pudesse fazer a não ser esperar e responder as suas perguntas da melhor maneira possível.

"Lady Anna", disse ele.

"Milorde!"

"Não seria bom que fôssemos amigos?"

"Oh! Amigos. Claro, milorde".

"Vou lhe dizer uma coisa sobre mim. Fui levado a acreditar que você e sua mãe não passavam de impostoras".

"Não somos impostoras, milorde".

"Não. Acredito nisso. Tenho certeza de que não são. Foram cometidos erros, mas a culpa não é minha. Quando menino, que opção que eu tinha senão acreditar em tudo que me diziam? Agora sei que você é e sempre foi merecedora do seu sobrenome. Se nada resultar disso, de todo modo, afirmarei esse direito. A fortuna deixada pelo seu pai, sem dúvida é sua. Seu eu pudesse, lei nenhuma iria impedir isso".

"Obrigada, milorde".

"A sua mãe disse que sofreu muito. Tenho certeza de que sofreu. Espero que tudo isso tenha sido superado. Vim aqui hoje para falar mais em benefício próprio do que qualquer outra coisa".

Uma sombra de decepção, que lembrava uma nuvem, perpassou seu coração ao ouvir isso. Mas foi bom. Ela não poderia casar-se com ele, mesmo

que ele quisesse, e agora, pelo visto, esta dificuldade tinha sido superada. Sua mãe e aqueles advogados estavam enganados, mas foi bom ele ter esclarecido as suas verdadeiras intenções sem rodeios.

"Faz muito bem, milorde".

"Não gostaria que pensasse que eu fosse capaz de vir aqui esperando que pudesse prometer o seu amor antes que eu tivesse lhe mostrado o meu amor".

"Não, milorde". Neste momento, ela não estava entendendo mais nada; se ele pretendia ou não se colocar como candidato à sua mão.

"Você, lady Anna, é a herdeira de seu pai. Eu sou seu primo, conde Lovel, o nobre mais pobre de toda a Inglaterra. Disseram que deveríamos nos casar porque você é rica e eu sou um conde".

"Foi o que me disseram também, mas isto não vai dar certo".

"Eu também não gostaria que fosse assim, mesmo que ousasse pensar que você poderia concordar com isso".

"Oh, milorde, não. Eu não poderia".

"Mas se pudesse aprender a me amar…"

"Não, milorde. Não".

"Não responda ainda, prima. E se eu jurar que a amo, que me apaixonei no primeiro momento que a vi, e que a amo, também, ciente de que você é uma herdeira muito rica…"

"Por favor, não fale disso".

"Não falemos, então. Mas se eu disser que estou apaixonado, você não acreditaria em mim?"

"Isto não seria verdade, milorde".

"Pode ser, mas sei que vou amá-la. Se me deixar tentar? Você é encantadora e ouvi dizer que é muito gentil. Acredito que seja mesmo gentil e agradável. Vai permitir que eu a ame, Anna?"

"Não, milorde".

"Mas assim, tão rápido?"

"Sim, milorde".

"Por quê? É porque ainda não nos conhecemos? Isso pode ser resolvido – se não puder ser tão rápido quanto eu esperava que fosse, então que seja lentamente e aos poucos. Tão lentamente quanto desejar, se me permitir estar ao seu lado onde estiver. Afinal, você disse que podemos ser amigos".

"Oh, sim. Espero que possamos ser amigos".

"Pelo menos amigos, pois já nascemos primos".

"Sim, milorde".

“Pode me chamar pelo meu primeiro nome. É assim que primos se tratam. E lembre-se, você não tem e nunca terá primo mais próximo do que eu. Posso ser ao menos como um irmão para você?”

“Oh, seja meu irmão!”

“Isso e muito mais. Eu gostaria de ser mais do que isso. Mas me contentarei com isso, ao menos, se tiver de ser. Antes mesmo de conhecê-la, eu sabia que não poderia ser menos do que isso para você. Se for para ser seu amigo, que seja seu melhor amigo, pois sou, apesar de pobre, o chefe da nossa família. Os Lovel deveriam no mínimo se amarem; e primos podem se amar, mesmo quando não se amem o suficiente para serem marido e mulher”.

“Eu o amarei”.

“O suficiente para ser minha esposa?”

“O suficiente para ser sua prima querida, sua irmã adorada”.

“Que seja. A menos que possa ser mais. Não lhe pedirei por mais, agora. Não espero que me dê mais, agora. Mas pense em mim e pergunte a si mesma se um dia não poderia se entregar para mim completamente”.

“Eu não ousaria, milorde”.

“Você não pode continuar chamando seu irmão de lorde. Meu nome é Frederic. Mas, Anna, querida Anna”, e nisso ele tomou a mão dela “não vou lhe pedir mais nada, agora. Mas primos, que acabaram de se conhecer, que se amam, e estarão um lado do outro para se ajudarem e socorrerem contra o mundo, com certeza podem beijar-se; assim como um irmão e uma irmã podem se beijar. Você não me negaria um beijo”. Ela ofereceu o rosto inocentemente e ele a beijou com doçura; foi um beijo que nem chegou a ser um beijo de amor. “Vou deixá-la agora”, disse ele, ainda segurando a mão dela. “Mas diga a sua mãe que ela não será mais incomodada pelos advogados do primo Frederic. Para mim, ela é a condessa Lovel e por mim será tratada com a honra devida à sua posição”. E com isso ele deixou a casa sem se despedir da condessa.

CAPÍTULO XI
É TARDE DEMAIS

A condessa decidiu que deixaria o visitante ir embora sem dizer mais nada. Seja lá qual fosse o resultado do encontro, ela sabia que não conseguiria melhorar as coisas fazendo perguntas ao jovem lorde, ou ouvindo dele a impressão que tivera. O gelo tinha sido quebrado e seu objetivo agora era dar um jeito para que sua filha fosse convidada para uma estada em Yoxham o mais rápido possível. Se os parentes dele fossem convencidos da união, como ela estava para o bem da sua filha, então provavelmente a coisa poderia se concretizar. De seu lado, ela não contava com nenhum convite, conforto imediato, tratamento carinhoso ou demonstração de intimidade familiar. Tinha aguentado o desprezo até então e estava disposta a continuar suportando, contanto que triunfasse no final. E assim, também não fez perguntas à filha, apesar de estar curiosa para saber tudo o que tinha se passado.

Se tivesse escutado cada palavra que havia sido dita ela teria certeza do sucesso. Se Daniel Thwaite também escutasse cada palavra, ele teria certeza de que a moça estava prestes a traí-lo. Mas ela acreditava que tinha sido fiel. O homem tinha sido tão gentil para com ela, tão carinhoso, tão agradável; tão amável ao oferecer seu afeto de primo, que ela não teve coragem de se virar contra ele. Aos seus olhos ele tinha se mostrado belo e nobre; quase divino. No fundo, ela sabia que não poderia casar-se com ele, que não estava à altura de ser sua esposa, pois já tinha dado sua palavra ao filho do alfaiate. Quando ele tocou suavemente seu rosto com os lábios, ela se lembrou de que se deixara beijar por aquele de quem seu nobre primo nunca seria amigo. Um sentimento de tristeza abateu-a, como se o contato com aquele jovem tivesse despertado, de repente, a noção da obrigação que a sua posição exigia. Quando sua mãe falou sobre o seu dever para com a família, ela só conseguiu pensar no carinho que ela e a mãe tinham recebido do seu amado e do pai dele. Mas quando lorde Lovel lhe disse quem ela era – como sempre seria para ele uma prima querida, que a sua mãe seria tratada como uma condessa e que receberia dele o respeito devido à sua posição – então ela compreendeu o quão inadequada seria uma união entre lady Anna Lovel e Daniel Thwaite, o ajudante de alfaiate. Até então, o rosto de Daniel parecia nobre aos seus olhos; era o rosto de um homem viril, generoso e forte. Mas depois de olhar dentro

dos olhos do jovem conde, sentir a sutileza do toque de seus lábios, ver o rubor das suas faces, o modo como era bonita a sua boca com aqueles dentes perolados, o quão nobre eram as curvas das suas narinas, sentir a maciez da sua mão e captar a doçura do seu hálito, ela imaginou como seria ser cortejada por alguém como ele.

Mas nada daquilo fê-la trair nem em pensamento. Tudo estava certo como o destino. O domínio do alfaiate sobre o seu espírito perdurava há anos. Os encantos do jovem nobre tinham mexido com seus sentidos por uma fração de segundo. Ainda que tivessem passado coisas pela sua cabeça, ela não teve coragem de trair, pois na verdade, não era falsa. Para ela, quando aquele momento iluminado aconteceu, foi como se tivesse acontecido com um jovem trabalhador, que passando distraído e assoviando pelas casas dos ricos, escuta da calçada, numa noite de verão, as melodias que escapam de uma sacada ao alto. Então uma vaga sensação de doçura desconhecida recai sobre ele, misturada a uma inveja irritante do sortudo que ouve aquele canto de sereia, enquanto ele, só lhe resta escutar com seus ouvidos intrusos da rua abaixo. E assim ele fica por ali invejando, e por um momento amaldiçoa seu destino, sem imaginar o quão cansado deve estar o jovem que está em pé, o quão falsa é a moça que canta. Mas ele nem sonha que pode mudar a sua vida, só porque teve a chance de escutar a filha de uma duquesa cantando. Foi exatamente isso que aconteceu com lady Anna. O jovem conde foi muito gentil para com ela, intensamente gentil quando lhe disse que poderia ser como um irmão, perigosamente gentil quando pediu que não lhe negasse um beijo. Mas ela sabia que não era como ele. Que tinha perdido o direito, se é que um dia tivera, de viver a vida dele, de beber na mesma xícara e repousar sobre o seu peito. E assim ela seguiu em frente, igual ao jovem que passava na rua, e se consolou com a ideia de que a força pode ser melhor do que a doçura.

Ela era uma moça honesta de coração, propensa à verdade e de uma personalidade tão forte que até mesmo a sua mãe desconhecia. Que direito tinha sua mãe de pensar que ela poderia servir como esposa desse jovem lorde, depois de tê-la criado na companhia de pequenos comerciantes em Cumberland? Ela nunca culpou a mãe, pois sabia muito bem que ela tinha feito tudo que estava ao seu alcance pelo bem dela. Mas não fosse por aquele pequeno comerciante, elas não teriam nem mesmo um teto para abrigá-las. Mesmo isto não anulava o fato. Ela era fruto do meio onde fora criada e era tarde demais para mudar isso. Sim, era tarde demais. Era verdade que os advogados viam-na como um instrumento, como uma mercadoria de luxo por

causa do seu nascimento acidental, que pudesse agora ser usada a serviço da família Lovel. Ela que fosse a esposa do lorde e tudo ficaria bem para todos. Era fácil dizer isso! Mas ela tinha um coração – que poderia ser tocado, conquistado, desprezado – e perdido. O homem que tinha sido tão bom para com elas tinha lutado pela sua recompensa e tinha ganhado. Agora não poderia ser destituído do seu direito. Se fosse desonesta para com os Lovel ela não ousaria tirar isso dele; se tivesse ousado, ela não teria sido tão desonesta consigo mesma.

"Você gostou dele?", perguntou a mãe, tempo depois do encontro, mais no finalzinho da noite.

"Ah, sim. Como alguém poderia não gostar?"

"Como! Ele é o rapaz mais fino e nobre que já conheci, e é tão parecido com os Lovel".

"Meu pai se parecia com ele?"

"Sim, no formato do rosto, na voz e no movimento dos olhos; apesar de a delicadeza da feição ter desaparecido completamente quando ele se submeteu ao treinamento do diabo. Você também se parece com ele, apesar de ser mais morena e ter algo dos Murray. Mas eu me lembro dos retratos em Lovel Grange – de cada um deles – e eles todos eram parecidos. Nunca existiu um Lovel que não tivesse aquela beleza natural. Mas você vai olhar para aqueles retratos, querida, muito mais do que eu olhei; e será feliz onde eu fui… oh, tão infeliz!"

"Nunca os verei, *maman*".

"Por que não?"

"Porque não quero vê-los".

"Mas você disse que gostou dele?"

"Sim, gostei".

"E por que não seria capaz de amá-la o suficiente para se casar com ele?"

"Não estou à altura de ser esposa dele".

"Claro que está. Não existe ninguém melhor. Você é tão bem-nascida quanto ele e possui a riqueza que ele almeja. Você a terá, se, de acordo com o que você mesma me contou, ele colocar um fim à disputa. Certamente você está à altura".

"O dinheiro não transforma ninguém, *maman*".

"Você foi criada como uma dama e é uma dama. Juro que não entendo o que está querendo dizer. Se ele pensa que você serve, e você pode vir a gostar dele, como você mesma disse, o que mais se pode querer? Não é isto o que ele

quer?”

“Não sei. Ele disse que não, e depois… acho que ele disse que queria”.

“Só por isso?”

“Não, *maman*. Não é isso; não é só por isso. É tarde demais!”

“Tarde demais! Como assim, tarde demais? Anna, você precisa me explicar o que quer dizer com isso. Por que é tarde demais?” Mas lady Anna não estava preparada para contar à sua mãe. Estava certa de que não tinha a menor intenção de dizer nada a ela sobre a promessa solene que fizera a Daniel Thwaite. Ficara acertado entre eles que nada seria dito sobre este assunto enquanto a disputa judicial não tivesse terminado. Ele jurara que para ele não fazia a menor diferença, se ela fosse reconhecida como lady Anna, a herdeira inquestionável de uma renda de milhões por ano, ou Anna Murray, a filha ilegítima da amante do falecido conde, uma moça sem um centavo e uma ninguém aos olhos do mundo. De um jeito ou de outro sem dúvida, eles iam ter de se adaptarem a um estilo de vida muito distinto. Que se sentiria rebaixado caso a fortuna ficasse com o conde, fato que ele acreditava que fosse acontecer quando fez a moça prometer que seria sua esposa, ele sabia muito bem. Mas ele faria como fez seu pai antes dele, e, não tinha dúvida de que se sairia melhor. O que seria do seu destino caso a sua esposa prometida herdasse a fortuna dos Lovel, ele não fazia a menor ideia. Como iria enfrentar e lutar contra o mundo quando fosse acusado de ter planejado ficar com toda a riqueza, Daniel não sabia. Ele sonhava distribuir a maior parte entre os Lovel e a condessa, e se mudar com a sua esposa, levando um terço da fortuna para outro país onde não teriam o desplante de chamarem a sua mulher de lady Anna, e onde ele seria um homem tão bom quanto qualquer nobre. Mas por enquanto a moça iria guardar seu segredo até que as coisas se acertassem. Nos últimos dias, ele, e quase todos, acreditavam que o impasse estava prestes a chegar ao fim. O Advogado-geral tinha jogado a toalha. Pelo menos era o que estavam dizendo. E agora corria um boato de que tudo iria acertar-se com o casamento em família. O Advogado-geral não teria jogado a toalha – era o que diziam aqueles que o conheciam bem – se não tivesse visto um motivo para tal. O Sargento Bluestone ainda estava indignado e Mr. Hardy calado e mal-humorado. Mas todos começavam a perceber que neste, assim como na maioria dos casos complicados, o Advogado-Geral misturara a inocência da pomba com a sabedoria da serpente. Enquanto isso, lady Anna não tinha a menor intenção de revelar seu segredo. Ela duvidava se um dia teria coragem de contar para a sua mãe; e certamente não iria fazê-lo tão cedo. “Por que é

tarde demais?", inqueriu a condessa, repetindo a pergunta num tom severo.

"Quero dizer que não vivi toda a minha vida como a futura esposa dele deveria ter vivido".

"Bobagem! Isto não passa de bobagem. O que tem no seu passado que possa desmerecê-la? Fomos pobres e vivemos como pobres. Mas não fizemos nada que possa nos desmerecer".

"Não, *maman*".

"Não vou escutar tamanha tolice. Você está com vergonha de mim".

"Oh, *maman*, não diga isso. Sei o quanto tem sido boa, como fez tudo pensando em mim. Por favor, não diga que tenho vergonha da senhora!" Nisso, ela se aproximou e ajoelhou aos pés da mãe.

"Não falarei, querida, mas não me atormente dizendo que não está altura dele. Não tem mais nada, querida?"

"Não, *maman*", disse ela baixinho, pausando antes de dizer alguma mentira.

"Creio que será arranjado para que você faça uma visita a Yoxham. As pessoas de lá estão começando a enxergar que temos razão e querendo nos conhecer. O conde, a quem não deveria, mas que já adoro devido a sua bondade, declarou que não vai dar prosseguimento ao processo. Mr. Goffe me contou que eles estão ansiosos para que você vá para lá. Claro que você deve ir – e irá como lady Anna Lovel, a filha do conde Lovel visitar seus primos. Mr. Goffe diz que é possível liberar algum dinheiro da fortuna. E se encontrará com o jovem conde. Se ele tiver intenção de amá-la e de ser fiel a você, então certamente estará lá. Não tenho dúvidas de que você continuará gostando dele. E lembre-se, Anna, de que mesmo que seu nome seja reconhecido, mesmo que toda a fortuna seja sua, mesmo que algum juiz diga que eu sou a condessa Lovel, o passado não pode ser esquecido em um dia; a menos que você se case com este jovem. Aquela mulher na Itália pode ser usada, se você negar o pedido dele. Mas depois que você for esposa do jovem lorde Lovel, ninguém poderá nos atingir mais. Não haverá mais volta". A condessa disse isso mais para promover o casamento do que por receio de alguma das consequências descritas. Daniel Thwaite era então o inimigo temido, e não a italiana, ou a família Lovel.

A lady Anna só restou dizer que iria para Yoxham, caso fosse convidada por Mrs. Lovel.

CAPÍTULO XII
ELES SE RENDERAM?

Todos ficaram sabendo sobre o que estava acontecendo, inclusive Daniel Thwaite. Ele era um trabalhador esforçado, meticuloso, bem-humorado, mas de pouca conversa com seus companheiros. A vida já era dura o bastante, ele não era um homem feliz, apesar das perspectivas que tornariam qualquer homem feliz. Mas no fundo, era um homem de coração bom, carinhoso, capaz de se sacrificar pela felicidade da pessoa amada. Quando ficou sabendo sobre o pedido de casamento, ele muito ponderou sobre o que seria melhor para a moça. Sim, ele a amava do fundo do seu coração e acreditava piamente que o amor era recíproco. Até então nunca tinha tido motivos para duvidar da fidelidade dela, mas sabia muito bem que ser cortejada por um conde devia ser tentador para uma moça na situação de lady Anna. Às vezes ele achava que seria melhor desistir dela e deixá-la livre para viver entre os seus pares. Mas o problema era que ele não acreditava em posição social. Pelo contrário, repudiava com todas as suas forças; e no fundo sentia que poderia ser um marido melhor e muito mais adequado para a moça do que um conde, apesar de tudo que este poderia oferecer. Até chegou a pensar em um pronome de tratamento melhor para ela, um que ainda não tivesse sido contaminado por um título vazio e uma suposta hereditariedade carregada de falsa dignidade. Quanto ao dinheiro, de todo jeito seria dela, casando ela com ele ou com o conde. E se ela o amava, assim como tinha jurado, por que ele não deveria ser fiel? Por que deveria imaginar que ela fosse preferir a amizade falsa de um lorde a uma amizade sincera de toda a vida? Se ela lhe pedisse para liberá-la do compromisso, então ele o faria, mas não antes de explicar, com toda a eloquência que conseguisse reunir, o que ela estava abandonando e o que iria ganhar no lugar do que estava perdendo. Ele era um homem calado e controlado, mas muito confiante também; e achava-se imensamente superior ao jovem conde Lovel.

Ao tomar essa decisão de abrir mão do noivado caso ela lhe pedisse, mas não sem antes expressar a sua opinião, ele ignorou as especificidades de seu próprio caráter. Existem homens que exercem um domínio natural, desde muito cedo, e só vão dar-se conta de tal poder na maturidade da vida. Existem homens que são persuasivos e autoritários, e apesar disso, usam

inconscientemente palavras que ferem, mas que para eles não parecem tão ferinas assim. Foi como esse homem que ele resolveu considerar a possibilidade de abrir mão da herdeira. Às discussões, as intrigas ou as ameaças de outros ele não daria a menor importância. A condessa que falasse o quanto quisesse sobre a sua posição, que ele nem iria dar ouvidos. Ele estava pouco ligando para aquele bando de Lovel. Se lady Anna lhe pedisse para deixá-la, o pedido seria concedido. Mas não antes que ela tivesse escutado o que ele tinha a dizer. O quão ferinas poderiam ser estas palavras, o quão poderosas seriam a ponto de impedir que a moça escolhesse seu próprio destino, ele não sabia.

Apesar de ocuparem o mesmo espaço físico, raramente ele a via, a menos quando batia à porta em algum final de tarde e trocava algumas palavras com a mãe dela em vez de com ela. Desde que Thomas Thwaite tinha partido de Londres que a condessa passara a tratar o filho com frieza. Isto não teria acontecido se pudesse ter evitado, mas ela estava começando a temê-lo, e, por conseguinte não conseguia ser cordial nem com palavras ou gestos. Ele percebeu isso e também passou a agir de modo frio e contido.

Uma vez apenas ele encontrou lady Anna sozinha, depois que seu pai partiu, e isto foi antes do encontro dela com lorde Lovel. Depois ele a encontrou na escada do prédio quando a mãe dela tinha saído para ir ao escritório do advogado.

"O que faz aqui, Daniel, numa hora dessas?", perguntou ela, retornando para o saguão com ele logo atrás.

"Eu queria vê-la e sabia que a sua mãe não estaria em casa. Não é sempre que faço algo escondido, mesmo que seja para ver a moça que amo".

"Não mesmo. Não tenho visto muito você".

"Acaso se importa com isso, lady Anna?"

"Lady Anna!"

"Fui instruído a tratá-la desta maneira".

"Não por mim, Daniel".

"Não. Não foi por você. Ainda. A sua mãe tem me tratado de um jeito muito diferente. Não é mesmo?"

"Como posso saber? O meu modo de tratá-lo não mudou".

"Não é uma questão de modos, querida, entre você e eu. Não chegamos a este ponto, eu espero. Você anseia por alguma mudança no que diz respeito a mim?"

"De forma alguma".

“Quanto ao meu amor, nada mudou. Se a sua mãe deseja tratar-me com desdém, posso suportar. Sempre achei que isto fosse acontecer algum dia”.

Não havia muito mais a dizer. Ele não fez mais nenhuma pergunta, pelo menos nenhuma que fosse difícil de responder, e nem se estendeu muito mais. Apesar de ser um homem apaixonado, era um amante terno, e, apesar de já tê-la tido em seus braços, e beijado seus lábios, ele teria paciência de esperar até que ela pudesse ser sua para sempre. Mas dois dias depois do encontro dela com lorde Lovel, ele deu um jeito de se encontrar com ela outra vez.

“Estou de volta”, disse ele “pois sabia que a sua mãe estaria fora. Eu não a incomodaria com este encontro secreto, mas é que agora tenho muitas coisas para lhe dizer. Depois que tiver dito tudo, você estará livre para partir sem dizer nada”.

“Sempre fico feliz em vê-lo, Daniel”.

“Fica mesmo, minha querida? Será mesmo verdade?”

“Claro que sim”.

“Eu seria um falso se duvidasse de você, mas não duvido. Nunca duvidarei se você disser que me ama”.

“Sei que o amo”.

“Então diga, Anna… ou devo dizer lady Anna?”

“Lady Anna, só se quiser zombar de mim”.

“Então nunca a chamarei assim, a menos que queira zombar de você. Mas me diga. É verdade que o conde Lovel veio visitá-la dia desses?”

“Ele esteve aqui há dois dias”.

“E o que veio fazer aqui?”

“Por quê?”

“Porque ele veio aqui? Você sabe tanto quanto eu que ele ainda é inimigo de vocês, e que está com um processo aberto para roubar-lhe o direito ao título e a sua fortuna. Ele veio como amigo?”

“Ah, sim! Claro que veio como amigo”.

“Mas mesmo assim não retirou a alegação dele”.

“Não. Mas ele disse que o fará, que reconhece a minha mãe como viúva do meu pai e eu como herdeira dele”.

“É muita generosidade dele”.

“Muita mesmo”.

“E ele fez isso sem nenhuma condição? Não vai querer receber nada em troca”.

“Ele não quer nada em troca”, disse ela, num tom de voz baixo, doce e

melancólico que lhe era peculiar quando ela falava consigo mesma.

"Não tente me enganar, querida. Tem uma condição; e me disseram que ele a disse, ou com certeza ainda irá dizer. De fato, não acho que um conde, um nobre, apesar de ameaçado pela pobreza, iria se render sem fazer nenhum tipo de exigência que pudesse levá-lo para outro caminho que não seja o que ele vem buscando. Anna, você sabe o que quero dizer".

"Sim, eu sei."

"Mas ele não fez nenhuma exigência".

"Isso eu não sei dizer".

"Você não sabe se ele pediu ou não a sua mão em casamento?"

"Não, não sei dizer. Não me olhe assim, Daniel. Ele veio aqui e *maman* nos deixou sozinhos... e ele foi gentil comigo. Muito gentil. E ele disse que poderia ser um primo para mim e um irmão".

"Um irmão!"

"Foi o que ele disse".

"E ele não quer ser mais do que um irmão para você?"

"Acho que ele quis dizer mais. Acho que ele quis dizer que iria tentar aprender a me amar para então se casar comigo".

"E o que você disse para isso?"

"Eu disse que não seria possível".

"E depois?"

"Depois ele disse que poderíamos ser primos; que eu não tinha nenhum primo próximo, que ele poderia ser bom e me ajudar, e que o processo não iria seguir adiante. Ah, Daniel, ele foi tão bom!"

"E isso foi tudo?"

"Ele me beijou, dizendo que primos devem se beijar?"

"Não, Anna. Primos como você e ele não devem beijar-se. Você entendeu?"

"Sim, entendi".

"Se quiser ser fiel a mim, isso não deve se repetir. Não percebe que ele só está querendo conquistá-la para casar-se com você? Ele não veio aqui com este objetivo?"

"Pode ser, Daniel".

"Eu tenho certeza, minha querida. Rendição! Vou lhe dizer o que esta rendição significa. Eles finalmente perceberam que não têm chance com a justiça, nem mesmo uma sombra de chance de alcançarem a reivindicação injusta deles. E que sem dinheiro, o dinheiro que é seu por direito, eles não podem fazer nada; que as testemunhas falsas que eles arrumaram não virão

depor a favor deles; e assim eles não têm como se sustentar. O grande advogado deles, Sir William Patterson, não ousaria apresentar-se a um tribunal com uma defesa tão fraca e fraudulenta. Finalmente os direitos da sua mãe e o seu serão reconhecidos, por isso eles pensaram em outro modo de sair lucrando. Até parece que um nobre lorde iria abrir mão de uma fortuna como esta. Convenceram o rapaz de que ele não poderá ter tudo sem um fardo e que ele deve juntar a riqueza dele com a sua. É isso, e então ele veio ter com você para pedi-la em casamento, para que assim ele possa colocar as mãos na fortuna que lhe foi usurpada".

"Daniel, não acho que ele seja assim!"

"Pois eu lhe digo que ele é assim. Não está claro como a luz do dia? Ele veio falar de amor sem nunca ter lhe visto antes. É assim que os homens amam?"

"Mas, Daniel, ele não falou nisso".

"Não creio que ele seja bobo e certamente soube como falar direitinho as coisas. Ele falou de laços de primos e irmãos, e ainda insinuou que tinha intenção de se casar com você. Não foi?"

"Na verdade, sim".

"Claro que foi. Por acaso irmãos se casam? Se não fosse pelo dinheiro, que é seu, e pelo qual ele fez a gentiliza de abrir mão, será mesmo que ele teria se aproximado de você com essa conversa de irmãos, primos e amor de mentira? Diga, milady! Será possível ser esse amor verdadeiro sem vocês nunca terem se visto antes?"

"Acho que não".

"E isto não é interesse pelo dinheiro? O fato de ele ter vindo aqui já diz tudo. Que amor é este que não necessita de um conhecimento prévio para arder com tanta intensidade? Sem dúvida ele deve ser um rapaz bem apessoado e divertido".

"Quanto ao divertido não sei, mas ele é bonito".

"Já é o suficiente, minha menina. Tem mãos macias, cabelos cacheados, é perfumado, de tez bonita e coração falso. Nunca vi o rapaz, mas tenho certeza de que seu coração é falso".

"Não acho que ele seja falso".

"Não é falso! Apesar de ter vindo aqui pedir a sua mão em casamento, depois de ter descoberto que você, a herdeira de direito, vai ficar com toda a fortuna que ele tem tentado em vão roubar de você! Isto não é falsidade?"

"Ele não está errado por querer preservar a glória da família".

“A glória da família. Sim, a fama do falecido lorde, que viveu como se fosse um enviado do inferno para devastar a humanidade. A glória da família! E como ele pretende mantê-la? Nas corridas de cavalo, nos clubes de apostas, com mulheres da vida, vinhos caros, sem exercer nenhum tipo de trabalho pelo bem da humanidade e de Deus, consumindo e nunca produzindo, na vadiagem ou a serviço do diabo. Esta será a glória da família. Anna Lovel, você deve dar a ele a oportunidade de escolher”. Ele tomou então as mãos dela. “Pergunte se ele a aceitaria de mãos vazias, ou somente com toda a fortuna dos Lovel. Você tem a minha licença para perguntar”.

“E se ele disser que me aceitaria de mãos vazias, o que faço?”

“Minha menina corajosa, se a chance fosse de uma em um milhão eu ainda assim correria o risco. Mas estou dizendo isto para você, pelo seu bem, para que analise os motivos dele. Será mesmo que as intenções dele não são sórdidas e desonestas? Quanto a você, a escolha é sua”.

“Não, Daniel, não tenho mais escolha”.

“A escolha é sua. Se me disser que deseja casar-se com um lorde, que a verdade, a honestidade, o amor e todos os sentimentos decentes de uma mulher para com um homem podem ser jogados ao vento, para abrir caminho para tal ambição, não direi uma palavra contrária. Você está livre”.

“Acaso pedi que me libertasse?”

“Na verdade, não! Se tivesse, eu teria sido bem mais breve”.

“Então por que se deu ao trabalho de me dizer tudo isso?”

“Porque é minha obrigação. Como posso ficar sabendo que ele veio aqui pedir a sua mão; como posso ouvir que será colocado um ponto final ao feudo da família com um casamento feliz; como posso descobrir que você está disposta a amá-lo como primo ou irmão e não questionar nada? Existem dois homens querendo se casar com você. Um pode transformá-la em uma condessa; o outro na simples esposa de um homem honesto, e, isto é muito, muito inferior ao título ao qual você tem direito, mas que eles não permitirão que use. Se eu ainda for a sua opção, me dê a sua mão”. Claro que ela lhe deu a mão. “Que assim seja; a partir de agora não terei mais nada a temer”. Em seguida, ela contou que estava sendo acertado para que ela fosse até Yoxham para uma visita e ainda assim ele declarou que não tinha nada a temer.

Na manhã seguinte, bem cedo, ele foi ter com Mr. Goffe, o advogado, com o intuito de fazer algumas perguntas sobre a situação do processo. Mr. Goffe não gostava muito do alfaiate pai e menos ainda do filho. Mas mesmo assim não conseguia deixar de tratá-los com cordialidade, pois estava a par de tudo

que os dois tinham feito para ajudar a sua cliente. No entanto, os evitava sempre que possível e economizava nas palavras quando o assunto era dar informações. Durante esta visita, Daniel perguntou se era mesmo verdade que o outro lado tinha abandonado a alegação.

"Isto não posso dizer, Mr. Thwaite", disse Mr. Goffe.

"Pode dizer então que eles não retiraram?"

"Isso também não".

"Nada foi decidido neste sentido, achei que o senhor soubesse, Mr. Goffe?"

"Na verdade, não posso dizer. Tem algumas perguntas, Mr. Thwaite, que um profissional não pode responder, mesmo para amigos como o senhor e seu pai. Quando um acordo for feito, a condessa Lovel será informada".

"Ela deveria ser informada logo", disse Daniel Thwaite severamente, "assim como aqueles que estão envolvidos com o caso".

"Sei que a condessa deve muito ao senhor".

"Ela deve ao meu pai, que nunca irá cobrá-la, quer ela pague ou não; mas é correto que ele saiba a verdade. E não acredito que a condessa saiba, apesar de ter sido induzida a acreditar que a alegação foi retirada".

Mr. Goffe disse que sentia muito, mas realmente não tinha mais nada a dizer.

CAPÍTULO XIII
NOVOS AMIGOS

O convite para Yoxham veio logo após a visita do conde a Wydham Street. Houve uma grande discussão no presbitério quanto a quem o convite deveria ser endereçado. O conde achava que deveria ser à mãe. O pároco combatia veementemente este ponto de vista na esperança de que, apesar de ter de se dirigir à moça como lady Anna, ele poderia postergar a necessidade de reconhecer o título da mãe até que o casamento fosse definitivamente reconhecido. Mrs. Lovel acreditava que a jovem era mesmo lady Anna e que o fato deveria ser aceito. Mas tia Julia compartilhava da mesma opinião do irmão, apesar de não ter o mesmo sentimento de animosidade pelas duas mulheres.

"É de consenso geral, que a moça deve ser convidada e não a mãe", disse Miss Lovel; "e como existe a possibilidade de que as coisas não deem certo, e caso o processo prossiga, quanto menos reconhecermos melhor".

O conde declarou que o processo não iria seguir adiante e que ele iria retirar a alegação.

"Meu querido, Frederic, você não é o único interessado no caso. A lady na Itália, que ainda afirma ser a condessa Lovel, pode reabrir o processo assim que você o abandonar. Caso ela vença, você terá de entrar num acordo com ela no que diz respeito a fortuna. É assim que vejo as coisas".

A explicação de Miss Lovel foi tão clara que ganhou o dia e uma carta foi escrita por Mrs. Lovel e endereçada à lady Anna Lovel, convidando-a para passar uns dias em Yoxham. Se preferisse, ela poderia trazer a sua criada pessoal, mas caso optasse por vir sozinha poderia contar com os serviços da criada de Mrs. Lovel. A carta soou um pouco fria quando lida, mas a autora assinou: "Atenciosamente, Jane Lovel". A missiva foi endereçada à "Lady Anna Lovel, aos cuidados dos Messrs Goffe and Goffe, advogados, Raymond's Buildings, Gray's Inn".

Lady Anna teve permissão para ler primeiro; mas fê-lo na presença da mãe, a quem entregou a carta logo depois, como deveria ser. O semblante da condessa transformou-se e uma expressão de descontentamento, que beirava a raiva, surgiu em seu rosto.

"O que tem de errado, *maman*?"

"É apenas uma parte do todo. Mas isto não é nada, minha querida. Os conquistadores nem sempre conseguem ganhar tudo de uma só vez, assim como não se espera que os conquistados se rendam com graça. Mas este dia chegará. E apesar de eles me ignorarem, isto não significa nada. Nunca achei que fosse conseguir conquistar o afeto deles".

"Se eles foram rudes com você, *maman*, então não irei".

"Você deve ir, minha querida. Eles são ingênuos se pensam que podem reconhecer você e ainda assim continuarem negando meus direitos. Mas isso não é nada. Claro que você deve ir e deve ir como a filha da condessa Lovel".

A menção sobre a criada pessoal foi infeliz. Mrs. Lovel quis apenas facilitar para a moça vir sem uma criada para servi-la; tratou a prima distante do marido como as senhoras mais velhas costumam tratar as mais jovens quando a questão da criada pode tornar-se uma dificuldade. Mas a condessa, que nem pensou nisso, declarou que a filha deveria ir de acordo com a sua posição social. E assim, lady Anna, escreveu a resposta ditada pela sua mãe:

Wyndham Street, 3 de agosto de 183…

Querida Mrs. Lovel,

Fico feliz em aceitar ao seu convite para ir a Yoxham, mas não conseguirei ir antes do dia 10. Neste dia, partirei de Londres para York na carruagem postal. Seria muita gentileza se pudesse me esperar no ponto final da carruagem. Como disse não ter nenhum problema, levarei comigo a minha criada pessoal.

Cordialmente,
Anna Lovel

"Mas *maman*, não tenho uma criada", disse a moça, que nunca tinha sido assistida em toda a sua vida e que mais de uma vez tinha arrumado a cama da sua mãe e a dela depois que elas se mudaram para Londres.

"Mesmo assim deve levar uma. Você terá de fazer outras mudanças além desta; e quanto mais cedo começar, mais fácil será para se acostumar".

Depois disso, a condessa foi falar com Mr. Goffe com a intenção de levantar fundos para que sua filha pudesse apresentar-se adequadamente. Ela teria de ir, como lady Anna Lovel, hospedar-se na casa de Mrs. e Miss Lovel e dos pequenos Lovel. E ela teria de ir como a futura noiva do conde Lovel.

Para tal deveria ir devidamente vestida. Mr. Goffe colocou alguns empecilhos, como os advogados costumam fazer, mas o dinheiro necessário seria arrumado. Foi feita uma requisição aos guardiões da fortuna em nome da herdeira do falecido conde. A requisição seria redigida em conjunto pelos escritórios *Goffe and Goffe* e *Norton and Flick* e a quantia seria concedida. Mr. Goffe sugeriu que não fosse gasto muito em vestidos para a moça. A condessa sorriu ao responder:

"O senhor nem imagina, Mr. Goffe, a vida modesta que levamos. Se eu lhe dissesse que este vestido que estou usando é o único que tenho para me apresentar no seu gabinete, devidamente trajada, talvez o senhor até pense que estou me rebaixando".

Mr. Goffe ficou comovido e assinou um cheque com o valor necessário. Elas iriam ganhar e depois tudo seria mais fácil. Caso contrário, bem, ele estava correndo riscos bem maiores por outros clientes cujas causas eram bem menos interessantes do que a da condessa e de sua filha.

A condessa tinha mencionado seu próprio vestido e falara a verdade sobre isso; mas nenhum centavo do dinheiro de Mr. Goffe foi investido na compra de um novo guarda-roupa para ela. Seu único objeto era que a sua filha fosse para Yoxham vestida como a filha do conde Lovel. As coisas que foram compradas para a moça, que não era acostumada a tanta elegância, foram motivo de grande surpresa. Duas costureiras foram chamadas na Wyndham Street; pacotes da [14]*Swanand Edgar* – a *Marshall and Snellgrove* ainda não existia, ou pelo menos ainda não era a grandiosa loja de departamentos de um quarteirão inteiro – endereçados à Lady Anna Lovel, eram entregues com frequência, para certo desgosto dos vendedores, que não gostaram nada de terem de enviar mercadorias para lady Anna Lovel na Wyndham Street. Mas tudo foi pago e os pacotes enviados. Lady Anna, coitada, não sabia o que fazer com tantos pacotes e já estava perdendo a cabeça quando a criada chegou: uma jovem, tão bem-vestida que lady Anna teria invejado suas roupas nos tempos de Cumberland.

"Nem sei o que dizer para ela, *maman*", disse lady Anna.

"Dentro de dois dias você já terá se acostumado. O importante é que esteja de acordo na ocasião", disse a condessa, que ao providenciar para a filha a custosa companhia, calculou que quanto mais a moça sentisse o gostinho do luxo da vida aristocrática, menos propensa estaria a adaptar-se à simplicidade de Daniel Thwaite, o alfaiate.

A condessa colocou a filha na carruagem postal, mas antes da partida deu-

lhe um conselho: “Levante a cabeça quando estiver com eles. Isto é tudo que precisa fazer. Entre eles seu sangue será o melhor”. Lady Anna nunca conseguiu entender muito bem o significado desta teoria do sangue. “E lembre-se também de que na verdade você é a mais rica. São eles que devem lhe prestar honrarias. Claro que você será cortês e gentil, é da sua natureza, mas nem por um momento sinta-se inferior a eles”. Lady Anna, que pouco se importava com seu berço, para quem durante toda a sua vida isto tinha sido mais um fardo do que uma vantagem, só conseguia pensar na sua vida em Cumberland e no seu compromisso com o filho do alfaiate. Ela pensava nisso e na doçura indescritível do jovem conde, que estivera com ela uma vez apenas, a quem ela sabia ser inferior. “Levante a cabeça entre eles e conquiste o seu espaço”, disse a condessa.

A carruagem do presbitério estava esperando por ela na frente do ponto de parada em York e dentro estava Miss Lovel. Ficara decidido que seria melhor que a mulher mais inteligente da família fosse fazer as honras. Pois as mulheres de Yoxham estavam quase tão ansiosas quanto lady Anna. Que tipo de moça eles iriam ter de receber e tratar como lady Anna? Uma jovem que tinha sido criada na companhia de alfaiates? Com uma mãe que até bem pouco tempo era por eles tida como uma pessoa de má-fé? O jovem lorde falara maravilhas dela, dizendo que não era apenas bonita, mas feminina, recatada, uma dama em todos os aspectos. O conde, no entanto, não passava de um jovem passível de se encantar com a beleza; e talvez a garota tivesse sido esperta a ponto de enganá-lo. Tantas coisas ruins tinham sido ditas que era difícil aceitar como verdadeira uma descrição tão favorável. Miss Lovel certamente iria descobrir, durante a viagenzinha de uma hora, se tudo aquilo era verdade ou não, e por isso foi a escalada para receber a visitante. Ela não desceu da carruagem, mas enviou o criado para ajudar lady Anna Lovel.

“Minha querida”, saudou Miss Lovel “é uma satisfação vê-la. Oh, você trouxe uma criada! Não imaginamos que traria. Tem um assento atrás que ela pode ocupar”.

“*Maman* achou melhor. Espero que não tenha problema, Mrs. Lovel”.

“Permita que eu me apresente. Sou Miss Lovel, o pároco de Yoxham é meu irmão. Não tem problema nenhum ter trazido a sua criada. Podemos arrumar um lugar para ela. Suponho que ela esteja há muito com você”.

“Na verdade, não. Ela começou a trabalhar há dois dias”. E assim Miss Lovel ficou sabendo de toda a história da criada.

Lady Anna pouco falou, mas Miss Lovel explicou muitas coisas durante a

viagem. O jovem lorde não se encontrava em Yoxham. Encontrava-se na Escócia na companhia de um amigo, mas estaria de volta lá pelo dia vinte. Os dois garotos estavam em casa de férias, mas voltariam para a escola dentro de duas semanas. Minnie Lovel, a filha, tinha uma governanta. O presbitério, para um presbitério, até que era uma casa grande e conveniente. Lorde Lovel morava lá antes, mas agora não costumava passar muito tempo por lá.

"Ele achou melhor passar uma parte do outono em Lovel Grange. Suponho que já esteve em Lovel Grange?"

"Nunca".

"Ah, é mesmo? Mas você morava perto, não morava?"

"Não muito. Acho que em torno de uns 25 quilômetros de distância. Eu nasci lá, mas depois que saí ainda bebê, nunca mais voltei".

"Ah! Você nasceu lá. Claro que deve saber que agora ela pertence ao lorde Lovel. Não sei se ele gosta de lá, apesar de a paisagem ser magnífica. Mas o dono das terras precisa passar pelo menos uma parte do ano na sua propriedade. Você conheceu meu sobrinho?"

"Sim. Estivemos juntos uma vez".

"Espero que tenha gostado dele. Ele é um ótimo rapaz. É como um filho para nós. Você gosta de visitar os necessitados?"

"Nunca o fiz", confessou lady Anna.

"Oh, minha nossa!"

"Sempre fomos muito pobres; éramos um deles". Então Miss Lovel percebeu que tinha cometido uma gafe. Mas ela foi generosa o suficiente para reconhecer a simplicidade inabalável da moça e quase começou a pensar bem dela.

"Espero que aceite passear pela paróquia conosco. Será um prazer para nós. Yoxham é uma paróquia grande, com várias aldeias espalhadas e há muito o que fazer. As fábricas estão chegando até nós, aliás, já temos uma grande em YoxhamLock. Atualmente meu irmão conta com dois vigários. Chegamos, minha querida, e espero que consigamos fazê-la feliz".

Mrs. Lovel não gostou da criada e Mr. Lovel não gostou de nada.

"Isso porque ouvimos falar quando estivemos na cidade que elas literalmente não tinham nada com que viver", comentou o pároco. "Espero que não façamos papel de bobos".

Mas não havia o que fazer, e a criada, é claro, foi acolhida.

As crianças foram instruídas a dirigirem-se à prima como lady Anna, a menos que percebessem que a mãe tinha deixado de usar o título, e neste caso

eles também poderiam fazê-lo. Elas já não eram mais tão crianças a ponto de não compreenderem o modo como o pai tinha ridicularizado a reivindicação pelo título no calor das conversas e agora não entendiam direito o motivo que o levara a tal mudança. "Talvez elas sejam mesmo o que afirmam ser", disse o pároco "e, se forem, Deus me perdoe se não dermos a elas o que lhes é de direito". Depois disso, os três jovens comentaram entre eles e chegaram à conclusão de que lady Anna não era prima deles, mas 'uma impostora'. Mas assim que a conheceram a má impressão desfez-se e a moça tornou-se boa aos olhos das crianças, e estas foram muito gentis para com ela.

"[15]*Papa*", disse Minnie Lovel no segundo dia, "espero que ela seja nossa prima".

"Eu também, minha querida".

"Acho que ela é. Só pode ser, pois é tão bonita".

"Beleza não é tudo, minha pequena. Devemos amar as pessoas porque elas são boas".

"Mas eu não gostaria que todas as pessoas boas fossem nossas primas. O senhor gostaria, *papa*? A viúva Grimes é uma velhinha muito boa, mas não quero ser prima dela".

"Você não sabe o que está dizendo, meu bem".

Mas Minnie na verdade estava compreendendo tudo aquilo muito melhor do que seu pai. Antes de três ou quatro dias ela já sabia que a hóspede era uma pessoa adorável, fosse prima ou não; assim como também sabia que a recém-chegada era de boa índole e era tão educada que só podia ser uma prima. Toda a família ainda se dirigia e ela como lady Anna, mas Minnie achou que já estava na hora de derrubar o decreto.

"Acho que eu deveria chamá-la de Anna apenas, se permitir", disse ela. As duas estavam no quarto de hóspede e Minnie estava recostada ao ombro da nova amiga.

"Oh, eu adoraria. Odeio ser chamada de lady".

"Mas você é lady Anna, não é?"

"E você é Miss Mary Lovel, mas você não iria gostar que todos na casa a chamassem assim. Além do mais, tanto foi dito sobre a minha vida que isto me deixa um pouco triste. Eu gostaria que a sua mãe também parasse de me chamar de lady Anna". Ao que Minnie explicou com muito recato que ela não poderia responder pela mãe, mas que ela poderia chamar a nova amiga de Anna, quando seu pai não estivesse por perto.

Mas Minnie fez muito mais do que prometeu.

"*Maman*", disse ela no dia seguinte, "você sabia que ela odeia ser chamada de lady Anna?"

"O que a faz pensar isso?"

"Tenho certeza. Ela me contou. Todo mundo sempre falou disso desde que ela nasceu e ela disse que está cansada".

"Mas, minha querida, as pessoas devem ser tratadas pelo pronome correto. Se este é o título dela, então ela não deve odiar. Mas posso entender que as pessoas não gostem de serem chamadas por um sobrenome que talvez não seja delas".

"Eu sou Miss Mary Lovel, mas não gosto que me chamem de Miss Mary. Os criados me chamam de Miss Mary, mas se *papa* e tia Julia fizessem isso, eu iria pensar que eles estariam me dando uma bronca".

"Mas lady Anna não é filha do seu pai".

"Ela é prima dele. Ela não é prima dele, *maman*? Não acho que as pessoas deveriam chamar seus primos de lady Anna. Prometi que não vou. O primo Frederic disse que ela é prima dele. Do que ele vai chamá-la?"

"Não sei, minha querida. Até lá a teremos conhecido melhor".

Mrs. Lovel, no entanto, seguiu o exemplo da filha e daquele dia em diante a pobre garota virou Anna para todos eles, menos para o pároco. Ele até concordou, e apesar de ter tentado, seu coração não permitiu. Para ele, seria melhor que ela fosse uma impostora, apesar de ainda ser possível. Aliás, teria sido ainda melhor que ela nem tivesse nascido! Ele não dava a mínima para a beleza dela. Não percebeu o encanto da sua simplicidade e suportar a presença dela na sua casa estava sendo uma das missões mais difíceis. A riqueza dos Lovel era indispensável para o verdadeiro herdeiro da família, e pelo bem do seu sobrinho e da sua família ele foi obrigado a concordar, mas isso não queria dizer que poderia amar a intrusa. Ele ainda sonhava com o surgimento de alguma novidade que dispensasse o casamento. A moça podia até ser inocente, como tinham dito a sua esposa e a sua irmã, mas ele tinha certeza de que a mãe não passava de uma encrenqueira. Seria uma pena terem se dado ao trabalho de receber a moça para depois descobrirem que a mulher não passava de uma *pseudocondessa*! Mas como tinham parado de chamá-la de lady Anna, ele não poderia continuar; mesmo assim deu um jeito de conviver com ela sem ter de chamá-la por nenhum nome.

Nesse ínterim, a prima Anna foi visitar os pobres com Minnie e tia Julia e foi muito elogiada. Ela era meiga, feminina, muito humilde, mas mostrou uma pitadinha de bom humor quando se sentiu a vontade o suficiente para deixar

aflorar a sua alegria. E como ela desfrutou da estada. Os campos verdes e o ar muito mais agradável do que o que circulava entre as ruas apertadas de Londres; o lindo jardim do presbitério e as cerimônias religiosas na igreja, sem dúvida ela também adorou os luxos da riqueza e da casa bem arrumada. Os cálculos de sua mãe não tinham sido feitos em vão. A delicadeza, a bondade, o carisma e a graça que as pessoas que a cercavam demonstravam para com ela só aumentavam a cada dia e a cada hora. O clima agradável da sala de estar, com todos os livros e música, e o som das vozes conhecidas a conquistaram assim como os novos encantos. Nem tinham se passado dez dias ainda quando o descer para o desjejum com fitas de cetim e num vestido de musselina limpo e passado, sem nada para fazer que pudesse amassar seu traje, e depois se trocar para o jantar com sedas e enfeites, tinham tornado a vida tão bela aos seus olhos. Ela tinha a sensação de que estava vivendo entre rosas e perfumes. Não havia privações duras nesta vida, iguais àquelas que ela era obrigada a enfrentar na vida que levava ao lado da mãe. O carinho de Minnie Lovel acalmava e aquecia seu coração; e vez ou outra, quando percebia que não estava sendo observada por tia Julia, ela brincava com os meninos. Ah! Eles eram como irmãos para ela!

Mas em meio a tudo isso pairava a ameaça de alguma desgraça que estava por vir. A vida que ela estava levando não poderia ser sua. O conde iria chegar, aquele jovem Apolo, e iria pedir a sua mão em casamento. Ela sabia que não poderia casar-se com ele. Sabia muito bem que estava lá com o propósito de dar toda a sua fortuna para a família Lovel, mas que quando se recusasse a aceitar o pedido de casamento, que seria o único modo da fortuna ser passada adiante, eles iriam expulsá-la do seu lar agradável. Então ela teria de voltar para a sua outra vida e se casar com Daniel Thwaite; e este seria o fim das coisas boas para ela.

CAPÍTULO XIV
A CHEGADA DO CONDE

Quinze dias depois, os meninos retornaram para a escola e lorde Lovel chegava ao presbitério para o jantar daquela noite. A chegada causou certa comoção na casa, pois um conde é sempre um conde, e apesar de ir para a casa do seu tio, a hierarquia tinha que ser respeitada mesmo entre tios e primos. O pároco era na época muito mais rico do que o nobre, mas o nobre estava acima de todos os Lovel, e era esperado que a sua precária situação financeira fosse solucionada em breve. Todo o dinheiro dos Lovel que tinha sido investido em ações de bancos, ferrovias indianas, fundos russos, títulos governamentais e minas de carvão, seria dele; de um jeito ou de outro. O conde era um homem importante e foi solicitado à cozinheira que caprichasse o máximo possível. O maior quarto estava pronto e o pároco separou seu melhor vinho do Porto e um [16]Margaux. Naquela época, os homens costumavam beber vinho do Porto, pois o champanhe ainda não era um hábito nas casas do interior. Cabe dizer que o pároco de Yoxham não teria oferecido tudo do bom e do melhor para o chefe da família se não houvesse uma imensa fortuna envolvida na qual o jovem lorde estava prestes a pôr as mãos. Mas os Lovel nunca foram infiéis a eles mesmos, com exceção do falecido conde miserável, o pai de lady Anna.

Mas se o pároco e sua esposa estavam tão agitados com a chegada do hóspede ilustre, imagine o estado de lady Anna! Eles tinham se visto uma vez apenas e durante este encontro foram deixados a sós. Tinha surgido, ela não sabia como, durante aqueles poucos minutos, uma doçura celestial entre eles. Ele falara num tom de voz que aos seus ouvidos soou como se fosse a voz de um deus; suave e musical! Ele a acariciara, mas tinha sido uma carícia tão gentil e pura que lhe pareceu totalmente desprovida de maldade. A princípio, o gesto surpreendeu-a, mas não deu a entender que houvesse algum tipo de más intenções. Ele disse que a amava, que poderia amá-la intensamente, mas não a assustou ao dizer, apesar de ela saber que jamais iria poder retribuir a tal amor. Houve um encanto naquilo, do qual ela se permitiu sonhar; ciente de que nunca iria se esquecer do momento mais divino de toda a sua vida. Entretanto teria sido bem melhor poder lembrar daquilo se tivesse a certeza de que nunca mais voltaria a vê-lo. Só que agora ela iria vê-lo e o encanto seria renovado,

caso contrário, o sonho seria esquecido para sempre. Que fosse a última opção! Ela sabia que o encanto precisava ser desfeito.

Mas ela tinha dúvida se o encanto poderia se desfazer sem nenhum esforço de sua parte. Certamente iria desaparecer de uma vez por todas se ele agisse como os Lovel tinham agido quando da sua chegada. Ela entendia em parte que a circunstância do encontro em Londres tinha imposto uma necessidade de ser gentil e galanteador, que agora entre os seus ela poderia ser tratada de maneira distinta. Se ele realmente a amasse, se estivesse disposto a amá-la, não teria demorado tanto a vir. Mas ela ficou feliz com a ausência dele, pelo menos foi o que afirmou a si mesma, pois nunca poderia existir amor entre eles. Daniel Thwaite falara que o amor fraternal que tinha sido oferecido era falso, só podia ser falso, e que não se tratava de amor coisa nenhuma. Por acaso irmãos se casam com irmãs? Este mesmo homem já não tinha dito que desejava casar-se com ela? Além disso, não deveria acontecer outro beijo. Daniel Thwaite tinha dito isso; e ele era, não apenas o amor da sua vida, mas o seu senhor também. Esta era a regra a ser seguida. Ela seria fiel a Daniel Thwaite. Mas mesmo assim, ansiava pela chegada do lorde, como alguém que anseia pelo nascer do sol de manhã, esperando pelo astro que irá iluminar seu dia.

E chegou o dia. O pároco e sua esposa, tia Julia e Minnie; todos se juntaram no vestíbulo para recebê-lo. Anna, entretanto, foi deixada sozinha na biblioteca onde eles costumavam reunir-se antes do jantar. Já passava das sete e todos estavam prontos. Um atraso de quinze minutos podia ser perdoado em se tratando de um lorde. O conde chegou. Anna os escutou dizendo para ele subir logo ao quarto. Isso queria dizer que ela não iria vê-lo antes que ele descesse pronto para acompanhar a tia à sala de jantar. Mas em seguida houve um farfalhar no vestíbulo. Alguns beijos; um beijo estalado de Minnie no seu querido primo Fred e as boas-vindas efusivas do pároco.

"Onde está a Anna?", perguntou o lorde. Estas foram as primeiras palavras que ela escutou da parte dele. Ah! E com que nitidez. Era a mesma voz: doce, vigorosa e máscula; para ela mais doce do que toda a doçura que ela conhecia.

"Você a verá depois que se aprontar para o jantar", respondeu Mrs. Lovel, baixinho, mas audível o suficiente para a moça solitária.

"Vou vê-la antes de me trocar", disse o lorde, passando por eles e pela porta aberta da biblioteca. "Ai está você. Estou tão feliz em vê-la! Eu tinha prometido que iria à Escócia antes da data da sua visita ter sido marcada, antes mesmo de conhecê-la, e por isso não tive como escapar. Acaso pensou mal de mim porque eu não estava aqui para recebê-la?"

“De forma alguma, milorde”.

“Existem punições terríveis para quem me chama de lorde nesta casa; não é mesmo, tia Jane? Mas vejo que meu tio quer jantar”.

“Vou subir com você, Fred”, disse Minnie, que ainda não tinha soltado a mão do primo.

“Estou indo. Garanto que voltarei o mais rápido possível”.

Então ele se foi, e durante os poucos minutos que demorou para se aprontar, pouco ou quase nada foi dito na biblioteca. O pároco no fundo não ficou nada feliz com o entusiasmo que o jovem demonstrou ao cumprimentar a nova prima; mas por outro lado, por que ele não ficaria feliz quando o plano era que os dois se casassem?

“Vamos, lady Anna”, disse o pároco, oferecendo o braço para acompanhá-la até a sala de jantar; de certa forma corrigindo discretamente os modos calorosos e informais do conde. O lorde ainda se demorou um pouquinho mais com a tia na biblioteca.

“Vocês ainda continuam tratando-a com tanta cerimônia?”, perguntou ele.

“Seu tio é mais tradicional que você, Fred. As coisas não caminhavam tão rápido quando ele era jovem”.

À noite, ele se aproximou e sentou-se em um banquinho otomano duplo atrás dela. Não demorou muito ela se viu respondendo a uma porção de perguntas. Se estava feliz em Yoxham? Se tinha gostado do lugar? O que estava fazendo?

“Então você já conheceu Mrs. Grimes?”

Ela riu ao confirmar que sim, já tinha conhecido Mrs. Grimes.

“Mrs. Grimes é a leoa de Yoxham. Ela já passou por todas as desgraças e alegrias aos quais os seres humanos são submetidos. E como você e a Minnie estão se dando? A Minnie é a minha primeira ministra. Os meninos devem ter tirado você do sério!”

“Gostei muito deles! Eu nunca tinha tido contato com outros meninos, lorde Lovel.”

“Eles sabem como chamar atenção. Mas eles são bonzinhos e alegres; cuidam da mãe. Não conte ao pai deles que eu disse isso. Você achou este lugar bonito?”

“Muito bonito”.

“A região de Yoxham é mesmo muito bonita, pois tem muitas florestas por aqui. Mas essa não é a parte mais bela de Yorkshire. Estou pensando em irmos até [17]Whafedale e [18]Bolton Abbey. Você vai ver como o Wharfe é bonito.

Vamos tentar planejar este passeio. Não existe uma estalagem melhor em toda a Inglaterra do que a Devonshire arms; e não consigo pensar num lugar mais agradável. Tia Jane, o que acha de passarmos uma noite em Bolton Abbey?"

"É muito longe, Frederic".

"Umas trinta milhas. Isto não é nada em Yorkshire. Vamos dar um jeito. Podemos trocar de cavalos em York e cabemos todos numa carruagem. Meu tio, como você já deve ter percebido, é muito zeloso com seus cavalos, pois ele acha que a vadiagem, que é nociva para os jovens, é salutar para os animais. Mas vamos dar um jeito nisso; e você terá que pular o Strid". Em seguida, ele contou a história de um jovem que morreu afogado ao tentar pular o Strid; e logo emendou com outras lendas, como a da corça branca de Ruslon e os retratos dos velhos tempos da abadia pintados por [19]Landseer. Ela nunca tinha ouvido falar sobre nada daquilo, nem de tais coisas, e como era gostoso escutar todas aquelas histórias. O pároco, que ainda estava contrariado, resolveu recolher-se. Minnie foi mandada para a cama e as tias Julia e Jane faziam algum comentário vez ou outra. Ficou decidido antes do final da noite que eles iriam visitar Bolton Abbey. Claro que o sobrinho delas precisava de oportunidade para cortejar a moça a qual estava condenado a se casar. "Boa noite, minha querida", disse ele quando ela pediu licença para recolher-se.

A palavra 'querida' tinha sido dita ao seu ouvido, ela estava certa de que ninguém mais tinha escutado. Mas não teve coragem de dizer que ele não deveria ter falado daquela maneira, mas desconfiava que a palavra fosse tão ofensiva para Daniel Thwaite quanto um beijo. Era preciso encontrar um jeito de dizer para ele que ela não podia, nunca poderia, ser a sua querida.

Ela já tinha recebido duas cartas da sua mãe desde que chegara emYoxham e cada uma continha instruções claras do que deveria ser feito. Era meados de agosto e ela tinha sido incumbida de deixar as coisas se acertarem sozinhas, pois o casamento deveria ser dado como certo quando chegasse a época do julgamento em novembro. Mr. Goffe e Mr. Flick tinham se encontrado e tudo ficara acertado entre os dois grupos de advogados das duas partes. Se o conde e lady Anna entrassem num acordo favorável, ficassem noivos, e marcassem a data do casamento, então, quando o caso fosse aberto no tribunal, caberia ao Advogado-Geral declarar a intenção do lorde Lovel de não se opor às reivindicações da condessa e da sua filha, e assim caberia ao Sargento Bluestone apresentar as provas cabíveis do casamento de Cumberland e o atestado de batismo de lady Anna. Em seguida, o Advogado-geral declararia que uma aliança tinha sido feita entres os primos distantes e que deste modo

tudo estaria resolvido. Nesta parte das instruções, porém, a condessa foi incisiva, dizendo que isto tudo não poderia ser feito a menos que o casamento estivesse marcado. Mr. Flick disse com toda clareza para Mr. Goffe que eles tinham provas fortes para mostrar que, quando o conde se casou com a suposta condessa, a primeira esposa dele ainda estava viva, apesar de eles não acreditarem na mulher que dizia ser a verdadeira condessa. Mas, de todo modo, ainda que a condessa italiana estivesse viva ou morta, a filha poderia ser considerada ilegítima e o casamento considerado nulo, se esta linha de defesa fosse bem fundamentada. Por outro lado, a parte italiana não poderia fazer nada se houvesse um acordo feito por meio do casamento. Mas uma prova do pedido de casamento deveria ser apresentada no tribunal, a menos que este já tivesse ocorrido antes de novembro. Tudo isto a condessa explicou com riqueza de detalhes em suas cartas, implorando à filha que salvasse ela mesma, a sua mãe e a família.

Lady Anna respondeu a primeira missiva, ou melhor, escreveu outra em resposta; mas não disse nada sobre o seu pretendente nobre, exceto que lorde Lovel ainda não se encontrava em Yoxham. E assim guardou para si mesma os detalhes do seu dia a dia e orou para que sua querida mãe fosse feliz. A segunda carta da condessa tinha um tom severo, perguntando por que nenhuma promessa tinha sido feita ainda, nenhuma garantia dada, nenhuma alusão ao único tema que poderia interessar. Ela implorou a filha que se dispusesse a aceitar o pedido do conde. Esta carta estava em seu bolso quando o conde chegou, e ela a tirou e leu-a novamente depois que o conde sussurrou ao seu ouvido aquela palavra tão dolorosamente carinhosa.

Prometeu então a si mesma que iria responder a carta na manhã seguinte, antes do desjejum. No presbitério de Yoxham eles tomavam café às dez horas, mas ela sempre acordava antes das oito. Naquela noite, ela se deitou determinada a pensar no assunto. Seria melhor, ela acreditava, contar toda a verdade para sua mãe: que ela já estava comprometida com Daniel Thwaite e que não poderia voltar atrás com a sua palavra. Mas então ela começou construir castelos de areia; castelos que ela sabia que nunca deveriam ser erguidos nem mesmo em sonhos; neles lorde Lovel e não Daniel Thwaite era o herói, o dono e o senhor. Ela disse a si mesma que não estava sonhando com uma vida possível e sim com um paraíso inatingível. Quantos não ficariam felizes se ela pudesse permitir que aquele jovem Apollo soubesse, ainda que por meias palavras, ou com um simples olhar, que ela estava disposta a ser a sua querida. Mas isso era impossível. E ela sabia muito bem disso. Mas

mesmo assim ela podia sonhar. Esta união colocaria um fim às preocupações da sua mãe tão zelosa. Como seria bom poder receber aquela mulher sofredora na sua própria casa e lhe proporcionar a felicidade nunca usufruída! Como todos os advogados iriam enaltecê-la e dizer que ela tinha salvado da ruína uma família nobre. Uma família para quem ela não passava de uma estranha antes de ser apresentada a eles, mas que agora já estava começando a se afeiçoar. E que maravilha seria se isto fizesse esse Apolo feliz de verdade! Como ele merecia ser feliz! Daniel tinha dito que ele era sórdido, falso, mentiroso e tolo; mas Daniel não compreendia a natureza dos Lovel. Mas o que seria dela? Ela tinha entregado seu coração a Daniel Thwaite e só havia um coração para dar. Não fosse isso, como seria bom poder amar aquele jovem de cachos dourados. Existiam dois tipos de vida e agora ela tinha experimentado um pouco de cada. Daniel tinha lhe dito que esta vida boa de luxo era muito má. Mas ele não fazia ideia quando disse aquilo do quanto os Lovel faziam pelos seus vizinhos necessitados. O que havia de errado em levar uma vida pacata e bela, desfrutar de aromas suaves, sentar em poltronas macias e comer em pratos de porcelanas delicadamente pintados, contanto que para tal, ninguém fosse lesado e muitos fossem amparados. Daniel Thwaite nunca ia à igreja. Em Yoxham, eles iam todas as manhãs e duas vezes aos domingos. Ela adorou frequentar a igreja e se deixar guiar pelo caminho da caridade que todos trilhavam em Yoxham. Os assentos da igreja de Yoxham eram largos, com almofadas macias, e os lugares para ajoelhar estofados. Certamente, Daniel Thwaite não sabia de tudo. Enquanto seguia construindo seus castelos de areia, castelos tão impossíveis de serem habitados, ela acabou adormecendo antes de decidir o que iria escrever.

Mesmo assim se pôs a escrever a carta na manhã seguinte. Era preciso, mas quando sentou-se para fazer isso, a família começou a circular pela casa, ela acabou dispersando e a carta saiu assim:

Yoxham, sexta-feira.

Querida, maman*,*

Fiquei imensamente feliz ao receber a sua carta. Lorde Lovel chegou ontem, por isso ainda não tinha respondido. Todos aqui parecem gostar muito dele e ele é muito gentil com todos! Combinamos de irmos todos visitar Bolton Abbey. Vamos passar a noite em uma estalagem na região e estou certa de que vou adorar o passeio, pois eles me disseram que a região é muito bonita. Se olhar no mapa, vai ver que fica na divisa com Kendal,

próximo a York. A data ainda não foi marcada, mas acredito que seja para logo.

Ficarei muito feliz se o processo for encerrado e a seu favor, minha querida maman. Eu queria tanto que eles lhe dessem o seu título e a sua parte do dinheiro e que o restante ficasse com lorde Lovel, pois ele é o chefe da família. Isto seria muito bom e não vejo por que não poderia ser. A sua parte seria suficiente para nós duas. Não tenho nada a dizer sobre aquele assunto que abordou. Ele não disse nada e estou certa de que não dirá. Não creio que eu pudesse fazer isso; e não acho que os advogados devem esperar isso de mim. Considero muito errado da parte deles dizerem tal coisa. Somos estranhos e tenho quase certeza de que eu não poderia corresponder às expectativas dele. Não acho que as pessoas deveriam se casar por dinheiro.

Querida, maman*, peço que não fique brava comigo. Se estiver, isto vai me matar. Estou muito feliz aqui e ninguém disse nada sobre a minha partida. Será que senhora poderia perguntar ao Sargento Bluestone se algo poderia ser feito no sentido de dividir o dinheiro, e assim colocar um ponto final nisso tudo? Estou certa de que ele pode fazer isso se quiser, em conjunto com Mr. Goffe e os outros advogados.*

Querida maman*, da sua filha querida,*

Anna Lovel

Quando chegou o momento e a pena estava em sua mão, ela não teve coragem de mencionar o nome de Daniel Thwaite, apesar de saber que era preciso contar a verdade. Mas naquele momento ela se consolou, ou tentou se consolar com a lembrança de que Daniel tinha pedido para guardar segredo sobre o noivado deles.

CAPITULO XV
WHARFEDALE

Ficou definido que o passeio para Wharfedale duraria de segunda a terça e que a partida seria na segunda logo do após o desjejum. O grupo era composto por tia Jane, tia Julia, lady Anna, Minnie e Mr. Cross, um dos vigários do pároco. Este disse que não iria, com a desculpa de que não poderia ausentar-se por dois dias da sua paróquia. Para a sua esposa e irmã ele explicou que não conseguiria desfrutar do passeio na companhia de lady Anna. Segundo ele, era impossível prever o que poderia acontecer. O certo era que ele não estava disposto a abrir seu coração para lady Anna até que a data do casamento fosse marcada.

Foi solicitada uma carruagem aberta que acomodasse todos, puxada por quatro cavalos e guiada por dois condutores em trajes antiquados: chapéu branco, jaqueta azul e calção amarelo. Minnie e o vigário foram sentados em cima do compartimento de bagagem e uma criada foi no assento extra. Quartos foram reservados na estalagem e tudo foi feito a altura de um conde. O sol brilhava forte ao alto e Anna, que ainda não tinha recebido outra carta da mãe, estava determinada a se divertir. Quatro cavalos os levaram pela ponte Bolton, e, depois de almoçarem e fazerem reserva para o jantar, eles partiram para a aventura na floresta.

A primeira parada seria em Bolton Abbey, é claro. A abadia mesmo estava em ruínas, porém, uma parte preservada ainda era usada como igreja. Mas o ponto alto de Bolton Abbey é o rio que corre ao largo, com suas margens arborizadas. Talvez não exista em toda a Inglaterra paisagem mais exuberante, vegetação mais bela, águas mais límpidas e arranjos mais pitorescos moldados pela mão do homem com a ajuda da natureza. Lady Anna, que estava acostumada a paisagens bem mais rústicas na sua vidinha interiorana, ficou encantada. Nada se comparava a beleza da abadia, nada era tão lindo quanto o rio Wharfe! Será mesmo que eles iam ter de pular para a outra margem passando por entre as árvores? Lorde Lovel disse que eles iriam seguir por uma trilha pela floresta, afinal, era para isso que tinham vindo. Só assim poderiam chegar até o *Strid*, sobre o qual ele estava decidido que lady Anna teria de pular.

Mas o rio que corre abaixo da abadia é coberto por pedras, que para pés

femininos não acostumados, parecem ser muito perigosas. O Wharfe neste ponto não passa de um riacho, que pode ser transposto com um pulo ou uma passada mais larga. Existe, no entanto, uma trilha que cruza o rio, formada por umas quarenta pedras, distante uns cinquenta centímetros umas das outras, e, que, apesar de planas e aparentemente perfeitas são muito escorregadias. Mrs. Love que já conhecia o lugar foi logo dizendo que ninguém iria convencê-la a cruzar o rio. Tia Julia propôs que eles seguissem pela margem da abadia e então cruzassem o rio por uma ponte que ficava a uns oitocentos metros dali. Mas o conde estava determinado a seguir pela trilha de pedras com a prima, assim como Minnie e o vigário. Minnie, na verdade, já tinha cruzado o rio e estava de volta, enquanto o tema ainda estava sendo discutido. Tia Julia, que tinha membros fortes, assim como uma mente determinada, acabou concordando depois que o vigário prometeu que a ajudaria. Mrs. Lovel sentou para assistir a aventura; e então lorde Lovel iniciou a travessia com lady Anna, virando a cada pedra para oferecer a mão à prima.

"Oh, elas são muito assustadoras!", disse lady Anna, depois de já ter pisado em uma dúzia delas.

As águas escuras corriam rápidas sob seus pés; as pedras iam se tornando cada vez menores na sua imaginação e a distância entre uma e outra cada vez maior.

"Não olhe para a água, querida", disse o lorde "e venha rápido".

"Não consigo andar rápido. Nunca vou conseguir. Oh, Frederic!". Naquela manhã ela tinha prometido que o chamaria de Frederic mesmo que Daniel pudesse considerar errado que ela tratasse o primo pelo nome de batismo. "Isto parece perigoso, não consigo pisar naquela; está torta. Posso voltar?"

"Você não pode voltar, querida. Se cair, a água só baterá até os seus joelhos. Segure a minha mão. Venha, as outras pedras são mais planas. Você precisa continuar, ou tia Julia vai nos alcançar. Depois de duas ou três vezes, você vai pular igual uma ordenhadora. Só falta meia dúzia. Chegamos. Não é lindo?"

"Achei que nunca fosse conseguir. Não volto de jeito nenhum. Mas é lindo e sou muito grata a você por ter me trazido aqui. Podemos voltar de outro jeito?"

"Oh, sim. Mas agora vamos subir o barranco. Dê-me a sua mão". Então ele a guiou pela encosta estreita, escorregadia e traiçoeira até a margem arborizada, e assim eles acabaram ficando bem à frente de tia Julia, Minnie e o vigário.

O passeio estava muito agradável, muito lindo e muito divertido; mas ainda pairava um grande medo. O homem estava ali com ela como um pretendente; um pretendente reconhecidamente seu; mas ela não podia ter outro pretendente senão aquele que se encontrava trabalhando arduamente em Londres. Era preciso dar um jeito de dizer ao lorde que eles não poderiam ficar juntos; e, o tempo todo, ela seguiu pensando em qual seria a melhor maneira de dizer, buscando o momento mais oportuno. Mas, naquela manhã, durante o passeio ele não falou uma palavra que justificasse. Ele a chamou de nomes carinhosos, como: Anna, minha menina, priminha e coisas do tipo. E segurou a sua mão duas vezes, do mesmo jeito que segurou a mão da tia para ajudá-la nisso ou naquilo, apesar de com ela ter sido quando nem era preciso. Conversou sobre assuntos banais, como se eles precisassem ter interesses em comum. Falou sobre o seu tio e disse que apesar de serem próximos como eram, a ligação não era tão forte quanto a que estava crescendo entre eles. Ela entendeu sem compreender totalmente, com uma sensação de que o tempo todo ele estivera na verdade lhe fazendo a corte, mas mesmo assim assegurou a si mesma que ele não tinha dito nada que um primo não teria dito à sua prima. Mas as cores do outono eram vibrantes, as águas do rio agitadas, uma brisa suave descia das montanhas, e as últimas flores silvestres ainda exalavam um perfume suave no bosque. Depois de um tempo ela se esqueceu dos problemas, parou de pensar em Daniel e passou a ver o primo não como um pretendente, mas simplesmente como um amigo agradável que o destino lhe dera.

Eles seguiram sozinhos na frente, pois tia Julia, apesar ter membros e mente fortes, não conseguiu acompanhar o passo deles até o Strid. O Strid é um gargalo ou uma passagem estreita, que a correnteza abriu entre as pedras, que tem no máximo um metro e meio ou dois de largura, por onde o rio corre, mas se estreita no alto por conta de uma massa compacta de pedra que foi se desgastando com o tempo com a correnteza, até a pedra ceder por baixo, deixando uma ponte formada por várias pedras. Diz a lenda que o filho de um nobre estava caçando um veado fora da época de cheia, e que quando foi pular o riacho, acabou perdendo o equilíbrio, foi levado pela correnteza e acabou morrendo. Lorde Lovel contou a história, enquanto eles observavam o riacho inocente e então a desafiou a pular de um lado para o outro.

“Eu não seria capaz de fazer isso. Não mesmo!”, disse a moça com um tremor.

“Mas é só dar uma passada larga”, falou o conde, pulando e voltando de uma margem para outra. “É muito fácil passar de um lado para o outro, você

precisa tentar".

"Tenho certeza de que vou tropeçar. Estou enjoada só de vê-lo pulando".

"Você seria capaz de pular uma distância duas vezes maior em solo seco".

"Então deixe-me pular em um lugar seco".

"Estou certo que você consegue. Ou acha que eu lhe pediria para fazer isso se não tivesse certeza?"

"Você quer que eu vire mais uma lenda?"

"Quero deixar a tia Julia para trás, o que certamente conseguiremos".

"Não vou correr o risco de me afogar apenas para chegarmos na frente de tia Julia. Corra você sozinho e eu esperarei por tia Julia, aqui".

"Este não era o meu plano. Seja corajosa, moça, e faça o que estou dizendo".

Então ela parou na pontinha da pedra, enquanto ele estendia os braços para ampará-la. Que delícia sentir-se tão amedrontada com um protetor como aquele para garantir a sua segurança! O abismo abria-se ameaçador e a água corria ligeira e muito escura. Mas se ele tinha lhe pedido para pular, claro que ela iria pular. O que ela não teria feito por ele?

"Quase consigo tocá-la", disse ele, do outro lado, com os braços estendidos.

"Oh, Frederic, acho que eu não consigo".

"Consegue, sim. É só dar um pulinho".

"Mas é muito largo".

"Não tem nem um metro. Aposto dez xelins que tia Julia vai pular".

"Pago os dez xelins para que me deixe em paz".

"Não vou deixar. Portanto, pule logo".

Então ela se empertigou e estremeceu por um momento, olhando com um olhar de súplica para ele. Claro que ela pretendia pular. Claro que ficaria desapontada se tia Julia chegasse e interrompesse seu salto. Sim, ela iria pular para os braços dele, pois sabia que ele iria segurá-la. Naquele momento, a lembrança de Daniel Thwaite tornou-se distante como o último raio de sol do crepúsculo. Ela fechou os olhos por momento, então abriu, olhou diretamente no rosto dele e pulou. Mas quando o fez, acabou enroscando na ponta de uma pedra, e, apesar de ter conseguido pular, acabou pisando em falso ao aterrissar e com isso caiu nos braços dele. No esforço para recuperar o equilíbrio, ela saiu com um tornozelo torcido.

"Você se machucou?", perguntou ele, segurando-a próximo ao seu corpo.

"Acho que não. Quer dizer, só um pouquinho. Sou tão desastrada".

“Nunca vou me perdoar se estiver machucada”.

“Não há porque se culpar. Vou sentar um pouquinho. A culpa foi toda minha por ter sido tão estabanada. Não foi nada. Já sei o que aconteceu: torci o tornozelo”.

“Nada doe mais do que isso”.

“Está doendo um pouquinho, mas vai passar. Não foi por causa do pulo, mas torci o pé. Se continuar com esta cara triste, vou levantar-me e pular outra vez”.

“Mas estou triste, querida”.

“Oh, não fique”. A proibição pôde ser vista como epíteto de carinho, e consequentemente para apaziguar a sua consciência. Então ele se inclinou, olhando fixamente para o rostinho contorcido de dor, tomou a mão dela e beijou-a. “Oh, não”, disse ela, tentando livrar a mão delicadamente. “Tia Julia está chegando. É melhor afastar-se”. Não que estivesse preocupada com tia Julia, mas sim porque a imagem de Daniel Thwaite tinha acabado de invadir a sua mente. Logo em seguida, tia Julia, o vigário e Minnie estavam parados na pedra a alguns passos deles, do outro lado da corredeira.

“Aconteceu alguma coisa?”, perguntou Miss Lovel.

“Ela torceu o tornozelo quando pulou o Strid e agora não consegue andar. Talvez Mr. Cross não se importe de voltar até a estalagem para pedir uma carruagem. A estrada fica a menos de meio quilômetro daqui; posso carregá-la”.

“Como pôde ser tão tolo, Frederic, e permitir que ela pulasse?”, admoestou tia Julia.

“Esqueça a minha tolice. O importante agora é arrumar uma carruagem para Anna”.

O vigário saiu disparado, pulando sobre o Strid, uma vez que este era o caminho mais curto até a estalagem; e Minnie também pulou a correnteza para sentar ao lado da prima e assim oferecer algum consolo. Tia Julia foi deixada sozinha, e, passado um tempo, viu-se forçada a caminhar de volta até a ponte.

“Ela está muito machucada?”, perguntou Minnie.

“Creio que sim”, disse o lorde.

“Querida Minnie, não foi nada”, disse Anna acariciando a priminha uma vez que o destino a proibia de fazer o mesmo com o primo. “Tenho certeza de que consigo ir andando. Já estou me sentindo bem melhor. É uma daquelas coisas que passam rapidinho. Se me ajudar, Frederic, vou tentar ficar em pé”. Então ela se levantou, apoiando nele, e declarou que estava quase bem. Logo

em seguida restabeleceu-se, ainda apoiada nele.

"Vamos tentar levá-la para a estrada, Minnie, ou acha melhor esperarmos até que Mr. Cross venha nos ajudar?"

Lady Anna declarou que não precisava de ajuda, certamente não da de Mr. Cross, e que ela podia seguir muito bem, contando com o apoio de Minnie apenas. Eles esperaram sentados nas pedras por meia hora, sem falarem muito, jogando gravetos na correnteza que a última enchente tinha deixado sobre as pedras, cada um pensando no quanto estava gostoso ficar sentado ali sonhando e ouvindo o barulhinho da água. Então lady Anna foi levada até a carruagem, amparada por um braço mais forte do que o da prima Minnie.

Claro que ocorreu certo transtorno e preocupação na estalagem. Foram feitas massagens com unguento, médicos foram chamados e houve meneares de cabeça. Um sofá foi colocado na sala para que a pobre ferida pudesse comer seu jantar antes de ser levada para a solidão do seu quarto.

CAPÍTULO XVI
PARA SEMPRE

Na manhã seguinte, a pobre ferida amanheceu bem melhor, mas ainda era motivo de preocupação. As duas tias menearam a cabeça quando ela afirmou que poderia muito bem descer os degraus de pedra naquela manhã antes de iniciarem a viagem de volta a Yoxham; pois estava certa de que a torção estava curada, e que não haveria problema algum em percorrer uma distância de pouco menos de meia milha. Eles não iriam partir antes das duas. Será que Minnie poderia descer com ela para passear pelas ruínas?

"Minnie, não pise na grama", disse o lorde. "Não venha comigo e Anna. Vá passear sozinha".

"Por que não posso ir junto?"

"Não interessa. Faça o que estou mandando".

"Eu sei. Você quer namorar com a prima Anna".

"Você é uma pirralha muito impertinente".

"Estou tão feliz, Frederic, pois gosto muito dela. Eu tinha certeza de que ela era minha prima de verdade. Você não acha que ela é muito, muito boazinha?"

"Sim, ela é muito boa".

"Só isso?"

"Vá embora e pare de provações, ou nunca mais a trarei para passear no Strid outra vez".

E assim, lorde Lovel e lady Anna cruzaram o gramado, seguiram na direção do rio e passearem ao longo da margem até chegarem à passagem de pedras. Ele cruzou o rio e ela foi atrás sem dizer nenhuma palavra. Seu coração transbordava de um modo tal que ela nem se lembrou da correnteza sob seus pés. Nem parecia que tinha sido tão difícil transpor o mesmo obstáculo. Ela precisava segui-lo aonde quer que ele a levasse, apesar do receio de que eles não voltariam dali como amigos. "Não vamos subir", disse ele, "pois pode forçar muito seu tornozelo. Vamos continuar pela margem do rio. Sempre achei esta paisagem um das mais belas daqui", disse ele, deitando-se sobre a relva.

"Tudo aqui é muito bonito. Parece um mundo encantado. O duque sempre permite que as pessoas andem por aqui?"

"Acho que sim".

"Ele deve ser muito bom. Você o conhece?"

“Nunca o vi em toda a minha vida”.

“Um duque soa tão estranho para mim”.

“Um dia você vai se acostumar. Por que não se senta?” Ela abaixou-se e sentou-se no chão ao lado dele, e ele se achegou um pouco mais. “Seu pé está bom?”

“Já sarou”.

“Cheguei a pensar que tinha acontecido algo grave e fiquei muito bravo comigo mesmo por ter forçado que pulasse. E se tivesse quebrado a perna, como iria aguentar?”

“Igual as outras pessoas aguentam”.

“Você teria ficado brava comigo?”

“Espero que não. Tenho certeza que não. Você está fazendo de tudo para me divertir. Acho que nunca conseguimos ficar bravos com as pessoas que gostamos de verdade”.

“Você gosta de verdade de mim?”

“Sim, eu gosto de você”.

“Só isso?”

“Não é o suficiente?”

Ela respondeu à pergunta como teria respondido qualquer moça livre para brincar com o amor dele, apesar de saber que não podia. Assim foi mais fácil do que de outro jeito. Mas no fundo, seu coração estava apertado, e se tivesse coragem de cortar a conversa com alguma palavra rude ou gesto, ela o teria feito. A verdade era que não sabia como ser rude com ele, pois ele só merecia palavras gentis, agradáveis e carinhosas. Ela acreditava que ele era bom, generoso, gentil e amável, pois tinha se esquecido de tudo de ruim que Daniel Thwaite tinha dito. Do seu ponto de vista, não havia nada de mais no fato de ele estar preocupado com o seu bem-estar; ele, o conde, aquele que tinha o direito de se preocupar com o bem-estar de todos os Lovel. O erro seria seu de privá-lo disso. Se pudesse receber tudo que ele estava disposto a dar-lhe; seu coração, seu nome, a sua casa e o seu lar, e toda a sua bondade e vantagens pessoais, quanto mais ela teria ganhado do que poderia oferecer! Ela não poderia falar com ele de modo rude. Mas era chegado o momento de dizer a verdade. Não era correto para uma moça ter dois pretendentes.

“Não, minha querida. Não é suficiente”.

Não era justo culpá-lo por acreditar no amor dela. Ela o tratara com tanta delicadeza, graciosidade, complacência e consideração; mostrara-se tão satisfeita com a sua companhia, tão propensa a aceitá-lo, que praticamente

seria impossível imaginar o contrário. Apesar de ter dito, quando ele lhe falou de um modo mais direto em Londres, que nunca, jamais poderia desposá-lo. Mas o que mais uma moça poderia dizer para uma proposta feita num primeiro encontro? Será que ele esperava que ela se entregasse sem escrúpulos de donzela, sem nenhum sinal de inconformismo feminino? Se o caminho do amor tivesse sido feito para ser percorrido sem percalços então perderia toda a poeticidade e metade do seu encanto. Mas agora eles se conheciam; pelo menos, ele achava que sim. O escrúpulo poderia ser esquecido. O inconformismo feminino já tinha cumprido a sua missão. Ele sentia que a amava de verdade. Ela não era grosseira e nem falava alto, não era vulgar ou dada a gestos rudes, como era de se esperar, de acordo com o que tinham dito seus aliados. Que ela era muito bela, todos inimigos tinham reconhecido, e ele tinha certeza de que os tais inimigos tinham razão. Ela era lady Anna Lovel e ele sentia que poderia desposá-la sem que nem uma sombra de arrependimento pudesse manchar seu triunfo. Quanto ao filho do alfaiate, apesar de também ter sido alertado sobre a sua pessoa, ele não estava nem um pouco preocupado. Aquilo tinha sido uma calúnia, que o levou a gostar ainda mais da moça; uma calúnia contra lady Anna, mas um insulto à sua família. De todas as damas que conhecia, filhas de nobres e bem-nascidas, não havia uma menos propensa a desgraçar-se do que lady Anna, a sua querida prima.

"Não pense que sou apressado, querida, se eu tocar naquele assunto sobre o qual já conversamos". Ele tinha virado de lado e apoiou-se sobre o braço para poder olhar diretamente no rosto dela, e, se tivesse sorte, poderia tomar a sua mão. Ele fez uma pausa, como se estivesse esperando por uma resposta; mas ela não disse uma palavra sequer. "Sei que faz pouco tempo que nos conhecemos".

"Faz mesmo".

"Mas não sei nada sobre os seus sentimentos. Na verdade, posso lhe dizer que gosto muito de você. Se não houver nada que nos impeça de ficarmos juntos, tenho certeza de que a amarei." A coitada acreditou como se ele estivesse lhe dizendo as palavras mais divinas. E ele também acreditava no que estava dizendo, pois era uma pessoa aberta para o amor e não um enganador; um pouco ansioso, talvez, por conquistar o seu lugar ao sol, mas não um avarento mesquinho. Se não gostasse dela, não teria concordado em casar-se por dinheiro. Como a desejava tanto quanto ao seu dinheiro, e se ela lhe entregasse o seu coração, ninguém poderia dizer que a união tinha sido movida por interesses sórdidos. "Você acredita em mim?", perguntou ele.

“Oh, sim”.

“Então que assim seja?”

Ela tinha virado o rosto, mas agora virava lentamente o pescoço para poder olhar para ele. Será que deveria esquecer suas juras e tentar ser feliz de outra maneira? Foi isto que passou pela sua cabeça naquele momento. Poderia escrever para Daniel e lembrá-lo da sua promessa de liberá-la caso este fosse o seu desejo. Nunca mais ela o veria novamente. Poderia dizer que tinha tentado ver as coisas sob o ângulo dele, mas que não tinha conseguido. Poderia ir além e pedir pelo seu perdão; apesar de estar certa de que nunca iria se perdoar. Sim, era possível, contanto que ela conseguisse convencer-se de que era a coisa certa a ser feita! Mas só de pensar nisso tudo a sua consciência pesou. Como poderia dar as costas para aquele que tinha sido tão bom, aquele que tinha feito tudo por ela e pela sua mãe, aquele que tinha sido seu amigo de infância, o único homem que ela tinha beijado, o homem que ela amava verdadeiramente? Ele a tinha alertado sobre estes artifícios que estavam conquistando seu espírito, e agora, no momento de perigo, ela se lembrou do alerta.

“Assim seja?”, perguntou lorde Lovel novamente, estendendo a mão para tocar numa prega do vestido dela.

“Isto não pode ser”, disse ela.

“Não pode ser!”

“Não pode ser, lorde Lovel”.

“Não pode ser agora, ou para sempre?”

“Para sempre!”

“Sei que fui apressado e precipitado”, disse ele, ignorando a resposta “assim como sei que tem o direito de se ressentir com tamanha pressa. Mas como nosso caso envolve os interesses, as dúvidas, os receios e o bem-estar de tantos, e até mesmo o futuro de todos os nossos, eu esperava que pudesse perdoar o imperdoável”. Oh, céus, não fosse por Daniel Thwaite, como teria sido gostoso deixar-se levar por cada palavra que ele havia dito! “Mas”, continuou ele “se realmente não puder me amar…”

“Oh, lorde Lovel, peço que não me faça mais nenhuma pergunta”.

“Mas preciso perguntar e saber, pelo bem de todos”.

Então ela ficou em pé e o olhou de cima para baixo.

“Estou noiva”, confessou “de Mr. Daniel Thwaite”. Pronto, estava dito, e ela teve a sensação de que tinha acabado de semear a própria desgraça. Ele também se levantou, mas permaneceu calado. Tinham lhe alertado sobre isso,

mas ele duvidou que fosse verdade! Ela viu isso nos olhos dele muito mais do que ele foi capaz de ver nos dela. Ela tinha perdido o carinho dele e sentiu que isto era pior do que ter perdido o seu amor. Ao longo das últimas três semanas ela tinha se sentido uma Lovel entre os Lovel. Mas isto tinha chegado ao fim, agora. Que o processo seguisse seu rumo, que eles lhe dessem todo o dinheiro ao qual tinha direito, o título que tanto odiava, e nunca mais ela poderia compartilhar da amizade do seu primo querido, o conde Lovel. Minnie nunca mais iria abraçá-la jurando fazer tudo que a prima quisesse. Ela seria lady Anna, mas nunca mais seria Anna para as duas damas do presbitério. Tudo não passara de uma amostra, da qual nunca mais ela iria sentir nem mesmo o perfume. "Ainda é segredo", disse ela. "Eu deveria ter lhe contanto antes. Mas se quiser revelar para todos tem todo direito".

"Oh, Anna!"

"É verdade".

"Oh, Anna, pelo seu bem e pelo meu, só posso dizer que estou devastado!"

"Quanto ao dinheiro, lorde Lovel, caso venha a receber, eu lhe darei".

"Acha que é só nisso que estou pensando?"

"É o que a família quer e posso entender os motivos. Quanto a mim, quanto a minha mãe e eu, você não imagina a vida que levamos. O senhor despreza Mr. Thwaite porque ele é um alfaiate".

"Tenho certeza de que ele não está a altura de se casar com lady Anna Lovel".

"Quando lady Anna Lovel não tinha nenhum amigo no mundo, ele a acolheu, deu-lhe uma casa para viver e gastou tudo que tinha para defendê-la, não esmoreceu quando aqueles que deveriam estar do lado dela tentaram derrubá-la. O que teria sido de mim e de minha mãe se não fosse por Mr. Thwaite? Ele era nosso único amigo, ele e seu pai. Eles eram tudo que tínhamos. Durante toda a minha infância nunca recebi uma palavra gentil de outra criança senão dele. Seria certo que ele que me pedisse algo e eu negasse?"

"Ele não deveria ter lhe pedido isso", disse lorde Lovel com a voz abafada.

"Por que ele não tem tanto direito quanto o senhor? Ele também é homem. Se pude acreditar no seu amor em dois dias, lorde Lovel, por que não iria confiar nele após vinte anos de amizade?"

"Você sabia que ele não estava à sua altura".

"Ele não estava abaixo de mim. Ele estava acima. Nós éramos pobres, enquanto ele e o pai tinham dinheiro, que por sinal, aceitamos. Ele deu e nós

aceitamos. Ele era forte e nós fracas, e ele foi forte para nos consolar. Além do mais, lorde Lovel, o que eu sabia sobre posição social enquanto vivia sob a proteção do pai dele? Eles me disseram que eu era lady Anna, mas as crianças zombavam de mim. Minha mãe era uma condessa. Ela jurou e finalmente acreditei nela. Mas essa tal de posição social e título não passaram de um fardo para ela. Como eu poderia aprender a gostar da minha posição social com tudo isso?"

"É melhor aprender agora".

"Eu aprendi, mas tenho dúvidas se deveria. Há coisas que são fáceis de aprender; e alguns dizem que estas coisas são do diabo. Não fui forte o suficiente para não aprender. Mas preciso esquecer, lorde Lovel. Assim como o senhor deve me esquecer". Ele nem sabia o que dizer; não sabia se seria correto tentar convencê-la a casar-se, depois de ela ter confessado que estava comprometida com um alfaiate. Muitas coisas passaram pela sua cabeça. Será que seria capaz de amar alguém que estivera ligado a outrem tão inferior? Será que poderia aceitar um coração que tinha sido prometido a um alfaiate? Será que se ficassem sabendo não iriam dizer que ele tinha feito isso somente por dinheiro, mesmo que conseguisse atingir seu objetivo? Por outro lado falhar nesta empreitada, abandonar tudo, desistir de um caminho tão sedutor para riqueza! Então ele se lembrou do que tinha dito; que iria retirar a alegação, que estava convencido de que essa moça, que tinha acabado de lhe contar que estava noiva de um alfaiate, era mesmo a herdeira da fortuna dos Lovel.

Não havia mais nada que nenhum dos dois pudesse dizer um para o outro naquele momento, e calados eles retornaram para a estalagem.

CAPÍTULO XVII
A VIAGEM DE VOLTA

Lorde Lovel e lady Anna retornaram para a estalagem no mais absoluto silêncio. Ele estava estupefato, primeiro pela declaração abrupta e depois pelos argumentos por ela usados para se defender. Ela, por sua vez, não tinha mais nada a dizer, pois, na verdade, já tinha dito tudo e com uma convicção surpreendente. Agora sentia certo orgulho por ter feito a coisa certa e por ter tido a ousadia de se defender. Estava cheia de arrependimentos que beiravam ao remorso; mas, mesmo assim, estava orgulhosa. Agora ele sabia de tudo e uma das suas maiores dificuldades tinha sido superada.

Depois de ter ousado contar tudo, encarado a ira, a censura e o desprezo dele, ela estava determinada a não se submeter ao desprezo e as censuras, ou a ira dos outros Lovel; de nenhum dos Lovel de Yoxham. As censuras da sua mãe iriam doer; a ira matá-la, e o desprezo ferir sua alma. Mas agora ela seria forte com a força que tivera para assumir. E assim entrou pela porta da sala de estar com uma fisionomia determinada, com o conde logo atrás. As duas tias estavam na sala, e na hora ficou claro para ambas que havia algo errado entre os enamorados. Elas tinham comentado entre si que lady Anna iria aceitar o pedido no momento em que fosse feito. Elas viam o comportamento da visitante como o de uma moça que ansiava por ser cortejada; mas imaginaram que o sobrinho com sua natureza sensível e exigente acabaria ofendendo-se com modos tão grosseiros, com uma certa falta de graça feminina demonstradas por alguém que tinha convivido desde a tenra idade com pessoas tão rudes. Neste momento foi o que passou pela cabeça delas. O conde sentou-se em uma cadeira e pegou um dos livros que eles tinham trazido. Lady Anna ficou parada junto à janela aberta, olhando para o campo, para a margem do rio ao longe; mas nenhum dos dois disse uma palavra sequer. Certamente tinha ocorrido alguma desavença entre os dois. Então, tia Julia, em nome da curiosidade, fez uma pergunta:

"Onde está Minnie? Ela não foi com vocês?"

"Não", respondeu o conde. "Ela foi em outra direção a pedido meu. Acho que Mr. Cross deve estar com ela". Pela entonação da sua resposta ficou claro que era grande o descontentamento do chefe dos Lovel.

"Partiremos em breve, suponho?", indagou lady Anna.

“Logo depois do almoço, minha querida; mas nem é uma hora ainda”.

“Vou subir mesmo assim para arrumar as minhas coisas”.

“Quer que eu a ajude, minha querida?”, perguntou Mrs. Lovel.

“Oh, não! Farei mais rápido sozinha”. Em seguida ela correu para o quarto e rompeu em lágrimas assim que fechou a porta as suas costas.

“O que a afligiu, Frederic?”, perguntou tia Julia.

“Se algo a afligiu é melhor que ela mesma conte”, respondeu o lorde.

“Tem algo errado. Você não pode estranhar a nossa ansiedade, ciente de que sabemos o quão importante é tudo isso”.

“No momento não posso fazer nada pela ansiedade de vocês, tia Julia; mas não se esqueçam de que às vezes as coisas não saem de acordo com o planejado”.

“Aconteceu algum deslize? Eu sabia que ia acontecer. Sempre disse e meu irmão também”.

“Gostaria que todos se lembrassem de que num caso como este, quanto menos for dito melhor”. Dito isto, o lorde saiu pela porta francesa e seguiu em direção ao rio.

“Acabou”, sentenciou tia Julia.

“Não vejo por que pensarmos isso”, disse tia Jane.

“Acabou. Eu soube assim que vi a cara dela quando eles chegaram. Ela disse, ou fez alguma coisa, e foi o fim. Agora ele terá de se contentar com vinte mil libras por ano!”

“Certamente ele vai conseguir se casar com alguma moça que tenha dinheiro”, disse tia Jane. “Com título e beleza, com certeza ele vai conseguir”.

“Mas não vai conseguir a fortuna que viria com esta união. Ouvi Mr. Flick falando sobre meio milhão. E tudo isto viria logo. Do jeito que ele é, se ficar à solta em Londres, logo estará atolado em dívidas. Queria saber o que aconteceu. Ele tem uma queda por moças bonitas e não se pode negar que ela é bela”.

“Talvez ela não o queira”.

“Isso é impossível, Jane. Ela veio até aqui para casar-se com ele. Saiu com ele nesta manhã para se acertarem. Eles ficaram sozinhos três vezes ontem e ele voltou só carinhos com ela. Estou achando que ela quis impor alguma condição com relação ao dinheiro”.

“Que condição?”

“Que o dinheiro ficasse em poder dela e da mãe”.

“Não temos como saber o que Mr. Goffe, o Sargento Bluestone e a mãe

dela combinaram. Frederic não iria suportar uma situação dessas nem por um minuto e ele estaria certo. Melhor nada do que um homem submisso. Acho que é melhor você subir para falar com ela, Jane. Ela se sentirá mais a vontade com você do que comigo." Então, tia Jane, obediente como sempre, foi ter com a prima no quarto.

Nesse ínterim, o lorde estava parado à margem do rio pensando no que iria fazer. Na verdade, tinha muito em que pensar, e pontos de importância vital com relação a que passos tomar. Será que o que tinha acabado de ouvir da prima poderia acabar para sempre com as suas chances de se casar com ela? Ou será que ainda havia uma possibilidade para ele, como nobre, cavalheiro e homem honrado, de fazer uso de toda a sua influência para se livrar deste impedimento? Como pouco conhecia do mundo e menos ainda do homem em questão, ele não tinha dúvida de que o alfaiate tinha seu preço. Além disso, estava certo de que todos que tinham acesso a lady Anna iriam ajudá-lo, e que a própria mãe dela seria sua aliada. A moça não iria conseguir resistir a tal proposta se todos – todos que faziam parte do seu mundinho – estivessem contra ela. Ela certamente seria derrotada se a quantia certa fosse oferecida ao alfaiate. Não restavam dúvidas de que isto deveria ser feito pelo bem da família Lovel para que lady Anna não caísse em desgraça por ter se casado com um alfaiate. Mas o que não estava muito claro era se ele teria coragem de tomá-la como a sua condessa; ela que dissera com os próprios lábios que pretendia casar-se com um trabalhador. À medida que ponderava, enquanto passavam pela sua cabeça todas as circunstâncias que envolviam um noivado tão repulsivo, ele atirou na água com toda a veemência da paixão o graveto que segurava. Aquilo tudo era muito, muito assustador, muito nojento; e ao mesmo tempo absolutamente inesperado; tão contrário ao comportamento dela, distinto do brilho de seus olhos, do tom da sua voz, de cada gesto seu! Ela tinha se mostrado tão meiga, gentil e graciosa, ao ponto de ele crer que a sua graciosidade natural superava a sua riqueza, enaltecia a sua posição e se igualava a sua beleza, que ele jurara na noite anterior ser incomparável. E essa mesma criatura meiga – essa criatura tão delicada e graciosa – tinha recusado o seu pedido de casamento, confessado estar condenada por um destino cruel a submeter-se a uma servidão degradante e que ela tinha se entregado a um alfaiate por amor, gratidão e escolha própria! Era um mistério para ele que um ser tão delicado não tivesse a menor noção da própria delicadeza! Ele não sabia se conseguiria se permitir assumir o lugar do alfaiate.

Mas se não conseguisse, se não assumisse o lugar, ou se, o lugar do alfaiate

não vagasse, o que iria acontecer? Ele já havia se comprometido a aceitar a alegação da prima, chegou até a afirmar-lhe que, como acreditava que a sua própria alegação era injusta, o caso não deveria seguir adiante. Estaria vinculado a tal garantia agora – comprometido a transformar o alfaiate num homem rico – ou poderia simplesmente abster-se de tomar qualquer atitude neste sentido e deixar tudo nas mãos dos advogados? Não seria melhor para a felicidade dela que fizesse isso? Ele tinha sido informado que caso não obtivesse sucesso na sua empreitada, as coisas poderiam arrastar-se por um tempo indeterminado. O alfaiate muito provavelmente iria querer colocar a mão no dinheiro antes de se casar e assim ela poderia ser salva da degradação até que tivesse idade suficiente para entender a situação. Além do mais, como ele poderia retirar o que tinha dito, depois de ter repetido inúmeras vezes, que tinha consciência de que o dinheiro não era seu? Como poderia parar de chamá-la pelo nome que toda a sua família já tinha reconhecido como sendo dela, só porque ela recusara seu pedido de casamento? Declarar que ela era ilegítima somente porque optara por se casar com um homem de origem humilde, cheirando ao suor da mesa de trabalho de um alfaiate em vez de desposá-lo? Não, ele não poderia fazer isso. Ainda que ela se casasse com um varredor de ruas ele ainda continuaria chamando-a de lady Anna, isto se tivesse de chamá-la de alguma coisa.

Algo precisava ser feito. Os advogados tinham lhe dito que as coisas acabariam se acertando caso eles se casassem; mas não tinham dito o que aconteceria se o seu pedido fosse recusado. Mr. Flick e o Advogado-geral precisavam saber que rumo tomar antes de novembro e sem dúvida iriam querer ficar a par de todos os detalhes. Mas o que ele iria dizer para Mr. Flick e o Advogado-geral? Seria correto revelar o segredo que a moça lhe havia confidenciado? Obviamente ele podia contar que ela rejeitara seu pedido de casamento; mas será que poderia ir além e contar toda a história? Por vários motivos seria bom que eles soubessem. Seria até salutar para o bem dela; para que deste modo eles conseguissem livrá-la das garras do noivo desqualificado. Mas ela tinha lhe confidenciado, ido contra seus próprios interesses, por conta e risco, para sua própria tristeza, apenas para não alimentar as esperanças que do contrário só continuariam crescendo. Ele sabia o suficiente sobre os subterfúgios e caminhos do amor, da generosidade e sacrifícios dos apaixonados para sentir que devia guardar esse segredo. Ela tinha dito que caso fosse preciso ele poderia compartilhar a história com outros, apesar de ter dito também que a tal história era um segredo. Ele não

poderia levar o segredo dela paras as câmaras dos advogados, e lá revelar tudo que lhe tinha sido confiado, com o intuito de deixá-lo livre. Por fim, ele decidiu que iria escrever para Mr. Flick, contando que o casamento estava fora de questão, mas que não iria revelar o motivo.

Em seguida saiu andando ao longo do rio, certo de que não poderia revelar o segredo nem para os advogados e nem para sua família. Então uma mãozinha tocou suas costas e quando ele virou Minnie Lovel o puxou pelo braço.

"Por que você está sozinho, Fred?"

"Estou pesando sobre como este mundo é perverso; e as garotas em particular".

"Onde está a prima Anna?"

"Acho que deve estar no quarto dela".

"Ela é preserva?"

"Você não sabe que todos se tornaram perversos desde que Eva comeu a maçã?"

"Mas Adão também comeu".

"Mas quem o fez comer?"

"O diabo", sussurrou a menininha.

"Mas ele falou através da boca de uma mulher. Por que você não entra e arruma as suas coisas para irmos embora?"

"É o que vou fazer. Mas me diga uma coisa, Fred. Posso ser a dama de honra no casamento de vocês?"

"Acho que não".

"Mas eu queria tanto. Por que não posso?"

"Porque você vai se casar primeiro".

"Isso é bobagem, Fred; e você sabe que é bobagem. A prima Anna não vai se casar com você?"

"Escute, minha querida. Gosto muito de você e acho que você é a menininha mais bonita do mundo. Mas se continuar me fazendo perguntas impertinentes nunca mais vou falar com você, entendeu?" Ela olhou bem nos olhos dele, compreendeu que ele estava aborrecido, e, deixando-o, saiu andando devagar pelo gramado na direção da casa. "Diga que não precisam me esperar para o almoço", disse ainda; e ela contou para tia Julia que o primo Frederic estava muito chateado, lá perto do rio, e que não era para esperarem por ele para almoçar.

Quando Mrs. Lovel subiu até o quarto de lady Anna nenhuma palavra foi dita sobre o ocorrido daquela manhã. A senhora ficou com receio de perguntar

e a moça estava determinada a não contar nada, mesmo que alguma pergunta fosse feita. Lorde Lovel que dissesse o que bem entendesse. Seu segredo estava guardado com ele e ele poderia revelar se quisesse. Ela tinha lhe dado permissão para fazê-lo, e, sem dúvida ele iria valer-se desse direito. Mas ela mesma não ia dizer nada; e quando perguntassem iria simplesmente admitir o fato. Não iria defender o noivado, tampouco iria admitir censuras. Se quisessem ela voltaria para o lado da sua mãe em Londres o mais rápido possível.

O grupo pouco falou durante o almoço e quando os cavalos ficaram prontos, lorde Lovel apareceu para ajudá-las a subir na carruagem. Depois de acomodar as três damas, ele sugeriu que Minnie ocupasse o quarto lugar, dizendo que se sentaria com Mr. Cross na parte de trás. Minnie olhou para ele, viu que ainda tinha uma ruguinha de preocupação lá, e assim obedeceu sem discutir. Durante a jornada de volta para casa quase nada foi dito. Lady Anna sabia que tinha caído em desgraça e não fazia a menor ideia se a sua história tinha sido revelada ou não às senhoras. Ela seguiu imóvel, com o rosto voltado para a paisagem o tempo todo, e aceitou a sua condição de alguém que não era mais merecedora de atenções. Estava claro que deveria voltar para Londres. Não poderia continuar em Yoxham sem que lhe dirigissem a palavra ou sem falar com ninguém. Minnie dormiu e a mãe dela e a tia trocaram algumas palavras entre elas. Anna teve certeza de que iria lembrar-se daquela viagem até o último dia da sua vida. Quando chegaram ao presbitério, Mr. Cross ajudou as damas a descerem da carruagem, enquanto o lorde se ocupou com os xales e as bagagens. Em seguida, ele desapareceu, e não foi visto até a hora do jantar.

"Como foi a viagem?", perguntou o pároco para as três, em geral.

Por um momento ninguém respondeu, até que tia Julia se manifestou.

"Foi muito bonita, como sempre é no verão em Boston. Disseram que o duque não esteve lá nenhuma vez neste ano. A estalagem era confortável e creio que os jovens se divertiram muito ontem". O tema era muito importante, muito solene, muito grandioso, para ser tratado sem a devida consideração.

"Frederic gostou?"

"Acho que ontem, sim", disse Mrs. Lovel. "Creio que hoje estávamos todos um pouco cansados na viagem de volta para casa".

"Anna torceu o tornozelo ao pular o Stride", contou Minnie.

"Espero que não tenha sido nada grave".

"Nem um pouco. Não foi nada". Estas foram as únicas palavras que Anna

falou até sugerirem se ela não gostaria de subir para o seu quarto. A moça obedeceu igual a uma criança e subiu com Mrs. Lovel logo atrás.

"Minha querida", disse a senhora. "Não podemos continuar assim. O que aconteceu?"

"Pergunte ao lorde Lovel".

"Está brava com ele?"

"Não estou brava com ninguém, Mrs. Lovel. Mas se ele estiver bravo comigo, não posso fazer nada".

"Você sabe o que todos nós desejamos".

"Isto nunca irá acontecer".

"Você disse isso ao Frederic?"

"Sim".

"Deu a ele algum motivo, Anna?"

"Dei", respondeu após uma pausa.

"Que motivo é este, minha querida?"

Ela ponderou antes de responder.

"Fui obrigada a dizer para ele o motivo, Mr. Lovel; mas não creio que precise contar para mais ninguém. Claro que vou contar para a minha mãe".

"A sua mãe já sabe disso?"

"Ainda não".

"E o motivo é definitivo?"

"Sim. Mas não sei por que todos estão tão bravos comigo. As outras moças têm o direito de escolherem o que bem desejarem. Se estiver brava comigo, é melhor eu voltar para Londres o quanto antes".

"Não acho que alguém esteja bravo com você. Podemos estar desapontados, mas não bravos". Isso foi tudo que foi dito, e, em seguida, lady Anna foi deixada sozinha para se aprontar para o jantar.

Durante o jantar, lorde Lovel já tinha se recuperado o suficiente para falar com a prima e todos se esforçaram em nome da educação, menos o pároco. Mas a noite passou muito diferente das outras.

CAPÍTULO XVIII
UM SEGREDO MUITO PESADO

Durante aquela noite, o lorde ainda estava pensando em qual seria seu próximo passo –, e qual seria a melhor maneira de cumprir com o dever e a honra de acordo com seus interesses. Em todas as emergências que surgiram na sua breve vida ele sempre contou com alguém para lhe aconselhar, algum amigo mais velho cujo conselho até chegou a aceitar, apesar de ter lhe parecido um tanto inútil quando foi dado. Sempre nutriu certo desprezo por tia Julia, mas apesar disso, ela sempre lhe foi muito útil. Nos últimos tempos, desde a morte do falecido conde, quando colocaram sobre as suas costas o peso de anular o testamento daquele homem louco, Mr. Flick tinha sido o seu principal conselheiro; mas mesmo assim, após as conversas que tinha com Mr. Flick, ele sempre acabava seguindo seus próprios instintos. Agora, mais do que nunca, estava certo de que deveria guiar-se sozinho, mas o problema era que não sabia como. Uma coisa era certa. Ele precisava partir de Yoxham e ir para Londres o mais rápido possível.

Era seu dever guardar o segredo da prima; mas será que estaria quebrando muito com a sua palavra se o compartilhasse com um amigo? Um amigo que prometesse não dizer nada sem o seu consentimento? Neste caso, o amigo deveria ser o Advogado-geral. Um grau de intimidade tinha crescido entre o grande advogado e seu nobre cliente, não de natureza social, mas mesmo assim havia uma proximidade suficiente, como acreditava lorde Lovel, para compartilhar tal confidência. O jovem conde estava começando a desconfiar que sem ajuda não iria consegui guiar-se sozinho. Sem dúvida, estava pensando na fortuna da suposta herdeira, e passara a pensar ainda mais depois que descobrira que iria perdê-la. Sir William Patterson, além de advogado, era um cavalheiro; um que não tinha chegado aonde chegou apenas pelo empenho e inteligência, mas porque era um cavalheiro bem-nascido e educado, que tinha estudado em uma escola pública, e a vida toda viveu cercado das pessoas certas. Sir William era seu consultor jurídico, sem dúvida ele poderia confiar o segredo de lady Anna àquele cavalheiro.

Naquela época, havia uma carruagem que partia de York ao meio-dia e chegava a Londres no dia seguinte bem cedo. Ele poderia pegar esta carruagem e assim afastar-se da sua família até decidir o que deveria fazer.

Mas antes de partir, ele precisava falar com a prima. E assim, enviou-lhe um bilhete antes que ela saísse do quarto, na manhã seguinte.

Querida Anna,

Parto para Londres dentro uma hora e gostaria muito de lhe falar antes de ir. Você poderia me encontrar às nove na sala de estar? Não comente nada sobre a minha partida para meu tio e tias, pois é melhor que eu mesmo o fale.

Seu, L.

Às dez para as nove, lady Anna estava na sala de estar esperando por ele, e às nove e dez ele chegou.

"Peço desculpas por deixá-la esperando". Ela estendeu a mão e disse que não tinha problema, que sempre costumava chegar adiantada. "Acho melhor eu ir para Londres", disse ele. Ao que ela não respondeu nada, apesar de ele parecer esperar por uma resposta. "Em primeiro lugar, eu não me sentiria confortável aqui depois do que me contou ontem".

"Sinto muito por afastá-lo. Esta casa é sua, e como preciso mesmo ir embora, não seria melhor eu partir de uma vez?"

"Não. Quer dizer, acho que não. Terei de ir de qualquer maneira. Não contei para nenhum deles sobre o que me contou ontem".

"Fico feliz com isso, lorde Lovel".

"Falei para sua tia Jane que nós nunca poderemos nos casar, como era de sua vontade".

"De fato eu gostaria muito mesmo. Mas você não tinha dito nada".

"Não… não mesmo".

"Você me apanhou de surpresa, que nem consegui me expressar adequadamente. Não era minha intenção ter sido descortês".

"Não achei que foi descortês, lorde Lovel. Tenho certeza de que jamais seria descortês para comigo".

"Mas você me surpreendeu. Não que eu me considere grande coisa, ou ache a minha posição tão importante. Sei que não tenho muito do que me orgulhar. Sou muito pobre, e não sou tão inteligente quanto alguns jovens que não contam com uma grande fortuna, mas que têm capacidade de se tornarem funcionários do Estado ou algo assim. Mas prezo pela minha posição e considero muito importante ser um cavalheiro, assim como as damas serem damas. Você me entende?"

"Oh, sim. Eu entendo".

“Se você é mesmo lady Anna Lovel…”

“Eu sou lady Anna Lovel”.

“Acredito de todo meu coração que seja. Você fala como uma dama e age como uma. Está a altura de qualquer posição. Tem tudo a seu favor. Acredito nisso. Mas se…”

“Se, o quê, lorde Lovel?”

“Certamente você não iria querer… rebaixar-se. Essa é a verdade. Como seu primo, e chefe desta família, tenho o direito de falar sobre isso. O que você me contou seria uma degradação”.

Ela ponderou por um momento e então respondeu:

“Não seria uma degradação”.

Ele também achou melhor ponderar antes de falar novamente.

“Você acha que irá apreciar aos amigos que terá, caso se case com Mr. Thwaite?”

“Não sei quem serão meus amigos. Ele será meu companheiro e gosto dele. Eu o amo profundamente. O resto nem precisa me dizer, lorde Lovel, pois eu já sei. Ele não é como o senhor; e eu, quando tornar-me esposa dele, não serei como a sua tia Jane. Suponho que nunca mais terei contato com pessoas deste nível. Pretendemos mudar-nos da Inglaterra, para que assim eu possa escapar do desprezo de todos. Sei o que estou fazendo, e por que estou fazendo; e não creio que o senhor tenha o direito de me tentar”.

Ela sabia que corria o risco de cair em tentação. Ele percebeu e ficou feliz com isso.

“Não é minha intenção fazer com que caia em tentação, mas eu poderia salvá-la da infelicidade. Tal casamento não é natural. Nem conheço Mr. Thwaite”.

“Então, milorde, o senhor não conhece o melhor homem do mundo, que, depois da minha mãe, é meu melhor amigo”.

“Mas ele não pode ser um cavalheiro”.

“Disso não sei, mas sei que eu posso ser esposa dele. Isto é tudo, lorde Lovel?”

“Não. Creio que este processo desgastante voltará a nos importunar. Não sei se tenho o poder de impedir isso se quiser. Devo, em parte, ser direcionado por outros”.

“Não posso fazer nada. Se eu pudesse, nem queria o dinheiro para mim”.

“Não, lady Anna. Nós não podemos decidir isso. Preciso falar com meu advogado novamente. Quero dizer, não exatamente com meu advogado, mas

Sir William Patterson, o Advogado-geral. Posso contar para ele o que me disse ontem?"

"Não posso impedi-lo".

"Mas pode me dar a sua permissão. Se ele prometer não levar isso adiante, então posso contar para ele? Não sei o que vou fazer a menos que ele saiba tudo que sei".

"Em breve todos ficarão sabendo".

"Ninguém ficará sabendo por mim, tirando ele. Posso contar para ele?"

"Oh, sim".

"Sou muito grato por isso. Você nem imagina como acordei cheio de esperanças ontem de manhã de que seria grato a você por me fazer o homem mais feliz da Inglaterra. Perdoe-me se eu disser que ainda espero de coração que essa paixão passe. Agora, adeus, lady Anna".

"Adeus, lorde Lovel".

Ela foi para seu quarto e mandou chamar a sua criada para dizer que não iria aparecer para as orações e nem tomar o desjejum. Não poderia vê-lo novamente antes que ele se fosse, pois era muito provável que seus olhos o buscassem pela última vez! Como ele era lindo, tão cheio de graça, tão parecido com um deus! Como era prazeroso ficar ao seu lado; tudo que ele tocava, tudo que dizia, era tomado por uma doçura inefável! Ele quase a conquistara, como se ela tivesse comido da [20]flor de lótus. Ela não sabia ao certo se o encanto era de Deus ou do demônio. Mas tinha certeza de que lutara contra isso – pela palavra que tinha empenhado, e porque tinha uma dívida que não poderia ser paga com falsidade e ingratidão. Lorde Lovel por fim a chamara de lady Anna. Ah, sim; como ele era bom! No momento crucial ele reconheceu a sua posição. E ele só deixara de usar o título quando, depois de ter sido reconhecido, este tinha se tornado um empecilho. Mas agora ele tinha se afastado dela, e, se fosse possível, ela deveria parar de sonhar com ele.

"Suponho, Frederic, que o casamento não vá mais acontecer?", indagou o pároco enquanto o lorde subia na charrete que se encontrava estacionada à porta do presbitério.

"Isso não posso dizer, pois não sei. Acho que não. Mas, tio, o senhor me faria o favor de não tocar neste assunto agora? Em breve, o senhor saberá de tudo".

O pároco permaneceu parado sobre o cascalho, vendo a charrete desaparecer, com as mãos nos bolsos da calça, e com cara de descontentamento. Era muito bom ser tio de um conde, e tirando a sua fortuna,

ele seria capaz de tudo para ajudar o sobrinho nobre a sair da pobreza. Mas o rapaz precisava colaborar! Afinal não era por causa dele que a garota – a quem ele fora forçado a chamar de lady Anna, apesar de ainda achar que ela não era, a quem a sua esposa e irmã chamavam de prima Anna, apesar de ele ainda achar que ela não era, e não poderia ser prima de ninguém –encontrava-se como convidada de honra em seu presbitério. E agora seu sobrinho tinha ido embora e a garota fora deixada para trás. E ninguém lhe disse se ia ou não ter um casamento! "Não posso dizer, pois não sei. Acho que não". Para completar ainda lhe pediram que não fizesse mais perguntas. O que ele ia fazer da garota? Sobrou para ele enquanto o conde e os advogados decidiam sobre a questão da legitimidade dela, se a garota era lady Anna e prima – ou uma ninguém, que estava tentando usurpar a família! Por que… ah, por que ele foi se permitir ir contra a sua própria opinião? Por que deixou que a convidassem para se hospedar no seu presbitério? Ah, como o título ficou enroscado na sua garganta quando ele a convidou para tomarem o cálice de vinho habitual após o jantar, naquela noite!

Quando chegou a Londres, no final de agosto, lorde Lovel descobriu que o Advogado-geral não se encontrava na cidade. Sir William tinha ido para Somersetshire para falar com seus constituintes. Mr. Flick não sabia de nada; mas o secretário dele foi encontrado e informou que o chefe não retornaria para Londres antes de outubro. Mas, em resposta à carta de lorde Lovel, Sir William se comprometeu a vir por um dia, pois ele sabia reconhecer a importância do caso que tinha em mãos.

"Ela está noiva do alfaiate?", indagou ele, sem mostrar-se muito surpreso.

"Sir William, prometa que não vai contar isso nem mesmo para Mr. Flick ou Mr. Hardy. Prometi à lady Anna que só iria contar para o senhor".

"Se ela insistir no compromisso, isto não poderá ser mantido em segredo por muito mais tempo; nem que ela queria. É exatamente o que esperávamos que fosse acontecer".

"O senhor não diria isso se a conhecesse".

"Hum… Sou mais velho do que você, lorde Lovel. Ela não tinha mais ninguém ao seu lado. Uma moça precisa contar com alguém e quem estava lá? Não podemos ficar bravos com ela".

"Mas isto me chocou muito".

"Imagino que sim. Até onde sei, o pai e ele sempre estiveram muito próximos delas; mesmo quando havia poucas esperanças. Mas eles poderão receber por tudo que fizeram com juros. Se ela insistir em ficar com ele

ninguém poderá impedir. O que quero dizer é que o jogo foi justo. Ele correu o risco e ganhou". O conde não estava entendendo muito bem a posição aparentemente favorável de Sir William para com este noivado escabroso. "O que quero dizer é que podemos atingi-lo ou encontrar algum defeito nele. Ele não fugiu com ela para se casarem antes de ela atingir a maioridade. Não a impediu de visitar os parentes. Ele não a seduziu, suponho."

"Acho que ele a seduziu de um modo terrível".

"Ah, sim. Estamos falando de coisas diferentes. Sou obrigado a olhar para isso do mesmo modo que o mundo irá olhar".

"Pense na desgraça que será um casamento com um alfaiate".

"Cujo pai emprestou cinco ou seis mil libras para ajudar a mãe dela a recuperar a sua posição. Essa é a pura verdade. Precisamos ver isso sob todos os ângulos".

"O senhor acha, então, que nada deve ser feito?"

"Acho que tudo que pode e deve ser feito. A mãe está do nosso lado. Muito provavelmente Thwaite pai também está do nosso lado. Pelo que me disse, é bem possível que neste exato momento a moça também esteja do nosso lado. Deixe-a ficar em Yoxham pelo máximo de tempo possível e faça a corte de um modo tal que não tenho dúvida de que seja capaz de fazer". Ficou claro então que o grande conselheiro não achava que um conde deveria se envergonhar de continuar fazendo a corte a uma dama que tinha confessado estar comprometida com um alfaiate. "Vai ser um problema para nós, é claro, pois teremos de alterar nossos planos quando o caso for para o tribunal em novembro".

"Mas o senhor ainda acha que ela é a herdeira?"

"Acredito tanto, que tenho certeza disso. Na verdade, nem deveríamos entrar na briga, uma vez que não temos uma prova para sustentar. Para ser sincero, milorde, devo lhe dizer de uma vez por todas que não temos nenhuma chance de vencer. O que ganharíamos insistindo nisso? Nada! A menos que conseguíssemos provar que a verdadeira esposa está morta, teremos de brigar em conjunto com aquela italiana, que acredito piamente que seja uma impostora".

"Então não tem nada que possa ser feito?"

"Muito pouco pode ser feito nesse sentido. Mas se a moça estiver decidida a casar-se com o alfaiate, creio que deveríamos simplesmente retirar a nossa oposição às damas inglesas e alegar que informamos isso a mulher na Sicília, a que afirma ser a condessa; e deixarmos que a italiana saiba que fizemos isso.

Neste caso, ela pode querer entrar na justiça por conta própria. É bem capaz que encontre homens aqui capazes de assumir o caso, baseados apenas em especulações. Podem surgir muitas variáveis, e, sem dúvida, o caso irá se arrastar por muito tempo. Se isto acontecer, devemos questionar a natureza da fortuna, pois até onde sei, uma parte dela deve vir para você em forma de propriedades. As variáveis são muitas e nem sempre é fácil declarar logo de cara o que é propriedade e o que são bens pessoais. Até agora você tem contestado o direito da viúva ao título e não necessariamente o direito à fortuna. A viúva italiana, se for a viúva, seria a herdeira, e não o senhor. Neste caso, entre outros motivos, este casamento seria mais conveniente. Se a condessa italiana conseguir provar que estava casada com o conde quando ele se casou com miss Murray – o que estou certo que não – então entramos em ação novamente para provar que a primeira esposa estava morta, como o conde mesmo declarou mais de uma vez. Assim o alfaiate iria demorar muito tempo para conseguir colocar as mãos no dinheiro da esposa. O tribunal estaria contra ele".

"Será que podemos comprar o alfaiate, Sir William?"

O Advogado-geral alisou a perna antes de responder.

"Mr. Flick pode responder isto melhor do que eu. Na verdade, Mr. Flick deve saber disso tudo. A questão é muito pesada para ser mantida em segredo, lorde Lovel".

CAPÍTULO XIX

LADY ANNA RETORNA PARA LONDRES

Após a partida do conde, lady Anna passou maus momentos em Yoxham. Ficou difícil para ela seguir como se nada tivesse acontecido, pois sabia que tinha caído em desgraça, e o sentimento lhe era assustador. As duas damas foram civilizadas, e fizeram de tudo para tornar a casa um lugar agradável, apesar de não se mostrarem mais tão cordiais quanto antes. Ao longo de uma semana feliz e tranquila – um ou dois dias antes da chegada do conde, e durante os dias maravilhosos que ele estivera entre eles – ela sentiu-se acolhida como se fosse membro da família. Mrs. Lovel foi muito gentil. Minnie uma amiguinha encantadora. Tia Julia se mostrara até então agradável uma vez que tinha consciência da necessidade de vencer. O pároco, por sua vez, nunca se deixara levar – pois nunca sentiu-se seguro o suficiente para ceder; e o resultado serviu para deixar o pároco, mais do que a sua hóspede, com um pé atrás. Os criados acreditaram nela, e até mesmo Mrs. Grimes falou bem dela, e chegou a dizer que até que ela servia para casar-se com o conde. Todos em Yoxham sabiam que os dois jovens iam casar-se, e todos em Yoxham estavam satisfeitos. O conde tinha ido embora, e todos em Yoxham sabiam que tudo tinha dado errado. E assim, a situação tornou-se insustentável para ela.

Discutiram pelas suas costas o que deveria ser feito, e apesar de não ter escutado nada, ela sabia que isto estava acontecendo. Todos os dias ela saía de carruagem com Mrs. Lovel, mas tia Julia nunca ia junto. Tia Julia nestas ocasiões ficava em casa discutindo o caso com o irmão. O que deveria ser feito? Estava marcado um grande jantar em homenagem ao retorno do conde, e não havia um único convidado que não tivesse ouvido falar do futuro casamento. Os convidados vieram não apenas para ver o conde, mas também a sua noiva. Quando eles chegaram, o conde tinha ido embora. Mrs. Lovel se desculpou, dizendo que ele tivera de ir para Londres para tratar de negócios muito importantes. lady Anna, é claro, foi apresentada a todos; mas ficou claro até mesmo para um principiante em tais assuntos que não foi apresentada como a noiva. Todos tinham ouvido falar que ela era encantadora, que os Lovel aceitaram-na, e que o conde estava profundamente apaixonado, e mesmo assim

ela ficou sentada calada e praticamente esquecida. Claro que a história do processo, com todas as suas mudanças de rumo e boatos, tinha chegado ao ouvido de todos. Vinte anos atrás – não, um pouco menos, talvez – quando ainda moravam em Cumberlanda, mãe e filha eram vistas como impostoras miseráveis, perversas e vulgares. Então tudo mudou. Lady Anna era a herdeira, e seria a condessa. Ao longo dos últimos dez dias correra a notícia por toda região de que ninguém se comparava a lady Anna. Agora todos tinham vindo conhecê-la, mas a impressão que tiveram foi outra. Ela de fato era a lady Anna que todos tinham imaginado. Todos os Lovel, até mesmo o pároco, a chamavam assim. Mrs. Lovel apresentou-a como lady Anna Lovel, e o pároco – odiando-se quando o fez – acompanhou-a até a sala de jantar, apesar de estar presente a esposa de um baronete – desde os tempos de[21]James I. Ela era lady Anna, e, portanto a herdeira, mas ficou claro para todos que não haveria um casamento.

"O pobre lorde Lovel não tem onde cair morto" comentou a esposa do baronete com marido, assim que a porta da carruagem se fechou.

O que eles iriam fazer dela, agora? O jantar tinha sido na quarta-feira – um dia depois da partida do conde; e na quinta-feira tia Julia escreveu o seguinte para o sobrinho:

Presbitério de Yoxham, 3 de setembro.

Querido Frederic,

Meu irmão pediu que eu lhe escrevesse e dissesse que estamos todos ansiosos com relação à situação de lady Anna. Ficamos sabendo por ela que a união esperada não acontecerá. Se a indisposição para tal partiu dela ou de você nunca nos foi dito; mas tanto para mim como para sua tia Jane ela falou disso como se fosse uma decisão irrevogável. O que devemos fazer? Claro que ansiamos – com todo prazer, e como nosso dever – ajeitar tudo de acordo com a sua vontade e conforto. Nada é mais importante para nós no mundo do que a sua posição. Se for seu desejo que lady Anna permaneça aqui, claro que ela permanecerá. Mas se não houver mais nenhuma perspectiva de casamento, não será talvez um problema para todos nós ela continuar orbitando sob o teto do seu tio, especialmente para ela?

A sua tia Jane acha que tudo não passa de uma briguinha de namorados. Já eu estou certa de que você não teria nos deixado como fez, se não fosse por algo mais sério do que isso. Penso que você deve uma satisfação ao seu tio – que pode ser escrita para mim ou diretamente para ele, como preferir – e a nós uma pista do estado geral da situação.

Não posso esconder o fato de que meu irmão nunca sentiu-se convencido, assim como você o é, de que a mãe de lady Anna era na verdade a condessa Lovel. À pedido seu, e em acordo com o conselho dado pelo Advogado-Geral, ele se dispôs a recebê-la aqui; e, durante a sua estada, ele a tem tratado de acordo com a posição pelo qual ela clama ter direito. Ele a acompanhou no jantar de ontem, em vez de lady Fitzawarren – fato que nunca será perdoado se for comprovado que a primeira esposa estava viva quando o conde se casou com a mãe de Anna. Claro que enquanto estiver aqui ela será tratada como lady Anna Lovel; mas meu irmão não deseja ser forçado a continuar fazendo-o, caso surjam mais dúvidas. Neste caso, ele quer ter o direito de expressar abertamente a sua opinião. Por isso, peço que escreva dizendo o que devemos fazer. Asseguro-lhe que nos encontramos em uma situação muito desconfortável.

Tudo que disse é a mais pura verdade, meu querido Frederic.

Da sua querida tia,

Julia Lovel

O conde recebeu a carta antes do encontro com Sir William, mas deixou para responder depois que falasse com o cavalheiro. Só então ele escreveu a seguinte resposta:

Carlton Club,5 de setembro de 183…

Querida tia Julia,

Diga para meu tio, por favor, que acho melhor que lady Anna permaneça no presbitério pelo máximo de tempo possível. Em breve esclarecerei tudo a vocês. Votos de amor para tia Jane,

Do seu querido sobrinho,

Lovel

A curta missiva não foi satisfatória para o pároco, mas deixou claro para todos que nada poderia ser feito. Diante de tal injunção, eles não poderiam dar nenhuma indireta à garota de que a sua estada já não era mais apreciada. Que tio ou tia, com um sobrinho como lorde Lovel, tão nobre e tão pobre, poderia mandar embora uma herdeira de vinte mil libras por ano, enquanto ainda houvesse a mínima chance de um casamento? Não havia nenhuma sombra de dúvida de que ela era a herdeira. Mas, apesar disso, o conde deveria ter dito mais do que dissera.

"Às vezes sinto que Frederic abusa de mim", disse o pároco à sua irmã.

Mas mesmo assim acatou. Fazia parte da crença da família – e não era pouco – que todos deveriam seguir o chefe da família. O que seria se eles não pudessem falar abertamente com o sobrinho?

Neste ínterim, Anna comentou mais de uma vez com Mrs. Lovel sobre o seu desejo de partir.

"Já faz muito tempo que estou aqui" disse ela, "e sei que estou incomodando Mr. Lovel".

"De forma alguma, minha querida. Se está feliz, peço que fique conosco".

Isso foi antes da chegada da cartinha – quando eles ainda esperavam para saber se deveriam mandar embora de Yoxham a hóspede, ou se deveriam segurá-la por lá.

"Quanto a estar feliz, acho que ninguém ficará feliz até que tudo isto se acerte. Vou escrever para *maman*, e dizer-lhe que é melhor eu voltar. *Maman* está sozinha".

"Não sei que conselho lhe dar, minha querida; mas por nós, ficaremos muito contentes se puder ficar".

A cartinha ainda não tinha chegado, e eles na verdade estavam muito ansiosos para que ela se fosse – mas não tinham como mandar uma visita embora sem ofender. Nem mesmo o pároco teve coragem de fazer isso sem a sanção expressa do conde.

Mas, lady Anna, sentindo que precisava de um conselho, escreveu para a mãe. A condessa tinha respondido a última carta de um modo muito severo – carta esta onde a filha tinha declarado que as pessoas não deveriam ser obrigadas a casar-se por dinheiro. A condessa, cuja vida difícil a transformara numa pessoa austera e inflexível, disse coisas duras à filha; que ela era uma ingrata e desobediente, que não pensava na família, que estava sendo negligente para com as suas obrigações e não estava disposta a sacrificar-se em nome da prosperidade e felicidade dos seus por causa de um sentimento infantil. A condessa tinha certeza de que no futuro a filha não iria perdoá-la caso ela deixasse passar esta oportunidade de ouro de remediar todo o mal que o pai dela tinha feito. "Estou pedindo apenas que faça o que qualquer moça inglesa bem-nascida teria o maior prazer em fazer", escreveu a condessa.

"Ah, ela nem imagina!", exclamou lady Anna.

Mas então ela foi tomada por um medo ainda maior e mais assustador do que o de enfrentar a sua mãe. conde Lovel sabia sobre o seu segredo, e ia contar para o Advogado-geral. Ela não tinha dúvida de que isto chegaria aos

juízes também. Não seria melhor se ela se casasse logo com Daniel Thwaite, pois assim ficaria livre do fardo de qualquer segredo? O jovem lorde sentiu vergonha dela quando ela contou sobre o casamento. As tias de Yoxham nem iriam dirigir-lhe mais a palavra quando ficassem sabendo. Aquela dama cujo lugar ela roubou naquele jantar, nem teria se sentado na mesma sala se soubesse. Era preciso contar tudo – todos precisavam saber. Mas ela não poderia ficar mais ali, sob os olhos deles, depois que eles soubessem. A sua mãe precisava saber, e seria melhor que ela mesma contasse. Ela iria contar para a sua mãe – e pedir permissão para voltar o quanto antes para Wyndham Street. Assim ela escreveu a seguinte carta – onde, como o leitor poderá perceber, ela não teve coragem de contar seu segredo:

Presbitério de Yoxham, segunda-feira,

Querida maman*,*

Peço que me dê permissão para voltar para casa, pois acho que já fiquei por tempo suficiente aqui. lorde Lovel foi embora, e apesar de a senhora estar muito brava, é melhor que eu lhe conte que não somos mais amigos. Minha querida mãe; estou tão triste pela senhora não estar satisfeita comigo. Eu seria capaz de morrer pela sua felicidade. Mas acabou tudo, e ele não voltaria atrás mesmo que eu pedisse. Ele foi embora, e encontra-se em Londres, e ele mesmo pode confirmar isto se a senhora pedir. Ele me despreza, como sempre soube que desprezaria – e por isso ele se foi. Não me importo por mim, pois sempre soube que seria assim; mas estou muito triste por que sei que a senhora ficará triste.

Não acho que eles queiram que eu continue aqui, e é claro que não há motivos para quererem. Eles foram muito bons para comigo antes disso acontecer, e mesmo assim não me disseram nada atravessado até agora. Mas tudo mudou, e corre o risco de acontecer algo ruim se eu ficar. A senhora está sozinha, e acho que ficaria feliz em rever a sua pobre Anna, apesar de estar brava com ela. Por favor, permita que eu volte para casa. Eu poderia muito bem partir na sexta, e acho que é o que vou fazer, a menos que diga o contrário. Posso arrumar um lugar na carruagem, e partir ao meio dia de York, chegando em Londres no sábado , às onze. Preciso comprar a passagem na quinta-feira. Tenho dinheiro suficiente, pois não gastei nada desde que aqui cheguei. Obviamente, Sarah irá comigo. Ela mudou muito desde que ficou sabendo que lorde Lovel foi embora.

Querida, maman*, eu a amo muito.*

Da sua querida filha,
ANNA

Não foi de propósito que a pobre moça comprou a passagem antes de a sua mãe ter respondido a carta. A passagem precisava ser comprada na quinta-feira de manhã, e ela só recebeu a carta da mãe na quinta-feira à tarde. Junto chegou a carta do conde para a sua tia, expressando o desejo de que lady Anna, se possível, fosse mantida em Yoxham. Mas as passagens estavam compradas, e não podia ser.

"Não entendo por que precisa ir" disse tia Julia, que concluíra que o sobrinho tinha sido instruído a insistir com o plano do casamento. lady Anna argumentou que já tinha pagado pelos dois lugares na carruagem. "Tenho certeza de que meu irmão pode dar um jeito nisso", disse tia Julia. Mas a condessa agora estava esperando pela filha, e lady Anna não voltou atrás. A carta da sua mãe não concordava com a sua volta. Mas se as passagens já tivessem sido compradas, claro que ela deveria ir. Foi o que disse a condessa. Não apenas para não perder o dinheiro, mas também para que as pessoas de Yoxham não pensassem que a sua filha estava ansiosa por ficar mais. "A sua mãe quer que você volte?" perguntou tia Julia. Lady Anna não teve como dizer que a sua mãe a queria de volta, por isso alegou mais uma vez que as passagens já tinham sido compradas, e ponto.

Na sexta-feira de manhã, foi solicitada a carruagem para levá-la até York, e surgiu a questão de quem deveria acompanhá-la. O pároco, que tinha uma cadeira cativa na catedral, tinha um encontro marcado com o deão e seus irmãos presbiterianos naquele mesmo dia, e, portanto, seria conveniente usar a mesma carruagem.

"Acho que vou sozinho no cabriolé", disse o pároco.

"Meu querido, Charles" pediu sua irmã "que bobagem. Ela não poderá lhe fazer nenhum mal".

"Não tenho tanta certeza disso", disse o pároco. "Acho que ela já me fez muito mal. Nem sei o que conversar com o ela".

"Não se esqueça de que Frederic pretende continuar com isso", disse Mrs. Lovel.

"Teria sido melhor se Frederic nem a tivesse conhecido", disse o pároco; "e tenho certeza de que teria sido melhor para mim também".

Mas ele acabou concordando, e por fim ajudou lady Anna a subir na carruagem. Mrs. Lovel os acompanhou, e tia Julia se despediu na sala de estar. Mas antes deu um jeito de ficar sozinha com a moça por um dois minutos, para

lhe dizer o seguinte:

"Preciso lhe dizer, minha querida, gosto muito de você".

"Oh, obrigada, Miss Lovel".

"Eu gostaria muito que você se casasse com o nosso Fredric".

"Não posso", disse lady Anna.

"Não vou perder as esperanças. Não tenho intenção de saber o que aconteceu entre você e Frederic, mas não vou desistir. Se tiver de ser, espero que sejamos amigas até o fim da minha vida. Dê-me um beijo, minha querida". Lady Anna, cujos olhos estavam marejados, atirou-se nos braços da senhora e a abraçou.

Mrs. Lovel também a beijou, e abençoou-a quando ela se afastou para entrar na carruagem; mas o pároco foi mais contido.

"Espero que tenha uma boa viagem" disse ele, tirando seu chapéu clerical.

"Deixe as coisas tomarem seu rumo", disse Mrs. Lovel, ao se aproximar do marido "ouça o que estou dizendo, ela é uma boa moça".

"Acho que ela é uma dissimulada" disse o pároco.

"Ela não é mais dissimulada do que eu", disse Mrs. Lovel, que não era nem um pouco dissimulada.

CAPÍTULO XX
A RECEPÇÃO DE LADY ANNA

A condessa foi a [22]City para se encontrar com a filha no [23]Saracen's Head, local onde a carruagem vinda de York costumava parar, e recebeu-a praticamente calada.

"Oh, *maman*, minha querida *maman*!" exclamou lady Anna. "Estou tão feliz por estarmos juntas outra vez". Sarah, a criada da moça, estava junto, inútil, curiosa e de orelhas em pé. A condessa não falou quase nada; deixou-se beijar, e perguntou onde estava a bagagem. Na ocasião, ela já estava sabendo de toda a história sobre Daniel Thwaite.

O Advogado-geral ignorou completamente os pedidos de sigilo do seu cliente, pois achava que num caso de tamanha importância cabia a ele cuidar dos interesses do mesmo, em vez de seguir suas instruções. Era preciso colocar um fim a este noivado com o filho do alfaiate. E ele acreditava que era seu dever, para o bem de toda a família Lovel, cuidar para que isto fosse feito o mais rápido possível. Este era o seu dever, não apenas como advogado contratado para cuidar do caso, mas como um homem que se via na obrigação de evitar o grande mal que poderia advir de tal união. Para ele, o casamento de lady Anna Lovel, dona de uma fortuna colossal, com Daniel Thwaite, o alfaiate, seria uma grave ofensa à nobreza do país – e tratava-se de um daqueles males que podia muito bem ser impedido com as devidas e discretas precauções. Sem dúvida o alfaiate queria dinheiro. O homem tinha direito a receber uma quantia considerável por tudo que tinha feito e sofrido em nome da causa. Mas Sir William não poderia oferecer ele mesmo tal recompensa. Não poderia tentar subornar o alfaiate. Não podia de forma alguma envolver seu nome nisso. Mas depois que ficou sabendo do segredo do lorde, ele achou que o trabalho precisava ser feito. Assim, mandou chamar Mr. Flick, o advogado, e contou tudo que sabia. "Foi embora e está noiva do alfaiate!" disse Mr. Flick, erguendo as duas mãos juntas. Nisso, Sir William tomou partido de lady Anna. Afinal, tal noivado não era – do seu ponto de vista – tão absurdo assim. O compromisso tinha sido selado quando ela era muito jovem, quando não conhecia outro homem da sua idade, quando devia muito a ele, quando não tinha como comparar um alfaiate com um lorde. Provavelmente o fizera por gratidão – disse Sir William – e agora estava presa a isso mais por

boa fé do que por afeto. E também não foi severo no julgamento do alfaiate, pois era um homem dado a desculpar os pobres mortais que desconhecem a lei – menos quando uma testemunha resolvia ficar de boca fechada – e por isso arrumou desculpas para Daniel Thwaite. Disse que este poderia ter feito algo muito pior do que o que estava fazendo. Pelo jeito já começava a brotar uma nobre confiança nele e na sua conduta. lorde Lovel achava que o casal não tinha trocado cartas durante a estada de lady Anna em Yoxham. Poderia até ter acontecido, mas era certo que não, um casamento às escondidas. Mais um motivo para acharem que Daniel Thwaite não deveria ser considerado uma pessoa torpe. Mas, mesmo assim, o alfaiate não merecia ficar com o prêmio. O prêmio era muito para ele. O que fazer, então? Sir William achou melhor consultar Mr. Flick sobre o que ele achava que poderia ser feito. "Não tenho dúvida de que devemos ser guiados pelo senhor, que é o Advogado-geral", foi a resposta de Mr. Flick.

"De uma coisa tenho certeza, Mr. Flick. O senhor deveria encontrar-se com a condessa e contar para ela, ou pedir a Mr. Goffe para fazê-lo. Está mais do que claro que eles não contaram nada para ela. No momento, os dois moram no mesmo prédio. É melhor que ela saia de lá o quanto antes e vá morar em outro lugar. Eles devem ser separados, e a moça, se necessário, enviada para fora do país".

"Existe a questão financeira, senhor".

"Não seja por isso. Vou cuidar pessoalmente para que não haja nenhuma. Trata-se de um caso que o tribunal irá liberar de bom grado uma parte da renda anual da fortuna. A coisa é tão grande que estou certo de que não faltará dinheiro em caso de necessidade. *A primâ facie* essas damas têm o direito de levarem uma vida decente, de acordo com a posição que afirmam ter, até que o caso seja resolvido. Sem dúvida, a moça é a herdeira".

"O senhor parece estar certo disso, Sir William?"

"Estou. E como já disse, é uma questão de sentir que estou certo, apesar de não ter certeza. Se a italiana fosse de fato a viúva, alguém já teria feito barulho por isso".

"Mas e se a outra italiana que morreu era mesmo a esposa na época do segundo casamento?"

"O senhor teria descoberto isso quando esteve lá. Alguém daquele país teria entrado em contato conosco para nos apresentar provas, sabendo o quanto estávamos dispostos a pagar por isso. Lembre-se de que já tentaram isso antes, mas de outra maneira. O falecido conde foi acusado de bigamia,

mas foi absolvido. Somos obrigados a admitir que aquela jovem dama é lady Anna Lovel, e somos obrigados a admitir que ela e a mãe são coerdeiras, nos mais variados graus, de toda a fortuna pessoal que o conde deixou. Não podemos assumir com segurança outro ponto de vista. Mas elas terão muitas dificuldades – e dificuldades muito sérias – caso ela venha se casar com esse alfaiate; pois, cá entre nós, ele acabaria tomando posse do dinheiro. Talvez, Mr. Flick, seja melhor o senhor se encontrar com ele e tentar descobrir o que se passa pela cabeça dele, sem comprometer ninguém. Mas, primeiro, conte tudo para a condessa. Depois de tudo que foi feito, o senhor não terá nenhuma dificuldade para conseguir marcar um horário com Mr. Goffe".

Mr. Flick de fato não teve nenhuma dificuldade para marcar um horário com Mr. Goffe – apesar de ter imaginado que ia ser bem mais difícil conseguir encontrar-se com Mr. Daniel Thwaite. Ele contou a Mr. Goffe a história do alfaiate aproveitador – sem usar nenhuma das desculpas dadas pelo Advogado-Geral que supostamente teriam levado o alfaiate a almejar tal união. "Eu sabia que íamos ter problemas com aquele homem" disse Mr. Goffe, que nunca gostou dos Thwaite. Mr. Flick disse também que era melhor Mr. Goffe contar para a condessa – e, Mr. Goffe neste ponto concordou com seu adversário. Dois ou três dias depois desta conversa, e depois da última carta que a mãe tinha escrito para a filha, lady Lovel ficou sabendo que lady Anna estava noiva de Mr. Thwaite.

Ela já desconfiava disso; vinha sentindo um aperto no coração no último mês, receando tal calamidade; ela tinha feito planos de separar os dois; tinha feito perguntas à filha, tentando confirmar as suas desconfianças – mas mesmo assim não conseguia acreditar que fosse mesmo verdade. Como Mr. Goffe ficara sabendo? Mr. Flick tinha contado para Mr. Goffe, que por sua vez tinha ouvido de Sir William Patterson; para quem a história tinha sido contada por lorde Lovel. "E quem contou para lorde Lovel?" indagou a condessa, furiosa.

"Sem dúvida foi lady Anna", disse o advogado. Mas apesar da sua indignação, ela teve suas dúvidas. O advogado, no entanto, tinha certeza. "Não há esperanças de que não seja verdade". Mesmo assim ela fingiu que não acreditava, apesar de pretender tomar as devidas precauções sobre a questão. Uma vez que Mr. Goffe achava prudente, ela iria se mudar. Assim como iria pensar na sugestão de saírem do país. Prometeu também que ia ficar de olho. Mas não admitiu a possibilidade de que lady Anna Lovel, a filha do conde Lovel, tivesse tido a coragem de se desgraçar de tal maneira.

Mas ela acreditou naquilo. Seu coração disse que era verdade na primeira

palavra que o advogado falou. Como pôde ser tão cega a ponto de não perceber! Como foi tola a ponto de não entender quando a filha afirmou que não poderia se casar com o primo! A sua filha além de enganá-la ainda tinha sido esperta o suficiente para manter a farsa. Aquilo já devia estar acontecendo há uns doze meses, e ela, enquanto isso, vinha sendo enganada por uma menina! Nisso, ela pensou na vergonha profunda que teria pela frente. Depois de ter passado vinte anos da sua vida lutando por isso – depois de tudo que tinha sido feito, quando finalmente venceria, quando a posição e a riqueza da sua filha estavam garantidas diante do mundo, quando ela finalmente estava prestes a ser reconhecida como uma condessa – tudo iria por água abaixo por causa de uma paixão boba! Será que não seria melhor morrer pobre e esquecida – enquanto ainda havia dúvidas – antes de ser abatida por tamanha desgraça? Tanto trabalho para provar que era uma condessa, que a sua filha era a herdeira do conde, para que no fim lady Anna Lovel se casasse com Daniel Thwaite, o alfaiate!

Ela tomou várias decisões; e a primeira era que, nunca mais voltaria a sorrir para filha até que esta ideia tola fosse abandonada. Ela amava a filha como somente as mães são capazes de amar. Era mais devotada do que um pelicano, seria capaz de dar o seu sangue – não apenas para nutrir, mas para engrandecer a filha. O reconhecimento da sua própria posição, da sua honra, do seu nome, dependia da glória da sua filha aos olhos do mundo. A filha que ela tivera com o conde Lovel, a que o pai tinha estigmatizado como uma bastarda, que por meio dos seus esforços se tornaria conhecida como lady Anna, a herdeira da fortuna daquele mesmo pai – a filha mais rica, bela e mais nobre de toda Inglaterra. Então surgiu a ideia de que a herdeira bem-nascida dos Lovel, deveria se tornar ela mesma a condessa Lovel, e a mãe sentiu ainda mais orgulho. Tudo tinha sido feito pela sua filha! Acaso ela não a amara como uma mãe, e com o todo carinho de uma mãe? E para quê?

Ela continuaria amando-a, mas não conseguiria tratá-la com o mesmo afeto enquanto a filha não desfizesse aquela promessa – daquele noivado absurdo. Foi preciso reunir todas as suas forças para endurecer, e tomar uma decisão tão difícil. A sua filha a enganara, e agora ela seria implacável. Haveria sofrimento, mas ela por acaso já não tinha sofrido? Haveria tristeza, mas ela por acaso já não tinha ficado triste? Haveria protestos, mas ela por acaso já não protestara durante toda a sua vida? Muito em breve o alfaiate estaria colhendo o fruto do seu trabalho – trabalho este que começara quando ela se casou com aquele homem cruel e terrível – mas antes que a sua filha pudesse

rejeitar o sangue que tanto lhe custara para tornar nobre, ela iria agir de um modo tal que a maldade que seu marido fizera contra a filha iria parecer coisa pequena. Foi com isso em mente que ela foi receber a filha no Saracen's Head.

Antes, ela tratou de alugar um novo lugar para elas morarem – na Keppel Street, próximo a Russel Square, bem longe da Wyndham Street. Ela pedira que Mr. Goffe recomendasse um lugar, e ele a mandara falar com a senhora de quem ele mesmo alugara um quarto quando era solteiro. A Keppel Street não era considerada elegante, e a Russel Square não é exatamente um local famoso pelos seus nobres habitantes. Mesmo assim, a casa era melhor em todos os aspectos do que a que elas estavam morando, apesar de o aluguel ser consideravelmente caro. Mas a vida financeira da condessa estava melhorando; e Mr. Goffe não poupou ao escolher para ela um apartamento "elegante" com salas de estar, dois quartos com portas duplas, ou seja, com quartos no andar de cima, atendimento hoteleiro de primeira classe e um quartinho para a criada pessoal da lady. "Além do mais, ficará bem mais perto de Mrs. Bluestone" observou Mr. Goffe, que estava a par da amizade.

O trajeto de poucas milhas em uma carruagem fechada até a Keppel Street foi horrível para lady Anna. Nenhuma palavra foi dita, pois Sarah, a criada pessoal, veio junto na mesma carruagem. Vez ou outra a coitada da moça tentou segurar a mão da mãe, num gesto de carinho. Mas a condessa não deixou, e na última tentativa retirou a mão rispidamente. "Oh, *maman*!" exclamou lady Anna, sem conseguir conter o estranhamento. Mas a condessa nada disse. Sarah, a criada, estava começando a desconfiar que houvesse outro pretendente envolvido. "Estamos na Wyndham Street?" indagou lady Anna quando a carruagem parou.

"Não, minha querida. Não estamos na Wyndham Street. Aluguei outro apartamento. É aqui que vamos morar, agora. Desça que vou logo atrás, e Sarah cuidará da bagagem". Então a filha entrou na casa, e cumprimentou a senhoria com uma cortesia. Nisso deu-se conta de que tinha sido afastada de Daniel Thwaite, e neste momento teve certeza de que sua mãe já sabia de toda a história. "Este é o seu quarto", disse a sua mãe. "É melhor arrumar as suas coisas. Você está muito cansada?"

"Oh! Estou muito cansada", e com isso lady Anna irrompeu em lágrimas.

"O que você tem?"

"Oh, não é nada! Acho que vou me deitar um pouco, *maman*. Por que está tão ríspida comigo? Diga. Qualquer coisa será melhor do que isso".

"Anna, você não agiu mal comigo?"

"Nunca, *maman*, nunca. Nunca tive a intenção de agir mal. Eu a amo mais que tudo no mundo. Nunca agi mal para com a senhora. Mas… se continuar olhando assim para mim acho que não vou suportar".

"É verdade que prometeu se casar com Mr. Daniel Thwaite?"

"*Maman*!"

"É verdade? Serei direta. Mr. Goffe me contou que você recusou o pedido de casamento de lorde Lovel, e disse a ele que não poderia aceitar por que está noiva de Mr. Thwaite. É verdade?"

"Sim, *maman*. É verdade".

"Você se comprometeu com aquele homem?"

"Sim, *maman*".

"E mesmo assim me disse que não havia ninguém quando lhe falei sobre lorde Lovel? Você mentiu para mim?" A moça sentou-se confusa, surpresa, incapaz de dizer algo. Tinha acabado de viajar de York para Londres, dentro de um daqueles veículos horrendos do qual costumamos nos orgulhar quando falamos sobre as nossas carruagens. Estava exausta e esgotada. Para completar não tinha tomado o desjejum naquela manhã, e estava sentindo-se nauseada e dolorida, não no coração apenas, mas em todo o corpo. Claro que era verdade. Sua mãe sabia que era. Mas não haveria compaixão para seu ato. Seria melhor, muito melhor que morrer do que ser vítima de tamanha humilhação. "Então você mentiu para mim?" repetiu a condessa, em pé, diante dela.

"Oh, *maman*, a senhora vai me matar, assim".

"Prefiro morrer aqui e agora, e saber que você morrerá logo em seguida, a vê-la casada com um tipo como aquele. Você nunca irá se casar com ele. Nem que eu tenha que jurar diante do juiz que eu era amante daquele lorde – que eu sabia disso quando fui embora com ele – que você nasceu bastarda aos olhos da lei, e que vivi em perjúrio, para evitar tamanha desgraça como esta. Isto não pode acontecer. Eu a levarei para bem longe, para que ele nunca mais a veja. Quanto ao dinheiro, que se dane, assim ele nunca colocará a mãos nele. Ou pensa que é de você que ele gosta? Ele ficou sabendo sobre a fortuna – e você não passa de uma isca para o anzol dele".

"A senhora não o conhece direito, *maman*".

"Que ousadia a sua me dizer que eu não o conheço, sua insolente! Por acaso não o conheço antes de você nascer? Por acaso não o conheço desde sempre? Você vai me dar a sua palavra de honra que nunca mais irá se encontrar com ele?" lady Anna tentou pensar, mas sua cabeça estava confusa. Tudo começou a girar ao seu redor, e ela jogou-se na cama atordoada. "Responda, Anna.

Você vai me dar a sua palavra de honra que nunca mais irá se encontrar com ele?"

Ela poderia até ter dito sim, se não tivesse a impressão de que não tinha forças nem mesmo para dizer apenas isso – e ela sabia que se o fizesse toda aquela agonia iria passar. Com aquela palavrinha apenas sua mãe voltaria a ser gentil; cuidaria dela, traria uma xícara de chá e ficaria ao seu lado, acariciando-a. Mas ela também era uma Lovel, assim como era também filha de Josephine Murray.

"Não posso dizer isso, *maman*" foi a sua resposta, "pois fiz uma promessa".

Sua mãe saiu do quarto num rompante, e ela foi deixada sozinha na cama.

CAPÍTULO XXI
DANIEL E O ADVOGADO

Foi mencionado anteriormente que a condessa, quando enviou a filha para Yoxaham, fê-lo com a certeza de que o contato com os Lovel iria despertar nela um desejo de ter o mesmo estilo de vida que encontraria no presbitério – e ela estava certa. Daniel Thwaite também sabia disso. Estava ciente de que ele e sua amizade seriam rebaixados, e que o seu poder, tanto de agradar quanto de influenciar iriam diminuir com este novo contato. Mesmo que pudesse impedi-la de ir, ele não o teria feito. E nenhum daqueles que estavam agora interessados na sua conduta conheciam o caráter deste homem. Sir William Patterson tinha lhe dado crédito pela honestidade, mas nem mesmo ele percebia – talvez por não ter tido oportunidade de perceber – a retidão em tudo que este homem fazia. Ele era ambicioso, insatisfeito, taciturno e tirânico. Odiava o domínio dos outros, mas era inclinado a dominar. Pensava mal de todos que estavam acima da sua posição, e ansiava pelo dia em que todas as diferenças sociais fossem extintas. Os cavalheiros, assim chamados, para ele não passavam de selvagens que deveriam ser banidos para que a perfeição fosse finalmente atingida e a vida começasse a seguir o curso da natureza que era produzir de acordo com a vontade do Criador. Mas ele era um homem que reverenciava todas as leis – e uma lei, se reconhecida como tal, para ele deveria ser imposta fosse por uma penalidade, ou simplesmente por uma questão de obedecer à própria consciência. Essa garota tinha sido colocada no seu caminho, e a princípio, ele sentiu pena, mas depois amou-a desde a infância. Ela tinha sido prejudicada pela maldade do próprio pai – e este pai era um conde. Ele lutou com afinco pelos direitos da mãe – não apenas por que era um direito dela ser reconhecida como uma condessa, mas por oposição ao conde. No começo – na verdade, ao longo de todos esses anos de conflito, com exceção do último ano – tudo tinha sido apenas por uma questão de direito, não de dinheiro. A esposa tinha direito a receber o devido apoio – qual a dimensão do apoio, Daniel nunca soube ou questionou; mas a filha nunca teve direito a nada. O conde, mesmo que tivesse feito seu testamento antes de enlouquecer – ou, melhor, se não tivesse destruído depois que ficou louco o testamento que tinha feito anteriormente – muito provavelmente teria deixado a moça sem nenhum centavo. Naquela época, quando o amor de

Daniel crescia a cada dia, quando ele andava com a menina pelos campos, quando a menina jurou que ele sempre seria seu melhor amigo, quando o amor do menino se transformou em paixão de homem, nem se pensava em dinheiro. Dinheiro! Como se ele não soubesse desde a tenra idade da necessidade do dinheiro para os nobres propósitos, que os ganhos do seu pai, que seriam para garantir um futuro melhor para ele, estavam sendo consumidos a serviço daquelas mulheres desamparadas. Mas ele nunca reclamou. Elas mereciam. Aquela menina era tudo para ele; e era certo que tudo fosse gasto; pois era como se ela fosse uma irmã, era como se ela já fosse a sua esposa. Nunca passou pela sua cabeça enriquecer a custa da fortuna do conde. Então apareceu o testamento, e a alegação do conde herdeiro, e a crença geral de que ele merecia ficar com tudo. O que tinha restado das economias do seu pai ainda estava sendo gasto pelo bem da condessa. O primeiro honorário que tinha ido parar no bolso do Sargento Bluestone tinha saído do pequeno montante do velho Thomas Thwaite. Então o testamento foi esquecido; e gradualmente a causa da condessa cresceu a seu favor. Deveria ele então esquecer seu amor, confessar-se indigno e sumir da vida dela, só por que ela poderia tornar-se uma herdeira? Ou será que deveria imaginar que ela seria capaz de deixar de amá-lo só porque era uma herdeira? Ele não era tão humilde assim; não sofria de baixa autoestima. Quanto a ela, disse a si mesmo que deveria ter a oportunidade de ser egoísta e nobre – totalmente egoísta, e totalmente nobre até onde o título e a posição social poderiam torná-la – se fosse a sua vontade. Ele tinha lhe oferecido a liberdade – na verdade, o fizera com palavras amargas, num protesto indignado contra o pretendente janota, com a intenção de assustá-la caso ela estivesse considerando a possibilidade de aceitar o pedido de casamento do outro; mas suas palavras tinham sido ácidas não com a intenção de baldar a sua aparente liberalidade, mas porque ele era ácido e de temperamento forte por natureza. O fidalgo estava prontinho para casar-se com a sua noiva – a menina que ele conhecia e ajudara a vida toda – simplesmente por que ela era rica e o tal fidalgo pobre. Várias vezes ele disse si a mesmo que preferia ver o lorde ficando com todo o dinheiro, perdendo tudo com jogo e prostitutas, e voltando a ser pobre novamente, enquanto ele ficaria com ela ao lado da sua mesa de alfaiate, usufruindo juntos os frutos do seu trabalho honesto. Ele sabia que tinha falado muito. Mas a garota devia ter liberdade para fazer o que achasse melhor.

Ele não escrevera nenhuma linha antes da partida dela, ou durante a sua estada em Yoxham; nem ela enviou nada durante a sua ausência. Mas durante o

trabalho, ou quando fazia o caminho de casa para a loja, ou ficava deitado insone, ele só pensava nela. Duas ou três vezes por semana, ele batia à porta do apartamento da condessa para trocar algumas palavrinhas, como era natural devido à longa relação de amizade que tinham. Mas a relação de amizade não era verdadeira. A condessa não contou nada sobre seus planos; assim como ele não disse nada sobre os seus. Um desconfiava do outro; mesmo assim agiam civilizadamente. Uma ou duas vezes a condessa comentou que em breve pagaria com juros todo o dinheiro que Thomas Thwaite lhe emprestara. Daniel sempre tratou o assunto com uma indiferença nobre. Seu pai, disse ele, nunca se arrependeu dos empréstimos que fez. Se por ventura o dinheiro voltasse, sem dúvida, ele aceitaria de bom grado.

Numa noite, quando voltava do trabalho, ele ficou sabendo que a condessa iria se mudar na manhã seguinte. A dona da casa, quem lhe contou, não sabia para onde a condessa estava indo. Ele deu uma passadinha no seu apartamento, lavou as mãos, e foi falar com sua vizinha. Após os cumprimentos normais, que foram frios e beiraram a indelicadeza, ele fez a pergunta de modo direto:

"Fiquei sabendo que vai se mudar amanhã, lady Lovel."

Ela fez uma pausa, e então concordou com um aceno de cabeça.

"Para onde está se mudando?"

Ela fez outra pausa mais longa, pensando na responda que daria.

"Acaso tem alguma objeção que eu saiba?" perguntou ele.

"Sim, Mr. Thwaite".

Naquele momento, passou pela sua cabeça tudo que ele e seu pai tinham feito, e não o que ele pretendia fazer. Esta era a gratidão de uma condessa!?

"Neste caso, não perguntarei novamente. Achei que fôssemos amigos".

"Claro que somos amigos. Seu pai tem sido meu melhor amigo. Vou escrever para ele contando. Sinto-me no dever de contar para ele tudo que faço. Mas no momento, meu caso está nas mãos dos meus advogados, e eles me aconselharam a não contar para ninguém em Londres onde estou morando".

"Então, boa noite, lady Lovel. Peço desculpas pela intromissão".

Ele se foi sem dizer mais nada, pisando duro de indignação. Eles agora eram inimigos. Ela tinha dito que iria se afastar dele – e era assim que eles deveriam ficar. O que ele deveria esperar de uma condessa? Mas como ia ser com lady Anna? Ela também tinha um título. Também ficaria rica. Se tornaria uma condessa caso quisesse. Bastaria um sinal dela, que ele se mudaria para o outro extremo do Globo, e iria viver num mundo que não fosse contaminado por lordes e ladies. Mas a condessa mesmo sem querer acabou lhe dando o

endereço, pois, na manhã seguinte, a proprietária dos apartamentos contou que ela tinha se mudado para a Street Keppel, número "*X*".

Ele não teve dúvidas de que lady Anna estava prestes a retornar para Londres. Do contrário não haveria motivo para aquela mudança repentina. Mas o que importava se ela estava em Yoxham ou na Keppel Street? Ele não poderia fazer nada. O momento de se aproximar da moça, por mais guardada que estivesse, e exigir a sua mão, ainda iria chegar. Mas a exigência só poderia ser feita a ela, e mais ninguém. Quando chegasse o momento não haveria mais dúvidas sobre o dinheiro. Fosse ela a dona indiscutível de milhares de libras, ou a filha declarada ilegítima, a exigência deveria ser feita no mesmo tom e com a mesma segurança. Ele sabia de toda a história da vida dela. Ela tinha completado vinte anos em maio, e agora era setembro. Na próxima primavera atingiria a maioridade, e estaria livre da mãe, e livre para tomar as próprias decisões. Não que ele achasse que nada deveria ser feito ao longo destes oito meses; mas, de acordo com o seu modo de pensar, não seria possível fazer suas exigências com força total antes que ela fosse uma mulher livre de todo controle legal assim como ele.

As chances não estavam a seu favor. Ele conhecia as seduções do luxo. Houve momentos em que disse a si mesmo que é claro que ela deveria cair na teia que tinham preparado. Mas então dentro do seu peito uma crença na verdade e na honestidade o enchia de esperança. Como a sua vitória ia ser grandiosa, quão grande o triunfo da nobreza de uma alma humana, se, depois de tudo, depois de todas as perspectivas de riqueza e posição, a moça ficasse com ele, e recostada em seu peito, lhe dissesse que nunca vacilou em seu amor! Por isso, ele prometeu a si mesmo que nunca iria se aproximar às escondidas daquela casa na Keppel Street. A condessa poderia muito bem ter lhe contado sem receios.

Enquanto a sua situação se encontrava neste patamar, ele recebeu uma carta do escritório dos advogados *Norton and Flick* pedindo para entrar em contato com Mr. Flick, no gabinete deles, no Lincons'Inn. O Advogado-geral tinha sugerido ao advogado que falasse com o homem, e Mr. Flick se viu na obrigação de obedecer; apesar de não fazer a mínima ideia do que iria dizer para Daniel Thwaite. O objetivo, é claro, era subornar o alfaiate; mas tais arranjos são complicados, e requerem grande cautela. Além do mais, Mr. Flick era contratado pelo conde Lovel, e o homem em questão era amigo das oponentes do lorde no caso. Mr. Flick achava que o Advogado-geral vinha tomando algumas decisões contraditórias com relação a este caso. Caso este

que sem dúvida era um tanto peculiar – muito distinto de qualquer outro que Mr. Flick tivesse atuado em toda a sua carreira profissional; não era possível dizer quem, no momento, tinha interesses opostos, e quem tinha interesses comuns; mas mesmo assim etiqueta é etiqueta, e Mr. Flick sabia que um escritório como o *Norton and Flick* não deveria envolver-se em irregularidades. Mesmo assim mandou chamar Daniel Thwaite.

Depois de explicar quem ele era, o que Daniel sabia muito bem, sem que ninguém tivesse lhe dito, Mr. Flick deu início ao seu trabalho.

"O senhor está ciente, Mr. Thwaite, que as duas partes estão interessadas em selar um acordo amigável e encerrar o caso".

"Estou ciente de que os representantes de lorde Lovel se deram conta de que não têm como sustentar a alegação legalmente e por isso pretendem atingir seus objetivos por outros meios".

"Não, Mr. Thwaite. Não posso admitir isso nem por um segundo, pois seria uma visão equivocada do processo".

"Lady Anna é a filha legítima do falecido conde?"

"Isso não sabemos. Ninguém sabe. O senhor não é advogado, Mr. Thwaite, do contrário saberia que não existe nada mais difícil de solucionar do que uma questão de legitimidade. As vezes demora um século para decidir se um casamento foi ou não válido. O senhor deve ter ouvido falar do famoso caso MacFarlane. Para descobrir quem era MacFarlane eles tiveram de voltar cento e vinte anos no tempo para finalmente solucionarem o caso, baseados no relato de um homem cuja avó tinha lhe contado que vira uma aliança no dedo de uma mulher. O caso custou mais de quarenta mil libras, e demorou noventa anos para ser concluído. Até onde posso ver este caso é mais complicado do que aquele. É bem possível que ainda vá parar no tribunal da Sicília, e se isto acontecer nem eu e nem o senhor viveremos para ver o desfecho".

"Seu nome continuará vivo através do caso, Mr. Flick, já o meu nem isso".

"Mr. Thwaite, acho a sua observação um tanto imprópria. Entretanto, meu objetivo aqui é lhe explicar que todas essas dificuldades podem ser superadas com uma simples aliança entre o conde Lovel e a dama que atualmente é tratada por cortesia como lady Anna Lovel".

"Por cortesia da Coroa, Mr. Flick" disse o alfaiate, que entendia muito bem a natureza dos títulos que tanto odiava.

"Admitimos o nome, eu lhe garanto, e estamos ansiosos para promover o casamento. Assim como ansiamos por colocar um fim a este litígio desastroso. No entanto, fiquei sabendo que a jovem sente-se presa a alguma promessa

infantil que fez ao senhor".

Daniel Thwaite não esperava por isso. Não imaginava que a moça fosse contar a alguém sobre o noivado, e por isso não estava preparado para dar uma resposta. Mas ele não era homem de ficar calado por muito tempo.

"O senhor chama isso de coisa de criança?"

"Certamente".

"Então o que seria se ela ficasse noiva do conde agora? Não faz nem um ano que o compromisso, o noivado, comigo foi assumido, mas mesmo assim foi reafirmado no último mês. De acordo com seu linguajar, Mr. Flick ela é uma criança, assim como é uma criança aos olhos da lei. Se lorde Lovel deseja se casar com ela, por que não se casa? Pelo jeito ele não está preocupado que ela seja uma criança".

"O senhor sabe que o casamento de vocês seria impossível".

"O casamento comigo, Mr. Flick, seria tão possível quanto o com lorde Lovel. Quando ela alcançar a maioridade, nenhum clérigo da Inglaterra ousará recusar-se a celebrar a nossa união, caso as regras prescritas pela lei sejam obedecidas".

"Veja bem, Mr. Thwatie; não quero discutir com o senhor sobre a lei e suas possibilidades. O casamento não seria correto, e o senhor sabe disso".

"Seria correto, sim; contanto que a dama em questão deseje o mesmo que eu. Tanto quanto seria o casamento dela com lorde Lovel. Com qual de nós dois ela se comprometeu? Qual de nós dois disse que a amava? Qual de nós dois a conquistou com uma amizade duradoura e fiel? E qual de nós dois, Mr. Flick, resolveu se casar com ela por causa da fortuna que a jovem irá receber? Nunca vi lorde Lovel como rival quando lady Anna era considerada a filha ilegítima de um homem louco".

"Suponho, Mr. Thwaite, que o senhor não é indiferente ao dinheiro dela?"

"Então supôs errado; como faz a maioria dos advogados quando resolvem supor os motivos atribuídos".

"O senhor não está sendo civilizado, Mr. Thwaite".

"O senhor não me chamou aqui para que fôssemos civilizados. Mas vou ser sincero. Caso o dinheiro de lady Anna venha a ser meu por conta do casamento, eu o guardarei pelo bem dela, e pelos filhos que ela venha ter, com todas as minhas forças. Garantirei o direito dela como um homem deve fazer. Mas meu propósito em insistir com o noivado não vai diminuir ou fortalecer por causa do dinheiro, que acredito ser dela. Tenho certeza de que a lei vai conceder-lhe o direito a fortuna. Pelo bem dela, como seu noivo, desafiarei

lorde Lovel e todos os outros. Mas o dinheiro dela e a mão dela são duas coisas distintas, e nunca serei guiado por um, pensando no outro. Creio, Mr. Flick, que já disse o bastante. Portanto, tenha um bom dia". Com isso ele se foi.

O advogado nem ousou sugerir o acordo pelo qual tinha mandado chamar o homem. Não ousou perguntar ao alfaiate quanto ele estaria disposto a receber para abandonar a moça, e assim livrá-los do empecilho. Sem dúvida, ele tomou o rumo certo, pois do contrário, Daniel Thwaite poderia ter sido ainda menos civilizado.

CAPÍTULO XXII
O ABISMO

"Você acha que seria mais feliz casada com alguém como Daniel Thwaite, uma criatura infinitamente inferior, distante dos seus amigos e parentes, de todos aqueles cujo sangue você compartilha, de mim e da sua família, do que seria se carregasse um sobrenome de orgulho, como a filha e esposa de um conde Lovel; a mãe do futuro conde herdeiro? Nem vou falar de dever, ou de conveniência, ou da felicidade dos outros que dependem de você. É natural que uma moça deva buscar pela própria felicidade no casamento. Mas você acha que a sua felicidade consiste em chamar aquele homem de marido?"

Foi nesses termos que a condessa falou com a filha, que ainda se encontrava na cama, na Keppel Street, cansada e esgotada. Há três dias que ela vinha sendo vítima de investidas desse tipo, e durantes estes três dias nenhuma palavra de carinho lhe foi dirigida. A condessa vinha mantendo firme a sua promessa de ser severa, acreditando que assim conseguiria dobrar a filha e forçá-la a desfazer o noivado. Mas ainda não tinha obtido sucesso. A menina se mostrara dócil, e em todos os sentidos, submissa. Em momento algum defendera a sua conduta. Não tentou dizer que tinha feito a coisa certa ao aceitar o pedido de noivado do alfaiate. Assim como não mostrou, por meio do seu silêncio, estar disposta a concordar que o seu noivado tinha sido uma praga, uma desgraça que recaíra sobre a toda a família Lovel. Não ousou falar com a mãe do mesmo modo que abordara o tema com o conde. Ela se agarrou a sua promessa, e falou do seu futuro como se fosse algo irrevogável por conta da palavra que tinha dado. "Prometi a ele, *maman*, e jurei que me casaria." Essa foi a resposta que deu na cama; a mesma que repetira dúzias de vezes ao longo dos três últimos dias.

"Quer dizer que todos que dependem de você irão à ruína por causa de uma promessa boba?"

"*Maman*, isso já foi dito muitas e muitas vezes, e ele não deseja a ruína de ninguém. Ele me falou que lorde Lovel pode ficar com o dinheiro".

"Bobagem, garota ingrata! Não é por lorde Lovel que estou lhe pedindo. É pelo nome, e pela sua própria honra. Acaso não reza todos os dias, pendido a Deus que a conserve no bom caminho? Não vê que com isso está se afastando deliberadamente e pecaminosamente deste caminho?" Mas lady Anna insistia

em dizer que estava presa a promessa que tinha feito.

No dia seguinte, a condessa receou que filha estivesse doente. Na verdade ela estava mesmo doente – tanto que o médico que a examinou declarou que ela deveria ser tratada com muito cuidado. Disse ainda que ela estava sofrendo de um esgotamento mental e deveria ser tirada de casa para se distrair um pouco. A condessa ficou com medo, mas mesmo assim se manteve resoluta. Ela amava a filha como nenhum outro ser humano na face da Terra. A filha era a única coisa que a mantinha ligada ao mundo. Mesmo assim seguiu repetindo para si mesma que preferia ver a filha morta a vê-la casada com o alfaiate. Era preferível perseguir o caminho do cemitério se fosse para evitar um casamento absurdo e odioso como aquele, pois ela acreditava que no fim tal caminho seria melhor. Se fosse firme na sua resolução, sua filha não ousaria deixar a casa da mãe para ir a uma igreja se casar às escondidas com Daniel Thwaite. Não era da natureza da menina. No entanto, se ela, a condessa, cedesse um centímetro, então este mal recairia sobre todos eles. Ela tinha ouvido falar que os jovens são capazes de convencer os pais se forem insistentes o bastante. E que os pais são sempre moles com os filhos, e propensos a ceder. Ela também teria cedido, se o interesse em questão não fosse tão importante, se a fuga do dever fosse menos descarada, ou a união proposta menos absurda e vergonhosa. Mas neste caso cabia a ela se manter firme, mesmo que sua firmeza a levasse aos portões do cemitério. “Eu juro” disse ela, “que o dia que você se casar com Daniel Thwaite será o dia da minha morte”.

Em seu desespero, ela foi aconselhar-se com o Sargento Bluestone. Até então o Sargento era totalmente contra qualquer tipo de acordo, pois acreditava que tudo poderia ser conquistado sem o sacrifício de um apenas. Não tinha nada contra o casamento entre os primos, mas antes de qualquer coisa a prima herdeira deveria estar em posse dos seus direitos, e primeiro deveria ser reconhecida com lady Lovel para assim poder exigir um acordo com relação à fortuna, que seria conveniente se fosse declarada herdeira. E aí então, se quisesse casar-se com o lorde; que fosse por vontade própria e não para poder usufruir de metade daquilo a que tinha direito. O Sargento argumentou ainda que no caso de um acordo, a condessa nunca iria poder desfrutar do prazer de de ter o título reconhecido. As pessoas até poderiam chamá-la de condessa Lovel; mas, pelas suas costas iriam dizer que ela não era condessa coisa nenhuma. Ele vinha muito contrariado com tudo que estava acontecendo, especialmente com a interferência de Sir William. Mas quando

ficou sabendo da novidade, a coisa mudou. Era preciso fazer o máximo possível para evitar o casamento com o alfaiate, pois este seria o fim da linha para mãe e filha.

Mas ele ficou um pouco assustado quando soube da situação na Keppel Street.

"Como assim não devo ser tão severa?" contestou a condessa ao ser repreendida. "Se eu esmorecer ela vai pensar que estou cedendo. Não percebe que está tudo em jogo; tudo pelo qual lutei a vida toda?" O Sargento mandou chamar a sua esposa, e sugeriu que lady Anna passasse uma ou duas semanas na Bedford Square. Assegurou ainda à condessa que ela poderia ter certeza de que Daniel Thwaite não teria acesso a sua casa.

"Mas se lorde Lovel quiser nos honrar com uma visita, será um prazer recebê-lo" disse o Sargento.

Lady Anna foi levada para Bedford Square, onde foi submetida a um tratamento menos massacrante, mas não menos persistente. Mrs. Bluestone conversava com ela todos os dias, tratava-a com todo respeito e reverência a sua posição, o que na verdade não era natural para a boa senhora, mas que foi assumido com o intuito de fazer lady Anna enxergar a diferença que existia entre a sua posição e a do alfaiate. Nada foi dito às moças sobre o alfaiate – para que a desgraça de uma união tão discrepante não chocasse suas mentes inocentes; disseram apenas que um perigo rondava, mas que não era para se esquecerem, sempre que falassem com a hóspede, que ela iria se tornar a condessa Lovel. A sua criada pessoal, Sarah, também foi enviada para a casa do Sargento, e fizeram-na prometer sigilo. Lady Anna nunca poderia ser deixada sozinha. Ela seria uma prisioneira com correntes douradas – uma que tinha um futuro esplêndido e glorioso pela frente.

"Acho que ela gosta mais do lorde" comentou Mrs. Bluestone com o marido.

"Então por que diabos ela não se casa com ele?" Era outubro e a data marcada para julgamento do caso em novembro estava se aproximando.

"Creio que ela aceitaria se ele pedisse outra vez. Claro que nunca mencionei o nome do outro. Mas quando falo sobre o conde Lovel, ela sempre responde como se estivesse apaixonada por ele. Ontem, perguntei como ele era, e ela disse que era praticamente perfeito. Disse ainda que será uma pena se ele não ficar com o dinheiro, pois sendo o conde, ele deveria ficar com tudo".

"Por que ela não dá o dinheiro para ele?"

“Perguntei isso; mas ela meneou a cabeça e disse que não pode. Acho que aquele homem a obrigou a fazer alguma promessa, e deve estar pressionando”.

“Sem dúvida ele a fez prometer algo, mas todos sabem que os deuses perdoam os pecados dos apaixonados” disse o Sargento. “Precisamos convidar o lorde para vir a nossa casa assim que ele voltar para a cidade”.

“Ele é bonito?” perguntou Alice Bluestone, a filha mais nova, que tinha se tornado a melhor amiga de lady Anna dentre todos os membros da família.

Obviamente as duas estavam falando sobre o lorde Lovel.

“É o que todos dizem”, respondeu lady Anna.

“Mas o que você acha?”

“Não acho que a beleza de um homem importe muito, mas ele bonito. Não é moreno como todos os outros Lovel; nem loiro. Nunca achei que homens loiros parecessem másculos”.

“Oh, não!” exclamou Alice, que pretendia ficar noiva de um jovem advogado que tinha cabelos muito pretos.

“Lorde Lovel tem cabelos castanhos claros e olhos azuis; mas o formato do seu rosto é tão perfeito! É um oval não muito comprido. Mas não é isso que o torna belo. Ele olha como se todos no mundo estivessem à disposição para fazer tudo de acordo com as suas vontades”.

“E por que você não faz exatamente o que ele quer, minha querida?”

“Ah, essa é a questão. Eu faria muitas coisas se ele me pedisse para fazer. Ele é o chefe da nossa família. Acredito que ele deve ficar com todo o dinheiro, e ser um homem rico e poderoso, como devem ser todos os condes Lovel”.

“Mesmo assim você não quer se casar com ele?”

“Você se casaria se estivesse comprometida com outro homem?”

“Você está comprometida com outro homem?”

“Sim, estou”.

“Quem é ele, lady Anna?”

“Eles não lhe contaram?”

“Não. Ninguém me contou nada. Só sei que todos querem que você se case com conde Lovel, e sei que é isto o que ele deseja. E soube também que ele está apaixonado por você”.

“Não creio. Mas mesmo que estivesse, não faria diferença. Se tivesse dado a sua palavra para outro homem, você voltaria atrás por causa de um lorde?”

“Não acho que eu daria a minha palavra sem antes consultar a minha mãe”.

“Se ele tivesse sido bom para você, se você sempre o amara, e para

completar ele ainda fosse o seu melhor amigo, o que você faria, então?"

"Quem é ele, lady Anna?"

"Não me chame de lady Anna, ou não serei mais sua amiga. Vou lhe contar, mas não conte para ninguém. Pensei que todos já soubessem, pois contei para o conde Lovel, e achei que ele tivesse contado para todo mundo. É Mr. Daniel Thwaite".

"Mr. Daniel Thwaite?" exclamou Alice, que tinha ouvido o suficiente sobre o caso para saber quem eram os Thwaite. "Mas ele é um alfaiate!"

"Sim", disse lady Anna com todo orgulho, "ele é um alfaiate".

"Certamente isto não deve ser bom", disse Alice, que, desde que soubera que era filha de um sargento, colocou na cabeça que não deveria se casar com ninguém que fosse menos que um advogado.

"Você acha isso ruim".

"Não creio que um alfaiate possa ser considerado um cavalheiro".

"Não sei. Talvez eu não fosse uma dama quando aceitei o pedido dele. Mas eu me comprometi. Você nem imagina o que ele e o pai fizeram por nós. Acho que teríamos morrido sem eles. Você não sabe como vivíamos: em uma casinha, sem dinheiro, sem nenhum amigo além deles. Todos achavam que éramos impostoras. Você não teria se apaixonado por ele?"

"Creio que me afeiçoaria a ele".

"Quando alguém lhe dá tanto, é preciso retribuir a altura", disse lady Anna.

"Você ainda o ama?"

"Claro que ainda o amo".

"E deseja se casar com ele?"

"Às vezes acho que não. Não que eu tenha vergonha. Como teria sido se eu tivesse ido embora de Cumberland com ele, antes de conhecer meus primos? Supondo que *maman* não fosse uma Condessa…"

"Mas ela é".

"É o que estão dizendo. Mas se tivessem dito que ela não é, ninguém iria considerar o meu casamento com Mr. Thwaite um absurdo".

"Você considera?"

"Seria melhor para mim dizer que nunca vou me casar com ninguém. Mas certamente ele ficaria muito bravo comigo".

"Quem, lorde Lovel?"

"Oh, não. lorde Lovel, não. Daniel ficaria muito bravo, pois ele me ama de verdade. Mas isto não seria tão ruim para ele quanto se eu dissesse que vou me casar com lorde Lovel. Vou lhe dizer a verdade, querida. Tenho vergonha

de casar com Mr. Thwaite, não por mim, mas pela minha mãe e por ser prima de lorde Lovel. Assim como também deveria ter vergonha de me casar com lorde Lovel".

"Por quê?"

"Porque eu estaria sendo falsa e ingrata! Teria até medo de encarar Mr. Thwaite. Você não imagina como ele é. Como também é capaz de se impor. Como também é nobre. As pessoas acham que ele está querendo dinheiro, e quando se referem a ele como o alfaiate, fazem-no como se ele fosse uma má pessoa. Mas ele não é mau. Ele é inteligente, e sabe falar sobre as coisas melhor do que meu primo. É capaz de trabalhar duro e dar tudo que ganha. Assim como seu pai. Eles deram tudo que tinham para nós, e nunca pediram de volta. Eu o beijei uma vez, e nesta ocasião ele disse que eu tinha acabado de pagar todas as dívidas da minha mãe". Alice Bluestone estremeceu ao ouvir tais coisas da filha de uma condessa. Do seu ponto de vista era inadmissível que o alfaiate tivesse sido beijado por lady Anna Lovel. Mas caso ela tivesse dado a mesma liberdade ao jovem advogado, então não teria seria nada demais. "Todos pensam que não entendo, mas eu entendo. Todos querem o dinheiro, e o acusam disso, e dizem que ele está fazendo isso para ficar rico. Mas ele seria capaz de abrir mão de todo dinheiro por mim. O que você faria se fosse com você?"

"Acho que uma moça que é uma dama, nunca deveria se casar com um homem que não seja um cavalheiro. Você conhece a história do homem rico que não conseguia alcançar o [24]Seio de Abraão por que havia um abismo que os separava. É assim que as coisas deveriam ser: pessoas nobres devem se casar com pessoas nobres. Do contrário, tudo ficaria misturado, e logo não haveria mais diferenças. Se existem diferenças, é por que elas devem existir. É por causa dela que existem cavalheiros e damas". Assim falou a jovem conservadora com uma sabedoria que vinha de muito antes de ela nascer.

"Acho que seria melhor eu morrer", disse lady Anna. "Assim tudo ficaria bem".

Um ou dois dias depois dessa conversa, o Sargento Bluestone mandou um recado para lady Anna, assim que chegou em casa depois do trabalho, perguntando se ela poderia fazer a gentileza de descer até o seu escritório. Desde que lady Anna viera para sua casa, que o Sargento a tratara com uma deferência exagerada, com a intenção de mostrar a ela como era ser filha de um conde e herdeira de uma renda de vinte mil libras por ano. O Sargento, devido ao cargo que ocupava, pouco ligava para a maioria dos nobres. Não

abaixava a cabeça para ninguém que não fosse um juiz, e mesmo assim nem sempre o fazia com muita ênfase. Mas agora sua conduta era parte do seu dever para com uma cliente a quem ele estava determinado a ver estabelecida em seus direitos. Teria até lhe trazido uma xícara de chá de joelhos todas as manhãs, apenas para mostrar o quanto ela iria se rebaixar caso viesse a se casar com um alfaiate. O recado foi levado por Mrs. Bluestone, que quase pediu desculpas por lhe pedir que descesse até o escritório do marido. "Minha querida, lady Anna" disse o Sargento, "você poderia sentar-se por um ou dois minutos, por favor? Acabei de falar com a sua mãe".

"Como está a minha querida *maman*?"

O Sargento assegurou que a condessa estava bem de saúde. Desde que deixara a Keppel Street que lady Anna não tivera contado com a mãe, e tinham lhe dito que a condessa não queria vê-la enquanto ela insistisse com essa história de se casar com Daniel Thwaite. "Eu gostaria muito de poder visitar *maman*".

"De coração, eu também gostaria que pudesse, lady Anna. Não existe nada mais triste do que uma briga de família. Mas o que posso fazer? Você sabe o que a sua mãe pensa?"

"O senhor não poderia dar um jeito de convencê-la a me deixar ir visitá-la ao menos uma vez?"

"Espero que sim, mas primeiro preciso que me ouça. Lorde Lovel voltou para Londres." Ela contraiu os lábios e cruzou as mãos apertadas. Se fosse para lhe cobrarem alguma coisa, certamente o Sargento Bluestone não era a pessoa mais indicada para tal. "Estive com ele, hoje" continuou o Sargento, "e ele me concedeu a honra de prometer que jantará aqui amanhã".

"Lorde Lovel?"

"Sim; seu primo, o conde Lovel. Creio que não existe nenhum motivo para que eu não o receba. Ele não a ofendeu?"

"Oh, não, de forma alguma. Eu o ofendi".

"Não creio, lady Anna. Ele não falou de você como se houvesse alguma ofensa".

"Quando nos despedimos ele mal olhou para mim, pois contei para ele… O senhor sabe o que contei para ele".

"Um cavalheiro não se ofende só por que uma dama não aceitou seu primeiro pedido. Se fosse assim muitos cavalheiros ficariam ofendidos, e vários casamentos felizes nunca nem teriam tido a chance de serem realizados. De qualquer maneira, ele vem, e espero que me perdoe por explicar o quanto

depende do modo como você o receberá. Você sabe que a atual situação não é das melhores".

"Estou tão infeliz, Sargento Bluestone!"

"Sim, de fato. E deveria. Você pode se colocar… creio que já está… em uma posição da qual toda a prosperidade de uma família nobre e tradicional depende do que você fizer. Com uma palavra você pode enaltecer um nome honrado que há tempos tem estado obscuro. Na Inglaterra o bem-estar do estado depende da conduta da nossa aristocracia!" Oh, Sargento Bluestone, Sargento Bluestone! Como o senhor pode se rebaixar a ponto de expressar um sentimento totalmente oposto as suas próprias convicções! Mas o que um conselheiro não faz por um cliente? "Se eles, a quem o Destino e a Sorte enalteceram, esquecerem o que o país tem direito de exigir deles, então adeus à glória da velha Inglaterra!" Este mesmo discurso tinha funcionado com doze homens, que dirá com uma mocinha inocente. "Não cabe a mim, lady Anna, lhe impor a escolha de um marido. Mas é meu dever ressaltar a importância da sua escolha, e explicar, se possível, que você não é como as outras moças. Está em suas mãos casar-se ou o restabelecimento de toda a família Lovel. Quanto àquele pedido de casamento que você foi induzida a aceitar por sentimentos de gratidão, irá, se for levado adiante, espalhar a desgraça no seio de cada um daqueles a quem você está ligada por laços de sangue nobre". Ele disse tudo que tinha a dizer, e lady Anna se retirou sem dizer uma palavra.

CAPÍTULO XXIII
BEDFORD SQUARE

O conde, mesmo sem fazer nenhuma pergunta, chegou à conclusão de que o Advogado-geral não tinha nenhuma objeção quanto àquilo que tanto pesava na sua consciência: continuar insistindo com uma moça que tinha sido cortejada com sucesso por um alfaiate. Por um tempo seu espírito se rebelou contra tal condescendência. Quando lady Anna lhe contou que estava comprometida com um homem da classe trabalhadora foi o fim para ele. Que luta não teria de enfrentar para evitar a realização de um casamento como aquele, não apenas pelo bem da família, mas para seu próprio bem. Nem mesmo por uma renda de vinte mil por ano, nem mesmo por lady Anna Lovel, nem mesmo por todos os Lovel, ele poderia acolher em seu peito como sua esposa, a moça que tinha recostado apaixonada nos ombros de Daniel Thwaite. Mas quando descobriu que os outros não compartilhavam deste mesmo sentimento, ele repensou seu posicionamento e aos poucos foi cedendo. Sem dúvida tantas eram as questões envolvidas no caso que o colocava além dos limites das coisas sujeitas ao mero julgamento dos homens. A posição de lady Anna no mundo era muito singular. Uma dívida de gratidão para com o alfaiate, que por sua vez parecia esperar dela uma grande retribuição. Como ela mesma disse, tinha dado a única coisa que poderia dar. Agora não havia mais nada para dar. O homem sem dúvida merecia uma recompensa e tinha o direito de recebê-la, mas a recompensa não poderia ser a mão da herdeira dos Lovel. Ele, o conde, mais uma vez iria requerer isto para ele.

Ele deixou a cidade depois que falou com Sir William, mas não foi para Yoxham. Em vez disso seguiu novamente para a Escócia, e não escreveu nenhuma outra carta para o pessoal do presbitério além daqueles três linhas que o leitor já teve acesso. Então ele ficou sabendo por intermédio de Mr. Flick que lady Anna se encontrava hospedada na casa do Sargento Bluestone, na Bedford Square, e assim voltou para Londres por sugestão do advogado. Era conveniente que, se possível, algo ficasse acertado antes de novembro!

Os únicos convidados, além do conde, que iriam participar do jantar na casa do Sargento Bluestone, eram Sir William e lady Patterson e o jovem advogado de cabelos muito pretos. Isto não estava certo, disse Mr. Flick ao seu sócio, Mr. Norton, quando ficou sabendo o que estava acontecendo. Não

havia nada demais no Advogado-Geral jantar na casa do Sargento, apesar de os dois nunca terem sido de frequentar a casa um do outro. Mas o que mais surpreendeu Mr. Flick foi o fato de os dois juntarem os clientes de lados opostos – clientes estes que reclamavam o direito a uma imensa fortuna e cuja causa iria a julgamento dentro de algumas semanas. "Suponho que o Advogado-geral saiba o que está fazendo, pois ele pode se meter em uma enrascada" comentou Mr. Flick. Ao que Mr. Norton apenas coçou a cabeça, uma vez que não lhe cabia julgar.

Sir William, que chegou antes do conde, foi apresentado pela primeira vez a jovem dama.

"Lady Anna", disse ele, "tenho ouvido falar muito da senhorita nos últimos meses. Mas só agora estou tendo o prazer de conhecê-la." Ela sorriu, e fez um esforço para se mostrar feliz, mas não teve nada a dizer. "A senhorita sabe que eu deveria ser seu inimigo", prosseguiu ele rindo, "mas espero que isto tenha sido superado, pois eu não gostaria de ter de brigar com um inimigo tão belo".

Em seguida, o lorde chegou, e, os advogados, é claro, deixaram o caminho livre para o rapaz.

Lady Anna, desde que soube que ele viria, não conseguia pensar em nada senão em como seria o reencontro. Não que não soubesse como iria recebê-lo. Ela poderia sorrir e permanecer calada, estender a mão ou não, de acordo com a reação dele. Mas como ele iria tratá-la? Ela tinha certeza de que ele a desprezara assim que ficou sabendo do noivado. Todos aqueles sentimentos sobre damas e cavalheiros, e o abismo que existia, já tinham passado pela sua cabeça antes mesmo de ter ouvido da boca de Miss Alice Bluestone. Ela entendia, assim como compreendia o ponto de vista da sua amiga. Sabia qual era a diferença que existia entre o seu primo, o conde, e seu noivo, o alfaiate. É claro que seria maravilhoso poder amar alguém como seu primo. Todos estavam falando como se ela estivesse sendo simplesmente teimosa e tola, não percebiam que seu destino fora traçado pelo azar. Por melhor que Daniel Thwaite fosse – como ela sabia que ele era – mesmo assim ela sentia-se rebaixada por ter prometido casar-se com ele. As lições dadas até então não tinham sido em vão. E ela sentia-se ainda mais rebaixada aos olhos do conde, quem ela imaginava ser o melhor ser humano que existia. Tinham lhe dito que ela ainda poderia desposá-lo, que para tal bastaria dizer sim quando ele pedisse a sua mão novamente. Mas ela não acreditava que isso fosse possível. Mesmo que fosse verdade, não iria fazer diferença. Ele a desprezara quando ela contou a história em Bolton Abbey. A desprezara quando foi embora

correndo de Yoxham. Agora viria na casa do Sargento, com a clara intenção de se encontrar com ela. Por que estava vindo? Sabe-se lá! Ela tinha certeza de que ele nunca mais voltaria a falar daquele jeito jovial, usando as palavras doces que tinha usado quando se eles encontraram pela primeira vez na Wyndham Street.

Ele também não estava menos ansioso com o encontro. Não tinha sido sua intenção mostrar desprezo quando a deixou, sua intenção era mostrar que aquele tinha sido o fim da sua corte. Ele se apaixonara verdadeiramente por ela, mas existem obstáculos que o amor deve ultrapassar. E se ela já tivesse se casado com o alfaiate, o que teria sido deles? Aquilo que parecia tão certo, de repente tinha se tornado totalmente inadequado – e naquele momento, ele disse a si mesmo que o melhor a fazer seria sufocar aquele amor o máximo que conseguisse. Ele não podia cortejar aquela que um dia tinha prometido a mão a um alfaiate. Mas agora tudo mudara, e ele pretendia dar continuidade a corte. Ela era muito bonita – para ele, era a graça feminina em flor, cheia de encantos – tinha uma voz suave, gestos delicados, e espírito o suficiente para mostrar personalidade. Como teria sido bom, que sorte, se ele aprendesse a amar de verdade essa garota com quem precisava tanto , casar – que bom seria, não fosse por aquele maldito alfaiate! Mas agora, apesar do alfaiate, mais uma vez ele iria tentar a sorte. Não tinha sido sua intenção desprezá-la quando a deixou, mas ele sabia que seus modos para com ela tinham dado a entender que estava tudo acabado. Como poderia agora reavivar isso na frente do Sargento e Mrs. Bluestone e de Sir William e lady Patterson?

Primeiro ele foi apresentado às esposas dos advogados enquanto lady Anna estava sentada calada em um sofá no canto. Mrs. Bluestone, já prevendo a situação delicada, tomou o cuidado de acomodar sua hóspede a uma certa distância dos outros convidados para que assim o conde tivesse oportunidade de ter uma conversa um pouco mais reservada; mas o jovem advogado aproveitou a oportunidade para se fazer de simpático, e ficou de frente para ela com um papinho superficial, falando sobre Londres e as delícias da temporada que se aproximava. Lady Anna não ouviu uma palavra de tudo que o jovem advogado falou, pois seus ouvidos estavam atentos ao que lorde Lovel pudesse dizer, e os olhos, apesar de não estarem diretamente voltados para ele, observavam cada movimento seu. Claro que ele viria falar com ela. “Lady Anna está no sofá” disse Mrs. Bluestone. Claro que ele sabia que ela estava lá, pois seu lindo rosto foi a primeira coisa que viu assim que entrou na sala. Ele se aproximou, estendeu a mão e sorriu.

Ela tinha ensaiado o que dia dizer.

"Espero que estejam todos bem em Yoxham",disse, naquele seu tom de voz suave que ele achava que caía muito bem à futura condessa Lovel.

"Ah, acho que sim. Estou em falta com eles, pois não respondo as cartas de tia Julia com a devida pontualidade. Devo ir para lá no mês que vem, para a caçada". Então o jantar foi anunciado; e de acordo com as regras de etiqueta o conde deveria acompanhar Mrs. Bluestone e o Sargento. Lady Anna – consequentemente sobrou para o jovem advogado acompanhar a esposa do Advogado-geral – e a conversa foi interrompida. Da mesma forma seria impossível que eles se sentassem lado a lado à mesa de jantar. E então, no fim da noite, quando todos estavam juntos na sala de estar, outros fatores interferiram e meia hora passou sem que uma palavra sequer fosse trocada entre eles. Mas ainda assim ao menos uma coisa foi dita quando ele estava se despedindo. "Voltarei para lhe fazer uma visita".

"Não acho que ele venha", disse o Sargento para a esposa, naquela noite, num tom enfurecido.

"Por que não, meu querido?"

"Ele nem falou com ela".

"É impossível conversar em particular em jantares. Se ele não quisesse, não teria vindo. Tenha paciência, ela também vai mudar de opinião. Não consigo perdoar a mãe por estar sendo tão severa. Ela é uma das criaturas mais doces que já conheci".

Um pouco de paciência; mas novembro estava chegando! O conde que tinha jantado na sua casa, se encontrado com a sua cliente, em novembro iria se tornar seu inimigo novamente, a menos que conseguissem entrar num acordo. Naquele momento, o Sargento não via outra saída. O conde podia até retirar a alegação, mas mesmo assim um júri ainda deveria decidir se a italiana tinha direito a alguma coisa. E para se defender da reivindicação da italiana, o conde poderia voltar atrás. Só de pensar nisso, o Sargento quase se arrependeu de ter convidado o conde e o Advogado-Geral para virem a sua casa.

Na manhã seguinte, bem cedo, o conde foi anunciado na residência da Bedford Street. O Sargento ainda se encontrava em seus aposentos. Lady Anna não tinha descido e Mrs. Bluestone estava com a filha na sala. "Vim falar com a minha prima" disse o conde num tom arrogante.

"Estou muito feliz que tenha vindo, lorde Lovel".

"Obrigado. Sei que não vai se importar com a minha franqueza. Apesar de

os papéis dizerem que somos inimigos, temos muitos interesses em comum".

"Vou mandar avisá-la que o senhor está aqui. Vamos passar para a sala de jantar, minha filha. A mesa estará posta quando descerem, lorde Lovel". Em seguida, ela se retirou e deixou-o sozinho, examinando os livros que estavam em cima da mesa.

Depois do que pareceu uma eternidade, finalmente a porta abriu-se e sua prima entrou na sala. Quando se despediram em Yoxham, da última vez, ele a chamara de lady Anna; mas agora queria a qualquer custo que ela voltasse a ser a sua prima. "Mal pudemos conversar ontem", disse ele, enquanto segurava a mão dela.

"De fato, lorde Lovel".

"É impossível conversar com mais privacidade em reuniões pequenas como aquela. Querida, Anna, você me apanhou de surpresa com o que me contou às margens do Wharfe!" Ela nem sabia o que dizer. "Sei que fui ríspido".

"Não tive essa impressão, milorde".

"Vou lhe dizer a verdade. Mesmo que seja um pouco amarga, a verdade será o melhor para nós, minha querida. Quando escutei aquilo, achei que estava tudo acabado".

"Oh, sim", disse ela.

"Mas pensei melhor, e não vou deixar que isto aconteça. Não vim aqui para censurá-la".

"Mas o senhor pode, se quiser".

"Não tenho esse direito, e não o faria mesmo se tivesse. Entendo seu sentimento de profunda gratidão e respeito isso".

"Mas eu o amo, milorde", disse lady Anna, erguendo a cabeça e falando com toda dignidade, apesar de não saber direito que sentimento era aquele que a levara a se dirigir ao primo daquela maneira. Quando ficava sozinha, pensando nele e no seu noivo, no fundo ela se arrependia de não ter conhecido o primo antes, do mesmo modo que conhecera Daniel Thwaite. No fundo, apesar de saber que jamais poderia confessar isso a ninguém, ela sabia que tinha dado o coração ao jovem alfaiate quando na verdade nem sabia o que era ter um coração para dar. O jovem lorde era como um deus para ela; enquanto Daniel não passava de um homem – a quem ela devia tanto que se fosse preciso seria capaz de se sacrificar por ele. Mesmo assim, quando o conde falou sobre o seu sentimento de gratidão por aquele homem – enaltecendo e proferindo que também compreendia o tal sentimento que guiava a sua conduta

– ela jurou num tom quase enfurecido que amava o alfaiate.

A missão do conde com certeza era das mais árduas. Seu primeiro impulso foi de sair correndo outra vez, como fizera anteriormente. Sair correndo, deixar o país e os advogados para acertarem tudo do jeito que conseguissem. Seria mesmo possível que uma moça como aquela pudesse mesmo amar um alfaiate, e ainda sentisse orgulho do seu amor? Ele virou, caminhou até a porta e voltou, neste intervalo ela quase repetiu a ousadia.

"É certo que o ame… como amigo", disse ele.

"Mas jurei me casar com ele".

"Mas será que precisa mesmo manter a sua promessa?" Na ausência de uma resposta, ele avançou na investida. "Se ele a ama tenho certeza de que não deseja a sua infelicidade, e você sabe que um casamento como este será muito infeliz. Será que é certo você descer da sua posição para pagar uma dívida de gratidão, e que faça isso à custa daqueles que dependem de você? Você terá coragem de partir o coração da sua mãe e o meu, e trazer a desgraça para nossa família só porque ele foi bom para você?"

"Ele também foi bom para minha mãe".

"Essa união acaso não vai decepcioná-la? Não foi o que ela mesma lhe disse? Mas talvez você não acredite nisso, meu amor".

"Não sei", disse ela.

"Ah, minha querida, pode acreditar. Para mim você é a criatura mais doce que Deus colocou no mundo. Talvez esteja pensando que estou dizendo isso só por causa do dinheiro".

"Não, milorde, não estou pensando isso".

"Claro que ele merece uma recompensa".

"Ele não quer nada, além de se casar comigo. Foi o que ele disse, e ele nunca mente. Confio nele, mesmo que eu o traia. Mas não vou traí-lo. Vou embora com ele e ninguém nunca mais ouvirá falar de mim; ninguém irá se lembrar de quem foi o meu pai".

"Você está em dúvida, querida".

"Mas não deveria estar. Se estou em dúvida é porque sou fraca".

"Então continue fraca. Com certeza tal fraqueza é boa, pois irá satisfazer a todos aqueles que tanto gostam de você".

"Mas esta dúvida não vai agradá-lo, lorde Lovel".

"Faça-me um favor, minha querida. Prometa que vai pensar por uma semana e depois me escrever? Você não pode me negar isso, sabendo que a felicidade, a honra e o bem-estar de todos os Lovel dependem da sua resposta".

Ela sentiu que não poderia negar, e prometeu que o faria. Dentro de uma semana, iria escrever para ele, dizendo qual tinha sido a sua decisão. Ele se aproximou, com a intenção de beijá-la se ela deixasse; mas ela se manteve distante, e mal tocou na mão dele. Ela iria respeitar o noivado, até decidir se deveria ou não levar isso adiante. Contrariado, Lorde Lovel se esqueceu do convite para comer de Mrs. Bluestone e foi embora.

CAPÍTULO XXIV
O CÃO NA MANJEDOURA

Durante todo esse tempo, Daniel Thwaite morou sozinho, trabalhando um dia após o outro, por horas a fio, na Wigmore Street, sob a confiança do seu patrão, odiado por aqueles que ocupavam um cargo inferior ao seu, e sem nenhum amigo. O peso que carregava no espírito era muito pesado para que tivesse um coração leve, ainda que a sua natureza fosse dada a leveza. Como poderia sequer esperar que a moça fosse resistir a todas as tentações que surgiriam no seu caminho, todos os argumentos que seriam usados para convencê-la, a vida divertida que ela levaria ao lado dos novos amigos? Mas ele se considerava tão superior, a ponto de acreditar que as suas qualidades iriam uni-los ainda mais quando comparadas às do lorde. Tomando a si mesmo como parâmetro, ao qual o homem para ser mais homem deveria ser útil ao mundo, ele se achava infinitamente superior ao conde. Ele era a abelha operária, enquanto o conde era o zangão. Dos dois ele era o que melhor fazia uso das faculdades mentais, enquanto o conde – conforme ele acreditava – nem sabia que possuía faculdades mentais. O conde era, de acordo com o seu ponto de vista, assim como todos os outros condes, um tumor para a sociedade, nascido dos maus hábitos e predisposições do ser humano; algo que deveria ser exterminado antes que pudesse contaminar a futura sociedade perfeita que ele acreditava piamente estava por vir. Mas, apesar de inútil, o conde era bonito. Apesar de não ter nenhum tipo de propósito, no sentido de ter um discurso profundo, a sua fala era sedutora e agradável. As mãos, que nunca o ajudaram a ganhar um pedaço de pão, eram macias. Ele exalava o perfume da ociosidade, e nunca cheirava ao suor do trabalho. Será que uma moça como Anna Lovel iria resistir a um papagaio, emplumado por natureza e enaltecido por todos os outros da sua espécie? Mas então outro pensamento lhe ocorria. Pensando no que seria melhor para ela, será que ele tinha o direito de esperar que ela fizesse isso? A indolência de um conde é ruim, e igualmente ruim é a indolência de uma condessa. A esposa trabalhadora de um homem trabalhador, a mãe de muitos filhos que ensinava acima de tudo que era preciso trabalhar pelo bem da humanidade, era, do seu ponto de vista, o melhor tipo de mulher. Mas então surgia a dúvida se os perigos do parto e do destino não poderiam anular as possibilidades de ser feliz com uma vida simples. O que seria deles

se no futuro ela viesse culpá-lo por não ter permitido que se casasse com um nobre? E como seria se dissessem que ele a prendeu com um juramento feito na infância, por causa da sua fortuna? Foi fácil rebater tal acusação com Mr. Flick, mas era bem mais difícil justificar-se para si mesmo.

Ele escreveu uma carta para seu pai após a mudança da condessa, e seu pai respondeu, apesar de não ser muito dado a escrever cartas. "Quanto à lady Lovel e sua filha" escreveu ele, "não vou me preocupar mais, assim como você não deveria. Vocês são diferentes, e assim devem continuar". E isto foi tudo que ele disse. Sim; ele e lady Anna eram diferentes, e assim deveriam continuar sendo. Numa manhã, quando estava indo para o trabalho, ele decidiu que iria escrever para ela, dizendo que a liberava do compromisso e a deixava livre para aceitar o acordo oferecido pelos Lovel. Mas ao final do dia, quando voltava para casa, devagar, sozinho e cansado de tanto trabalhar, cansado da vida solitária que estava levando, ansiando por algo que quebrasse a monotonia do trabalho, ele se lembrou da beleza dela, do modo como ela jurou que ela, Anna Lovel, o amava, com todo amor que uma mulher era capaz de dar. Lembrou-se do beijo caloroso cujo toque suave pareceu perdurar por horas em seus lábios secos, e acreditou que toda aquela felicidade ainda podia ser sua. Se ela tivesse lhe abandonado, se tivesse aceitado casar com o conde, ele com certeza já teria ficado sabendo. Ele também sabia muito bem qual era a data do julgamento, e entendia a importância de acertarem o casamento antes disso – ou de pelo menos divulgarem o noivado. De qualquer maneira ela ainda não tinha lhe traído.

Um dia ele recebeu no trabalho o seguinte recado:

Caro Mr. Thwaite,

Gostaria de falar com o senhor sobre um assunto muito importante. O senhor poderia se encontrar comigo, amanhã, às vinte horas?

Da eternamente grata,

J. Lovel

No final da curta missiva a condessa adicionou seu endereço na Keppel Street; o mesmo endereço que, em torno de um mês antes, ela se recusara a dar. Claro que ele foi se encontrar com a condessa – acreditando que lady Anna também estaria em casa, apesar de saber que mesmo que estive, ele não teria permissão para vê-la. Mas lady Anna ainda se encontrava hospedada na casa dos Bluestone, na Bedford Square.

Sem dúvida seria natural que todas as vantagens com relação à posição de lorde Lovel seriam usadas. Quando conseguiu fazer lady Anna prometer que

lhe escreveria até o final da semana, ele contou para Sir Wiliam, que contou para a esposa, que por sua vez, contou para Mrs. Bluestone que levou ao conhecimento do marido, que por fim transmitiu a informação a condessa. Nesta altura dos acontecimentos estavam todos unidos contra o alfaiate. Se conseguissem arrancar uma promessa de moça antes da data do julgamento – qualquer coisa que pudesse ser considerada como uma promessa – tudo ficaria mais fácil. Unidos, eles não teriam medo do que quer que a italiana pudesse tentar. E esse acordo de escrever para lorde Lovel foi visto quase como uma promessa positiva. Quando uma moça hesita diante de um pretendente, isto quer dizer que ela já é dele. Só de falar que vai pensar, já indica que o aceitou. Então, Mrs. Bluestone e a condessa se juntaram para pensar, e chegaram à conclusão de que um apelo deveria ser feito ao alfaiate. Se Sir William ou o Sargento tivessem sido consultados, muito provavelmente ambos teriam ido contra. Mas as damas agiram por conta própria, e Daniel Thwaite compareceu na Keppel Street.

"Foi muita gentileza sua ter vindo", disse a condessa.

"Não há nada de gentileza nisso", disse Daniel, pensando talvez nos vinte anos de serviços prestados por ele e pelo seu pai.

"Sei que deve estar pensando que tenho sido ingrata por tudo que fizeram por mim". Ele pensava, mas não nada disse. "Mas o senhor quer que eu pague por toda a ajuda que me deram, desistindo de tudo pelo qual tanto lutei"?

"Não lhe pedi nada, lady Lovel".

"Não pediu?"

"Não lhe pedi nada".

"Mas minha filha é tudo que tenho no mundo. Acaso não pediu nada para ela?"

"Sim, lady Lovel. Pedi-lhe muito, e ela me deu tudo que pedi. Mas nunca pedi, e nem peço agora, por um pagamento pelos serviços prestados. Se lady Anna acha que me deve neste sentido, então direi que ela está livre de qualquer compromisso".

"É o que ela pensa, Mr. Thwaite".

"Permita que ela me diga com os próprios lábios"?

"O senhor pensa que estou mentindo"?

"Homens e mulheres mentem sem remorso quando há muito em jogo. Só acreditarei nela. Permita que ela desça para falar isso na minha cara, e então prometo que não causarei mais problemas. Nem peço para ficar sozinho com ela. Tenho uma dúzia de palavras para falar que a senhora pode ouvir".

“Ela não está aqui, Mr. Thwaite. Não se encontra nesta casa”.

“Onde ela está então?”

“Ela está hospedada na casa de amigos”.

“Com os Lovel, em Yorkshire?”

“Não vejo porque revelar o paradeiro dela”.

“A senhora está insinuando que ela está noiva do conde?”

“Vou lhe dizer uma coisa. Ela reconhece que está comprometida com o senhor, mas este compromisso é por gratidão. Parece que houve uma promessa”.

“Sim. Houve uma promessa, lady Lovel. Uma promessa dita com a mesma convicção da senhora quando aceitou casar-se com o falecido lorde”.

“Sei que houve uma promessa, apesar de que eu, a mãe dela, estar morando sob o mesmo teto na ocasião nunca ter desconfiado de nada. Houve uma promessa, e por isso ela sente-se presa a isso”.

“Ela deveria mesmo, se é que as palavras têm algum valor”.

“Ela afirma que está comprometida, mas tudo não passa de um sentimento de gratidão. Ou por que ela iria querer se casar com alguém inferior a ela, se pudesse escolher? Isto lhe parece natural? Ela ama o conde, por que não amaria? Foi apresentada a ele justamente para se apaixonar, quando ninguém sabia desta promessa que ela foi obrigada a fazer antes de ter outras opções de escolha”.

“Agora ela tem, ele e eu, e pode escolher qual quiser. Proponho nos reunirmos para que ela faça a sua escolha. Se ela disser na minha frente que prefere ficar com ele, então eu não aceitaria me casar mesmo que ela fosse uma princesa, em vez de lady Anna Lovel. Será que ele me trataria do mesmo modo? Será que ele terá a ousadia de não aceitar a decisão dela?”

“O senhor nunca vai se casar com ela, Mr. Thwaite”.

“Por que nunca poderei me casar com ela? A minha aliança não vai caber no dedo dela igual a dele? Acaso a palavra de um pároco não vai torná-la carne da minha carne, osso do meu osso do mesmo jeito que tornaria se eu fosse um conde? Sou um homem e ela é uma mulher. Que lei de Deus ou dos homens – que lei da natureza pode nos impedir de ser marido e mulher? Digo que posso me casar com ela – e com o consentimento dela, é o que farei”.

“Nunca! O senhor não viverá para dizer que é marido da minha filha. Lutei e sofri, como nenhuma outra mulher sofreu e lutou antes, para dar à minha filha o nome e a posição que lhes são de direito. Não fiz tudo isso para jogar fora com alguém como o senhor. Se for justo conosco…”

“Fui muito mais do que justo com vocês”.

“Se livrá-la deste julgo que usa para mantê-la presa, e permitir que ela aja de acordo com o que diz seu coração…”

“Isso posso fazer”.

“Se não atrapalhar na reconstrução da honra da família, que foi praticamente arruinada pelas iniquidades do meu marido, nós o abençoaremos”.

“Não quero a benção de ninguém, lady Lovel”.

“E quanto ao dinheiro dela…”

“Não espero que acredite em mim, condessa; mas o dinheiro dela não significa nada para mim. Se vier a se ser dela e ela se tornar minha esposa, como marido irei proteger o dinheiro por ela. Mas não haverá nenhum acordo entre a senhora e eu no que diz respeito a dinheiro”.

“Devo dinheiro ao seu pai, Mr. Thwaite”.

“Sendo assim, a senhora pode pagar quando receber a sua parte da herança. O dinheiro não foi emprestado com nenhuma intenção de receber alguma futura recompensa”.

“O senhor não vai libertar aquela pobre moça do seu julgo?”

“Ela pode se libertar se quiser. Já lhe disse que não o farei antes de ela falar na minha cara que este é o seu desejo”.

“Isto não vai acontecer por nada deste mundo, Mr. Thwaite. Não faz sentido que ela precise do seu consentimento para fazer uma aliança que todos consideram adequada. O senhor a prendeu com uma promessa, tola da parte dela, e muito astuta da sua, e por isso pode causar muitos problemas para nós. O senhor pode até atrasar um acordo para toda esta questão – que pode arrastar-se por anos; e com a demora do processo, a fortuna pode ir se deteriorando; pode até impedir que eu consiga pagar ao seu pai tudo que devo antes que eu ou ele morra; mas o senhor não pode, e não vai, ter acesso a minha filha”.

Enquanto voltava para casa, Daniel Thwaite tentou analisar a situação com frieza. Será que a condessa tinha razão em tudo que dissera? Será que ele estava fazendo o papel do [25]cão na manjedoura, roubando a felicidade dos outros sem conseguir alcançar a sua própria? Ele amava aquela moça, mas será que estava lhe fazendo infeliz por causa do seu amor? Ele estava começando achar que tudo que a condessa tinha dito era mesmo verdade.

Fim do volume I

Lady Anna

ANTHONY TROLLOPE

Volume II

CAPÍTULO XXV
A CARTA DE DANIEL THWAITE

No dia seguinte ao da visita de Daniel Thwaite a lady Lovel, na Keppel Street, a condessa recebeu um envelope enviado por ele, acompanhado de um bilhetinho para ela e a seguinte carta endereçada a lady Anna. O envelope foi aberto, e no bilhete endereçado a condessa, o alfaiate pedia apenas que ela lesse e enviasse à filha a carta a ela endereçada, e adicionou ainda que se ela o fizesse ele acataria qualquer resposta escrita de próprio punho por lady Anna. Ao fazer esta proposta, Daniel Thwaite sabia que estava abrindo mão de tudo. Mesmo que as palavras fossem escritas pela moça, elas poderiam ser ditadas pela mãe, ou pelos advogados que agora estavam unidos com o intuito de forçá-la a casar-se com o conde. Mas mesmo assim achou que seria melhor – para todas as partes – que ele desistisse de tudo. Não teve coragem de dizer isso para a condessa ou para nenhum dos advogados quando foi chamado para lhe dizerem que devido a sua situação de inferioridade, um casamento entre ele e a herdeira bem nascida jamais poderia acontecer. Nas duas ocasiões, tudo que sentiu foi revolta contra aqueles que tentavam colocá-lo de escanteio. Mas, sozinho, enxergou com clareza todos os obstáculos apontados. Assim como também sabia que havia um grande abismo, como dissera Miss Alice Bluestone – embora discordasse da jovem quanto a qual lado do abismo, se no céu ou no inferno, ele se encontrava. A seguir a carta que foi escrita para lady Anna:

Minha querida,

Esta carta, se chegar a você, será pelas mãos da sua mãe, que antes terá lido. Ela foi enviada aberta para que ela pudesse ver o que estou lhe dizendo. Sua mãe mandou me chamar e estivemos juntos na tarde de hoje, quando ela me disse que nunca poderei me casar com você. Tive a ousadia de dizer a vossa senhoria que não havia nada que pudesse impedir tal união. Quando você atingir a maioridade poderá deixar a casa da sua mãe e se casar comigo; e ninguém poderá nos separar. Não tem nada na lei, nem de Deus ou dos homens, que pode impedi-la de se casar comigo, se este for o seu desejo. Mas a sua mãe disse que este não é seu desejo, e adicionou ainda que se não estivesse presa a mim por um laço de gratidão, você se casaria com seu primo, lorde Lovel. Então propus me encontrar com você na

presença da sua mãe e de lorde Lovel, para que lhe fosse perguntado na frente de todos nós qual dos dois é o dono do seu coração. Prometi que se na minha presença você estender a mão direita ao conde nunca mais você e sua mãe irão ouvir falar de Daniel Thwaite. Mas vossa senhoria jurou que nunca mais a verei.

Por isso, estou lhe escrevendo, e peço que pense muito sobre tudo que eu disse antes de me responder. Você sabe muito bem que a amo. Sabe que não estou tentando ficar com você por que é rica. Certamente irá se lembrar de que eu já a amava quando ninguém acreditava que um dia você pudesse tornar-se rica. Eu a amo do fundo do meu coração. Você não sai dos meus pensamentos e sonho que o mundo é belo e que estamos andando juntos, lado a lado, e ninguém pode nos separar. Mas eu não gostaria que se casasse comigo só porque me prometeu. Caso não me ame – acima de tudo, se amar esse outro – basta dizer, e tudo estará acabado entre nós. Sua mãe diz que você está presa a mim por gratidão. Não quero que se case comigo se não for por amor. Diga-me o que está acontecendo; mas diga a verdade, pensando na minha felicidade e na sua.

Não vou dizer que pensarei bem de você, caso se deixe levar pela nobreza desse rapaz. Peço que me dê uma chance justa. Pergunte a si mesma o que levou-o a se colocar aos seus pés. Já o que me levou a me apaixonar por você, estou certo de que nunca irá se esquecer. Mas você tem um dever para consigo mesma de não se casar com um homem que não seja por amor. Se optar por ele, só porque ele pode transformá-la numa condessa então será muito vil. Se optar por ele porque o ama mais do que a mim, porque prefere os braços dele aos meus, porque ele é o dono do seu coração, e porque acredita que está fazendo a coisa certa; então não valerá mais a pena lutar pelo seu coração. Neste caso nunca mais a incomodarei.

Mas gostaria de receber uma resposta sua de próprio punho.

Do seu apaixonado,

Daniel Thwaite.

O alfaiate passou metade da noite escrevendo e passando a limpo a carta, e ele mesmo a levou bem cedo na manhã seguinte na Keppel Street, apesar de o desvio ter aumentando uns cinco quilômetros ao caminho que costumava fazer até a Wigmore Street. O porteiro do prédio nem tinha acordado ainda, e demorou em escutar as batidas tímidas de Daniel; mas finalmente a entrega foi feita e o apaixonado desesperado foi embora apressado para o trabalho.

A condessa leu e releu a carta enquanto tomava o café da manhã, sem

conseguir decidir se seria certo ou não entregá-la à filha. Ela não via lady Anna desde que a mandara embora de casa enfurecida, e mais de uma vez repetira para Mrs. Bluestone que não o faria até que a filha prometesse terminar tudo com o alfaiate. Será que deveria usar a carta como desculpa para ir até a casa na Bedford Square para fazer uma visita à filha, que há tanto tempo ansiava por ver? Embora fosse então uma condessa com grandes chances de ficar rica, sua atual situação não causaria inveja a ninguém. Ela ficava sozinha do raiar do sol até o anoitecer; quando muito passava uma horinha no gabinete de Mr. Goffe, ou em raras ocasiões aparecia no gabinete do Sargento Bluestone. Não conhecia ninguém em Londres. Sabia que não se encaixava na sociedade londrina mesmo que esta estivesse aberta para recebê-la. Ela passara a vida – praticamente sozinha – lutando contra a pobreza e inimigos poderosos; alcançando conforto nos momentos mais felizes na força e na bondade do seu velho amigo, Thomas Thwaite. Agora, ela descobrira que os velhos tempos tinham sido muito melhores do que os últimos. Sua filha sempre estivera ao seu lado e aparentemente sempre foi fiel. Naquele tempo havia esperança, algo pelo qual ansiar, uma perspectiva de ser feliz com a sua vitória. Mas agora ela estava começando a descobrir – não, já tinha descoberto –que não havia nada pelo que esperar. Seu título tinha sido reconhecido. Já não lhe faltava mais dinheiro. Sua causa estava prestes a ser vencida – de acordo com os advogados dos dois lados. Mas em que aspecto o triunfo seria bom para ela? Mesmo que a sua filha acabasse se tornando a condessa Lovel, ela não ficaria menos isolada. Nenhum dos Lovel queria a sua companhia. Ela tinha expulsado a filha de casa e a única coisa que conseguiu com isso foi que a moça fosse um pouco menos infeliz na Bedford Square do que quando estava com a mãe na Keppel Street.

Como não ousava agir sem antes se aconselhar, ela levou a carta para Mr. Goffe examinar. Não fosse pelas palavras finais, ela teria enviado a carta para a filha sem delongas. Mas o homem tinha dito que a sua filha seria vil caso se casasse com o conde somente para se tornar uma condessa, e a viúva do falecido conde não achou por bem não plantar tal ideia na cabecinha de lady Anna. Caso a carta fosse entregue, obviamente a resposta seria ditada por ela; mas e se a sua filha fosse tão teimosa quanto à mãe e resolvesse escrever uma carta totalmente diferente?

Mr. Goffe leu a carta e disse que queria um dia para pensar. A carta foi deixada com Mr. Goffe, que por sua vez consultou o Sargento. O Sargento levou a carta para casa para mostrar para Mrs. Bluestone, com o intuito de ter

a opinião dela. Com isso, a carta acabou indo parar justamente na casa onde estava vivendo a moça para quem ela tinha sido escrita, mas mesmo assim não teve nenhuma chance de chegar às suas mãos. "É uma carta de homem bem escrita", observou o Sargento.

"Então não deve ser entregue a ela" disse Mrs. Bluestone, cujo coração era mole para lady Anna, mas duro como uma pedra de moinho para o alfaiate.

"Se ela gosta mais do lorde, porque não deveria dizer logo a verdade para o outro?" questionou o Sargento.

"Claro que é natural que ela goste mais do lorde".

"Então pelo amor de Deus, deixe-a dizer isso para colocar logo um ponto final a este problema".

"Sabe, meu querido, nem sempre é fácil entender o que se passa na cabeça de uma moça em se tratando de assuntos como este. Não tenho dúvidas de qual ela gosta mais, pois não me parece ser do tipo que se apaixona facilmente. Mas o ponto é que este outro veio primeiro, e teve a vantagem de ser o único amigo dela por muito tempo. Ela se sentia muito grata a ele, quando estava apenas começando a aprender a diferença entre gratidão e amor. Não concordo de modo algum com a maneira severa com a qual a mãe a tem tratado. Não suporto ver uma jovem, que só deve ter alegrias, ser tratada assim. Mas estou certa de que o alfaiate deve ser mantido longe dela. Ela não deve vê-lo e nem escrever para ele. O que ela diria a si mesma se recebesse esta carta? Ela diria que 'se ele foi generoso, também posso ser'. E se ela escrevesse uma carta reafirmando seu compromisso com ele, tudo estaria perdido. Além do mais, ela prometeu escrever para lorde Lovel. Vamos esperar até que escreva, fazendo algum tipo de promessa ao conde, e depois damos um jeito do alfaiate ficar sabendo. Será melhor para todos. Temos de salvá-la deste homem, que foi ao mesmo tempo o seu melhor amigo e o maior inimigo". Mrs. Bluestone era uma excelente mulher, e nesta situação de emergência, estava apenas tentando cumprir com seu dever, sem esperar nada em troca. O fato de a moça um dia se tornar uma condessa não significava nada para ela. Afinal, ela era uma boa mulher, apesar de não se importar com o mal que estava infligindo contra o alfaiate, na sua ânsia de se tornar amiga da filha da condessa.

A carta do alfaiate, que lady Anna não viu e nem sonhava ter sido escrita, foi enviada de volta para Mr. Goffe, que a devolveu a lady Lovel, aconselhando categoricamente que lady Anna não deveria vê-la. "Serei sincero, lady Lovel. Confesso que consultei o Sargento e nós dois achamos que lady Anna e Mr. Daniel Thwaite não devem se encontrar". Assim a carta

foi mandada de volta para o remetente com o seguinte recado:

A condessa Lovel envia seus cumprimentos a Mr. Thwaite, e acha melhor devolver a carta que segue junto. Ela acredita que não deve ocorrer em hipótese alguma um encontro entre a sua filha e Mr. Daniel Thwaite.

Daniel jurou que iria insistir até o fim neste encontro. Tinha certeza de que até então vinha agindo não apenas de modo justo, mas muito honrado também. Não; ele não tinha agido de modo justo e honrado por pura ingenuidade. Foi de propósito que não arrumou um jeito de se encontrar às escondidas com a sua amada – embora ela fosse aquela a quem ele tivera acesso a vida toda, com quem crescera junto, aquela que comera o seu pão e bebera do seu copo. Agora os novos amigos dela, e até mesmo a sua velha amiga, a condessa, não queriam conversa com ele. Não poderia acontecer um encontro em hipótese alguma! Mas, por Deus do céu, este encontro precisava acontecer.

CAPÍTULO XXVI
O POETA DE KESWICK

Um turbilhão de problemas passava agora pela cabeça do pobre Daniel Thwaite. O envelope enviado pela condessa não o alcançou em Londres, mas foi encaminhado para Cumberland, para onde ele teve de ir às pressas depois de ter recebido a notícia de Keswick de que o pai estava à beira da morte. O senhor tinha sofrido um derrame, e quando a mensagem foi enviada duvidavam que ele conseguiria ver o filho antes de morrer. Daniel seguiu para o norte o mais rápido que seus recursos permitiram, pegando um vapor até Whitehaven, e depois uma carruagem até Keswick. Ele ganhava trinta e cinco xelins por semana, e por conta disso não tinha condições de viajar na carruagem do correio até Keswick. Mas mesmo assim ele conseguiu chegar em casa a tempo de encontrar o pai vivo, e estar ao lado do leito quando o senhor morreu.

Apesar de não ter dado tempo de dizerem nada um para o outro, e apesar de a apatia da morte que se aproximava já ter tomado conta da mente de Thomas Thwaite, tanto que ele, já não fazia mais caso da maioria das coisas – assim como não fazem mais caso de nada aqueles que estão à beira da morte – que tanto lhe interessavam antes; mesmo assim algo ainda foi dito sobre a condessa e lady Anna. “Não se preocupe mais com elas, Dan”, disse o pai.

“Acho que será melhor mesmo”, disse Daniel.

“Na verdade, sim. O que elas podem querer com alguém como você? Dê-me um gole de conhaque, Dan”. O gole de conhaque naquele momento era muito mais importante para ele do que a condessa; mas apesar dele mesmo não ter dado muita importância para suas últimas palavras, seu filho pensou muito a respeito. O que a condessa e sua filha nobre podiam querer com ele, Daniel Thwaite, o alfaiate falido? Pois, na verdade, seu pai estava morrendo, como um homem falido. Tudo que restara do seu patrimônio só daria para pagar as dívidas em Keswick; e quanto a sua loja, tinha chegado a um ponto tal que não valeria nem a pena manter aberta.

O velho alfaiate morreu e foi enterrado, e toda Keswick sabia que ele não tinha deixado nada para o filho, além da dívida que a condessa tinha com ele, sobre o qual, as opiniões em Keswick se dividiam. Alguns diziam que os dois Thwaite, pai e filho, sabiam muito bem em qual lado do pão estava a manteiga, e que agora Daniel Thwaite, com a morte do pai, poderia tornar-se dono de

uma grande quantidade de títulos de propriedade dos Lovel. Corria em Kewisck a versão de que o conde iria retirar a alegação, e que os direitos da condessa e da filha seriam reconhecidos e o conde e a prima iam se casar. Neste caso, os títulos seriam pagos, e Daniel Thwaite se tornaria um homem rico. Pelo menos era isso que imaginavam aqueles que acreditavam na dívida. Mas havia outros que não acreditavam na existência de tais títulos, e que zombavam da ideia de que algum dinheiro tivesse sido emprestado. O velho alfaiate tinha, sem sombra de dúvida, cuidado das necessidades básicas da condessa ao lhe oferecer um teto e comida, assim como tinha gastado uma boa quantia em viagens, consequentemente descuidando dos seus próprios negócios; mas tudo isso não passavam de suposições. Era pouco provável que o filho viesse receber pelos serviços prestados pelo seu pai; bem pouco mesmo, pois todos sabiam em Keswick que Daniel Thwaite tinha brigado com a condessa. E como esta última hipótese era a que preponderava, Daniel achou que não foi tratado com o devido respeito na sua cidade natal.

O senhor deixou um testamento; um documento simples, onde tudo que possuía era deixado para o filho. E no tal documento constava o seguinte parágrafo: “Espero que a condessa pague ao meu filho todo dinheiro que lhe emprestei”. Quanto aos títulos, Daniel não encontrou nenhum. Havia apenas uma conta em aberto de alguns itens adquiridos pela condessa, há muito tempo, e um recibo assinado por vossa senhoria no valor de quinhentas libras, que aparentemente tinham sido emprestadas na época do processo por bigamia. Não encontrou mais nada além disso, e chegou à conclusão, portanto, que tinha direito a receber algo em torno de seiscentas libras. Mesmo assim, ele acreditava ter ouvido do pai que a maior parte das suas economias tinha sido gasta com as duas damas, e, calculava, portanto, que a tal quantia ultrapassava seis mil libras. Na dúvida, ele foi consultar um advogado local, que o aconselhou a apelar à generosidade da condessa. Ele pagou um pequeno honorário, e colocou na cabeça que não iria seguir o conselho do advogado, pois não iria apelar a generosidade da condessa coisa nenhuma.

Naquela época, ainda vivia na região um grande homem, um poeta, que tivera uma vida honrada e muito sofrida. Ele era uma daquelas pessoas que no final da vida resolvem se afastar da sociedade e abrem exceção apenas para alguns velhos amigos que ainda lhe restam. Mas os poucos amigos que ainda restavam moravam muito distante, e como pouco saía de casa, ele levava uma vida solitária. Dos habitantes locais, que já estavam lá desde que ele se mudara para a região, eram poucos os que tinham contado, e os vizinhos

diziam que ele era mal-humorado e melancólico. Mas, mesmo com tudo isso, ele acabou fazendo amizade com Thomas Thwaite, e no momento de emergência, o filho recorreu ao poeta. Poucos eram os visitantes, muitas vezes considerados intrusos, que conseguiam ultrapassar o modesto portão daquela casa; mas Daniel Thwaite foi levado de imediato à presença do homem das letras. Eles não se viam desde a adolescência de Daniel, e nenhum dos dois se reconheceria. O poeta não podia ser considerado um homem velho, mas tinha todas as características da idade avançada. Seus ombros eram caídos, os olhos fundos e os lábios finos e cerrados. Mas o belo formato oval do seu rosto e o brilho nos olhos ainda estavam lá, apesar dos estragos causados pelo tempo, anos de trabalho e tristezas. "Fiquei muito triste, Mr. Thwaite, quando soube da morte do seu pai", disse o poeta. "Eu o conheci muito bem, e sempre o considerei um homem de espírito e moral ímpares." Então, Daniel pediu permissão para contar a sua história, e contou tudo do começo ao fim: como ele e o pai tinham ajudado a condessa e a filha, quanto tempo e dinheiro tinham gastado em função delas, como ele tinha acabado se apaixonando pela menina, e como, ele acreditava, a menina tinha se apaixonado por ele. E contou toda a história, até onde sabia, sobre o que tinha acontecido em Londres ao longo dos últimos nove meses. Não exagerou em nada, e não teve escrúpulos para falar abertamente sobre as suas esperanças. Mostrou a carta que enviara a condessa, e o bilhete que ela mandara de volta, e enquanto o fazia não escondeu seus sentimentos. Será que o poeta achava que havia algum motivo que impedisse, em tais circunstâncias, um alfaiate de se casar com a filha de uma condessa? E por último, contou, até onde sabia, a história do dinheiro que tinha sido emprestado, e mostrou uma cópia do testamento do seu pai. "E agora, senhor, o que acha que devo fazer?"

"Quando falou de compromisso com a moça pela primeira vez, não acha que deveria ter falado com a mãe também, Mr. Thwaite?"

"O senhor teria feito isso?"

"Não vou dizer que teria feito, mas acho que seria o correto. A filha é tudo que ela tem".

"Pode ser que eu tenha errado. Mas se a moça me ama…"

"Não quero ferir seus sentimentos por nada neste mundo, Mr. Thwaite".

"Não me poupe, senhor. Não vim aqui para ouvir amenidades."

"Não imaginei tal coisa. Comparemos a sua posição na vida com a delas, que além de nobres descendem de uma família tradicional, nascidas das melhores estufas do país, enquanto você faz parte do povo – se me permite

dizer, não passa de um pezinho de milho que brotou no campo – alguém que nasceu para ganhar o pão com o suor do próprio rosto. Acaso acha mesmo que tal união não seria motivo de desgosto para ela?"

"Acaso a planta de estufa é mais forte, ou melhor, ou mais útil, do que uma espiga de milho?"

"E acaso foi isso que eu disse, meu amigo? Não vou dizer que aos olhos de Deus alguém ocupe uma posição social superior a de outro, ou que seja melhor ou mais útil. Mas as pessoas são diferentes, embora tais diferenças talvez surjam sem maldade quando os limites diminuem, não creio que tal enxerto tão violento deva acontecer".

"O senhor quer dizer que alguém inferior como um alfaiate não deveria almejar se casar com uma pessoa tão infinitamente superior a ele como a filha de um conde".

"Sim, Mr. Thwaite, foi exatamente isso que eu quis dizer. No entanto, espero que quando pensou em me procurar, de antemão já soubesse que eu jamais seria capaz de ofendê-lo".

"Não me ofendi de forma alguma. Sou um alfaiate, e não tenho vergonha do meu trabalho. Mas não creio que o senhor acredite tanto assim na nobreza".

"Acredito em um Senhor, apenas" disse o poeta. "Nele que, na Sua sabedoria e para Seus propósitos, colocou os homens em diferentes classes".

"Será que isso foi coisa Dele ou do diabo?"

"Não, não vou discutir isto com você. De forma alguma discutirei isto agora".

"Li seus primeiros livros…"

"Não venha citar meus livros, nem os primeiros e nem os últimos. Você me pediu conselho, e eu dei de acordo com a minha capacidade. Chegará o dia, Mr. Thwaite" e isto ele disse rindo, "que a sua aversão contra a nobreza também será mais branda do que é agora".

"Nunca!"

"Ah, isto é o que os jovens sempre dizem sobre a opinião deles".

"O senhor acha que eu deveria desistir dela para sempre?"

"Eu a deixaria livre para ela mesma e para a mãe, e para esse lorde, se ele a ama mesmo".

"Mas e se ela me ama! Oh, senhor, ela já me amou. Se ainda me ama, devo deixar que ela pense, com o passar do tempo, que eu a esqueci? Que chances ela pode ter se eu não lhe mostrar que estou sendo sincero?"

"Ela terá a chance de se tornar lady Lovel, e de amar seu marido".

“Então o senhor não acredita em juras de amor?”

“Como vou responder isso?” disse o poeta. “Claro que acredito em juras de amor. Já escrevi muito sobre o amor, e sempre procurei escrever a verdade, como a via, ou como pensava que a via. Mas o amor do qual nós poetas falamos não é o amor do mundo real. Ele é mais arrebatador e bem menos servil. É um retrato deste que existe de verdade, cheio de atributos fantasiosos, assim como são os retratos das damas pintados pelos artistas que estão mais preocupados com a arte do que com as modelos. Falamos de uma constância no amor que dificilmente é compatível com os costumes deste mundo, que além de tudo é imperfeito. Olhe ao redor e veja quantas moças já não se apaixonaram duas vezes e quantos rapazes até três. Eles se juntam, e esfregam as penas como os pássaros, e cada um imagina ter encontrado no outro a felicidade ou a angústia eterna. Em seguida, surgem os motivos para separação. Talvez os pais sejam Capuletos e Montéquios, mas seus filhos, graças a Deus, não são Romeu e Julieta. Ou o dinheiro não serve, ou a distância interfere, ou simplesmente surge um novo rosto com os méritos da novidade. A constância da qual falam os poetas é – eu diria até que desnecessária – a constância irreal de uma Julieta. Mas a constância do qual a nossa natureza deveria se orgulhar é a de uma [26]Imogênia. Espero que já tenha lido Shakespeare, Mr. Thwaite”.

“Conheço as peças que o senhor citou. Imogênia era filha de um rei, e se casou com um simples soldado”.

“Eu não diria que juras não significam nada”, disse o poeta, sem querer admitir o ponto marcado contra ele. “Fico feliz de ouvir que uma moça foi sincera no seu primeiro beijo. Mas essa menina tem todo direito do mundo de ter uma segunda opção. E você acha que porque a sua companhia foi agradável aqui em meio as nossas montanhas, quando ela não conhecia ninguém além de você, isso significa será indiferente aos encantos de alguém como este tal de lorde Lovel? Ela terá suas culpas, remorsos até. Sofrerá, pois sabe que você foi bom para ela. Mas ela vai superar, e a sua vida será mais feliz com ele do que com você – a menos que ele seja um homem mau, o que não sei. Ou pensa que não haverá arrependimentos, ou remorsos, quando ela descobrir que como esposa sua foi arrancada de tudo aquilo ao qual foi ensinada a ver como os encantos deste mundo? Será mesmo que ela será mais feliz brigada com a mãe e com os novos parentes que acabou de conhecer? Você não valoriza muito o sangue nobre, e eu, por motivos pessoais, também não dou muito valor. Mas ela é nobre, e irá se lembrar disso. Quando ao seu dinheiro, Mr. Thwaite, eu

trataria disso como se fosse um negócio com a condessa, como se a filha não tivesse nada a ver com isso. Provavelmente, ela deve saber quanto deve, e sem dúvida pagará quando tiver recursos à sua disposição".

Daniel se despediu do seu mentor sem dizer mais nada em defesa própria, agradecendo pelo conselho dado, e assegurando ao poeta que iria se esforçar para tirar o máximo de proveito. Em seguida, saiu andando pelos mesmos caminhos que costumava percorrer com Anna Lovel tentando digerir todas as palavras que tinha acabado de escutar. Não conseguia enxergar a verdade nelas. Não conseguia entender que não deveria forçar a moça a se casar com ele, se estava mais apaixonada por outro, somente por causa da promessa que tinha feito. Mas achar natural que ela transferisse para outro o afeto que tinha dado a ele, só por que o outro era um lorde, ele não conseguia conceber. Não apenas seu coração, mas todo seu ser se rebelava contra isto. Um feito assim, ele achava, provava apenas que ela era incapaz de amar. Ao mesmo tempo, esta noção tinha chegado a ele pela boca daquele que, como ele mesmo dissera, tanto tinha escrito sobre o amor.

Mas, apesar de todo esse debate interior, as palavras do velho poeta causaram efeito. Fosse a culpa da moça, ou dele mesmo, ou das circunstâncias indesejáveis do caso, ele achou por bem convencer-se de que a tinha perdido. Nunca mais iria amar outra mulher. Apesar de a filha do conde não ter sido fiel, ele, o pretendente, continuaria sendo fiel à filha do conde. Pode até ser que não houvesse mais Romeus entre os nobres Capuletos e os nobres Montéquios – quem ele acreditava tinha morrido fiel; mas isso não queria dizer que a sinceridade tinha de todo desaparecido do mundo. Ele ia vender o que restara da massa falida do seu pai, tentar receber as quinhentas libras do recibo que tinha em mãos, e depois partiria para algum país distante, onde os conselheiros mais sábios não iriam lhe dizer que ele não era bom o bastante para se casar com alguém de sangue nobre.

Depois de executar o testamento do seu pai, ele enviou uma cópia do mesmo para a condessa com a seguinte carta:

Keswick, novembro de 183…

Vossa Senhoria,

Não estou certo se a senhora já soube da morte do meu pai. Ele morreu aqui, no mês passado, no dia vinte e quatro. Foi acometido por uma apoplexia da qual nunca conseguiu se recuperar. Creio que sentirá pela perda.

No entanto, sinto-me na obrigação de lhe enviar uma cópia do testamento

dele. Vossa Senhoria talvez se lembre de um empréstimo realizado entre a senhora e ele. Conto apenas com um recibo de quinhentas libras assinado pela senhora, anos atrás. Existe também uma fatura em aberto em nome da senhora no valor de setenta e uma libras, dezoito xelins e nove pênis. Muito possivelmente não há mais nada, mas a senhora deve saber. Aguardo um retorno.

Respeitosamente,

Daniel Thwaite

Mas antes de partir para as terras no extremo ocidente ele ainda precisava ouvir de Anna Lovel que ela não o queria mais.

Capítulo XXVII
A CARTA DE LADY ANNA

Enquanto isso, a semana passou, e a carta de lady Anna tinha se formado contra a moça para convencê-la a escrever a tal carta, tornando praticamente impossível para ela dizer não ao pedido de noivado do lorde, mas o exército ainda não tinha vencido. A condessa ainda não tinha visto a filha – e insistia que a moça não poderia voltar para casa enquanto não terminasse tudo com o outro pretendente; mas tinha escrito uma carta curta e enérgica, instando o dever que lady Anna Lovel tinha de apoiar sua família e defender a sua posição. Mrs. Bluestone, dia após dia, com palavras dóceis ensinava a mesma lição. Alice Bluestone em suas conversas diárias falava sobre o alfaiate, ou melhor, sobre a promessa feita ao alfaiate, com horror. O Sargento, com os olhos praticamente marejados, implorou que ela colocasse um ponto final ao processo. Até mesmo o Advogado-geral enviou recadinhos, expressando a sua esperança de que ela os ajudasse a resolver a questão até o início de novembro. Todos os detalhes do caso, no patamar em que se encontrava, tinham sido explicados para ela inúmeras vezes. Se, quando estivesse chegando a data marcada para o julgamento, ela e o conde estivessem noivos, o conde retiraria a alegação e nada mais seria dito. O casamento em Cumberland seria aceito, o veredicto do julgamento por bigamia poderia ser usado como prova, e todos os envolvidos aguardariam juntos, ansiosos, as demandas das duas damas serem aceitas. Todos os advogados concordavam que depois disso, o título da condessa seria reconhecido, e todo o patrimônio deixado pelo falecido lorde finalmente poderia ser distribuído entre os herdeiros de acordo com a ordem estabelecida. A condessa receberia a parte que lhe cabia como viúva, a filha seria a herdeira legal da maior parte dos bens pessoais, e o conde ficaria com os imóveis, isso se, como havia dúvidas, houvesse de fato algum imóvel. Neste caso, o arranjo do patrimônio seria realizado do jeitinho que todos queriam, e a questão do título ficaria resolvida para sempre. Mas se lady Anna não concordasse com a vantajosa aliança, o conde não iria fazer nada para invalidar o casamento de Cumberland, e iria se retirar do processo. Neste caso seria declarado que havia uma requerente na Sicília – ou no mínimo que havia provas na Itália que poderiam acabar com a alegação da condessa. O Advogado-geral não hesitou em dizer que acreditava

que a italiana não passava de uma impostora, que primeiro tinha sido usada pelo conde e depois fizera uma declaração falsa com a intenção de receber algum dinheiro; mas ele não estava convencido de que a outra italiana, com quem sem dúvida o conde tinha se casado, estava ou não viva quando o segundo casamento aconteceu. Se fosse o caso, a condessa não seria a condessa, Anna Lovel seria simplesmente Anna Murray: sem um tostão, bastarda, e apta a se casar com o alfaiate, caso este ainda a quisesse. "Se for para ser assim" disse lady Anna entre lágrimas "que seja; pois ele ainda vai querer se casar comigo".

Pode ser que o exército tenha sido muito forte para seus próprios propósitos – muito exército para conquistar uma vitória naquele campo – onde uma combinação de forças menos fortes teria funcionado melhor. Ninguém sabia o que dizer para o alfaiate; ninguém admitia que ele tinha sido um amigo generoso; nenhum sentimento de simpatia foi demonstrado. Parecia que tinha sido assumido que ele, desde o começo, arquitetara seus planos com a intenção de colocar as mãos numa farta renda caso a condessa conseguisse provar que era uma condessa. Nunca foi admitido que ele pudesse ter feito por amor. Agora, diante de tudo isso, lady Anna só tinha certeza de uma coisa, que o alfaiate tinha sido sincero. Se tivessem reconhecido que ele tinha sido bom e nobre, talvez até tivessem conseguido convencê-la – como o poeta quase conseguiu convencer o alfaiate apaixonado – de que a ordem natural das coisas exigia que eles se separassem.

Mas ela tinha prometido que escreveria a carta até o final da semana, e quando faltavam apenas dois dias para a semana findar ela sabia que a carta já deveria ter sido escrita. Ela já tinha dito mais de uma vez que precisava deixar a casa da Bedford Square. Não poderia morar ali para sempre, disse, pois sabia que estava sendo um estorvo. Por que não podia voltar para a companhia da sua própria mãe? "Será que a minha mãe nunca mais irá permitir que eu volte a morar com ela?" Mrs. Bluestone prometeu que se ela escrevesse a carta e dissesse ao primo que estava disposta a abrir seu coração para ele, ela poderia voltar para casa da mãe. "Mas não posso morar aqui para sempre", insistiu lady Anna. Mrs. Bluestone não via nenhum motivo que impedisse a sua hóspede de continuar instalada na Bedford Square enquanto lady Lovel assim o desejasse.

Várias cartas foram escritas por ela. A condessa escreveu uma, muito breve, que era uma aceitação incondicional a oferta do conde. Alice Bluestone escreveu uma muito poética. Mrs. Bluestone escreveu uma terceira, cheia de

palavras de significado ambíguo, onde não havia promessas definitivas e nem poesia. Mas se esta última tivesse sido enviada seria praticamente impossível para a moça conseguir se livrar do compromisso. O Sargento talvez tenha contribuído com uma ou duas palavras, pois a carta era sem dúvida muito inteligente. Nesta, lady Anna supostamente dizia que sempre apreciou muito as visitas do primo, e que estava certa de que poderia contribuir para colocar um ponto final ao processo; e que não se casaria com ninguém sem o consentimento da sua mãe, mas que no momento não tinha condições de dizer mais do que isso. "Isto não vai deter o Advogado-geral" apontou o Sargento, enquanto lia a carta. "Esqueça o Advogado-Geral!" respondeu Mrs. Bluestone, e em seguida argumentou, mostrando que a carta iria sim deter o sábio cavalheiro. O Sargento acrescentou então uma ou duas palavras, e um grande trabalho de persuasão foi feito para tentarem convencer lady Anna a usar esta epístola.

Mas ela não aceitou nenhuma delas. "Eu não poderia, Mrs. Bluestone. Ele iria perceber que não fui eu quem escreveu isso".

"Você prometeu que iria escrever, e não pode quebrar a sua promessa" insistiu Mrs. Bluestone.

"Creio que não posso quebrar nenhuma das promessas que fiz", disse lady Anna, pensando na que tinha feito a Daniel Thwaite.

Mas finalmente ela sentou e resolveu escrever uma carta, prometendo para si mesma que ninguém iria ver. Quando fez a promessa, certamente não pretendia que a carta fosse mostrada para todos. Mrs. Bluestone implorou para que fosse mostrada a Condessa. "Se *maman* permitir que eu vá visitá-la, claro que mostrarei para ela", disse Lady Anna. No fim ficou decidido que seria melhor deixá-la escrever a sua carta e enviá-la sem uma leitura prévia. Depois de muita luta e muitas lágrimas ela escreveu a seguinte carta:

Terça-feira, Bedford Square.

Querido primo,

Desculpe por ter demorado tanto para fazer aquilo que prometi que iria fazer. Acho que eu nem deveria ter prometido, pois estou com muita dificuldade para dizer alguma coisa, e não acho certo ser obrigada a escrever isso. Não tenho culpa do processo em andamento. Não quero nada que não me pertença, e nem nada para mim. Acho que papai foi muito mau ao dizer que mamãe não era sua esposa, e claro que gostaria que tudo terminasse do jeito que ela quer. Mas não creio que ninguém tenha o direito de me pedir para fazer algo que sinto ser errado.

Mr. Daniel Thwaite não é esta pessoa que estão dizendo. Ele e seu pai foram nossos melhores amigos, e nunca vou me esquecer disso. Mr. Thwaite pai faleceu, e fiquei muito triste quando soube. Se os conhecesse como nós iria entender o que estou sentindo. Claro que ele não é seu amigo, e atrevo-me a dizer que isto faz com que eu não seja digna de ser digna da sua amizade. Você é um nobre e ele um trabalhador; mas quando o conhecemos ele era tão bom quanto nós, e sei que devemos uma grande quantia a ele, a qual mamãe não tem como pagar. Ouvi minha mãe dizendo antes de ficar brava com ele, que não fosse por eles ela teria ido parar num abrigo para pobres, e que agora Mr. Daniel Thwaite estaria muito bem de vida e não trabalhando como alfaiate, como Mrs. Bluestone costuma se referir a ele, se eles não tivessem dado tudo que tinham para nos ajudar. Por tudo isso não posso permitir que falem do modo como têm falado dele.

Claro que gostaria de fazer o que minha mãe quer; mas como iria sentir-se se estivesse comprometido com outra pessoa? Gostaria que tudo isto terminasse de uma vez por todas. Minha querida mãe não me permite vê-la; e apesar de todos estarem sendo muito gentis, sinto que não deveria estar aqui com Mrs. Bluestone. Mamãe falou em irmos para outro país. Eu gostaria que ela tivesse condições de me levar embora. Deste modo eu não veria mais ninguém, e não haveria mais problemas. Mas creio que ela não tem dinheiro suficiente. Esta carta está muito simplória, mas não sei mais o que dizer.

Da sua querida prima.

Sinceramente,

Anna Lovel.

Embaixo ela acrescentou um P.S.:

Acho que eu deveria ter permissão para me encontrar com Mr. Daniel Thwaite.

Depois de receber a carta, lorde Lovel foi até a Bedford Square e falou com Mrs. Bluestone, mas não mostrou a carta. Sua prima tinha saído com as moças e ele não esperou por ela. Disse apenas que tinha recebido uma carta que não lhe deva muitas esperanças. “Mas mesmo assim devo enviar uma resposta”, disse ele, e o leitor que teve acesso a tal carta tem o direito de ler a outra também.

4 de novembro de 183…,

Hotel Brown, Albemarle Street.

Querida Anna,

Agradeço pela carta que me enviou, embora não haja nada nela que me deixe feliz ou lisonjeado. Começo assegurando-lhe que, até onde eu saiba, não desejo impedi-la de se encontrar com Mr. Daniel Thwaite. Acredito do fundo do meu coração que se o visse agora iria perceber que uma união entre vocês não a fará feliz. Nem mesmo você, disse acreditar que serão felizes juntos.

Você o defende, como se eu o tivesse acusado. Aceito tudo que disse a respeito dele. Não duvido de que o pai dele tenha sido um verdadeiro amigo para você e sua mãe. Mas isto não o torna o marido ideal para Anna Lovel. Nem mesmo você parece acreditar que ele seria. Compreendo tudo isso, e a amo ainda mais pelo orgulho que a prende a um amigo tão fiel.

Mas, minha querida, tudo muda quando o assunto é casamento. Acredito que nem se atreva a pensar em ser tornar esposa dele. Duvido que admita até mesmo para si mesma que o ama tanto assim. Por outro lado, não sou tão tolo a ponto de imaginar que me ama. Não é o caso. Mas se admitir para você mesma que ele não serve para ser seu marido, então quem sabe não acabe gostando de mim; não apenas porque é o que todos seus amigos desejam. Está em suas mãos colocar um ponto final a todos estes problemas.

Serei sempre seu, minha querida Anna.

Carinhosamente,

L.

Estive na Bedford Square nesta manhã, mas você não estava em casa!

"Mas eu ouso", disse ela consigo mesma, depois de terminar de ler a carta. "Por que não ousaria? E admito para mim mesma que o amo. Por que não o amaria mais, se nunca tive vergonha de amá-lo?" Ela estava sendo perseguida; e assim como o passo do transeunte faz exalar o doce perfume da erva que ele esmaga com a sola do sapato, a perseguição fez brotar do seu coração aquela força de caráter que até então permanecia latente. Se a tivessem deixado em Yoxham, e nunca tivessem contado para sua mãe sobre o alfaiate; se o pároco e as duas tias tivessem sido gentis, pode até ser que teriam conseguido conquistá-la. Mas agora o espírito de oposição estava mais forte do que nunca dentro dela.

CAPÍTULO XXVIII
LOVEL VERSUS MURRAY E OUTRO

Segunda-feira, nove de novembro, era o dia marcado para o julgamento do caso que tinha ganhado o nome de "Lovel versus Murray e Outro". O título tinha sido adotado meses antes, quando era conveniente aos representantes dos Lovel provar que a dama que era então chamada de condessa, não tinha o direito de usar o sobrenome Lovel, e que era simplesmente Josephine Murray e sua filha simplesmente Anna Murray. E que havia outra esposa viva quando a mãe adotou o sobrenome ao qual somente a outra tinha direito, tivesse ela sido vítima da fraude do conde ou participado de livre e espontânea vontade. O leitor já deve ter percebido que à medida que o caso avançou a opinião dos aliados do jovem conde, e especialmente a opinião do próprio conde, tinha mudado. Levados a isso por vários motivos, eles, que estavam empenhados em provar que a condessa não era a condessa, concederam livremente o título a ela, e trataram a filha com todas as honras devidas a sua posição e berço. Mesmo assim o nome dado ao caso permaneceu e caiu na boca do povo. As mesmas pessoas que sempre falaram da condessa Lovel também falavam com a maior naturalidade do julgamento do caso "Lovel versus Murray", e agora nove de novembro se aproximava e o caso "Lovel versus Murray e Outro" seria julgado. A natureza do caso era a seguinte: as duas damas, mãe e filha, reclamavam o direito ao patrimônio pessoal do falecido lorde como viúva e filha. A reivindicação do conde Lovel, como herdeiro legal, era contrária a reivindicação anterior, e alegava que não havia viúva e nem filha legítima. O caso complicou ainda mais com a alegação da existência da primeira esposa, que no caso seria a viúva herdeira. Mas mesmo assim, o caso prosseguiu como Lovel versus Murray: Lovel representando o conde, e não a suposta viúva italiana.

Diante da questão em jogo, ficaria ao cargo do Advogado-geral apresentar as peças processuais. No curso normal do procedimento caberia-lhe começar explicando a situação da família, com isso assumindo que poderia provar o casamento anterior e a existência da primeira esposa na época do último casamento. Suas testemunhas seriam interrogadas e em seguida uma contestação a favor da condessa seria feita, e as suas testemunhas apresentadas. Depois de tudo isso o juiz deixaria ao cargo do jurado tomar a

decisão final. O julgamento poderia durar dias, com todas as alegrias e tristezas, todas as esperanças misturadas a ansiedades que se espera de um longo julgamento. As apostas correram livremente, a princípio as probabilidades eram a favor de lorde Lovel, e depois da condessa. Vários foram os interessados em conseguir um lugar no tribunal, e nos clubes corria o boato de que a outra tinha sido trazida da Sicília. Então, de repente, surgiu a notícia de que não haveria mais julgamento, que o grande caso "Lovel versus Murray e Outro" seria encerrado para sempre com o casamento de "Lovel" com "Outro" e pela aceitação de "Murray" por "Lovel" como sua sogra. Mas os fofoqueiros de plantão não gostaram desta solução. Sem dúvida, lorde Lovel deveria unir-se com a outra parte, e já estava sendo admitido por todos que ele provavelmente o faria; mas isto não iria encerrar o caso. Se havia uma viúva italiana viva, esta viúva era a herdeira da fortuna. Outro Lovel poderia ocupar o lugar de lorde Lovel, e o caso Lovel versus Murray ainda seguiria em frente. O primeiro casamento não poderia ser anulado, simplesmente por que convinha ao jovem conde que fosse anulado. Então, enquanto esta disputa acontecia, correu por todos os clubes a notícia de que não ia ter mais casamento, que a moça estava noiva de um alfaiate, e que a influência que o alfaiate exercia sobre ela era tão forte que ela não ousou dispensá-lo. Coisas terríveis foram ditas sobre o alfaiate e a coitada da lady Anna. Que tinha acontecido um casamento secreto, que havia uma criança a caminho – e o último fato era tido como certo por todos os homens nos clubes – e que o alfaiate tinha se garantido de várias maneiras. Que ele tinha poder sobre a moça tanto no aspecto amoroso, pelo medo e na forma de um compromisso por escrito. Que a condessa tinha expulsado a filha de casa e a colocara no olho da rua na calada da noite, sob ameaças de morte e suicídio. Que metade da fortuna tinha sido oferecida em vão ao alfaiate. A história tinha crescido horrores nas vésperas do julgamento; mas todos achavam que julgamento mesmo não iria acontecer, e que provavelmente seria adiado.

Não se sabe como a história do alfaiate vazou e se tornou pública e notória. Todos os advogados envolvidos tinham concordado que a história deveria ser mantida em segredo, mas provavelmente alguém ligado a eles saiu esparramando. Sem dúvida, todos os que trabalhavam no *Norton and Flick* sabiam disso, assim como todo o pessoal do *GoffeandGoffe*. Mr. Mainsail e seu assistente, Mr. Hardy e seu assistente, Sargento Bluestone e seu assistente, todos sabiam; mas todos tinham prometido guardar segredo. O assistente do Advogado-geral sem dúvida estava acima de qualquer suspeita. As duas

Misses Bluestone também sabiam de toda a história, mas tinham jurado solenemente que levariam o segredo para o túmulo. Mrs. Bluestone era uma dama que possuía várias amigas, mas ela tinha jurado guardar segredo. Pode ser que a história tenha escapado da boca de Sarah, a criada pessoal de lady Anna, que a condessa tinha contratado para cuidar da filha ao primeiro sinal de prosperidade.

Entre os últimos que ficaram sabendo sobre a história do alfaiate – que mostraram algum interesse nos acontecimentos da família Lovel – estavam os Lovel de Yoxham. O Conde não tinha contado nada para eles. Ao retornar as cartas da sua tia, e depois aos apelos urgentes do seu tio, o jovem nobre enviou apenas respostas curtas e ambíguas. Quando tivesse algo mais concreto ele contaria, mas naquele momento tudo que podia dizer era que tudo iria dar certo. Esta tinha sido a maior informação que o conde dera aos seus familiares, e que deixou o pároco ainda mais enfurecido. Nem a sua raiva cessou, ou a tristeza das duas tias diminuiu, quando a verdade chegou até eles pela boca de lady Fitzawarrren, aquela que tinha sido obrigada a entrar na sala de jantar depois de Anna Murray, como lady Fitzwarren insistia chamar a moça depois que ficou sabendo do noivado com o alfaiate. Ela contou a história no presbitério de Yoxham para as duas tias, e levou junto um jornal para provar que estava dizendo a verdade. Como agora precisamos passar para o tribunal para ouvir o que o Advogado-geral tinha a dizer sobre o caso, não temos tempo para nos solidarizarmos com a tristeza dos Lovel de Yoxham. Antes disso, porém, vamos fazer uma breve pausa para relatar a ladainha que o pobre pároco emanou naquela noite. “Desde o começo eu sabia que isso ia acontecer. Eu falei. Eu tinha certeza disso. Mas ninguém acreditou em mim”.

O tribunal da Queen’sBench, em Westminster, estava lotado no dia 9 de novembro. O caso seria julgado pelo Ministro-chefe da Justiça, e todos sabiam que Sir William Patterson teria algo a dizer. Mesmo que não desse em nada, já valeria a pena estar presente só pela história em si. Todas as preliminares do julgamento prosseguiram, como era esperado até o veredicto final – como se cada prova apresentada tivesse de ser questionada e refutada, e depois rebatida por outra prova, que novamente era refutada com aprazível animosidade entre os advogados rivais, e que é tão gratificante para quem está de fora, e aparentemente para eles mesmos também. Os jurados fizeram o juramento – um júri especial – e depois de muito tempo, e várias ameaças do Ministro-chefe da Justiça, os doze cavalheiros concordaram em ocupar a tribuna dos jurados. Multidões se aglomeravam nas portas do tribunal, cada

homem ali presente seria capaz de pagar uma fortuna para dar um jeitinho de entrar na sala para assistir ao julgamento; mas quando eram convidados para ocupar um assento à frente, com todas as honras pertencentes a um jurado especial, eles se negavam. Apesar de não ser esperado que nenhuma pergunta fosse feita a um membro do júri.

Por volta do meio dia, o Advogado-geral iniciou a sua apresentação. Ele era todo sorrisos, gestos e tom agradável, indicativos de um homem que tinha um belo trabalho diante de si do qual estava adorando participar. É gostoso ver a segurança de um galo cantando no seu próprio galinheiro, e poder admirar a facilidade com que ele enfrenta as situações que são assustadoras a uma ave de fora. Se você, leitor, ou eu, fôssemos obrigados a ficar de pé naquele tribunal, usando peruca e toga, para contar uma história que poderia demorar seis horas para ser contada, tanto eu quanto você, cientes de que é nosso dever contar tudo ao juiz, e conselheiros, e jurado, de forma clara para que todos os detalhes não escapem – imagine só como a história ficaria mal contada, como os detalhes poderiam escapar da memória de quem estivesse contando e assim nunca chegassem ao conhecimento dos ouvintes! Pior, o simples fato de saber desta responsabilidade já seria o suficiente para confundir a sua língua ou a minha e acabar com aquele momento de destaque diante da plateia! Mas o nosso Advogado-Geral ficou de pé feliz da vida, com aquela graça de movimento, aquela morosidade fácil, aquela confiança natural, inerente às tarefas comuns do dia a dia. Com certeza ele sabia que ficava bem de peruca e toga, quando sussurrou baixinho, com uma risadinha contida, ao ouvido do cavalheiro que estava ao seu lado, alguma piada agradável que tinha acabado de se lembrar. Ele podia fazer isso, apesar de todos os olhos ali presentes estarem voltados para ele; tão grandioso era! E então ele iniciou num tom de voz baixo, um tom quase modesto. Por um momento daria até para imaginar que estava se dirigindo a alguma moçoila, tão gentil, tão melodiosa era sua voz.

“Milorde, minha intenção nesta ocasião é fazer o que um advogado raramente consegue fazer: dar um depoimento limpo, relatar a este tribunal e ao júri tudo o que sei sobre este caso, tudo que penso e tudo que acredito; em suma situar o caso tanto de acordo com os interesses dos meus oponentes quanto dos meus clientes. A história com a qual ocuparei o tempo da corte, é repleta de situações estranhas e romance. Falarei sobre grandes crimes e virtudes raras, de dores e conquistas, e de esperanças que quase foram concretizadas; mas o nobre cliente em nome de quem falo aos senhores, não é

de forma alguma o herói desta história. Seu heroísmo consiste em – contanto que eu não deturpe a história ao contá-la – ansiar para que a verdade seja estabelecida, seja esta verdade a seu favor ou contra. Estamos lidando com uma família tradicional e nobre, do qual meu cliente, o atual conde Lovel, é no momento, o chefe e responsável. Está em jogo diante de nós, a posse de uma imensa fortuna. Caso este julgamento transcorra naturalmente caberá aos senhores decidirem se esta fortuna pertence a ele como herdeiro legal do falecido conde, ou se a algum herdeiro próximo a ele, cuja reivindicação legítima impeça a do meu cliente. Mas há mais do que isso para ser julgado, e deste algo mais, depende o direito de duas damas usarem o sobrenome Lovel. Tal direito, ou ausência de direito de uso, por si só já justificaria neste país, ou melhor, seria absolutamente necessário, um julgamento diante de um júri em qualquer caso de dúvida fundamentada. Nossos títulos de honra nos são de grande valor, são tidos como um marco de esplendor e conduta nobre, são tão reconhecidos universalmente como passaportes por toda a sociedade, que é natural que cuidemos do seu uso com toda cautela e escrúpulo. Quando a demanda de tal honra é feita em benefício de um homem geralmente ela inclui a reivindicação a algum privilégio Parlamentar, o direito a este então não deve ser decidido por um júri, mas sim ao corpo ao qual tal privilégio pertence. A reivindicação de um título de nobreza deve ser julgada na Câmara dos Lordes – mesmo que feito por uma mulher para com um homem, pois o filho desta viria a ser um membro do Parlamento. No caso em questão, tal direito não está em jogo. A dama que afirma ser a condessa Lovel, e sua filha que afirma ser lady Anna Lovel, não reivindicam nada que não possa ser julgado por um júri. É o mesmo que qualquer plebeia deste país afirmasse ter sido esposa de um suposto marido. Mas como se trata de uma reivindicação a um sobrenome importante e nobre; e como uma grande dúvida foi lançada sobre a justiça da demanda feita por estas duas damas, tornou-se dever do meu cliente como chefe dos Lovel, e sendo ele mesmo, sem sombra de dúvida o atual conde Lovel, investigar a demanda feita, e cuidar para que falsos pretendentes não sejam autorizados a usufruir das altíssimas honras outorgadas à sua família. Independentemente da grande fortuna em jogo, a natureza do que será meu dever explicar aos senhores, a questão em pauta se a senhora é ou não a condessa Lovel, e se a jovem dama é ou não lady Anna Lovel, requereu uma investigação que não poderia ter sido adequadamente realizada sem este corpo de advogados. Declaro abertamente aos senhores que acreditamos que estas duas damas têm todo direito de usarem o sobrenome ao qual reivindicam, e

acrescento ainda a esta declaração a minha convicção pessoal e a do meu cliente de que elas estão totalmente seguras quanto à veracidade e justiça da reivindicação que estão fazendo. Gostaria de informá-los também que desde o início das investigações, desde que a data do julgamento foi marcada, a dama mais jovem residia então com o tio do meu cliente, sob o mesmo teto do meu cliente, como uma hóspede honrada e bem-vinda, e lá, diante de toda a comunidade, foi tratada com o título de nobreza por todos os membros da família do meu cliente, contradizendo o motivo pelo qual aparentemente me encontro aqui diante dos senhores em benefício daquelas clientes". O pároco de Yoxham, que se encontrava presente no tribunal, balançou a cabeça veementemente quando foi declarado que lady Anna tinha sido uma hóspede bem-vinda em sua casa; mas ninguém estava prestando atenção no pároco de Yoxham, e ele balançou a cabeça em vão.

"Permitam que eu pergunte por que, se isto é verdade, o julgamento deveria continuar. Ao que os senhores dirão: 'Como todos já reconhecem como verdadeira a reivindicação destas duas damas, que no processo foram erroneamente chamadas de Murray, por que, em nome de Deus, não conceder a elas seus privilégios, a riqueza que lhes pertence, e libertá-las deste procedimento judicial?'. Em primeiro lugar, digo que nem a minha crença, nem a dos meus companheiros que estão trabalhando comigo, nem mesmo a do meu nobre cliente, são suficientes para justificar que nós desistamos de buscar por uma decisão que seja definitiva contra outros reclamantes. Se o atual conde vier a falecer, então haverá outro conde, e este outro poderá usar os mesmos argumentos por nós usados agora para tentar provar que a então reconhecida condessa Lovel não é a condessa. Acreditamos que ela seja, mas caberá aos senhores decidirem se é ou não, depois de ouvirem as provas que, sem dúvida, comprovarão seu casamento, e quaisquer provas contrárias que outros possam apresentar aos senhores. Não vamos apresentar nenhuma prova contrária, assim como não faremos nenhuma pergunta que possa abalar meu sábio amigo oponente que sem dúvida não esteja preparado para responder. Na verdade, não vejo nenhum motivo que impeça eu e meu sábio amigo de sentarmos juntos, juntando nossas pastas e provas em comum. E então, quando os fatos singulares desta história estiverem claros para os senhores, como tenho certeza de que conseguirei torná-los, os senhores verão que existem outros interesses em jogo além dos interesses do meu cliente e das duas damas que aqui se apresentam como oponentes dele. Duas afirmações foram feitas com a intenção de invalidar os direitos da condessa Lovel, ambas originadas por

aquele que parece ser o ser humano mais mesquinho e vil que já vi em toda a minha carreira como advogado. Estou falando do falecido conde. Foi afirmado por ele, pouco depois do dia do seu casamento com a dama que agora é sua viúva – falsamente, como não tenho dúvida – que quando se casou com ela, ele já tinha outra esposa. Mas é, e tenho certeza, possível provar que ele também declarou que esta primeira esposa morreu logo após o segundo casamento, que no caso não tinha sido válido. Se tudo isso fosse verdade, e os senhores acreditarem que o conde estava sendo sincero quanto a tudo que falou, o patrimônio em questão passaria indiscutivelmente para o meu cliente.
O falecido conde morreu sem testamento válido, pois o que ele deixou foi ignorado pelo meu cliente, por ter sido feito quando o conde não era mais dono das suas faculdades mentais. A esposa verdadeira, de acordo com esta história, já morreu. A segunda esposa, de acordo com esta história, não é esposa, e nem viúva. A filha, de acordo com esta história, não é filha aos olhos da lei, e não poderia, de forma alguma, ser herdeira. O jovem conde seria o herdeiro indiscutível de toda fortuna pessoal, assim como é da propriedade e do título. Mas não acreditamos na história inteira, e não temos intenção de oferecer nenhuma prova que mostre que a primeira esposa, pois de fato existiu uma esposa, estava viva quando o segundo casamento foi contraído. Não temos tal prova, e creio que nenhuma pode ser encontrada. Mas aquele nobre covarde, em cujo peito não havia um resquício sequer de nobreza, em cujo coração não havia uma fagulha de compaixão, fez uma segunda declaração: de que a sua primeira esposa não tinha morrido. Para nós é difícil entender o motivo que o levou a dizer isso. Pode ser que tenha dito para justificar o fato de não ter se casado novamente com a dama por ele ludibriada. Mas é certo que ele fez esta declaração, assim como é certo que deixou uma renda para uma mulher que supostamente seria sua esposa, a qual ele permitia que fosse chamada de condessa, apesar de na época estar morando com outra italiana; e é certo também que esta segunda mulher ainda está viva, ou pelo menos estava há uma ou duas semanas. Acreditamos que ela tinha uma irmã mais velha que era a primeira esposa, e cuja morte ocorreu pouco antes do segundo casamento. Se for provado que esta mulher é a legítima esposa do falecido conde, não apenas o direito destas duas damas inglesas será negado, como nenhuma parcela da fortuna em disputa irá nem para elas e nem para meu cliente. Disseram-me que antes que vossa excelência, o Ministro-chefe da Justiça, entregue o caso nas mãos dos senhores, será feito um requerimento a esta corte a favor da dama que se

encontra viva na Itália. Não sei como, mas foi o que me informaram. Se tal requerimento for feito, se houver qualquer tentativa de provar que ela deveria herdar tudo como viúva, então meu cliente irá contestar o caso novamente. Acreditamos que essa condessa Lovel, a condessa inglesa, é a viúva, e que lady Anna Lovel é lady Anna Lovel, e, portanto, herdeira. Contra elas não lutaremos. Como era nosso dever, enviamos um encarregado não uma, mas duas e três vezes, a Itália em busca de provas que atestassem que esta condessa inglesa não é uma condessa. Neste sentido falhamos, e não temos provas convincentes para apresentar a um júri. Acreditamos que tudo que ouvimos numa parte remota de um país estrangeiro não passou de mentiras contadas por um bando de pessoas, com o objetivo de conseguirem dinheiro, mentiras estas baseadas nas que foram contadas pelo falecido conde. Não vamos usá-las com o objetivo de contestar aquilo do qual temos toda certeza. Abrimos mão de qualquer tentativa neste sentido.

"Mas estas foram apenas as preliminares da minha história". Ele, na verdade, já tinha contado toda a história. Contou, no mínimo, tudo que é importante que o leitor saiba. Ele, na verdade, o infeliz, ainda teve de contar a mesma história mais duas ou três vezes. Mas os presentes no tribunal da Queen's Bench escutaram atentos, enquanto, sob um novo ângulo ele recontava cada detalhe novamente com muito mais profundidade do que o fizera na introdução aqui apresentada anteriormente. Detalhou os fatos sobre o casamento de Cumberland, desculpando-se com seu sábio amigo o Sargento por tirar, como ele disse, as palavras da boca do sábio amigo. Discorreu com uma eloquência veemente ao citar os esquemas maléficos daquele conde cruel, do qual, durante toda a sua vida de maldades, as mulheres tinham sido vítimas. E repudiou , com um desprezo quase tão terrível quanto a sua ira, a ideia de que Josephine Murray tinha ido para a casa do conde sabendo que, na verdade, não passava de uma amante. Ela, que estava presente no tribunal, coberta por um véu, e protegida por um dos Goffe, pois tinha sido convocada para testemunhar, mal conseguiu conter a emoção enquanto ouvia os elogios calorosos que o conselheiro adversário usou para contar a história da sua vida. Naquele momento, ela sentiu que a justiça finalmente estava sendo feita. Então o Advogado-geral voltou novamente às duas italianas, as irmãs sicilianas, como se referia a elas, e se estendeu detalhadamente ao justificar seus motivos para não acreditar nas provas que ele mesmo tinha buscado, mas que poderia usar com o objetivo de suportar a reivindicação do seu cliente. E, por último, descreveu a natureza dos bens que tinham sido acumulados pelo

falecido conde, que, em sua cobiça sem limites, assim como em todos os outros pecados que cometera, transformou praticamente tudo que tinha em dinheiro, que deveria ser herdado por uma mulher. Disse ainda que sabia que não tinha sido muito regular na alusão dos fatos – ou ficção, se é que algum pudesse ser classificado como tal, o que ele não tinha intenção de provar, e nem tentar; mas que havia algo, disse ele, estranho na proporção que o caso tinha tomado, algo um tanto irregular, fato este que desculpava a sua narrativa truncada. "Pelo bem de toda família Lovel, pelo bem dessas duas damas, que foram sujeitadas, durante vários anos, às calamidades mais injustas, ansiamos por provar a verdade. Falei aos senhores o que acredito ser a verdade, e uma vez que nenhum detalhe vai contra o que será colocado pelos meus sábios amigos opositores, não temos nenhuma prova a oferecer. Declaro ainda que aceitamos o casamento da condessa viúva como sendo um casamento em todos os aspectos legais e obrigatórios". Dito isso o Advogado-geral sentou-se.

Já passava das cinco, e o julgamento, como era esperado, foi suspenso, mas a data para a retomada ficou marcada para quarta-feira, em vez de no dia seguinte, para dar tempo às devidas considerações, por conta da natureza dos procedimentos seguintes. A situação naquele momento indicava que muito provavelmente não seria necessário fazer mais nenhuma alegação sobre o caso "Lovel versus Murray e Outro". Tinha sido reconhecido que Murray não era Murray, mas Lovel; mesmo assim imaginava-se que algo mais ainda pudesse ser feito.

Tudo tinha sido muito bonito, mas mesmo assim ainda pairava uma sensação de decepção entre os presentes. Nenhuma palavra tinha sido dita durante toda a exposição do caso que supostamente deveria ser o maior romântico de todos. Nenhuma palavra foi dita sobre o alfaiate.

CAPÍTULO XXIX
DANIEL THWAITE FICA SOZINHO

Havia duas pessoas presentes no tribunal que escutaram a declaração do Advogado-geral com o mesmo interesse – e talvez com a mesma desaprovação – e cujos motivos e opiniões eram exatamente opostos. Estes dois eram o pároco, Mr. Lovel, tio do reclamante, e Daniel Thwaite, o alfaiate, que tinha dedicado toda vida em prol das acusadas. O pároco, quando ficou sabendo que a jovem que recebera em sua própria casa estava noiva de um alfaiate, retomara suas velhas desconfianças – desconfianças estas que ele nunca chegara a abandonar por completo. Tinha sido extremamente difícil para ele abrir mão de acompanhar a indubitável lady Fitzwarren pela duvidosa lady Anna. Ele gostava das coisas como sempre foram: coisas estas que sempre estiveram acima de qualquer suspeita, e que não eram apenas respeitáveis, mas firmemente enraizadas. Por vinte anos, teve certeza de que a condessa não era uma condessa; assim como também lamentava profundamente a perda da fortuna que deveria sustentar o condado da família. Para ele era inadmissível que os bens de um conde Lovel não passassem diretamente para o conde seguinte. Em sua opinião as leis referentes à sucessão de bens pessoais deveriam ser alteradas, com ação retroativa, para que tamanha maldade pudesse ser impedida. Para ele, a ação contra a suposta condessa deveria ter sido colocada nas mãos de outro quando o Advogado-geral abandonou tudo, e os grandes interesses em jogo foram atirados ao vento. Depois disso, ele ainda teve o desgosto de ser obrigado a receber em sua casa, a então, quase indiscutivelmente –, apesar de ele ainda ter suas desconfianças – herdeira, para o bem do seu sobrinho, um sobrinho que nem o tratava com a devida consideração. E finalmente a herdeira mostrara quem era de fato, ao declarar a sua intenção de se casar com um alfaiate! Quando isso veio à tona, ele achou que o Advogado-geral fosse mudar de opinião e lutar pela causa.

As damas da família, as duas tias, optaram por não acreditarem na nota de jornal que lady Fitzwarren mostrara com tanto triunfo. O pároco declarou que aquilo era exatamente o tipo de coisa que ele esperava. Tia Julia, que falava o que bem entendia, disse que aquilo era o tipo de coisa que ela, conhecendo a moça, não conseguia acreditar. Então, o pároco viajou para Londres para assistir ao julgamento, e na véspera perguntou ao sobrinho se o boato era

mesmo verdadeiro. “É verdade”, confirmou o jovem lorde, contraindo as sobrancelhas, “mas é melhor não ficar falando disso”.

“Por que não? Todo mundo já sabe. Saiu até no jornal”.

“Peço que quem estiver do meu lado não comente nada a esse respeito” disse o conde. Que horror! Não era possível – pela honra de todos os Lovel com certeza não podia ser possível – que o lorde Lovel ainda estivesse pensando em se casar com uma moça que tinha confessado estar noiva de um alfaiate! E justamente para ele, seu tio – que há tempos ocupava o lugar do pai do lorde –, o lorde não se dignou a dar nenhuma explicação além da citada acima! O pároco quase se convenceu de que, por pior que fossem as consequências, era seu dever discordar do chefe da família!

Ele ouviu atentamente todas as palavras ditas pelo Advogado-geral, e discordou de quase todas. Será que alguém não estava imaginando que este advogado tinha sido pago para defender a causa, não do conde, mas da condessa? No que dizia respeito aos interesses do conde tudo tinha sido entregue. O apelo por simpatizantes na corte, e através dos jornais, em toda a Inglaterra, não fora a favor do conde que estava sendo defraudado dos seus direitos, mas a favor da moça que tinha desgraçado o sobrenome que ela fingia ser seu, e cuja única justificativa para tal desgraça só podia ser o fato de que ela não tinha direito ao sobrenome que reivindicava! Mesmo quando o apostolado advogado recapitulou sobre as posses em jogo, e explicou os motivos pelo qual tudo estava investido, não em terras, como era o caso da maior das posses dos nobres lordes, mas em ações e em vários fundos de investimentos e especulações comerciais, igual faziam os comerciantes, ele não disse uma palavra sequer que incitasse as mentes dos jurados à injustiça que estava sendo feita ao atual conde. “Quando fiquei sabendo que ele já tinha uma esposa não imaginei que ele tivesse mesmo intenção de se casar com a outra” disse o pároco indignado na carta que escreveu para sua irmã Julia.

E o alfaiate estava tão indignado quanto o pároco. Ele foi convocado para testemunhar e, portanto, foi obrigado a comparecer, perdendo assim um dia de trabalho. Mas quando chegou ao tribunal, bem antes do juiz ter ocupado seu lugar, ele não conseguiu entrar. Deu o nome a algum oficial encarregado, mas descobriu que não constava na lista. Mostrou então a intimação, e mandaram-no esperar até que fosse chamado. “Onde devo esperar?” perguntou o Radical enfurecido. “Em qualquer lugar” respondeu o encarregado, “mas aqui você não vai entrar, nem na marra”. Então se lembrou de que ninguém tinha pagado um preço tão alto por esta luta, ninguém tinha sofrido tanto, ninguém tinha

ajudado tanto a trazer a verdade à tona, quanto ele, e era assim que estava sendo tratado agora! Se houvesse alguma justiça, um lugar teria sido providenciado para ele dentro do tribunal, mesmo que a sua presença não fosse necessária. Havia centenas de pessoas lá, levadas apenas pela curiosidade, a quem a prioridade de entrada tinha sido concedida em troca de favores: ou porque eram ricas, ou porque eram homens de posição, ou porque tinham amigos atuando no caso. Toda a sua riqueza tinha sido gasta neste caso; ele tinha sido o amigo mais fiel da condessa; mas agora ele e seu pai não tinham nada a ver com o caso que seria julgado neste dia. Mesmo assim ele ainda tentou implorar para entrar, mas foi escorraçado só por que não tinha amigos influentes. "O tribunal é um lugar público e é aberto ao público", disse ele, dando de ombros para forçar a entrada. Então dois homens seguraram em cada um dos seus braços e empurraram-no porta afora – causando prejuízo à vendedora de maçãs que há dias vinha guardando um lugar ali.

Mas pela coragem e determinação, ele conseguiu arrumar um lugarzinho na antessala pouco antes do Advogado-geral iniciar seu depoimento, de onde conseguiu escutar cada palavra dita. O depoimento não foi mais agradável a ele do que ao pároco de Yoxham. Sua primeira querela foi com a declaração de que os títulos de nobreza são para a Inglaterra, um emblema de conduta nobre. Não havia nada que pudesse ter ido mais contra aos seus sentimentos e crenças políticas do que aquelas palavras. Foi por um acidente da vida que ele acabou envolvido com aquelas duas damas, nobres pelo casamento e nascimento, e que tinha se tornado uma obrigação para ele ajudá-las a provar que tinham direito àqueles títulos vazios que lhe eram tão odiosos. Era direito da mulher provar que era esposa do homem que a desonrara, e direito da moça ser reconhecida como filha legítima. Esta tinha, portanto, sido a sua causa. Mas ele disse a si mesmo, na primeira opinião que formou sobre o assunto, que seria difícil tocar no piche e não se sujar. Os lordes dos quais ele tinha ouvido falar eram, ou ele acreditava que fossem, cheios de luxos, ricos e ociosos, jogadores, gostavam de se envolver com as esposas dos outros, dados a negar os direitos dos cidadãos, verdadeiros zangões autorizados a desfrutar do mel coletado pelas abelhas operárias. Com esta noção capenga, informações ilícitas e deturpadas, por contada sua leitura baseada em um dos lados apenas, ele ainda não tinha se dado conta de que a maioria dos que prestavam serviço ao estado era nobre. Seus olhos enxergavam apenas o poder, os privilégios, os títulos, as faixas condecorativas e o dinheiro – e ele

odiava um lorde. Quando mais adiante o Advogado-geral falou sobre as virtudes reconhecidas dos títulos na Inglaterra, o alfaiate proferiu palavras de desdém ao estranho que estava ao seu lado.

"E ele ainda tem coragem de dizer que é um Liberal, e que votou pela Lei da Reforma" disse ele.

"Indiretamente ele o fez mesmo", respondeu o estranho; "uma vez que esta é a linha do seu partido".

"Não existe nenhum homem honesto entre eles" disse o alfaiate consigo mesmo.

Isso aconteceu no começo da explanação, e depois ele ainda escutou por mais cinco longas horas, sem perder uma palavra, sem perder nenhum ponto feito a favor da condessa e da sua filha. Ficou claro para ele que de qualquer maneira a filha iria herdar o dinheiro. Quando o Advogado-geral começou falar sobre a natureza da prova coletada na Itália, Daniel Thwaite inconscientemente foi induzido a acreditar que todos os envolvidos da Itália eram impostores. A moça era sem dúvida a herdeira. E para ele todo o tribunal estava do lado dela. Mas durante todo aquele discurso nenhuma palavra sequer foi dita sobre o amigo que tinha sido fiel à moça e à sua mãe ao longo de todas as lutas e adversidades enfrentadas por elas. O nome de Thomas Thwaite não foi mencionado uma única vez. Pode ter sido oportuno para eles ignorá-lo, Daniel, o filho, mas certamente se houvesse alguém entre eles com alguma honra, algum sentimento de consideração para com as pessoas que ocupavam um posto tão baixo na escala social quanto os alfaiates, uma palavra teria sido dita para depois ser contada aos amigos do senhor que tinha partido para seu túmulo paupérrimo por conta da sua lealdade e fidelidade. Mas não – nenhuma palavra foi dita!

E ele escutou, com ouvidos aguçados, para saber se algo seria dito sobre a tal "aliança" proposta – do qual sempre ouviu falar com um sorriso amarelo – entre os dois primos. Foram movidos céus e terras para promover "a aliança". Mas o Advogado-geral não disse uma palavra sequer sobre o assunto – nada mais foi citado sobre aquele arranjo social vergonhoso, que era o casamento. De acordo com o que foi dito todos os presentes podiam supor que a jovem dama era uma moça livre e desimpedida e que nunca tinha sonhado em se casar. Apesar disso, quase todos já tinham ouvido falar algo sobre a história da corte do conde, e algo sobre o sucesso do alfaiate.

Quando o julgamento foi suspenso Daniel Thwaite tinha conseguido entrar na sala de espera, onde conseguiu ficar próximo ao assento ocupado pelo

Sargento Bluestone e permaneceu pelo máximo de tempo que pôde, viu todos os advogados em pé rindo e conversando entre eles, muito satisfeitos, dando a entender que tinham tido um dia muito proveitoso. “Creio que as especulações são muito ruins para alguém querer levar adiante”, ele ouviu o Sargento dizendo, que apesar das variadas qualidades que possuía modular o tom da voz não era uma delas. “Eu diria que não”, disse Daniel consigo mesmo enquanto deixava o tribunal; “e, no entanto, assumimos isso quando o risco era maior, e quando não havia nenhuma possibilidade de ganhar alguma coisa”. Ele ainda não tinha recebido nenhuma resposta concreta para a carta que tinha escrito para a condessa, e que tinha sido enviada junto com uma cópia do testamento do seu pai. Tinha, na verdade, recebido um bilhete de Mr. Goffe dizendo que iriam cuidar do assunto, e que a condessa esperava poder quitar a dívida muito em breve. Mas este não era o tipo de resposta que ele esperava receber em se tratando de uma situação que tanto o interessava! Mas todos eles eram duros, injustos e maus. A condessa era má por que era uma condessa, e os advogados por que eram advogados, e toda a família Lovel por que eram Lovel. Nesta altura dos acontecimentos, o pobre Daniel nutria um grande amargor para com toda a raça humana. Só esperava receber aquelas quinhentas libras que lhe deviam, para finalmente ir embora para extremo oeste, para onde sempre sonhara ir.

Mas enquanto caminhava após a suspensão do julgamento, comendo uma refeição barata em uma estalagem, ele tentou pensar apenas na afeição que nutria pela moça. Depois de tudo que o advogado tinha dito naquele tribunal para fundamentar a sua defesa, o que será que estava passando pela cabeça dela? Ele tinha ouvido falar que ela ia se casar com o conde, e que o noivado seria anunciado antes do julgamento. Mas tal anúncio não tinha sido feito. Nenhuma palavra tinha sido dita que indicasse que uma “aliança” tinha sido concretizada. Vários tinham sido os esforços para convencê-lo a terminar o noivado com a moça. A condessa lhe pediu, os advogados pediriam. Certamente não teriam pedido – nem teriam se preocupado com ele – se tivessem conseguido se impor sobre lady Anna. E por que não tinham conseguido se impor? A moça, sem dúvida, tinha sido exposta a todos os tipos de tentações. Ela foi mantida afastada da sua interferência. Até agora ele não tinha feito nenhum esforço para vê-la desde que ela se mudara do prédio em que moravam. Mas ela não tinha motivos para temê-lo. Ela tinha vivido entre os Lovel, que sem dúvida tinham feito de tudo para seduzi-la com os confortos do luxo. Ele não tinha dúvida de que ela tinha sido convidada a tomar parte

desta aliança. Será que havia motivos suficientes para sentir-se lisonjeado por ela ter resistido às tentações por que no fundo fora fiel ao seu primeiro amor? Ele era fiel. Tinha consciência da sua perseverança. Certeza de que estava ligado a ela por causa do amor que sentia, e não pela esperança de vir a obter alguma vantagem. Por que então imaginar que ela pudesse ser mais fraca, fútil, e nobre do que ele? Acaso não tinha provas suficientes que mostravam que ela vinha se mostrando forte para resistir a uma tentação a qual ele mesmo nunca fora submetido? Ele lera sobre mulheres que estavam acima dos brilhos do mundo. Quando estava propenso a pensar que ela poderia traí-lo, não encontrou nada de grave que pudesse manchar o nome dela; e mesmo assim, quando descobriu que não tinha nenhuma base para acusá-la de traição, ele não conseguiu acreditar que fosse possível que ela não fosse uma traidora. Ela tinha jurado para ele, assim como ele jurara para ela, por que não acreditar mais no juramento?

Então ele se lembrou de tudo que o poeta falara. O poeta o aconselhara a desistir, e disse ainda que certamente seria melhor para a moça que ele o fizesse. O poeta não baseara seu conselho contando com a possibilidade de que a moça pudesse se mostrar desleal, mas no fato de que seria bom para ela ter permissão para ser desleal – que seria bom que ela fosse encorajada a sê-lo, para poder casar-se com um conde! Mas ele achava que era ruim para qualquer mulher se casar com um conde; e pensando assim, como ele poderia sufocar seu amor e entregá-la ao estilo de vida que tanto desprezava? O poeta só podia estar errado. Ele iria lutar pelo seu amor até que ela não o quisesse mais. Caso isso acontecesse, ele não a incomodaria mais.

Mas era preciso fazer alguma coisa. Ainda que fosse pelo bem dela, se ela estivesse sendo fiel a ele, era preciso fazer alguma coisa. Não teria sido covardia sua não ter feito nenhuma tentativa de vê-la para dizer que ele estava do seu lado? Essas pessoas, que eram agora suas inimigas, os advogados e os Lovel, com a condessa no comando de todos, usaram-no como um cachorro, desprezaram-no sem remorso, não disseram nada sobre tudo que seu pai tinha feito. Por que por honra e dever ele teria de aceitar fazer um acordo com eles? Será que receberia algo deles? Será que não caberia a ele, como homem, dar um jeito de se encontrar com a moça para encorajá-la? Ele não tinha medo deles. Por que deveria ter? Depois de tudo que fizera por elas, agora estava sendo tratado com a mais pura ingratidão.

Mas como iria conseguir se encontrar com lady Anna? Enquanto pensava nisso tudo ele deixou os domínios de Westminster, onde jantou, passou pela

Russel Square e seguiu para a Keppel Street, incerto se deveria ou não bater à porta e pedir para ver lady Anna Lovel. Lady Anna ainda estava com Mrs. Bluestone; mas Daniel Thwaite não acreditou na condessa quando ela disse que a sua filha não estava morando com ela. E duvidando, bateu à porta.

CAPÍTULO XXX
A JUSTIÇA PRESTES A SER FEITA

Não é justo pensar que a condessa não ficou comovida quando recebeu a carta que Daniel Thwaite enviou de Keswick, junto com a cópia do testamento do seu pai. Ela estava sozinha quando recebeu, e permaneceu sentada por um longo tempo na sua solidão, pensando no amigo que tinha partido e que sempre lhe fora leal. Ela seria capaz de fazer qualquer coisa pelo velho Thomas Thwaite, qualquer coisa que uma mulher poderia fazer por um homem, tão agradecida era por tudo que ele tinha feito por ela. Como disse uma vez, nenhum favor prestado para o velho alfaiate seria degradante para ela. Ela comera do seu pão, e nem por um momento se esquecera disso. Com os olhos marejados recordou as longas horas passadas em sua companhia, enquanto, desanimada da vida, era encorajada pela persistência dele. E seu sentimento para com o filho seria o mesmo, não estivessem em jogo a futura posição da sua filha e continuidade do sobrenome Lovel. Não era da sua natureza ser ingrata; assim como não era da sua natureza abandonar a sua razão de viver em nome da gratidão. Mesmo que com isso parecesse um monstro ingrato aos olhos do mundo, ela iria tratar o Thwaite que sobrevivera como se fosse o seu pior inimigo enquanto ele insistisse nesta ideia de se casar com a sua filha. E por conta disso, não poderia ter nenhum tipo de conversa amigável com ele. Se pudesse evitar, não entraria em contato com ele de forma alguma, a menos que tivesse algum interesse de restabelecer os laços de amizade. Ele era seu inimigo – um inimigo em tão alto grau que ela estava sempre dando um jeito de se livrar da presença e da influência dele. Para ela aquele homem tinha se transformado no seu maior traidor, e estava usando, para seus próprios propósitos e enriquecimento, tudo que ficara sabendo da vida dela por intermédio da generosidade do seu pai. Ela não acreditava no amor dele; se ele amava a moça ou estava simplesmente de olho no dinheiro, para ela era tudo a mesma coisa. Tinha passado a vida toda tentando provar que a sua filha era nobre, e agora preferia sacrificar a sua vida a ver seus esforços anulados por um casamento plebeu. Amor, sei… romantismo! O que era o amor, o que era o romantismo de uma moça, diante da honra e do bem-estar de uma família nobre e tradicional? Sua maior ambição era ver a sua menina se tornar a condessa Lovel, e nenhum sentimento de gratidão iria se colocar no seu

caminho. Ela preferia matar aquele trabalhador plebeu com as próprias mãos do que saber que ele tinha o direito de se dirigir a ela como sogra. Mesmo assim, as lágrimas desceram pelas suas faces enquanto ela se recordava dos velhos tempos, e da salinha que ficava atrás da loja do alfaiate, em Keswick, onde as duas crianças costumavam brincar.

Mas era preciso quitar a dívida; ou, pelo menos, reconhecer que havia uma. Assim que se recuperou um pouco ela abriu a gaveta do antigo bureau onde por anos guardara todos seus papéis, pegou vários documentos e se pôs a somar. Não que fosse uma boa contadora, mas tinha anotado cuidadosamente todas as quantias que pegara emprestada de Thomas Thwaite. Ela já fazia uma ideia do quanto devia; mas mesmo assim anotou em uma folha todos os valores com as respectivas datas de entrada. Era grande o montante que ela devia a Daniel Thwaite, quantia esta que certamente seria paga assim que estivesse em condições de fazê-lo. Em seguida, ela saiu para levar a sua soma para Mr. Goffe.

Mr. Goffe não achou que se tratasse de um assunto urgente. O pagamento de grandes dívidas de longa data nunca é assunto urgente aos olhos dos advogados. Espera-se que os homens sempre tenham cem libras no bolso do colete; mas os acordos costumam envolver milhões. “Permita que eu escreva para ele, dizendo que este assunto será tratado assim que a questão da fortuna seja decidida”, disse Mr. Goffe. Mas não era isso que a condessa tinha em mente. Ela falou abertamente sobre tudo que devia ao pai, e da eterna gratidão que tinha ao filho. Cabia a ela pagar a dívida, para assim poder assumir definitivamente que o homem era seu inimigo. Ela sabia que, mesmo com a pendência do julgamento, uma parte da renda poderia ser concedida para suas despesas pessoais e para bancar os custos dos advogados. Já estava acertado que este dinheiro seria adiantado. Será que nada poderia ser feito para acelerar um pouco as coisas? Mr. Goffe pegou o memorando e disse que ia ver o que dava para ser feito, e então escreveu o bilhete para Daniel Thwaite. Quando calculou os juros, que sem dúvida deveriam ser pagos sobre o montante, ele descobriu que a quantia devida ao alfaiate era de nove mil libras. “Nove mil libras!” exclamou um Goffe para o outro. “Isto será melhor negócio para ele do que se casar com a filha de um conde”. Se Daniel tivesse escutado isso ele teria pulado no pescoço do advogado e lhe ensinado na marra o que era o amor.

Então chegou o dia do julgamento. Antes da data marcada, mas pouco antes apenas, Mr. Goffe mostrou a conta para o Sargento Bluestone. “Meu Deus!”

exclamou o Sargento. “Deveria ter alguns recibos para uma quantia desta magnitude”. Mr. Goffe declarou que não havia nenhum recebo, exceto para uma parte insignificante; mas que mesmo assim ele achava que a quantia deveria ser paga. A condessa estava disposta a jurar, caso fosse necessário, que o dinheiro tinha sido de fato emprestado. Então uma análise mais profunda sobre a questão foi adiada, e chegou o dia de retomar o julgamento.

Na terça-feira, que tinha sido deixada vaga para as considerações sobre o caso, ocorreu uma reunião – assim como tudo neste caso, foi um encontro de natureza irregular – no gabinete do Advogado-geral, do qual participaram o Sargento Bluestone e os senhores Hardy, Mainsasil, Flick e Goffe; e nesta reunião, entre outros assuntos tratados, foi mencionada a dívida que a condessa tinha para com Daniel Thwaite. O Advogado-geral nunca tinha ouvido nada sobre a dívida, apesar de ter ouvido falar sobre a amizade devotada do velho alfaiate. Que o senhor tinha dado todo apoio, e que por um período o velho Thwaite abrigou sob o seu teto a condessa, e que tinha sido generoso e fiel, ele sabia. Sabia, é claro, que fora dali que surgira desde cedo um forte laço que permitira ao jovem Thwaite tomar a liberdade de pedir a mão de lady Anna. Ele sabia que algo deveria ser pago quando as damas ganhassem a causa. Mas as damas não eram suas clientes, e por conta disso nunca tinha sido consultado sobre o assunto. O montante da dívida o deixou surpreso e estupefato.

“O senhor está dizendo que ele adiantou nove mil libras em dinheiro?” indagou o Advogado-geral.

“Esse valor inclui juros de cinco por cento, Sir William, e também uma pequena soma de contas pagas por Thomas Thwaite em nome dela. Ela recebeu em torno de sete mil libras em dinheiro”.

“E onde foi parar tudo isso?”

“Boa parte veio para minhas mãos”, disse Mr. Goffe audaciosamente. “Por dois ou três anos ela não teve nenhuma renda, e durante os últimos vinte anos ela tem lutado na justiça pelos seus direitos. Ele adiantou todo o dinheiro na época daquele julgamento por bigamia”.

“Meu Deus!” exclamou o Sargento Bluestone.

“Ele deixou um testamento?” perguntou o Advogado-geral.

“Ah, sim. Um testamento registrado e do qual tenho uma cópia. Tudo que ele deixou para o filho foi este dinheiro a receber”.

“O dinheiro certamente deve ser pago sem demora” disse Mr. Hardy. Mr. Mainsail indagou se eles poderiam conseguir a quantia. Mr. Goffe duvidava

que fosse possível antes de toda a questão ter sido solucionada. Mr. Flick tinha certeza de que seria possível adiantar o valor. Os juros da fortuna acumulavam em juízo, e havia pressa para que todas as demandas – demandas estas que podiam ser consideradas justas em se tratando de um patrimônio de família – fossem pagas sem demora. "Creio que não haverá questionamento", disse Mr. Hardy.

"Estes dois trabalhadores emprestaram sete mil libras para a condessa Lovel", disse o Advogado-geral, "e na época nenhum parente dela ou do marido deu um centavo para ela! Eu gostaria de ter tido conhecimento disso quando me apresentei no tribunal ontem".

"Não teria ajudado em nada", disse o Sargento.

"Poderia ajudar alguém a dar o devido crédito. É o filho desse homem que afirma estar noivo de lady Anna?"

"Ele mesmo, Sir William", respondeu Mr. Goffe.

"É de se pensar que ele a mereça".

"Não concordo de forma alguma com o senhor", disse o Sargento enfurecido.

"De qualquer modo não é de se surpreender que a jovem dama pensasse isso", continuou o Advogado-geral. "Depois de tamanha prova de devoção não sei como ainda podemos esperar que ela esqueça seu primeiro amor".

"O casamento seria extremamente incompatível", observou Mr. Hardy.

"Terrivelmente", concordou o Sargento.

"Aflige só de pensar", disse Mr. Goffe.

"Se quiser mesmo insistir nisso, seria bem melhor que ela não fosse mesmo lady Anna", disse Mr. Mainsail.

"Muito melhor", disse Mr. Flick, balançando a cabeça, e lembrando que tinha sido contratado por lorde Lovel e não pela condessa – um fato que para ele o Advogado-geral parecia ter se esquecido totalmente da importância.

"Os senhores não são nada românticos" disse Sir William. "Acaso ao longo da história a generosidade e os valores não prevaleceram sempre sobre a riqueza e os títulos para as mulheres?"

"Não me recordo de nenhum alfaiate que tenha conquistado uma nobre", disse Mr. Hardy.

"[27]*Lady de Strachy* não se casa com o mordomo que ficou preso dentro do armário?" perguntou o Advogado-geral.

"Desde quando estamos preocupados com romance?" disse o Sargento. "O casamento seria tão abominável, que não se pode nem cogitar".

“De qualquer maneira, o alfaiate deve receber seu dinheiro”, disse o Advogado-geral, “e me comprometo a dizer que se o caso for representado por Mr. Goffe…”

“Certamente será”, disse o advogado.

“Então não haverá nenhuma dificuldade para conseguir levantar fundos para o pagamento disso. Se não vai ficar com a esposa, que fique pelo menos com o dinheiro. Creio, Mr. Flick, que uma resposta deveria ser enviada a ele, explicando que o conde Lovel vai se juntar a condessa para requererem juntos ao tribunal meios de quitar a dívida o mais rápido possível. No pé em que as coisas estão, não há nenhuma dúvida de que tal requisição terá o resultado desejado. Nela deve constar, é claro, que o Sargento Bluestone e eu concordamos que o dinheiro deve ser liberado para tal propósito”.

A conversa acima resultou em duas cartas que Daniel Thwaite recebeu na manhã seguinte, escritas por Mr. Goffe e Mr. Flick respectivamente. A primeira informava que a condessa assumia que devia uma quantia de nove mil libras a ele e que medidas seriam tomadas para que o pagamento fosse realizado o mais rápido possível. A de Mr. Flick, que era bem mais curta do que a do seu companheiro de profissão, informava simplesmente que como a condessa parecia dever uma grande quantia em dinheiro ao falecido Thomas Thwaite, referente a empréstimos a ela concedidos ao longo dos últimos vinte anos, o atual conde Lovel tinha sido aconselhado a se unir a condessa numa requisição junto à justiça, e que a quantia seria paga com a renda referente à fortuna deixada pelo falecido conde; e que o pedido seria feito “imediatamente”. Mr. Goffe na sua carta foi além, fez algumas sugestões e deu vários conselhos. Apesar de não haver provas da dívida, a condessa tinha admitido mesmo assim, e providências estavam sendo tomadas para assegurar que todo o montante fosse pago em nome de Daniel Thawaite, sendo ele herdeiro do pai, e por conta disso esperava-se que Daniel Thwaite abandonasse de uma vez por todas o noivado absurdo com lady Anna. Em seguida, Mr. Goffe prosseguiu num tom emblemático sobre as iniquidades das quais Daniel Thwaite seria acusado caso continuasse com seus esforços infrutíferos de adiar o restabelecimento de uma nobre família, que por sua vez, estava mostrando toda a sua benevolência ao pagar-lhe o dinheiro devido.

CAPÍTULO XXXI
O VEREDICTO

Na quarta-feira, o julgamento foi retomado com todas as suas glórias judiciais. A plateia ouvinte era a mesma, o Ministro-chefe de justiça era o mesmo, o júri era o mesmo, e os advogados também. Correram boatos de que um terceiro grupo de advogados iria aparecer representando os interesses da italiana, e tinha chegado aos ouvidos do Advogado-geral na segunda-feira que era certeza de que os interesses da italiana seriam representados. Sabia-se que o caso da italiana estava nas mãos de um escritório de advogados arrojados, chamado *MowbrayandMopus*, talvez mais temidos do que respeitados, que supostamente cuidavam de uma vasta gama de casos questionáveis. Mas nenhum representante da *MowbrayandMopus* apareceu no tribunal na quarta-feira de manhã; e nenhum advogado ganhou fortunas em honorários em nome da viúva italiana. As especulações mostraram-se muito profundas, as despensas necessárias com adiantamento muito altas, e a perspectiva de remuneração muito remota até mesmo para o *MowbrayandMopus*. Descobriu-se depois que os advogados tinham solicitado uma garantia de que as despesas em nome da condessa italiana fossem pagas fora do país; mas o pedido foi negado. Nenhuma garantia do tipo poderia ser dada, pelo menos até que se tivesse alguma certeza de que a justiça poderia estar do lado da dama italiana. Todos acreditavam então que se havia alguma verdade na alegação da italiana, esta repousava na existência, na época do casamento de Cumberland, de uma esposa que tinha morrido há muitos anos. Como não havia nenhuma prova disso, nem mesmo na Itália – ficou provado que o conde era o herdeiro – os advogados do *MowbrayandMopus*se retiraram, e este foi o fim, para sempre, das chances da italiana de ganhar alguma coisa.

Embora a multidão que estava presente na segunda-feira fosse a mesma na quarta, o murmurinho na abertura dos procedimentos não foi o mesmo. Os advogados estavam menos ocupados com seus papeis e pareciam mais à vontade, e o Ministro-chefe de Justiça, junto de um juiz assistente, que era seu companheiro de bancada, permaneceu calado por alguns minutos, aguardando calmamente. Então, o Advogado-geral se levantou e pediu permissão para ocupar o tribunal por alguns minutos apenas. Na segunda-feira, ele tinha dito que acreditava que outros interessados poderiam se apresentar, além dos que

já tinham sido apresentados na primeira sessão. Pelo visto ele errara na sua suposição. Claro que certezas não havia, mas não apareceu nenhum cavalheiro preparado para se dirigir a corte em nome de uma terceira parte. Como em nome do seu cliente, o conde, ele tinha retirado a alegação, agora, como dissera seu cliente, cabia ao tribunal decidir o caso. Tendo o conde Lovel retirado a sua alegação, diante de tais circunstâncias, muito provavelmente, o tribunal iria decidir que a jurisdição sobre o assunto estava encerrada. Então o Ministro-chefe da Justiça, junto do seu juiz assistente, ausentaram-se por um tempo, e todos os presentes sentiram-se à vontade para discutirem o caso como bem entendiam.

Naquela altura, todos os advogados, e o público em geral, achavam que o Advogado-geral tinha prejudicado seu cliente. A quantia de dinheiro que estava em jogo era, todos diziam, muito grande para brincar. Diziam também que o advogado do conde, Sir William, deveria ter mantido distância da condessa e da sua filha. E que em vez de pensar no seu cliente, ele resolvera acertar tudo sozinho, de acordo com a sua noção do que era correto. Sem dúvida ele era um homem inteligente, e sabia como se dirigir a um júri, mas estava sempre pensando em si mesmo, e apoiando suas próprias ideias, em vez de pensar no caso e apoiar seu cliente. E por causa desta concepção do seu caráter como um todo, e da sua conduta neste caso, tornou-se cada vez mais forte a crença de que a condessa italiana que estava viva era de fato uma impostora. Neste caso, não adiantaria muito tentar jogar contra a condessa inglesa a favor da outra; mas se eles conseguissem provar que a outra italiana, a que tinha morrido, era a condessa de verdade na época do casamento de Cumberland, isto seria extremamente proveitoso para a família Lovel! Entre os que compartilhavam desta opinião, o pároco de Yoxham era o mais convicto, e o que fazia maior oposição ao Advogado-geral. Ele passou a terça-feira inteira apregoando que os interesses da família Lovel tinham sido sacrificados pelo próprio conselheiro deles, e no final da tarde, ele conseguiu um horário com Mr. Hardy para discutir o problema. Será que não havia nada que pudesse ser feito? Mr. Hardy achava que não naquele momento; mas a noite, a exemplo do pároco, ele deu um jeito de ter uma palavra com Sir William:

"Não há nada mesmo que possa ser feito?"

"Nada mais do que nos propusemos a fazer".

"Então o caso está encerrado", disse Mr. Hardy. "Estou certo de que ninguém vai se manifestar em nome daquela italiana".

"Se alguém tentasse seria uma perda de tempo e dinheiro. Meu caro Hardy,

sei muito bem o que as pessoas estão dizendo, assim como sei o que os Lovel devem estar pensando. Mas tudo que posso fazer pelo meu cliente é agir de acordo com o meu melhor julgamento. Em primeiro lugar, lembre-se de que ele mesmo reconheceu a condessa".

"Aconselhado pelo senhor", argumentou Mr. Hardy.

"O senhor quer dizer por mim. Exatamente, mas ele o fez com tanta certeza que certamente teria se recusado a participar de um acordo se não acreditasse que ela não era a condessa Lovel. Nem mesmo o advogado mais obstinado consegue conduzir um caso contra as instruções do seu cliente. Estamos agindo por lorde Lovel, e não pela família Lovel. E estou certo de que se tivéssemos tentado provar que a outra mulher estava viva na ocasião do casamento em Cumberland, o senhor ficaria envergonhado das provas que teria de apresentar ao júri. Certamente seríamos derrotados, e, no último acordo da fortuna, teríamos de negociar com inimigos em vez de amigos. O homem foi julgado por bigamia e absolvido. Que júri iria passar por cima disso a menos que o senhor apresentasse provas claras como água, e absolutamente irrefutáveis?"

"O senhor ainda acha que a moça vai se casar com o conde?"

"Não. Eu não acho. Pelo visto ela tem opinião, e não vai ceder. Mas com relação à fortuna acredito que um acordo favorável ao conde pode ser feito". Quando o Advogado-geral fez seu discurso na manhã seguinte, que não durou mais de quinze minutos, ficou claro que ele não pretendia mudar o rumo do procedimento, e enquanto os juízes estavam ausentes todos os presentes no tribunal comentaram que a condessa e lady Anna tinham ganhado a causa.

"Este foi o pior rumo que Sir William poderia ter tomado", comentou o pároco com um funcionário de meia-idade, que estava auxiliando o assistente do *Norton and Flick*.

"Todos nós achamos, senhor, que ainda havia mais por que lutar", disse o funcionário.

"Havia muito mais por que lutar. Não acredito que nenhum júri na Inglaterra teria tirado uma fortuna das mãos do chefe da família Lovel. Por vinte anos – desde a primeira vez que ouvi falar do falso casamento inglês – que todo mundo sabe que ela é uma condessa tanto quanto eu. Não consigo entender isso; palavra que não consigo. Não entendo muito de leis, mas sempre achei que um advogado inglês deveria ser aliado do seu cliente. Acho que o caso pode ser julgado novamente se ficar provado que houve erro de julgamento". O pároco infeliz, quando sugeriu isso, sem dúvida se esqueceu de que o cliente em questão estava de pleno acordo com seu advogado.

Os juízes se ausentaram por uma hora e meia, e ao voltarem o Ministro-chefe da Justiça declarou que seu ilustre companheiro – o Sargento – deveria dar seguimento ao julgamento e falar em nome das suas clientes. E seguiu dizendo que como o direito a fortuna estava em disputa, e que a posse de tal fortuna seria determinada de acordo com a decisão do júri, era imperativo que eles ouvissem o que o sábio conselheiro da suposta condessa e sua filha tinha a dizer, e que provas poderia oferecer, quanto a validade do casamento dela. Não era esperado que ele lançasse alguma dúvida quanto ao casamento, pois este era o caminho mais seguro. Se as coisas tivessem corrido de acordo com os procedimentos normais, a viúva e a filha teriam herdado o patrimônio pessoal do marido e pai falecido e dividido entre elas em partes previamente combinadas, sem a necessidade de um júri para declarar seus direitos. Mas neste caso tinham sido lançadas desconfianças e declarações contrárias foram feitas; e como o ilustre amigo estava, obviamente, munido de provas para mostrar que o queixoso tinha vindo ao tribunal com a intenção confessa de contestar, era melhor que o caso seguisse adiante. Em seguida, ele puxou a toga ao redor do corpo e recostou na cadeira numa atitude de quem estava pronto para ouvir. O Sargento Bluestone, que já estava de pé, declarou-se preparado e disposto a dar seguimento. Sem dúvida, o curso agora tinha sido direcionado ao curso que deveria seguir. O Advogado-geral se levantou graciosamente, fez um gesto de cabeça para todo o tribunal e deu seu consentimento de total apoio. “Vossa excelência, sem dúvida, está certo”. Suas palavras foram sussurradas, e muito provavelmente ninguém escutou; mas o sorriso, vindo de um Advogado-geral – como Sir William Patterson – foi o suficiente para tranquilizar qualquer juiz.

Então o Sargento Bluestone fez a sua apresentação, e o caso seguiu aos moldes de tais julgamentos. Não será de nosso interesse acompanhar detalhadamente tudo que aconteceu no tribunal. O Advogado-geral foi embora cuidar de outros assuntos, e o interesse geral diminuiu. O casamento de Cumberland foi provado; o julgamento por bigamia, com a absolvição do conde, foi provado; as duas declarações contraditórias do conde, sobre a morte da primeira esposa, e depois sobre o fato de que ela ainda estava viva, foram provadas como falsas. O Sargento Bluestone e Mr. Mainsail passaram dois dias muito ocupados. Mr. Hardy, que representava o jovem lorde, permaneceu o tempo todo no seu lugar, mas não disse uma palavra – não fez nem mesmo uma pergunta sequer às testemunhas do Sargento Bluestone. Por duas vezes, o presidente do júri interpôs, expressando a sua opinião, em seu

nome e em nome dos seus companheiros, dizendo que o caso não precisava mais seguir adiante; mas o juiz estipulou que era do interesse da condessa – nesta altura ele tinha parado de se referir a ela como suposta condessa – que seus advogados pudessem terminar a exposição do caso. Na tarde do segundo dia eles finalizaram, com grande triunfo e um belo discurso forense repleto de floreios sobre a perseguição cruel ao qual a cliente deles tinha sido vítima. O Advogado-geral retornou ao tribunal a tempo de ouvir o juiz se dirigindo brevemente aos jurados; que foram informados de que não tinham outra alternativa senão chegarem a um veredicto sobre as acusadas. Além disso, foi-lhes esclarecido que havia um apelo para provar que um certo casamento que tinha ocorrido em Cumberland em 181… não era um casamento verdadeiro e nem válido. Mas que além da apelação ter sido retirada, as provas que tinham sido apresentadas comprovavam que o casamento era legal. Tal casamento era, portanto, válido a *primâ facie,* a menos que declarações feitas pelas partes interessadas ou não provassem o contrário. Neste caso, ficava a cargo dos tais declarantes provarem o contrário. Mas como nenhuma prova do tipo foi apresentada, o casamento foi declarado legítimo. Deste modo, o júri não poderia opinar quanto ao destino da fortuna, cabendo-lhes apenas dar um veredicto para as acusadas. O jurado fez o que lhe foi solicitado; mas, deu um jeito de ir além, declarando que acreditavam que as duas acusadas eram de fato a condessa Lovel e lady Anna Lovel. Assim terminou o caso "Lovel versus Murray e Outro".

A condessa, que passara o dia todo no tribunal, foi levada para a sua casa na Keppel Street pelo Sargento em uma carruagem de janelas de vidro que tinha sido contratada para seu transporte. "E agora, lady Lovel", disse o Sargento Bluestone, ao ocupar o assento de frente para ela "finalmente posso parabenizá-la pela plena restituição dos seus direitos". Ela apenas meneou a cabeça. "A batalha foi finalmente vencida, e tomo a liberdade de dizer que nunca vi persistência mais admirável do que a demonstrada pela senhora desde a primeira vez que aquele homem malvado chocou seus ouvidos com a sua iniquidade".

"Foi tudo em vão", disse ela.

"Tudo em vão, lady Lovel! Estou certo de que Vossa Majestade enviará felicitações pela restituição dos seus direitos".

Mais uma vez ela meneou a cabeça.

"Ah, Sargento Bluestone, de que vai adiantar"?

"Nenhuma objeção poderá ser feita quanto ao direito sobre toda a fortuna.

Tem alguns papéis apenas sobre os quais não temos certeza se são título de propriedade ou ações, mas nem são muitos. Calculo que um terço do restante ultrapasse…"

"Mesmo que fosse dez vezes mais, Sargento Bluestone, não traria conforto algum. Mesmo dez vezes mais do que isto, não iria ajudar a curar a minha tristeza. Às vezes acho que quando alguém é destinado a sofrer, nunca terá sossego".

"Não vejo o dinheiro de modo diferente de qualquer outro homem", iniciou o Sargento.

"O senhor não entende".

"Assim como os títulos de nobreza – apesar de sentir por eles, quando conquistados por mérito, o maior respeito" enquanto falava o Sargento ergueu o chapéu da testa. "Mas, palavra, vencer um caso como este é motivo de orgulho".

"Não venci nada…nada… nada!"

"A senhora está se referindo a lady Anna?"

"Sargento Bluestone, quando fiquei sabendo que eu não era esposa daquele homem, jurei para mim mesma que preferia morrer a aceitar um sobrenome inferior; mas quando descobri que estava esperando um filho, então jurei que iria viver até o dia em que o meu filho pudesse carregar o sobrenome que era seu de direito".

"Ela conquistou este direito agora".

"Qual sobrenome ela quer usar? Eu preferia continuar pobre, na miséria – lutando, sem recursos para lutar, por um título vazio – sofrendo, ciente de que todos ao meu redor me consideram uma impostora, do que ter vencido e descoberto que ela, por quem tudo isto foi feito, degradou o seu nome e o meu. Se ela é capaz de fazer isso, ou, se tem uma mentalidade tão baixa, um espírito tão vil, capaz de fazer algo assim, não seria melhor para todos que ela fosse a filha bastarda da amante de um homem rico do que a filha reconhecida de um conde, com uma condessa como mãe, e uma fortuna incalculável para sustentar a sua posição? Se for para ela se casar com este homem, de coração eu preferia que lorde Lovel tivesse vencido o caso. Pouco me importo por mim agora. Perdi tudo. A mensagem do rei não vai me servir de consolo. Se ela fizer isso só me restará o arrependimento por termos tirado o dinheiro do conde. Eu preferia vê-la morta aos meus pés do que saber que ela se casou com aquele homem – sim, acho que eu seria capaz de esfaqueá-la com as minhas próprias mãos!"

Diante disso, o Sargento não tinha mais nada a dizer. Ela estava tão emocionalmente envolvida que não iria escutar nenhuma palavra senão as suas, e pensar em nada que não fosse o mal a que ainda estava acometia. Ele a acompanhou até a porta da casa, dizendo, enquanto erguia o chapéu mais uma vez, que Mrs. Bluestone viria lhe fazer uma visita.

CAPÍTULO XXXII
VOCÊ PROMETE?

As novidades sobre o veredicto foram comunicadas na mesma tarde para lady Anna, cujo nome agora não poderia mais ser contestado. “Parabéns, lady Anna”, disse o Sargento, estendendo a mão, “o julgamento encerrou na tarde de hoje exatamente como desejávamos”.

“Devemos tudo isso ao senhor”, disse a moça.

“Nem tudo. Meu trabalho foi muito fácil. Na verdade, sinto uma pontinha de arrependimento por estar numa posição que não me permitia apostar. O caso era muito bom, tanto que nem mesmo um advogado recém-formado poderia usá-lo para fazer nome. Mas no que diz respeito a você, minha querida, tudo correu da forma que desejava. Agora você é uma herdeira muito rica, e tem a grande responsabilidade de investir a sua riqueza com sabedoria”. Lady Anna entendeu muito bem a insinuação, e permaneceu em silêncio. Nem mesmo quando sozinha, seu sucesso não a fez sentir-se vitoriosa. Já imaginava todos os esforços de seus amigos para convencê-la a voltar atrás com a sua promessa. Se não pudesse ver Daniel Thwaite, seria praticamente impossível não ser obrigada a tal.

O Sargento contou para a esposa sobre a visita que prometera em seu nome, e ela, é claro, comprometeu-se a comparecer a Keppel Street na manhã seguinte. “É preciso convencê-la a vir aqui”, disse o Sargento. Mrs. Bluestone observou que era mais fácil falar do que conseguir. “Ela ficará feliz em ter uma desculpa para vir”, argumentou o Sargento. “Numa situação como esta, é obvio que mãe e filha devem se encontrar. É preciso acertar o que vai ser feito da fortuna. Dentro de um ou dois meses, quando atingir a maioridade, a moça terá o direito incontestável de fazer o que bem entender com as trezentas mil libras. É uma posição interessante para uma moça que nunca teve um centavo para administrar, e que se diz noiva de um alfaiate. Claro que a mãe precisa falar com ela”.

Mrs. Bluestone foi até a Keppel Street, e passou um bom tempo na companhia da Condessa, onde se sujeitou a uma verdadeira tempestade de emoções. Lady Lovel continuava insistindo que não veria a filha enquanto ela não desmanchasse o noivado com Daniel Thwaite. Se a amo? Claro que eu a amo. Ela é tudo que tenho neste mundo. Mas de que adianta meu amor, se ela

me envergonha? Ela já me envergonhou. Quando teve coragem de contar para o primo que estava noiva daquele homem, ela nos envergonhou. Quando deu liberdade para aquele homem, sem fulminá-lo com seu desprezo, ela nos envergonhou. Por que fiz tudo isso, se for para acabar assim?" Mas finalmente ela cedeu e prometeu que iria. Não; não era preciso mandar uma carruagem vir buscá-la. Sua vida não precisava mudar só porque agora era uma condessa incontestada, e muito rica também. Ela podia muito bem continuar vivendo como sempre viveu. Já era tarde para ansiar por confortos – luxos, ou até mesmo posição social. O único prazer pelo qual ansiava, o único triunfo que desejava, era a glória da sua filha. Podia muito bem ir andando até a Bedford Square, e depois voltar andando para a sua casa na Keppel Street. Ela não queria carruagem nenhuma.

Na manhã seguinte bem cedo, ocorreu a batida à porta pela qual lady Anna já esperava. A visita tinha sido discutida sobre todos os aspectos, e ficou combinado que Mrs. Bluestone deveria estar ao lado da filha quando a mãe chegasse. Imaginou-se que deste modo a ira da condessa pudesse ser atenuada, e as chances de um acordo entre as duas aumentasse. Tanto o Sargento quanto Mrs. Bluestone estavam convencidos de que a jovem dama estava determinada de um modo tal que era possível perceber pelo seu olhar, jeito de falar e modos. Ela não tinha cedido um centímetro ainda, apesar de não ter discutido quando lhe disseram que era obrigação sua abandonar o alfaiate. Ela ficou calada; e se o silêncio fosse um sinal de consentimento, ela consentiu a esta doutrina. Mrs. Bluestone, com uma diligência que se comparava apenas ao seu bom humor, insistiu na tristeza que recairia sobre a sua jovem amiga caso ela fosse contra a condessa e todos os Lovel, no fato de o alfaiate não servir para ela, na impossibilidade de tal casamento fazer uma dama feliz e sobre o dever sagrado que o título impunha a lady Anna de apoiar a sua ordem, pelo bem e continuidade da aristocracia. "Não quero dizer que aqueles que nascem nobres são melhores do que os outros", disse Mrs. Bluestone. "Nem eu e nem minhas filhas temos uma gota de sangue nobre correndo em nossas veias. Não se trata disso. Mas Deus todo poderoso decidiu que deveriam existir várias classes sociais para cuidar dos Seus propósitos, e Ele diz que devemos cumprir as nossas obrigações na vida que Ele nos deu". A boa dama exagerou um pouco na sua teologia, misturando várias doutrinas religiosas de onde costumava tirar lições para guiar a sua vida e a das filhas; mas o que ela quis dizer mesmo era que não era certo para a filha de um conde se unir a um alfaiate; e lady Anna captou o recado. A jovem dama que nascera nobre, no fundo não negava a

verdade daquela lição; mas o problema era que ela tinha aprendido outra lição, e não sabia como juntar as duas. A outra lição ensinou-a que ela deveria ser fiel a sua palavra; que deveria ser fiel especialmente com aquele que sempre lhe fora fiel. E nos últimos tempos tinha crescido dentro dela um sentimento menos favorável ao conde do que aquele que ele despertara quando se conheceram, e que aumentara quando estiveram juntos em Yoxham. É difícil dizer por que o conde perdeu o encanto para ela, se foi por atos ou palavras que ele se rebaixou aos olhos dela. Continuava bonito como sempre, muito parecido com um jovem Apolo, de modo gentil e simpático. Não deixara de visitá-la. Talvez ela esperasse que alguém tão divino devesse deixar de gostar de uma mulher que tinha descido ao nível de um alfaiate, e convencida disso, ela começou achar que os motivos deles eram simplesmente humanos, e talvez sórdidos. Ele não deveria voltar a vê-la depois que ela confessou ter se rebaixado. Mas ela não comentou nada sobre isso com Mrs. Bluestone. Não reagiu aos sermões que ouvira. Certamente não disse nenhuma palavra que pudesse levar a senhora a pensar que os sermões tinham adiantado alguma coisa. "Ela parece molinha como manteiga", disse Mrs. Bluestone naquela manhã ao marido; "mas continua teimosa como uma porca".

"Acho que o pai era teimoso", disse o Sargento, "e Deus sabe muito bem o quanto a mãe é determinada".

Quando a condessa entrou na sala, lady Anna tremia de medo e emoção. Lady Lovel, durante as últimas semanas, desde a última vez que estivera com a filha, tinha mudado o modo de se vestir. Até então, por anos, ela só usara vestidos marrom, quase nunca variando nem mesmo no tom sóbrio da cor – tanto que a filha talvez nunca a tenha visto vestida de outro modo. Nenhuma mulher viva jamais foi menos sujeita a vaidade pessoal do que a suposta condessa que vivia em uma casinha afastada de Keswick. Ela nunca se importou muito com os próprios vestidos, e na época que era amiga do velho Thomas Thwaite chegou a repreender o amigo quando este lhe pediu para usar um vestido de seda. "Vamos para Keswick comprar uma fita nova para Anna", ela disse, "e isto já será motivo de grande alegria para mim e para ela". E foi com um destes vestidos que ela veio para Londres, e era assim que estava vestida da última vez que a filha a vira. Mas agora ela usava um vestido novo de seda preta, que, apesar de simples, enaltecia a sua posição e dava uma aparência mais autoritária à sua figura imponente. Lady Ana tremeu ainda mais, e seu coração pesou ainda mais, pois a sua mãe não usava mais o velho vestido marrom. Quando entrou na sala, a condessa nem se deu conta da

presença de Mrs. Bluestone, e seguiu direto para dar um beijo na filha. "É um conforto para mim voltar a vê-la, Anna" disse ela.

"Minha mãezinha querida!"

"Suponho que deve ter ficado sabendo que o julgamento foi decidido a nosso favor?"

"A seu favor, *maman*."

"Explicamos tudo para ela, lady Lovel, da melhor maneira que conseguimos. Ontem à tarde, o Sargento fez um resumo para nós de tudo que aconteceu. Pelo visto foi um triunfo e tanto".

"Isto pode se tornar um triunfo", disse a condessa; "um triunfo tão completo e glorioso que não faltará mais nada para mim. Eu tive o trabalho de conquistar o prêmio; cabe a ela usufruir dele, se ela o fizer".

"Espero que as duas vivam para desfrutar disso por muitos anos", disse Mrs. Bluestone. "As duas têm muito que conversar, por isso vou deixá-las agora. Nosso almoço será as treze e quinze, espero nos dê o prazer da vossa companhia".

Em seguida, mãe e filha ficaram sozinhas. Lady Anna não se movera da cadeira desde que abraçara a mãe, mas a condessa permaneceu em pé durante todo o tempo em quem Mrs. Bluestone esteve na sala. Quando a porta fechou as duas permaneceram em silêncio por algum tempo, e então a moça cruzou a sala num rompante e caiu de joelhos aos pés da sua mãe. "Oh, *maman*… diga que me ama. Oh, *maman*, porque não me deixa voltar para casa? Oh, *maman*, nunca ficamos longe antes".

"Minha filha nunca tinha me desobedecido antes".

"Oh, *maman*, diga que me ama".

"Eu a amo! Sim, eu a amo. Não duvide disso, Anna. Como pode duvidar disso depois de vinte anos de cuidados? Você sabe que eu a amo".

"Eu sei que eu a amo, *maman*, e que me mata ter de vivermos afastadas. A senhora vai me levar para casa, não vai?"

"Casa! Você deve construir a sua própria casa, e eu irei para onde você for. Serei uma serva para ajudar em tudo; o mundo será um paraíso para você; você terá todas as alegrias que a saúde, o amor e as boas amizades podem proporcionar – se me obedecer em uma coisa." Lady Anna, que ainda estava de joelhos, escondeu o rosto no vestido da mãe, mas permaneceu calada. "Não é muito o que peço depois de passar a vida lutando pela sua vitória. Só peço que não caia em desgraça".

"Oh, *maman*, não caí em desgraça".

"Diga que vai se casar com lorde Lovel, e tudo isso ficará para trás. Tudo será esquecido, e lembrado apenas como uma bobagem de criança. Você vai se casar com lorde Lovel?"

"Oh, *maman*!"

"Responda, Anna. Você vai aceitar o pedido de lorde Lovel? Levante-se, menina, e olhe para mim. De que adianta rastejar desta maneira, se seu espírito está em revolta? Você vai fazer isso? Vai nos salvar da destruição, da miséria e da desgraça? Vai se lembrar de quem é, do sangue que corre em suas veias, do sobrenome que carrega? Levante-se, e olhe para mim, se tiver coragem".

Lady Anna ficou de pé, mas não ousou olhar para o rosto da mãe. "*Maman*", disse, "iríamos nos entender melhor se estivéssemos morando juntas, como deve ser".

"Não volto a morar com você até que prometa me obedecer. Você promete que nunca vai se casar com Daniel Thwaite?" Ela fez uma pausa e então, ficou olhando para a filha, talvez por um minuto. Lady Anna permaneceu parada, com os olhos voltados para o chão. "Responda a pergunta que fiz. Você promete que nunca vai se casar com Daniel Thwaite?"

"Prometi a ele que iria".

"Que importância tem isso para mim? Sua obrigação para com ele é maior do que a que tem para comigo? Como pode estar presa a uma promessa tão absurda quanto essa? Vou lhe perguntar mais uma vez, e serei guiada pela sua resposta. Se prometer terminar tudo com este homem, você poderá voltar para casa comigo, e depois poderá escolher o que quiser. Podemos sair do pais e viajar se for a sua vontade, e tudo será feito para que se divirta. Poderá finalmente desfrutar de tudo que sempre mereceu; e quanto ao seu primo, não será importunada nem mesmo pelo nome dele. Desejo do fundo do meu coração que você se case com conde Lovel, mas tenho um desejo maior do que este; que a sua promessa feita para aquele alfaiate seja esquecida para sempre. Com isso você salvará a si mesma e a mim, e toda a sua família de uma desgraça terrível que tem ameaçado a todos nós. Não mencionarei o nome do seu primo até que queira ouvir. Anna, há pouco você estava de joelhos diante de mim. Terei de me ajoelhar diante de você?"

"Não, *maman*, não. Eu morreria".

"Então, meu amor, prometa o que lhe pedi."

"*Maman*, ele foi tão bom conosco!"

"E nós seremos boas com ele; tão boas quanto ele foi. De que adianta a bondade dele, se ele roubar de mim o maior tesouro que a bondade dele

ajudou a salvar? Ele merece ficar com tudo, só porque deu alguma ajuda? Ele tem o direito de arrancar o sangue do meu coração, porque me amparou quando mais precisei? Porque me ajudou a dar alguns passos na Terra, agora ele vai me aprisionar no inferno? Deus! Não, ele não é bom se deseja nos destruir deste modo. Ele é mau, ganancioso, avarento, egoísta, um verdadeiro cachorro, e por Deus morrerá como um cão caso você não consiga se livrar das garras dele. Você promete que vai desfazer o noivado com ele? Se prometer, ele receberá dez vezes mais do que merece pela sua bondade. Responda, Anna. Exijo que me responda".

"*Maman*!"

"Fale, se tiver algo a dizer. E lembre-se do mandamento: "Honra teu…"". Mas ela parou, quando se lembrou de que, ao recorrer a este preceito estaria convocando a filha a honrar a memória do conde falecido. "Mas se não puder fazer isso por amor, que não faça por obrigação".

"*Maman*, só sei de uma coisa".

"O que você sabe?"

"Que devo ter permissão para vê-lo antes de terminar tudo".

"Nunca permitirei que o veja".

"Escute, *maman*, por um momento. Quando ele pediu que… o amasse, nós éramos iguais".

"Nego isso. Vocês nunca foram iguais".

"Nós vivíamos como tal, com a diferença de que eles tinham o dinheiro para as nossas necessidades, e nós não tínhamos nem mesmo como pagar de volta".

"O dinheiro não tem nada a ver com isso".

"Só que nós aceitamos este dinheiro. E ele fez tudo por nós. Era como se fosse impossível dizer não a qualquer pedido que ele fizesse. Para mim, era impossível. Quanto a ser nobre, tenho certeza de que ele foi nobre. A senhora sempre dizia que ninguém foi tão bom quanto aqueles dois. A senhora não dizia isso, *maman*?"

"Se elogio meu cavalo ou meu cachorro, acaso estou querendo dizer que eles são como irmãos para mim?"

"Mas ele é um homem. Igual a todos os homens".

"Você está querendo dizer que não vai fazer o que estou lhe pedindo".

"Deixe-me vê-lo, *maman*. Deixe-me vê-lo uma vez apenas. Se eu puder vê-lo, talvez faça o que deseja. Não posso dizer mais nada antes de vê-lo".

A condessa esbravejou e fez ameaças, mas não conseguiu convencer a filha.

E acabou descobrindo que a filha tinha herdado alguns traços da natureza dos pais. Mas era preciso tomar algumas providências para o futuro, tanto da lady quanto do seu. Ela poderia enterrar-se onde bem entendesse, no canto mais desolado da Terra, mas não poderia deixar lady Anna morando na Bedford Square. Dentro de alguns meses, lady Anna poderia escolher uma casa para morar, e não havia dúvida com quem ela iria compartilhar este lar, caso não fosse tratada com pulso firme. As duas se despediram com grande desagravo: a mãe rogando pragas contra a filha em sua fúria, e lady Anna aos prantos. "Não vai nem me dar um beijo antes de ir embora, *maman*?"

"Não a beijarei enquanto não mostrar que é minha filha".

Mas antes de deixar a casa, a condessa teve um particular com Mrs. Bluestone, e, apesar de tudo que tinha dito, ficou acordado entre as duas que seria melhor permitir um encontro entre a moça e Daniel Thwaite. "Deixe ele dizer o que deseja", argumentou Mrs. Bluestone. "Ela não será mais teimosa do que já está sendo. A senhora ainda poderá levá-la para fora do país".

"Mas ele a tratará como se fosse noivo dela", disse a condessa, sem conseguir ocultar o imenso desgosto que a ideia lhe causava.

"Que importância tem, lady Lovel? Conseguimos arrancar uma promessa dela. Desde a última vez que o viu, ela esteve com pessoas de outra classe, e vai perceber a diferença. Talvez ela queira pedir que ele a libere do compromisso. De qualquer maneira ela fala como se achasse que pode ser liberada se ele o disser. Se estivesse pensando que poderia terminar tudo independente de qualquer coisa, ela não teria feito uma promessa condicional. Eu deixaria os dois se encontrarem".

"Mas onde?"

"Na Keppel Street".

"Na minha presença?"

"Isso não. Mas é claro que a senhora estará em casa para impedir que ela fuja com ele. Deixe-a voltar para casa. Isto será uma desculpa para ela ir, e depois ela pode ficar. Se ela não terminar tudo, leve-a para fora, e ajude-a a esquecer isso aos poucos".

Assim ficou acertado, e na tarde daquele mesmo dia, Mrs. Bluestone contou para lady Anna que ela teria permissão para se encontrar com Daniel Thwaite.

CAPÍTULO XXXIII

DANIEL THWAITE RECEBE SEU DINHEIRO

Obviamente foi grande a comoção que se deu em todas as esferas da sociedade londrina quando veio à tona a decisão de que a condessa Lovel era de fato a condessa Lovel, e que lady Anna era a herdeira do falecido conde. Várias apostas foram pagas – e sem dúvidas algumas não foram. Os homens nos clubes falaram mais sobre os Lovel do que durante o mês que antecedeu ao julgamento. De repente a condessa se tornou muito popular. Surgiram histórias exageradas sobre a sua vida amorosa pregressa – ainda que fosse praticamente impossível tentar aumentar tudo que ela sofrera. Sua paciência, perseverança e persistência foram exaltadas por todos. A fortuna que ela e a filha iam receber, naturalmente dobrou. Alguém a vira? Alguém a conhecia? Até mesmo os Murray começaram a se orgulhar dela, e a velha lady Jemima Magtaggart, que era uma Murray antes de se casar com o General Mag, como era conhecido, finalmente se dispôs a fazer uma visita a condessa na Keppel Street. Como foi a primeira a fazê-lo, antes de a condessa desconfiar de qualquer tipo de invasão, ela foi recebida – mas saiu declarando que a tristeza devia ter deixado a condessa louca. A condessa, sem dúvida, recebeu sua parente distante sem muitas gentilezas. Tinha jurado a si mesma várias vezes, que acontecesse o que acontecesse, ela jamais voltaria a cruzar a soleira da porta de um Murray. O velho lorde Swanage, que era casado com uma Lovel distante, enviou uma carta repleta de bons sentimentos, onde explicava que tinha sido praticamente impossível saber a verdade antes que esta viesse à luz, e que, por conseguinte, pedia desculpas por não ter entrado em contato antes e nem manifestado a sua simpatia. Agora, ele pedia licença para expressar a imensa satisfação que sentia por ela ter alcançado o merecido sucesso, e para oferecer a sua amizade, caso ela estivesse disposta a aceitar. A condessa respondeu num estilo que certamente mostrou que não estava louca. Não era intenção sua brigar com nenhum Lovel, por isso sua carta foi muito cordial. Ela agradeceu imensamente pela gentileza, e sentia tanto quanto ele por não ter tido uma chance de se aproximar antes, quando ainda não tinha seus direitos reconhecidos, dos parentes do marido. Ela aceitou a mão amiga que foi oferecida, e esperava que Vossa Senhoria viesse se tornar amigo da sua filha.

De sua parte – ela temia que tudo que tinha sofrido acabara por incapacitá-la para o convívio social. Sua força, disse ela, que a fizera chegar tão longe, agora estava se esvaindo.

Em seguida, veio aquela grande glória sobre a qual o advogado já tinha insinuado. Ela recebeu uma carta do secretário particular de Vossa Majestade, o rei, dizendo que Vossa Majestade tinha ouvido com grande interesse a história dela, e agora a felicitava pelo restabelecimento do seu título e posição. Ela enviou uma resposta curta, dizendo que agradecia a Vossa Majestade – e em seguida queimou a carta do secretário particular. Nenhuma felicitação teria valor enquanto não visse a sua filha livre da degradação daquele noivado com o alfaiate.

Muito se especulou sobre o tipo de vida que a condessa iria levar. Que ela tinha riqueza suficiente para brilhar em Londres com todas as glórias referentes a uma condessa, não havia dúvida. Calculava-se por baixo que só a sua parte da fortuna deveria render no mínimo dez mil por ano, isto livre de deduções, e sem outros gastos além dos necessários para manter-se. Sua idade foi apurada, e descobriram que ela estava com apenas quarenta e cinco anos. Será que algum sortudo não iria candidatar-se para usufruir de toda aquela fortuna ao seu lado? Seria um ótimo negócio para o velho Lundy – o marquês Lundy – que tinha torrado a sua fortuna até o último centavo! Antes do final de uma semana, sugeriram isso ao velho Lundy. “Dizem que ele é louca, mas não deve ser tão louca assim”, disse o marquês.

O pároco voltou para casa indignado, mas antes trocou uma ou duas palavras com o seu sobrinho. “O que pretende fazer agora, Frederic?”, perguntou o pároco num tom grave.

“Fazer? Eu não sabia que precisava fazer alguma coisa”.

“Isso quer dizer que desistiu da moça, então?”

“Querido tio; não acho que nenhum homem gostaria de ter de responder um tipo de pergunta como essa”.

“Mas creio que posso lhe perguntar como pretende viver?”

“Estou certo, tio Charles, que não serei, de forma alguma, um fardo para meus parentes”.

“Muito bem, muito bem. Claro que não tenho mais nada a dizer. Mesmo assim acho que posso expressar a minha opinião de que você foi usado por Sir William Patterson. Claro que tudo que eu disser não terá nenhum valor para você; mas esta é a minha opinião”.

“Discordo do senhor, tio Charles”.

“Muito bem. Tenho o dever de lhe informar que nunca acreditei que essa mulher foi esposa de lorde Lovel. Nunca acreditei nisso, e nunca acreditarei. Aquela história de casamento com a moça não passou de uma enganação do começo ao fim; foi tudo planejado para que você fizesse tudo que fez. Elas não merecem nenhuma palavra gentil”.

“Estou certo de que ela é a condessa tanto quanto eu sou o conde”.

“Muito bem. Eu não perco nada com isso, já você perde uma renda de trinta mil por ano. Pretende passar o inverno em Yoxham?”

“Não”.

“Os cavalos ainda serão mantidos?” Até então, o rico pároco vinha bancando os cavalos de caça do lorde pobre sem cobrar nada do sobrinho. Era um homem tão orgulhoso que para ele seria incabível que o chefe da sua família não tivesse cavalos para montar. Mas agora ele só conseguia pensar em tudo que tinha feito, tudo que estava fazendo e o que estava recebendo em troca. Apesar disso, bem que deveria ter mordido a língua antes de deixar escapar a pergunta anterior.

“Vou vendê-los imediatamente”, disse o conde. “Eles serão mandados para a [28]Tattersal’s antes do final da semana”.

“Eu não quis dizer isso”.

“Sou grato que tenha pensado nisso, tio Charles. Eles serão levados embora o quanto antes”.

“Eles podem ficar em Yoxham”.

“Eles devem ser levados embora e vendidos”, disse o conde. “Mande lembranças minhas para minhas tias. Adeus”. Em seguida o pároco partiu para Yoxham aborrecido e muito triste.

Havia várias pessoas que concordavam com o pároco e achavam que o caso do conde tinha sido mal conduzido. Certamente havia terreno suficiente para os advogados dos Lovel lutarem e convencerem os oponentes a entrarem num acordo. Pairava uma sensação de que o Advogado-geral tinha se deixado levar por alguma ideia romântica de direito abstrato, e agiu diretamente contra todas as acepções da advocacia forense estabelecida na Inglaterra. Que diferença fazia para ele se a condessa era ou não uma condessa de verdade? Sua obrigação era conseguir o máximo possível para o conde, seu cliente. Havia muito para ser conseguido, e com paciência, sem dúvida poderiam ter pegado alguma coisa. Mas o conde saiu dessa sem nada. Muitos acharam que o grande advogado tinha falhado, e que agora ia ter de aceitar a primeira vaguinha de juiz que aparecesse. “Ele é um grande homem. Um grande

homem", disse o Procurador-geral, em defesa de Sir William. "Nenhuma de nós se iguala a ele. Mas, como eu sempre disse, ele deveria ter seguido a carreira de poeta!"

Os homens ao discutirem sobre a conduta do Advogado-geral pensavam mais em lady Anna do que na sua mãe. A verdade sobre lady Anna e seu envolvimento no caso pairava no ar envolta numa névoa de meias verdades. Que estava noiva de Daniel Thwaite, que agora estava ficando famoso e que fora o motivo do grande aumento nas vendas na loja que ele trabalhava na Wigmor Street, era certo. Assim como era sabido que o conde também queria se casar com ela. Mas as opiniões se dividiam quanto a atual situação dos fatos. Muitos acreditavam que um compromisso de noivado por escrito tinha sido enviado ao Conde antes do discurso do Advogado-geral, mas que a influência do alfaiate sobre a moça era tão forte que agora ela se recusava a cumprir com a sua parte do acordo. Ela estava nas mãos do alfaiate e este podia fazer o que quisesse dela. Sabia-se que lady Anna estava morando na Bedford Square, e muitos foram os que ficavam rondando a casa do Sargento na esperança de vê-la. O namoro para todos os efeitos não tinha terminado, e muito provavelmente o noivado seguia firme. Se o conde conseguisse receber cinco mil por ano da fortuna ao menos, achavam que com isso o Advogado-geral acabaria provando seu ponto e eventualmente acabaria sendo promovido a Juiz do Tribunal do Ministério das Finanças.

Nesse ínterim, Daniel Thwaite não comentou nada com seus companheiros de trabalho na Wigmore Street, nunca era visto por nenhum daqueles que lá foram com a desculpa de encomendarem roupas novas só para verem de relance o herói bem sucedido – até uma manhã, uns cinco dias depois do final do julgamento, quando ele recebeu uma carta do escritório *GoffeandGoffe*. Os senhores Goffe tinham o prazer de informá-lo que a condessa tinha um registro preciso de todas as transações financeiras efetuadas entre ela e seu pai; e que a condessa reconhecia que contraíra a dívida em seu benefício próprio e de lady Anna Lovel junto ao falecido Mr. Thomas Thwaite, no valor de nove mil e cento e nove libras, três xelins e quatro pênis, e que um cheque neste valor deveria ser entregue a ele, Daniel Thwaite, o filho, se ele fizesse o obséquio de comparecer ao escritório *GoffeandGoffe*, com uma cópia autenticada do testamento original de Thomas Thwaite, o pai.

Nove mil libras – que seriam pagas a ele imediatamente – naquele mesmo dia, caso ele fosse buscar! A cópia autenticada do testamento estava no seu bolso naquele momento. Mas ele trabalhou pelo resto do dia sem nem mesmo

passar ao largo do *GoffeandGoffe*. Apesar de muito ter pensado sobre o seu dinheiro; e numa ocasião, quando um dos seus patrões falou de um modo mais ríspido, ele ter se dado conta de que provavelmente estava muito mais rico do que eles. Mas o que iria fazer da sua vida e do seu dinheiro – em que iria aplicar – como poderia usá-lo para ajudar a transformar o mundo num lugar melhor? Sem dúvida iria para algum país onde não existissem condes e condessas; mas ele não poderia ir para lugar nenhum enquanto não soubesse qual seria o seu destino com a filha do conde, que ainda era sua noiva. Ele estava dividido. Num momento dizia para si mesmo que o poeta estava certo; e no seguinte tinha certeza de que o poeta só podia estar errado. Quanto ao dinheiro, nove mil libras era uma quantia muito acima da esperada. Poderia fazer com isso tudo que o dinheiro pudesse lhe proporcionar. Poderia ser dono do seu destino, poderia deixar para trás todo o restante da fortuna dela para ser divindade entre o conde e a condessa como eles bem entendessem, e então, finalmente, poderia ficar com a sua amada. Poderia se deleitar com o orgulho de imaginar que todos iriam dizer que no fim tudo que ele queria era a moça, e não a riqueza dos Lovel; que tinha pegado apenas o que era seu, e que a sua esposa iria depender dele, e não o contrário. Mas não era possível. Há meses que ele não ouvia nem mesmo a voz da moça, assim como não tinha recebido nenhum sinal de garantia de que ela ainda era sua. Em vez disso, tinha apenas a certeza de que agora ela estava em posse de uma imensa fortuna, e que fora reconhecida como prima de dúzias de lordes e damas.

No final do expediente, ele foi ter com um dos patrões e disse que colocava a sua vaga à disposição. Por que ele estava indo embora? Acaso esperava encontrar algo melhor? Quando iria? Estava em apuros? Daniel contou que iria receber no dia seguinte um dinheiro que deviam ao seu pai, e, que depois que recebesse tal quantia, ele não precisaria mais trabalhar por um salário semanal. O alfaiate resmungou, mas não havia nada mais que pudesse ser dito. Thwaite que fosse embora se assim o desejava. Thwaite obedeceu, e, depois daquela noite, nunca mais pisou na loja da Wigmore Street.

Quando chegou em casa, havia outra carta; era do Sargento Bluestone. A condessa finalmente tinha concordado com o encontro entre a sua filha e o alfaiate, mas então surgira a dúvida de como deveria ser promovido o tal encontro. A condessa se recusava a escrever o convite, tampouco iria permitir que a filha o fizesse. Ela achava que quanto menos pessoas ficassem sabendo disso melhor, e por fim, de má vontade, o Sargento assumiu a incumbência de organizar o encontro. Assim escreveu o seguinte:

Mr. Sargento Bluestone parabeniza Mr. Daniel Thwaite. Mr. Thwaite sem dúvida deve ter se inteirado sobre o veredicto final do julgamento no qual a condessa Lovel e sua filha tiveram suas posições reconhecidas. A condessa e lady Anna Lovel estão pensando em deixar o país, mas antes lady Anna gostaria de se encontrar com o filho do homem que foi o amigo mais fiel da sua mãe ao longo de vários anos de sofrimento. Lady Anna estará em casa, na Keppel Street, número..., segunda-feira às onze horas, do próximo dia vinte e três, se Mr. Thwaite puder fazer a gentileza de comparecer ao local.

Bedford Square,

17 de novembro de 18...

Seria muito bom se Mr. Thwaite pudesse encontrar-se com o Sargento antes da data acima combinada, no sábado, tanto bem cedo na sua casa ou em seu gabinete, no InnerTemple, número ...

O P.S. foi adicionado sem muito cuidado. O que o alfaiate iria pensar desse convite? Será que não iria interpretar isso como um incentivo ao seu noivado pernicioso? Será que não iria para a Keppel Street determinado a insistir na promessa da moça? O Sargento achava que seria melhor correr o risco. Mas a esposa do Sargento, e suas filhas, e a condessa achavam que algo deveria ser dito para fazê-lo mudar de ideia. Ele iria receber nove mil libras. Certamente isto seria suficiente. Mas, e se fosse ganancioso e quisesse mais; que lhe dessem mais dinheiro. O importante é que ele entendesse que o casamento estava fora de questão. Assim, o Sargento cedeu mais uma vez e propôs o encontro prévio entre os dois. Daniel enviou seus comprimentos de volta ao Sargento e disse que faria tudo de acordo com o solicitado. Compareceria ao gabinete do Sargento no sábado, e na Keppel Street na segunda-feira seguinte, na hora marcada.

Na manhã seguinte – sua primeira manhã livre do trabalho na Wigmore Street – ele foi ao escritório dos senhores *GoffeandGoffe*. Acordou tarde e tomou o desjejum tarde, para sentir como era a vida de um homem ocioso. "Agora serei tão ocioso quanto o jovem conde", disse consigo mesmo, "mas enquanto estiver tentando me acostumar, o que vou fazer da vida? O que vou fazer para passar o tempo?". Percebeu que estava enaltecendo-se com a ideia que passara pela sua cabeça, e se esforçou para sufocar o orgulho. "Por outro lado" seguiu em seu pensamento "não é certo que eu não reconheça que sou melhor do que ele? Se não tiver autoconfiança como poderei perseverar? Para ele o trabalhador é inútil, assim como a luz é para a escuridão".

Ele foi conduzido até o gabinete de Mr. Goffe, onde foi recebido com um

sorriso de boas-vindas, e uma mão estendida. “Estou encantado, Mr. Thwaite, por poder quitar a dívida da condessa para com o senhor em tão pouco tempo. Espero que esteja satisfeito com o valor estipulado por Vossa Senhoria”.

“Estou muito mais do que satisfeito com o valor. Tinha a impressão de que não teria direito legal de reivindicar mais do que algumas cem libras”.

“Sabíamos que era mais do que isto, Mr. Thwaite. Cuidamos para que não houvesse nenhum prejuízo maior. Mas por sorte a condessa foi cuidadosa, e anotou tudo, item por item. Juros de cinco por cento foram calculados sobre o montante, como deve ser. A condessa é uma excelente mulher de negócios”.

“Sem dúvida, Mr. Goffe. Eu esperava que ela me desse a honra de escrever uma linha sequer, mas isto é o que eu acho apenas”.

“Oh, Mr. Thwaite! São vários os motivos, o senhor sabe disso”.

“Podem ser bons motivos ou maus motivos”.

“Assim como também pode ser uma questão de bom julgamento e mau julgamento. Mas, não importa. O senhor certamente vai preferir receber em cheque a quantia de nove mil cento e nove libras, três xelins e quatro pênis. Não é sempre que temos de fazer um cheque tão alto como este, Mr. Thwaite. Devo cruzar o cheque e colocar nominal ao senhor? Não tem conta! Com um valor como este recomendo que o senhor abra o quanto antes uma conta”. E Mr. Goffe acompanhou Daniel Thwaite, o alfaiate, até a Fleet Street e apresentou-o ao seu gerente de banco. A conta foi aberta na hora, e Daniel Thwaite seguiu para oeste, capitalizado, com um talão de cheques no bolso. O que ia fazer da vida? Antes do final do dia, ele voltou para o centro, onde buscou informações em várias agências de viagens sobre navios para Boston, Nova York, Baltimore e Quebec. Que diferença faria se ele fosse para leste ou oeste? Assim acabou pegando informações sobre os navios para Sidney, também. Mas o que ele iria fazer quando chegasse a este novo país? Não pretendia trabalhar como alfaiate. E ficou surpreso quando se deu conta que pouco, ou quase nada, planejara para o êxodo que se propunha a fazer.

CAPÍTULO XXXIV

A SUA PALAVRA NÃO VALE NADA PARA MIM

No sábado, Daniel chegou bem cedo no gabinete do Sargento, muito antes da hora que o Sargento pretendia atender. Na verdade, não tinha sido marcado um horário específico, e o alfaiate supôs que como tinha lhe sido dada a opção de comparecer bem cedo na residência da Bedford Square, ficara então subentendido que o mesmo valia para o escritório no[29]Temple. Por duas horas andou entre as ruas e os tribunais, pensando mal do advogado por estar tão atrasado para o trabalho, e tentando decidir o que iria fazer da vida. Ele não contava com nenhum amigo no mundo, tirando lady Anna; praticamente nem conhecidos. E ao se lembrar de tudo que seu pai fizera, tudo que ele ajudara a fazer, era de supor que tivesse muitos amigos. Essas mesmas pessoas que agora eram seus inimigos ferrenhos, a condessa e todos seus aliados, deveriam estar do seu lado. Mesmo assim ele sabia que era impossível que não o odiassem. Ele entendia os sentimentos deles por conta da posição social que ocupavam, apesar de tal posição não passar de uma fachada a seu ver. Obviamente estava sozinho. Claro que estava fadado ao fracasso. Estava até preparado para reconhecer isso para o Sargento. Ele tinha ficado sabendo de um navio que partiria dentro de três dias para uma nova colônia chamada [30]Nova Gales do Sul, e se arrependeu de não estar com a passagem comprada.

Às dez horas ele desejou que já fossem onze, e quando o relógio bateu onze em ponto ele bateu à porta do Sargento. “O Sargento Bluestone ainda não chegou”, disse o assistente, irritado com a insistência.

“Ele me falou para vir cedo, e já é bem tarde”.

“Mas ele ainda não chegou, senhor”.

“Você me falou para voltar às onze, e já passa das onze”.

“São onze e um, e o senhor pode sentar e esperar se desejar”. Daniel se recusou a esperar, e estava quase indo embora deveras aborrecido, quando o Sargento apareceu. Ele se apresentou e se desculpou por ter chegado depois do seu convidado. Daniel, resmungou alguma coisa, acompanhou o advogado até a sala dele, e em seguida a porta foi fechada, onde ele permaneceu parado até ser convidado a sentar-se, pois estava determinado a mostrar a sua

contrariedade. Afinal, este homem era um dos seus inimigos, era um dos que duvidavam dele só por que ele era um alfaiate, que desconfiava dos seus motivos, e ansiava por lhe usurpar a noiva. O Sargento deixou a sala por um segundo, enquanto o alfaiate se contorcia por dentro e se preparava para a guerra.

"Mr. Thwaite", disse o Sargento, ao adentrar a sala novamente, "o senhor muito provavelmente sabe que atuei como conselheiro de lady Lovel e sua filha no julgamento". Daniel assentiu com um menear de cabeça. "Minha ligação com a condessa naturalmente está encerrada. Ganhamos a causa, e isto é o fim desta história. Mas as coisas tomaram outro rumo. Lady Anna Lovel se encontra hospedada em minha casa, na companhia de Mrs. Bluestone".

"Na Bedford Square?"

"Exatamente".

"Eu não sabia. A condessa me falou que ela não se encontrava na Keppel Street, mas se recusou a informar o paradeiro. Eu não teria interferido nos planos de Vossa Senhoria, se ela não tivesse guardado tanto segredo de mim".

"Por certo não havia por que ela lhe contar"

"De fato não havia necessidade, mas não foi natural depois de tudo que aconteceu. Como conhece a condessa há pouco tempo, provavelmente não sabe sobre a amizade que já existia entre nós. Houve um tempo em que lady Lovel jamais teria se recusado a falar comigo sobre a sua filha. Mas isto não significa nada para o senhor, Sargento Bluestone".

"Significa, Mr. Thwaite, como amigo dela. Existe algum motivo para que ela o trate desta maneira? Pergunte a sua consciência."

"A minha consciência está limpa".

"Eu o chamei aqui, Mr. Thwaite, para lhe perguntar se o senhor não consegue entender que o pedido que fez o transformou em inimigo da condessa, anulou e apagou tudo de bom que o senhor fez para ela? Pense bem. O senhor acha que a condessa não deveria sentir-se outra coisa senão ultrajada pelo pedido que fez a ela?"

"Não pedi nada para Vossa Senhoria".

"O senhor não fez nenhuma pedido para a filha dela?"

"Isso sim. Eu a pedi em casamento".

"Deixe de prevaricações, Mr. Thwaite".

"Prevaricações! Quem disse que estou prevaricando? Nunca prevariquei. Prevaricar para mim é o mesmo que mentir. A condessa que seja minha inimiga. Nunca disse que ela não deveria ser. Acho que ela deveria ter

respondido a minha carta, quando meu velho morreu. Era o que deveria ter sido feito por uma pessoa da nossa esfera social. Talvez isto seja diferente entre lordes e damas nobres. Mas deixa para lá. Não era intenção minha ficar reclamando. Vim aqui por que o senhor me convidou".

"Sim, eu o convidei", disse o Sargento, arrependido do fundo do coração por ter se deixado convencer a dar um passo que se mostrava tão difícil para ele. "Eu o convidei. Lady Anna Lovel deseja vê-lo, antes de partir de Londres".

"Aguardarei pelo convite de lady Anna Lovel".

"Infelizmente devo informá-lo que o desejo dela encontrou oposição entre os aliados dela".

"Não tenho dúvida disso".

"Mas ela disse com toda sinceridade que não pode se considerar livre da promessa que fez ao senhor quando não passava de uma criança…"

"Ela não era uma criança quando fez tal promessa".

"Isso não vem ao caso. Ela não pode se considerar livre da promessa que suponho tenha feito…"

"Ela certamente o fez, Sargento Bluestone".

"O senhor vai me deixar terminar? Não pretendo tomar seu tempo por muito mais. Ela assegurou a mãe que não pode se considerar livre da promessa que fez sem a sua aprovação. Ela se encontra hospedada na nossa casa há semanas, e não tenho dúvida que assim que estiver livre ela aceitará a aliança e muito em breve ela e o primo entrarão num acordo".

"Ouvi falar dessa… aliança".

"Em todos os aspectos este seria um casamento feliz e satisfatório. O jovem conde tem mostrado grande consideração e tolerância ao abster-se do direito de exigir seus direitos".

"Abster-se de exigir aquilo que nem ele acredita ser seu".

"É melhor me ouvir, Mr. Thwaite. Todos os aliados dos dois jovens anseiam por isto. O conde gosta muito da prima".

"Eu também, e há vários anos".

"Todos nós acreditamos que ela esteja apaixonada por ele".

"Permita que ela diga isso para mim, Sargento Bluestone, e será o fim disso tudo. Parece-me que lorde Lovel e eu pensamos diferente. Eu não aceitaria a mão de uma moça que se confessou apaixonada por outro homem, mesmo que a amasse imensamente, como… como amo lady Anna. E quanto a fortuna dela, para mim não valeria nada, mesmo que eu tivesse de mendigar sem ela. Mas

pelo visto lorde Lovel não está muito preocupado com isso".

"Não creio que isto seja nem da sua conta e nem da minha", respondeu o Sargento, sem saber o que dizer.

"Com certeza não tenho nada a ver com a vida de lorde Lovel, nem ele com a minha. Quanto à prima dele; cabe a ela escolher".

"Nós achamos – só estou lhe dizendo o que achamos –, Mr. Thwaite, que a jovem dama gosta do primo. É natural que eles se gostem; e do modo como a temos observado de perto, realmente achamos que este seja o caso. Serei honesto com o senhor, Mr. Thwaite".

"Espero que seja comigo e que costume ser com todos, Sargento Bluestone".

"Eu também espero", disse o Sargento, rindo; "mas de qualquer maneira serei com o senhor neste momento. Não conseguimos arrancar nenhuma resposta positiva de lady Anna, nenhum sinal do que ela realmente deseja. Ela disse para a mãe que não pode aceitar a corte de lorde Lovel antes de falar com o senhor". O Sargento não foi tão sincero assim, pois lady Anna nunca falara isso. "Acreditamos que ela considere isso necessário, para a própria consciência, para ficar livre com a sua permissão, antes de seguir as suas inclinações e agir de acordo com o desejo de todos seus aliados".

"Ela terá a minha permissão de imediato, se pedir".

"O senhor não poderia ser mais generoso do que isso?"

"Como mais generoso, Sargento Bluestone?"

"Ofereça a sua permissão sem que ela tenha de ser pedida. O senhor já disse que não aceitaria a mão dela caso o coração não viesse junto – e que o senhor honra o sentimento. Pense na situação dela, e seja generoso".

"Generoso com ela! O senhor está me pedindo para ser generoso com lady Lovel, generoso com lorde Lovel, generoso com todos os Lovel menos com ela. Tenho a impressão de que somente o outro lado merece receber toda a generosidade".

"De forma alguma. Nós também podemos ser generosos".

"Se isto for generosidade, então serei generoso. Darei a permissão a ela. Não vou esperar que ela me peça. Mas antes pedirei que ela me diga se é mesmo verdade que ama o primo, e se ela disser que é verdade, então ela nem terá de pedir a minha permissão para ficar livre. Ela estará livre".

"Não é uma questão de escolher entre o senhor e lorde Lovel. O ponto é que está fora de questão que ela se case com o senhor. Mesmo que ela tivesse poder para fazer isso…"

“Ela tem o poder”.

“Praticamente ela não tem tal poder, Mr. Thwaite. É natural que alguém da idade de lady Anna Lovel esteja sob o controle do seu guardião natural. E ela está. Sua mãe não poderia, e nunca iria, forçá-la a se casar; mas ela tem poder suficiente para impedi-la de se casar. Lady Anna em momento algum supôs que poderia se casar com o senhor depois que ficou sabendo da opinião da mãe e de seus familiares”. O Sargento certamente não manteve a sua promessa de ‘ser honesto’. “Mas a sua generosidade se faz necessária para que lady Anna possa dar um final feliz a todos aqueles sofrimentos aos quais ela e a mãe foram submetidas”.

“Não devo nada a condessa; mas se for generosidade fazer o que eu disse que iria fazer, então serei generoso. Direi a filha dela, sem fazer nenhuma pergunta, que ela está livre para se casar com o primo se assim desejar”.

Até então o Sargento, apesar de não ter sido tão honesto quanto prometera, tinha sido discreto. Não disse nada que pudesse levar o alfaiate a agir contra os interesses dos Lovel, e tinha conseguido arrancar uma promessa útil. Mas não foi muito feliz na investida seguinte. “Creio, Mr. Thwaite, que a condessa também pode ser generosa”.

“Como?”

“O senhor já deve ter recebido nove mil libras”.

“Recebi o que era me devido. Se tivesse sido mais eu teria devolvido”.

“Não, não, de forma alguma. Olhando a questão grosso modo, a condessa tinha uma obrigação moral para com a sua dívida, e acho certo que tenha pagado ao senhor o que devia”.

“Eu não queria nada disso que o senhor chama de obrigação moral. Não queria nada de grosso modo. Se o dinheiro não fosse meu ela não precisava devolver. Não quero nada que não seja meu”.

“O senhor está um pouco alterado, Mr. Thwaite”.

“Do ponto de vista de um advogado, pode ser que eu esteja”.

“A condessa, que na verdade é sua amiga, e sempre será sua amiga se o senhor for razoável, está muito feliz que o senhor esteja em posse de uma quantia de dinheiro que o colocará numa posição acima do esperado”.

“A condessa é muito gentil”.

“Acho que é mais do que isso. Ela e todos seus aliados sabem do quanto devem ao filho do seu pai. Se o senhor nos ajudar no nosso projeto, se puder liberar lady Anna para se casar com o primo, muito mais será feito do que o mero pagamento do que lhe era devido. Pensaram em lhe oferecer quatrocentas

libras por ano, pelo resto da vida. A condessa, o conde Lovel e lady Anna certamente vão concordar com este valor".

"Falaram com lady Anna sobre isso?" inqueriu o alfaiate, num tom de voz baixo, que o Sargento interpretou como perigoso.

"Eu lhe dou a minha palavra de que este será o próximo passo", disse o Sargento.

"Pouco me importa a sua palavra, Sargento Bluestone. Não acho que o senhor terá a ousadia de fazer tal proposta a lady Anna Lovel, e não sei como teve a ousadia de fazê-la a mim. O que viu em mim que o levou a pensar que eu aceitaria tal suborno? E como pode ser tão tolo a ponto de me oferecer isso depois que lhe falei que iria liberá-la, se este for o desejo dela? Mas tanto faz. O senhor recorre a subterfúgios por que não imagina que um homem pode ser honesto. Circula tanto nas profundezas, que não consegue enxergar nada a luz do dia. Andou por tantos caminhos tortuosos que acabou aprendendo a odiar o bom caminho. Quatrocentas libras por ano não é nada para mim, mesmo que eu não tivesse recebido nenhum xelim de tudo que me deviam. Sei muito bem por que o Conde está tão apaixonado. Sua paixão despertou quando ele ficou sabendo que o dinheiro era dela e não dele, e que ele não poderia colocar a mão na fortuna de outra maneira. A minha despertou quando ninguém acreditava que ela pudesse por a mão em um xelim daquela fortuna, quando todos os seus parentes desdenhavam a reivindicação dela e da sua mãe. A minha crescia quando meu pai me perguntou se eu me importava se ele gastasse tudo que tinha com elas. A minha nasceu da doação. O interesse dele nasceu da ambição. Faça destas quatrocentas libras, quatro mil, oito mil, Sargento Bluestone, e ofereça para ele. Eu também estarei de acordo. Com ele o senhor terá mais sucesso. Tenha um bom dia, Sargento Bluestone. Na próxima segunda honrarei a minha palavra, apesar de o senhor ter tentado me subornar".

O Sargento permitiu que o alfaiate fosse sem dizer nada, pois na verdade não tinha nada a dizer. Tinha sido insultado em seu próprio gabinete, ouvido que a sua palavra não valia nada e que a sua honestidade era questionável. Mas tinha se dado conta também de que naquele momento não havia nada que pudesse fazer para impedir que o outro jogasse todas aquelas verdades na sua cara. Ele recostou, sorriu e esfregou o queixo, e olhou para o alfaiate como se estivesse tentando se consolar com a ideia de que o homem que estava se dirigindo a ele não passa de um alfaiate alterado, meio maluco e ignorante, de quem não se podia esperar uma conduta decente. E ainda estava sorrindo

quando Daniel Thwaite fechou a porta, e quase riu quando perguntou ao seu assistente se o cavalheiro já tinha tomado o rumo da escada. "Oh, sim, senhor. Ele me encarou quando abri a porta e desceu os quatro degraus praticamente correndo". Mas, de um modo geral, o Sargento ficou satisfeito com o encontro. Sem dúvida teria sido bem melhor se não tivesse dito nada sobre as quatrocentas livras por ano. Mas há sempre esse risco quando se tenta subornar alguém. Nunca se sabe quem vai cair na sua lábia sem resistir, ou quem vai se recusar até mesmo a abrir os lábios. E então, o último se acha muito acima daquele que fez a oferta. É fácil sentir-se tão indignado, tão orgulhoso da própria virtude, quando a doce oferta é recusada! O suborno tinha sido recusado, e neste ponto o Sargento tinha falhado; mas a promessa tão esperada tinha sido feita, e o Sargento estava certo de que seria mantida. Certamente Daniel Thwaite iria liberar a moça. Mas havia algo mais naquele homem, apesar de ser um alfaiate. Ele tinha um olhar e um tom de voz, e apesar de muito possivelmente a tal liberdade viesse a ser oferecida, como fora prometido, talvez não fosse aceita.

Daniel deixou o gabinete do advogado bem menos satisfeito do que o primeiro. Ele tinha dito ao advogado que a palavra dele não valia nada, apesar de ter acreditado em grande parte do que ouvira. O advogado falou que a moça amava o primo, e só queria a permissão dele para terminar tudo e assim poder entregar a mão e o coração ao jovem lorde. Não era natural que ela desejasse tal coisa? Uma hora depois, não, praticamente um minuto depois, ele já estava começando a ver as coisas sob uma perspectiva completamente diferente. Era normal que ela quisesse tornar-se uma condessa, e que amasse o jovem lorde que era gentil e belo – e que recebesse a permissão dele sem problemas. Mas por outro lado, não lhe parecia tão normal que uma moça deixasse de amar um homem com tanta facilidade, e transferisse este amor para outro, só porque o último era banhado em ouro, adornado por joias e perfumado. O poeta só podia estar errado. Se o amor não passasse de um sonho apenas, então deveria se impregnar na pessoa, e assim não ser suscetível as vantagens de um sobrenome ou berço, posição social e riqueza.

Mas ela seria liberada do compromisso de noivado. Com certeza seria.

CAPÍTULO XXXV

O SARGENTO E MRS. BLUESTONE TOMAM A LIBERDADE

Lady Anna só foi informada no sábado que iria encontrar-se na próxima segunda-feira com o noivo, o alfaiate. Nesta época, ela estava vivendo, como diriam, acorrentada, apesar de as correntes serem douradas. O risco de ela tentar fugir com Daniel Thwaite era grande, e agora que ele tinha dinheiro era ainda maior. Se isto acontecesse, o jogo que a condessa e seus aliados vinham jogando estaria perdido de vez. O xeque-mate seria definitivo. O leitor já deve ter percebido que o rapaz nunca pensou em dar tal passo, assim como deve ter notado que isto era totalmente contrário ao caráter da moça; mas espera-se que o leitor tenha prestado mais atenção aos motivos do rapaz e ao caráter da moça do que a mãe dela. A condessa pensava que conhecia a filha. Mas acabou descobrindo que estava enganada, e agora desconfiava que a filha fosse capaz de qualquer coisa. Por conta disso, lady Anna era vigiada vinte e quatro horas por dia. Um policial foi acionado para proteger a casa durante a noite, de escadas, de cordas ou outras eventuais engenhocas inconvenientes. Os criados receberam ordens expressas para ficarem de olhos atentos. Sarah, a criada da moça, seguia sua patroa igual a um fantasma quando a coitada ia para o quarto. Mrs. Bluestone, ou uma de suas filhas, estavam sempre com ela, dentro ou fora de casa. Sendo que ela nunca saía de casa com menos de um guarda no seu encalço. Uma carruagem foi contratada – um luxo que até então Mrs. Bluestone sempre dispensou – mas que estava sempre pronta quando lady Anna mencionava o desejo de sair um pouco de casa. Ela era sempre convidada para ir às compras, e deixaram claro que tinha toda liberdade de comprar o que desejasse. Mas sua vida era indescritivelmente triste. “O que *maman* pretende fazer?”, perguntou ela a Mrs. Bluestone no sábado de manhã.

“Em que sentido, minha querida?”

“Para onde ela quer ir? Ela não vai continuar morando para sempre na Keppel Street?”

“Não acho que ela vá continuar morando para sempre na Keppel Street. Mas acho que isto depende muito de você”.

“Vou para onde ela quiser me levar. O processo terminou, e não sei por que ainda precisamos ficar aqui. Estou certa de que a senhora não deve estar

gostando desta situação".

Para dizer a verdade, Mrs. Bluestone não estava gostando nem um pouco. Por força das circunstâncias, ela tinha sido transformada numa carcereira, e a função não combinava com a sua natureza. Ela detestava a crueldade daquilo tudo, e além do mais não havia motivos para sacrificar a sua paz doméstica em nome dos Lovel. A coisa tinha tomado uma proporção tal, a ponto de os Lovel terem se transformado num pesadelo em sua vida. Pessoalmente, ela gostava de lady Anna, mas não conseguia tratá-la da mesma forma que trataria qualquer outra moça que gostasse. Já tinha dito ao Sargento mais de uma vez que não iria aguentar por mais tempo aquilo. E o Sargento também não sentia-se mais confortável do que a sua esposa com a situação. Tudo estava sendo feito por amor ao trabalho, e um trabalho muito desagradável. "A Condessa precisa levá-la embora", dissera o Sargento. Mas agora o Sargento tinha ouvido o alfaiate dizendo no seu próprio gabinete que a sua palavra não valia nada!

"Diga-me a verdade, lady Anna, nenhum de nós aprecia esta situação, não por que não gostemos de você, mas porque a coisa toda é muito desagradável. Você está causando muita tristeza, minha querida, com a sua teimosia".

"Por que não quero me casar com meu primo?"

"Não, minha querida. Não por que você não quer se casar com o seu primo. Nunca a aconselhei a se casar com ele, a menos que o ame. Não acho que ninguém tem o direito de dizer às moças que elas devem se casar com este ou aquele homem. Mas não é errado que digam que elas não devem se casar com este homem ou aquele. Você está causando uma grande tristeza, por não desistir de um noivado totalmente fora dos padrões; com um homem que está muito abaixo de você".

"Eu quero morrer", disse lady Anna.

"É muito fácil dizer isso, minha querida; mas o que você deveria era querer cumprir com o seu dever".

"Quero cumprir com o meu dever, Mrs. Bluestone".

"Você não está sendo obediente, enfrentando a sua mãe dessa maneira. Você está partindo o coração dela. E se insistir nisso, muito em breve vai perceber que partiu o seu também. É pura teimosia. Eu não gostaria de ser tão severa, mas como está aqui, sob a minha proteção, vejo-me na obrigação de lhe dizer a verdade".

"Eu gostaria que *maman* me deixasse voltar para casa", disse lady Anna, num rompante de lágrimas.

“Ela não vai permitir enquanto você não fizer o que ela está lhe pedindo”. Ao dizer isso, Mrs. Bluestone não estava sendo muito mais honesta do que seu marido, pois sabia muito bem, naquele momento, que lady Anna retornaria a Keppel Street na segunda-feira de manhã, e ela sabia muito bem que, depois disso, a sua hóspede não voltaria mais para a Bedford Square. Afinal, tinha motivos para estar irritada por conta de alguns aborrecimentos aos quais fora submetida devido à presença de lady Anna em sua casa. Não podia receber suas amigas e nem visitá-las, e ela já tinha dito ao Sargento mais de uma vez o grande erro que tinha sido trazer aquela moça para casa. Mas o resultado do julgamento acabara por influenciar seus pensamentos. Era preciso que lady Anna entendesse antes de se encontrar com o alfaiate que ela não seria feliz, nem encontraria sossego, e que não poderia sentir-se de outra maneira senão infinitamente miserável enquanto não terminasse tudo com seu noivo plebeu.

“Nunca imaginei que a senhora pudesse ser tão indelicada comigo”, sussurrou lady Anna entre lágrimas.

“Não foi minha intenção ser indelicada, mas você precisa ouvir a verdade. Cada minuto que desperdiça pensando naquele homem é uma vergonha para você”.

“Então viverei na vergonha por toda a minha vida”, disse lady Anna, deixando a sala num rompante.

Naquele dia, o Sargento jantou no clube que costumava frequentar, mas voltou para casa às nove da noite. O plano era que a notícia seria dada da maneira mais solene possível. As duas moças estavam sentadas na sala de estar com a hóspede que, desde a conversa da manhã, só vira Mrs. Bluestone durante o jantar. Primeiro houve uma batida à porta, e então, quinze minutos depois, que passou no mais profundo silêncio, veio o recado: se lady Anna poderia fazer a gentileza de se dirigir a sala de jantar para ter uma conversa com o Sargento. Ela deixou a sala sem dizer nada, e calada desceu o lance de escada. O Sargento e Mrs. Bluestone estavam sentados um de cada lado da lareira, o Sargento na sua poltrona preferida, a senhora próximo à tela de proteção, e uma cadeira tinha sido colocada de frente para eles para lady Anna. A sala era sombria com suas cortinas vermelhas e o papel de parede escuro com estampas de pássaros. Sobre a mesa, duas velas queimadas, e nada mais. O Sargento se levantou e apontou a cadeira para lady Anna. Assim que ela sentou-se, ele iniciou seu discurso. “Minha querida jovem, você deve estar ciente de que tem sido motivo de grande preocupação para seus melhores amigos”.

"Não, minha intenção não era causar problemas a ninguém", disse lady Anna, achando que o Sargento ao aludir seus melhores amigos estivesse falando dele mesmo e da esposa. "Só quero ir embora".

"Vou direito ao ponto, minha querida. Não creio que não tenha noção da tristeza que causou a sua mãe com a… a revelação que fez ao lorde a respeito de Mr. Daniel Thwaite." Não há nada que um filho ou uma filha odeie mais do que quando citam os seus 'pais'. 'Meu caro, seu pai vai ficar furioso', costuma ser bem recebido. 'O que a sua mãe vai dizer?' raramente é bem aceito. Mas quando jogam seus 'pais' contra, eles costumam sentir-se prejudicados, e ficam defensivos. Lady Anna se mostrou extremamente defensiva. Se a sua mãe, que sempre fora para ela a sua '*maman*' ia se transformar na sua mãe, então era o fim de todas as esperanças de felicidade. Ela não disse nada, e cerrou os lábios. Não ia mover um centímetro sequer por um homem que estava citando a sua mãe. "A simples ideia de um homem como aquele, que se passava por amigo, ter lhe pedido em casamento foi terrível para ela. Isto poderia ter continuado como uma ideia apenas; mas o fato de você ter levado adiante foi horrível. Desde então ela pediu várias vezes que esta ideia fosse repudiada, mas você tem se recusado a obedecer".

"Nunca saberei o que *maman* quer de verdade enquanto não voltar a morar com ela novamente".

"Vou chegar nisso, lady Anna. A condessa contou para Mrs. Bluestone que você se recusa a cumprir o desejo de todos a menos que tenha permissão para se encontrar com Mr. Daniel Thwaite, insinuando, presumo, que a permissão dele seria necessária para livrá-la do seu compromisso com ele".

"De fato, seria necessária".

"Muito bem. A condessa naturalmente repudia a ideia de permitir que você se encontre com um alguém tão inferior – e que teve a ousadia de se dirigir a você como o fez. Um sentimento natural. Mas ocorreu a Mrs. Bluestone e a mim, que como sente-se presa a um compromisso, o melhor seria ter permissão para se livrar disso a seu modo. Assim, você vai se encontrar com Mr. Thwaite, na segunda-feira, às onze horas, na Keppel Street".

"E não voltarei mais para cá?"

Quando alguém executa o trabalho de carcereiro sem pagamento ou recompensa, oferecendo ao prisioneiro o melhor quarto, e fazendo companhia durante o jantar, ou mesmo que indiretamente, preparando a comida do prisioneiro todos os dias, esse alguém não fica muito feliz quando o prisioneiro fala na sua cara sobre as alegrias da eminente liberdade. Mrs.

Bluestone, que tinha feito de tudo pela mãe e pela filha, e este tudo que fizera tinha sido por pura solidariedade maternal, ficou um pouco ofendida. "Pode estar certa, lady Anna, que não esperamos que retorne".

"Oh, Mrs. Bluestone, não me entenda mal. A senhora não imagina o quanto estou infeliz por causa da *maman*".

Mrs. Bluestone se arrependeu na hora.

"Se fizer as coisas do jeito que a sua mãe quer, tudo acabará bem".

"Mr. Thwaite estará na Keppel Street às onze horas na segunda-feira", continuou o Sargento, "e então terá uma oportunidade de ser liberada por ele desta promessa infeliz, que acredito tenha feita para ele um dia. Posso garantir que ele mesmo disse estar disposto a liberá-la. A dívida que tinham para com ele, ou melhor, para com o falecido pai dele, já foi paga, e creio que ele não vá criar nenhum tipo de dificuldade. Depois disso, tudo que ele pôde exigir foi o direito de expor seu ponto de vista".

"Devo levar as minhas coisas?"

"Sarah fará as malas, e elas serão enviadas depois, se for decidido que você ficará com lady Lovel".

Depois disso todos se recolheram.

No geral nem o Sargento e nem a sua esposa foram totalmente 'honestos'. Nenhum dos dois foi totalmente sincero com a moça. Mrs. Bluestone deixou claro para a condessa que apesar do seu desejo de ajudar Vossa Senhoria, e a filha de Vossa Senhoria, ela não poderia receber lady Anna de volta na Bedford Square. Quanto à história de enviar as coisas dela com uma condição – as coisas não eram bem assim. As coisas seriam enviadas de qualquer maneira. E o Sargento, sem mentir exatamente, levou a moça a acreditar que o alfaiate estava interessado no dinheiro – e no dinheiro apenas, apesar de ele saber que não era bem assim. O Sargento detestava mentir – assim como a maioria de nós detesta mentir, e acreditava piamente que o diabo é o pai da mentira. Mas as mentiras que ele odiava, que quanto ao parentesco ele não tinha dúvidas, eram as mentiras que lhe contavam. Quem nunca conheceu um homem que no fundo detesta ser enganado por outros? Mas garanto que conhecemos mais de um ou dois daqueles que são mais brandos com relação às tentativas de se desviar um pouco da verdade. Mas os motivos do Sargento eram tão nobres que parecia justificar a escapadela – apesar de ter como principal regra de vida que os fins não justificam os meios.

CAPÍTULO XXXVI
AINDA É VERDADE

No sábado, todos foram à igreja, e nenhuma palavra foi dita sobre o alfaiate. Alice Bluestone foi cortês e cautelosa; o Sargento solene e civilizado. Antes do final do dia, lady Anna estava quase certa de que não era esperado que ela retornasse para a Bedford Square. Palavras foram ditas pelas duas moças, e por Sarah, a criada, que levaram a crer que tudo estava sendo preparado para sua partida definitiva. Nenhum obstáculo foi colocado quando a viram às voltas com seus vestidos, dobrando suas luvas e fitas. Na segunda-feira de manhã, após o desjejum, Mrs. Bluestone finalmente rompeu o silêncio:

"Esteja certa de que gostamos muito de você, minha querida, e caso tenha acontecido algo desagradável, saiba que foi sem querer".

O Sargento a abençoou quando saiu meia hora antes da carruagem vir buscá-la, e ela soube que não se sentaria mais como uma hóspede à mesa do Sargento. Ela beijou as moças, recebeu um beijo de Mrs. Bluestone, entrou na carruagem acompanhada da sua criada, e despediu-se para sempre da Bedford Square.

O percurso entre a casa do Sargento e a casa onde a sua mãe estava vivendo demorou apenas três minutos, e neste meio tempo, ela mal conseguia acreditar que dentro de meia hora estaria mais uma vez na presença de Daniel Thwaite. Naquele momento, não entendeu muito bem por que aquilo estava sendo feito. Dá ultima vez que estivera com sua mãe, a condessa declara solenemente, praticamente jurara, que os dois nunca mais iriam se encontrar novamente. E agora o encontro estava tão perto de acontecer que o homem muito provavelmente já se encontrava nos arredores. Ela recostou o rosto contra a janela da carruagem como se esperasse vê-lo na calçada. Mas como seria o encontro? Será que sua mãe estaria presente? Ela estava certa que sim, e por conta disso não esperava muito do encontro, apesar de saber que ficaria muito, muito feliz, por poder ver Daniel Thwaite novamente. Antes de ter tempo de responder à própria pergunta a carruagem parou, e lá estava sua mãe junto à janela da sala. Ela subiu os degraus trêmula, e mal conseguiu falar quando se viu diante da mãe. Seria bem melhor se sua mãe estivesse vestindo o velho vestido marrom, mas ela estava de seda preta, um vestido novo armado e solene; uma mãe em vez de sua mãezinha, e em cada centímetro, uma

condessa.

"Estou tão feliz por vê-la novamente, *maman*".

"Não ficarei menos feliz de tê-la comigo, Anna, se você se comportar bem".

"Dê-me um beijo, *maman*". Então a condessa inclinou o rosto e permitiu que a filha tocasse sua face com os lábios. Antigamente, há bem pouco tempo, ela teria dado um beijo na filha como se tais gestos fossem o único alimento que a nutria.

"Suba, que vou lhe mostrar o seu quarto". A filha seguiu a mãe em silêncio. "Você deve estar sabendo que Mr. Daniel Thwaite virá aqui para vê-la, de acordo com seu pedido. Ele estará aqui dentro de alguns minutos. Tire a sua touca". Mais uma vez, lady Anna obedeceu em silêncio. "Teria sido melhor, bem melhor, que você tivesse feito o que era preciso sem me submeter a esta humilhação. Mas como colocou na cabeça que não pode terminar este noivado absurdo sem antes falar com ele, acabei concordando. Não demore muito, e espero ouvir depois que este absurdo terminou. Ele já recebeu o que queria, uma grande quantia em dinheiro foi paga". Nisso, Sarah bateu à porta, e mostrou apenas o rosto para avisar que Mr. Thwaite aguardava na sala. "Agora desça. Espero vê-la de volta dentro de dez minutos. Caso contrário, eu descerei". Lady Anna segurou a mão da mãe, e fitou-a com um olhar de súplica. "Vá, minha querida, e termine logo com isso o mais rápido possível. Acredito que você tenha pudor suficiente para não permitir que ele faça algo mais do que falar com você. Lembre-se, você é filha de um conde, e lembre-se também de tudo que fiz para conquistar seus direitos".

"*Maman*, não sei o que fazer. Estou com medo".

"Quer que eu vá com você, Anna?"

"Não, *maman*. É melhor eu ir sozinha. Não sei o que esperar dele".

"Se ele abdicar desta loucura então será meu melhor amigo".

"Oh, *maman*, estou com medo. Mas é melhor eu ir logo". Então, ela deixou o quarto tremendo e desceu lentamente os degraus. Tinha dito a verdade quando falou que estava com medo, pois ainda não sabia se iria ou não ceder às súplicas dos seus aliados. Na verdade, não tinha decidido nada, deixando assim seu destino nas mãos do homem que a aguardava. Apesar de tudo que tinha sido dito e feito ela sempre esteve do lado dele, e sua convicção se fortaleceu ainda mais quando o injuriaram. Ela sabia que tinham falado mal dele, não por que ele fosse uma má pessoa, mas com o intuito de fazê-la acreditar em mentiras. Mas ela enxergara tudo isso, e as tentativas de calúnia

acabaram por despertar uma determinação nela que a sua mãe nunca imaginara que fosse possível. Se tivessem se limitado ao argumento da incompatibilidade social, admitindo a sinceridade e honestidade do homem, e admitindo também que o amor dele por ela e o dela por ele crescera naturalmente da amizade desde a infância até a juventude, as chances de convencê-la a ceder aos seus propósitos teriam sido bem maiores. Mas em vez disso, nunca discutiram o assunto sem dizer algo que ia contra a sua opinião. Não foram poucas as vezes que lhe disseram que ela tinha se rebaixado; mas do seu ponto de vista era a lady Anna que teria se rebaixado ao permitir que um alfaiate lhe fizesse a corte. Mas ela mesma não tinha se rebaixado. E disso ela tinha certeza, apesar de não conseguir explicar direito seus motivos quando a acusavam. As circunstâncias da vida da sua mãe, tinham-na colocado em intimidade com este homem. Para todos os efeitos práticos da vida, eles eram iguais, e assim ele acabou se tornando seu melhor amigo. E por conta disso, segurar a sua mão, recostar em seu ombro, pedir a sua ajuda, recorrer a ele quando em apuros, ouvir suas palavras e acreditar nelas, pensar nele como alguém em quem ela sempre poderia confiar, tornou-se natural. Claro que ela o amava. E depois do martírio pelo qual tinha passado na Bedford Square, o sentimento que nutria pelo primo tinha mudado, inconscientemente, mas mesmo assim tinha mudado. Ela não o via mais como aquela criatura brilhante, parecida com um deus Apolo, do mesmo modo que o vira na Wyndham Street e em Yoxham. Todos os sermões que ouvira sobre seu título e grandeza só serviram para incutir a noção de solenidade da sua posição, mas aos seus olhos acabara com toda a graça dele. Depois que fora de fato reconhecida como sendo lady Anna Lovel, seu tormento só aumentou. Mas a única coisa que pesava contra o seu noivado com o alfaiate era a pena que sentia da sua mãe.

Ela adentrou a sala suavemente, e encontrou-o parado junto à mesa, com as mãos entrelaçadas.

"Meu amor!", exclamou ele, assim que a viu, chamando-a do mesmo modo que costumava se dirigir a ela quando andavam juntos pelos campos de Cumberland.

"Daniel!" Ele se aproximou então e tomou a sua mão. "Se tiver alguma coisa para dizer, Daniel, seja rápido, pois *maman* estará aqui dentro de dez minutos".

"Você não tem nada a dizer, amor?" Ela tinha muito para dizer se soubesse como; mas ficou calada. "Você me ama, Ana?" Mais uma vez, o silêncio. "Se

deixou de me amar, peço que o diga; que seja honesta". Mas ela não disse nada. "Se for fiel a mim, como sou a você, do fundo do meu coração, prometa que vai me dizer?"

"Sim", ela murmurou.

E então ele ouviu o que mais ninguém conseguia ouvir.

[31]*Os ouvidos do apaixonado escutam os menores ruídos*
Que a cabeça desconfiada de roubo não consegue ouvir.

"Se é assim", disse ele, mais uma vez tomando a mão dela, "esta história que me contaram sobre você não é verdade".

"Que história, Daniel?"

Mas ela retirou a mão mais que depressa ao fazer a pergunta.

"Não, você é minha; será minha se me ama, minha querida. Vou lhe contar a história. Eles disseram que você ama o seu primo, conde Lovel".

"Não" disse ela com desdém. "Nunca falei isso. Não é verdade".

"Você não pode amar a nós dois". Seus olhos olhavam fixamente para ela, olhos estes que ao longo dos últimos anos ela se acostumara a ver como um guia, às vezes com alegria e às vezes com medo, mas aos quais ela sempre obedeceu. "Isto não é verdade?"

"Ah, isso é verdade, é claro".

"Você nunca disse a ele que o amava"?

"Oh, nunca".

"Mas você disse isso para mim; e foi mais de uma vez, não foi, meu amor?"

"Sim".

"E isto era verdade?"

Ela fez uma pausa por um momento, e então repetiu a mesma resposta:

"Sim".

"E ainda é verdade?"

Ela repetiu a palavra pela terceira vez.

"Sim".

Mais uma vez ela falou aquilo que apenas os ouvidos dos apaixonados são capazes de ouvir.

"Sendo assim, ninguém além de Deus, poderá nos separar. Você sabe que me mandaram vir aqui". Ela assentiu com cabeça. "Sabe por quê? Para que eu abandone o direito à sua mão. Nunca vou abrir mão disso. Mas fiz uma promessa, e vou cumpri-la. Falei que se você me dissesse que prefere lorde Lovel a mim, eu a livraria do seu compromisso; que lhe daria tal liberdade, se é que seria mesmo liberdade. Eu teria dado isto a você; ou melhor, Anna, eu

teria dado isto a você, se já não tivesse respondido a minha pergunta. Como posso lhe dar isso agora?" Então ele fez uma pausa, e ficou olhando fixamente para ela. "Mas retire o que disse, se assim o desejar. Se acha que é melhor ser esposa de um lorde, pois ele é um lorde, apesar de não amá-lo, do que recostar sobre o peito do homem que ama, então você está livre de mim". Agora era chegado o momento em que ela deveria obedecer à mãe, satisfazer seus aliados, apoiar sua classe e decidir que passaria a ser uma das nobres damas da Inglaterra, se é que tal decisão fosse necessária. Ela olhou para aquele rosto, e achou que ele era muito mais bonito do que o do jovem conde. Ele permaneceu parado, com as narinas dilatadas, fogo nos olhos, os lábios entreabertos e a cabeça erguida; um verdadeiro homem. Mesmo que já não estivesse decidida ela não teria ousado aceitar a oferta dele. Eles certamente não conheciam o homem quando permitiram o encontro. Ele repetiu as mesmas palavras. "Você está livre se o disser; mas precisa me responder".

"Eu já respondi, Daniel".

"Minha nobre menina! Agora que meu coração está feliz, posso falar o que penso. Não é correto que uma mulher deva comprar uma posição e riqueza entregando-se a um homem que não ama. Isto só pode ser ruim, muito ruim. Não acreditei quando me disseram isso de você. Mesmo após meses sem notícias suas e sem vê-la".

"Não foi culpa minha".

"Não, meu amor. E tentei consolar-me dizendo para mim mesmo: 'Se ela realmente me ama, ela será fiel'. Mas por outro lado quem sou eu para imaginar que você poderia sofrer tanto assim por mim? Mas vou recompensá-la, se é que a fidelidade e uma vida inteira de dedicação podem pagar tal dívida. De qualquer maneira escute: nunca mais duvidarei de você novamente". E enquanto falava, ele se aproximava dela, com a intenção de envolvê-la em seus braços, quando então a porta abriu-se e a condessa Lovel entrou na sala. O alfaiate foi o primeiro a falar. "Lady Lovel, perguntei à sua filha, e acabo de saber que ela deseja continuar com o compromisso que assumiu comigo em Cumberland. Nem preciso dizer que desejo o mesmo".

"Anna! Isto é verdade?"

"*Maman, maman*! Oh, *maman*!"

"Se for verdade, nunca mais falarei com você".

"Falará! Não me olhe assim. A senhora falará comigo!"

"Você não será mais minha filha". Mas ao dizer isso ela perdeu a compostura, e se lembrara do porquê estava ali. "Não acredito numa palavra

disso. Esse homem veio aqui, a insultou e ameaçou. Ele sabe, deve saber, que tal casamento é impossível. Nunca poderá acontecer. Nunca irá acontecer. Mr. Thwaite, o senhor é um mentiroso e nunca vou permitir que se case com a minha filha".

"Minha senhora, no que diz respeito ao casamento cabe a sua filha decidir. Neste momento, pelas leis de Deus, e dos homens também, ela está livre do seu controle para escolher com quem deseja ou não se casar. Dentro de alguns meses ela será tão dona do próprio nariz quanto à senhora é do seu".

"Não estou lhe perguntando nada sobre a minha filha. O senhor é um insolente".

"Vim aqui, lady Lovel, por que fui convidado".

"Agora é melhor ir embora. O senhor fez uma promessa que não cumpriu".

"Céus, de forma alguma. Fiz uma promessa e cumpri. Eu disse que ofereceria a liberdade a ela, e foi o que fiz. Falei para ela, e falo outra vez, que se ela disser que prefere o primo a mim, eu me afastarei". A condessa olhou para ele e também reconheceu a força em seu rosto, e teve a impressão de que o homem tinha adquirido certa dignidade depois que recebera o dinheiro. "Mas ela disse que não prefere o conde. Ela entregou seu coração para mim, e eu aceitei; e vou ficar com ele. Levante a cabeça, querida, e fale para a sua mãe que tudo que eu disse é verdade".

"É verdade", disse lady Anna.

"Que as pragas do inferno recaiam sobre vocês!" disse a condessa, correndo em direção à porta. Mas em seguida, voltou. "Mr. Thwaite", falou "peço que o senhor saia desta casa imediatamente, e que nunca mais pise aqui".

"Certamente irei. Adeus, meu amor".

Ele tentou mais uma vez pegar na mão da mão da moça, mas a condessa os separou com rispidez.

"Se tocar nele, te dou uma surra", disse ela para a filha. "Quanto ao senhor, é no dinheiro dela que está interessado. Se for preciso, o senhor terá, não o dela, mas o meu. Agora vá".

"Isso é uma calúnia, lady Lovel. Não quero o dinheiro de ninguém. Tudo que quero é a mulher que amo, cujo coração conquistei; e ela será minha. Bom dia, Lady Lovel. Anna, querida, adeus, por enquanto. Não permita que ninguém a convença de que não estou sendo sincero com você".

A moça apenas olhou para ele. Em seguida, ele deixou a sala, e mãe e filha ficaram a sós. A condessa permaneceu impávida, olhando para a filha,

enquanto lady Anna, também em pé, manteve os olhos voltados para o chão.

"Devo acreditar em tudo aquilo que aquele homem falou?", perguntou a condessa.

"Sim, *maman*".

"Você está dizendo que reafirmou seu noivado com aquele canalha desclassificado?"

"*Maman*, ele não é um canalha".

"Você está me contradizendo? Chegamos a este ponto?"

"*Maman*, a senhora… a senhora rogou uma praga contra mim".

"E você será amaldiçoada. Ou pensa que vai fazer uma coisa dessas, que pode destruir tudo que fiz por você, que pode acabar com toda a família e sair ilesa? Diga que me ama".

"A senhora sabe que eu a amo, *maman*".

"E mesmo assim insisti em me enlouquecer".

"*Maman*, foi a senhora que nos uniu".

"Filha ingrata! Para onde mais eu poderia ter te levado?"

"Mas foi para lá que me levou, e é claro que eu me apaixonei por ele. Não consegui deixar de amá-lo só por que me disseram que sou nobre".

"Escute, Anna. Você nunca irá se casar com ele; nunca. Nem que eu tenha de matá-lo com as minhas próprias mãos, ou a você". A moça ficou olhando, trêmula para o rosto da sua mãe. "Você entendeu?"

"A senhora não falou sério, *maman*".

"Por Deus, eu falei! Você acha que vai conseguir me impedir de fazer alguma coisa agora; depois de tudo que eu fiz? Acha que vou viver para ver a minha filha casada com um alfaiate idiota, cheirando a suor? De jeito nenhum! Ele disse que depois que você completar vinte e um anos não poderá mais ser controlada por mim. Tome cuidado. Não vou perder o meu controle, a menos que você se case com um marido adequado a sua posição social. Daqui em diante, você ficará no seu quarto, e eu no meu. Não dirigirei a palavra a você, até que resolva me obedecer".

CAPÍTULO XXXVII
ELA QUE MORRA

Após a cena descrita no capítulo anterior veio um período de muita tristeza na casa da Keppel Street. A condessa tinha sido aconselhada pelo Sargento e Mrs. Bluestone a levar a filha para o exterior, caso o encontro com Daniel Thwaite não surtisse o resultado desejado. Todos os envolvidos, os Bluestone, os Goffe, Sir William Patterson, que tinha sido informado sobre o encontro, e a própria condessa, acreditavam que não seria preciso. Todos imaginaram que lady Anna iria sair daquele encontro livre e desimpedida para se casar com quem desejasse, e acharam também que poucas semanas antes de atingir a maioridade ela acabaria aceitando o pedido de casamento do primo. O Advogado-geral tinha entrado em contado com o conde, que ainda se encontrava na cidade, e este mais uma vez achou que tinha chances de conquistar a herdeira. Mas caso a menina teimasse, o conselho era levá-la para bem longe, para Roma ou algum outro lugar distante. Este tinha sido o conselho de Mrs. Bluestone, e naquela época ir para Roma era bem mais complicado do que atualmente. “E não deixe que ninguém saiba para onde estão indo”, adicionou o Sargento “tirando Mr. Goffe”. A condessa concordou, mas quando chegou a hora, surgiram alguns empecilhos que impediram a sua súbita partida. Mr. Goffe disse que seria melhor que ela esperasse mais duas semanas, pois a presença dela e da filha se fazia necessária em Londres para a assinatura de alguns papéis e para comprovação meramente formal de identidade. E o dinheiro mais uma vez estava escasso. Tinha sido gasta uma grande quantia nos últimos tempos, e a menos que um empréstimo, sem garantias e a juros altos, fosse feito, ao qual Mr. Goffe era contrário, ia ser difícil conseguir a quantia necessária. Mr. Goffe recomendou que a data da viagem fosse marcada para antes do dia vinte de dezembro.

Era final de novembro; e a questão era o que iria acontecer durante este intervalo de tempo. A condessa estava decidida a não interagir com a filha de forma alguma. Ela não iria nem mesmo contar a moça sobre a intenção de viajarem para o exterior. De hora em hora dizia a si mesma, cada vez mais convicta, que somente o pulso firme poderia impedir o pior. A moça deveria se sentir coagida e amedrontada; nem que isto lhe custasse a saúde. Mesmo que isto acabasse com seu brio, era preciso fazer. Mesmo que lhe custasse a

vida, era preciso fazer. Essa mulher tinha vivido os últimos vinte anos com um objetivo apenas; um objetivo que muitas vezes pareceu próximo, muitas distante, e outras totalmente fora do seu alcance, mas que fomentara de tal modo em sua imaginação que acabara se transformando no céu ao qual a sua alma aspirava. Ser reconhecida entre os bem-nascidos, os nobres, as famílias tradicionais de longa data, fazer parte daquele grupinho de aristocratas de puro sangue, tinha se tornado tudo para ela. Nascida em uma família de pais nobres, mas pobres, ela foi criada para acreditar nisso. Na busca deste ideal, ela jogou para o alto todos os sonhos de amor e casou-se com um conde desalmado. Mas logo em seguida veio o seu castigo, ou, de acordo com o seu ponto de vista, a sua desgraça descabida. Durante anos a sua coragem e persistência compensaram a sua pouca idade. O amor pelo título pulsava ainda mais forte em seu peito, mas este amor cresceu mais pela sua filha do que por ela mesma. Ao longo de anos, tediosos, sem amigos e na pobreza, ela aguentou tudo, acreditando que chegaria o dia em que o mundo iria chamar pelo nome correto, a plantinha delicada que tinha crescido ao seu lado. As crianças caçoavam da sua filha, chamando-a de lady Anna, quando lady Anna era a mais mal vestida e a mais desprovida de confortos do que todas as outras. Mas os anos iriam passar, e estas crianças certamente iriam viver para ver que lady Anna, a vítima da crueldade infantil, era de fato lady Anna. E à medida que a menina foi se transformando em uma mulher o sonho foi se tornando realidade. A posição, o título, o reconhecimento geral e a riqueza seriam seus. Então veio a primeira grande vitória. Demonstrações de amor e amizade partiram do outro lado. Se lady Anna concordasse em se tornar a condessa Lovel, todas as animosidades seriam esquecidas, e a vida seria só de prazeres, prosperidade, nobreza e triunfo!

É fácil encher de ar um balão cheio pela metade. Ele já está tão flutuante com a própria leveza, que se rende com facilidade para receber o ar generoso. A imaginação de uma mulher voa ainda mais alto quando as perspectivas de prosperidade batem à sua porta. É claro que passou pela sua cabeça que a sua filha deveria fazer um bom casamento, apesar dos receios naturais. A sua filha não tinha estudado, não tinha experiência de vida, não fora cortejada na juventude, como foram aquelas moças entre as quais os rapazes mais disputados costumam escolher suas esposas. Muito provavelmente ela era grosseira, falava de modo deselegante, não era dotada de talentos, se comparada àquelas que já nasceram em berço de ouro. Mas quando via a beleza da filha, ela se enchia de esperança. Afinal, sua filha era delicada,

bem-humorada, uma vencedora a seu modo, bela até mesmo nos trajes simples que lhes eram dados pela generosidade do alfaiate. E assim ela se enchia de esperança, às vezes se desesperava; em seguida tinha esperanças novamente. Mas ela nunca esperara por algo tão bom assim. Tal casamento não iria apenas colocar a filha nas alturas como era devido a uma Lovel, mas iria marcar de um modo tal para as futuras gerações que ela, aquela que tinha sido desprezada e caluniada, que tinha sido tratada como nenhuma outra mulher jamais tinha sido tratada, era na verdade a condessa Lovel, cuja fortuna tinha ajudado a restaurar todo o antigo esplendor da família.

E assim essa esperança começou crescer dentro dela. Então, pela primeira vez, ela percebeu que se quisesse concretizar seus objetivos era preciso que a filha, que ela tanto amava, estivesse em suas mãos, pronta para fazer tudo de acordo com as suas vontades. Por ela, a filha deveria ter aceitado o pedido de casamento antes mesmo de ter conhecido lorde Lovel, e por isso ficou furiosa quando a filha não se dobrou a sua vontade. E a moça insistiu em sua recusa, como toda moça. Mas ela não era como as outras moças. E já deveria saber disso. Deveria entender o que a sua posição exigia. Mas ela não enxergou nada disso. Não se colocou acima, como deveria, dos sonhos de amor que afetam todas as donzelas. Então veio o convite para a estada em Yoham. E depois disso veio o grande golpe, desferido por uma terceira mão; pela mão de um advogado. A Condessa Lovel ficou sabendo por intermédio de Mr. Goffe, que tinha ouvido a história de outros advogados, que a filha dela, lady Anna, tinha dito com a própria boca para seu pretendente nobre que ela estava noiva de um alfaiate! Ela achou que fosse morrer, amaldiçoando a filha por tamanha ingratidão.

Mas ainda havia esperança. O processo caminhava, ou melhor, os trabalhos que levariam ao julgamento estavam caminhando, e ela estava cercada por aqueles que podiam aconselhá-la. Sem dúvida o que tinha acontecido era um infortúnio. Mas ainda havia espaço para grandes esperanças. O conde não estava disposto a abandonar a disputa, apesar de ele, é claro, ter ficado muito bravo; não, revoltado e humilhado com a declaração da moça. Mas mesmo assim ele resolveu enxergar a questão sob a luz apropriada. O jovem alfaiate exercera certa influência sobre a moça quando ela não passava de uma criança, e sem dúvida estava interessado no dinheiro, que deveria ser pago a ele de uma vez por todas. A tolice de criança deveria ser perdoada, e o conde poderia insistir na sua corte. Ninguém ia ficar sabendo do acontecimento, e a coisa ficaria para trás como uma bobagem de infância. A condessa acabou

concordando com o plano; mas não se deixou enganar pela falsa benevolência. Lady Anna estava com vinte anos quando recebeu as juras de amor deste homem, cheirando a tábua de passar de alfaiate. E sua menina, a sua filha, a enganara. Já era um absurdo o fato de a moça a ter enganado, dizendo que não amava outra pessoa; mas para piorar ainda mais e causar um estrago ainda maior do que o causado pela mentira, a moça resolveu se rebaixar a sua própria posição. A solidariedade de tantos anos não passara de falsidade. Com rancor dentro do peito, ela não conseguia dirigir uma palavra gentil para lady Anna depois que ela voltou de Yoxham. Foi exigido que a moça colocasse um fim ao compromisso com aquele namorado detestável. E as exigências foram feitas sobre ameaças cruéis. Mas ela jamais iria ceder, apesar de não ter forças para declarar que não iria. Sabemos muito bem o modo como ela foi praticamente despachada para a Bedford Square, e transferida da insistência cruel da mãe para os conselhos mais brandos, mas não menos insistentes, de Mrs. Bluestone. Naquela altura, ela estava em dúvida, apesar de que na Wyndham Street e em Yoxham suas dúvidas tinham sido ainda maiores. A calma do novo paraíso por pouco não a deixou com os nervos a flor da pele. Quando aquele jovem ajudou-a a pular de uma pedra para outra em Bolton, ela quase se entregou a ele. Mas então foi tomada por aquela sensação de náusea, aquela vertigem que sentimos quando enjoamos de comer coisas muito doces. Ela lutou para se manter forte e fiel, e conseguiu não cair no pote de melado.

Mas não bastasse tudo isso, aqueles que a conheciam e sabiam da história, ainda tinham certeza de que o lorde iria vencer no final. Não havia um que acreditasse que a moça iria manter a palavra dada. Até mesmo o Advogado-geral, quando citou a história do mordomo apaixonado, acreditava que a moça e sua fortuna iam acabar nas mãos do seu cliente. A natureza humana exigia que fosse assim. A certeza de que as coisas acabariam tomando o rumo desejado era tamanha que ele optou por confiar em um resultado a favor do seu cliente em vez de colocar o caso nas mãos de um júri. Naquele momento, ele tinha certeza do seu julgamento. E de fato estava certo, pois nenhum júri poderia ter feito alguma coisa pelo seu cliente.

E o imbróglio continuou até que os sábios homens decidiram que tudo que a moça precisava era se ver livre do seu noivo para poder aceitar o pedido de casamento do primo. A moça era sem dúvida uma criatura ímpar; mas, até onde os sábios conseguiram interpretar através do seu comportamento, pois ela não revelou nada em palavras, era isso que se passava pela cabeça dela.

Assim o encontro foi marcado, para desgosto da condessa, que acreditava que seria em vão; e o resultado sabemos qual foi. Lady Anna, que há muito estava em dúvida, que finalmente estava começando a duvidar se Daniel Thwaite estava mesmo sendo sincero para com ela, renovou seu compromisso, reforçou sua antiga promessa, e agora estava mais comprometida do que nunca com aquele que a condessa odiava como o demônio na Terra. Mas certamente não haveria casamento! Nem que ela tivesse de matar o homem no altar, não haveria casamento.

Tomada de um desgosto profundo, ela precisou dividir as suas tristezas com outros, que apesar de desejarem o mesmo não se compadeceram com seus sentimentos. Deixaram claro que ela não deveria dar nenhum passo com relação à filha sem o conhecimento prévio de Mr. Goffe e do Sargento Bluestone, e consequentemente o conhecimento de Mr. Flick e do Advogado-geral. Obviamente, lorde Lovel, também precisava ser informado de tudo que tinha acontecido. Afinal, a sua decisão de continuar ou não com a corte iria depender do modo como ele iria reagir à novidade. Claro que ele precisava ficar sabendo. Ele já tinha sido informado de que o alfaiate iria se encontrar com a sua pretendente, que seria liberada do compromisso. Não foi uma notícia agradável, mas ele acabou concordando. Mr. Flick foi ter com ele pessoalmente para dizer que com certeza tudo iria acabar bem. O conde franziu o cenho, e foi curto e grosso com Mr. Flick. Afinal, lorde Lovel não estava gostando nada de toda essa intimidade com os advogados sobre a sua corte, e o modo como a sua amada se referia ao seu noivo plebeu. Mesmo assim, ele aguentou firme, e agora merecia saber o resultado. Oh, céus, quanta infelicidade essa garota estava causando aos seus parentes nobres! Mas a história do encontro com o alfaiate só chegou aos ouvidos dos infelizes de Yoxham meses depois.

Depois que ficou sabendo do acontecido, o Advogado-geral falou sem rodeios a Mr. Flick que achava que Mr. Goffe tinha sido muito imprudente ao adiar a partida das duas damas.

"Dinheiro; ela precisava de dinheiro. O senhor poderia ter adiantado algum!"

"Certamente!", disse Mr. Flick, apesar de não ter gostado nem um pouco da ideia de emprestar dinheiro para a cliente do seu adversário.

"Nunca ouvi tamanha tolice", continuou Sir William. "Isso que dá confiar em pessoas que não merecem confiança".

Mas já era tarde demais. Lady Anna se encontrava acamada, febril; e três

médicos duvidavam que ela fosse conseguir sair dessa.

"Não seria melhor que ela morresse?" disse a sua mãe consigo mesma, parada ao lado da cama, olhando para a filha. Seria, ela pensou: *Seria melhor que ela morresse em vez de se levantar daí para se casar com Daniel Thwaite*. Mas como seria bem melhor se ela sobrevivesse e se tornasse a condessa Lovel! Ela ainda amava a filha, como apenas uma mãe é capaz de amar seu filho, como apenas uma mãe que não tem mais esperanças de ser feliz, senão através das realizações do filho, é capaz de amar. Mas esta outra paixão tinha se tornado tão grande em seu peito que praticamente anulou seus anseios maternos. De que adiantou lutar por tantos anos para ser vencida justamente agora que o prêmio estava tão perto – quando o copo estava quase tocando em seus lábios? Se a moça fosse levada para o túmulo, seria o fim daquele medo que tanto a oprimia. Mesmo assim, os três médicos foram chamados, um após o outro; e lady Anna foi atendida como se a sua vida fosse tão preciosa quanto à de qualquer outra filha.

Os novos ventos causaram rebuliço entre os advogados.

"Estão dizendo que Clerck e Holland a desenganaram", comentou Mr. Flick com Sir William.

"Sinto ouvir isso", disse o Advogado-geral, "mas as moças às vezes sobrevivem apesar do diagnóstico dos médicos".

"Sim, é verdade, Sir William; é verdade. Mas se as coisas tomarem este rumo talvez não seja ruim para o nosso cliente".

"Deus me livre que ele lucre com a morte da prima, Mr. Flick. De qualquer maneira a condessa seria a herdeira".

"A condessa nutre uma verdadeira devoção pelo conde. Podemos conseguir alguma coisa com isso, Sir William. Não acho que vamos conseguir mais do que oito ou dez mil libras em títulos. Aquele velho investiu seu dinheiro em toda parte. Tem ações em minas de ferro nos montes Allegany que devem valer isso.

"Elas não valem nada para nós", disse o Advogado-geral, em referência às ações do seu cliente.

"Não valem nem meio centavo para nós, apesar de estarem pagando vinte por cento sobre o capital. Ele parecia determinado a não deixar nada para o verdadeiro herdeiro, mesmo que não houvesse testamento. Velho malvado!"

"Muito malvado, Mr. Flick".

"Um velho horrendo! Mas precisamos fazer alguma coisa, caro Advogado. Se a moça não se casar com ele deveria acontecer algum tipo de acordo,

depois de tudo que dissemos".

"Como a moça vai poder se casar com alguém , Mr. Flick, se vai morrer?"

Alguns dias depois dessa conversa, Sir William compareceu a keppel Street para falar com a condessa, sem nenhuma intenção de propor um acordo – pois não era o momento de tentar tal acordo, e nem ele teria coragem de fazer isso – mas para perguntar sobre o estado de saúde de lady Anna. Naquela altura, todas as possibilidades estavam contra o conde. O dinheiro tinha sido concedido a condessa e sua filha; e na verdade todo o dinheiro era delas agora, para fazerem o que bem entendessem com ele, apesar de muito possivelmente ainda fosse demorar um pouco para as duas receberem suas partes; mas de qualquer maneira o conde não iria receber nada. E este fato já estava caindo na língua do povo. Até então estava sendo fácil para o conde conseguir crédito. Quando o velho conde morreu, e quando o testamento foi ignorado, todos pensaram que seria feito algum acordo generoso a favor dele. Depois disso o casamento foi dado quase como certo, e em seguida foi revelado que ele tinha algumas posses, de modo que os comerciantes não precisavam temer que as suas contas não fossem pagas. Não se pode dizer que ele tenha cometido extravagâncias; mas um lorde precisa viver, e um lorde não consegue viver e manter uma casa no campo com uma renda de mil por ano, ainda que ele tenha um tio para manter seus caçadores. Em Londres, alguns homens mais precavidos já estavam começando a cobrar seu dinheiro, e o jovem conde se viu em apuros. Como disse Mr. Flick já estava na hora de ser feito alguma coisa. Sir William ainda acreditava na panaceia de um casamento, caso a moça sobrevivesse. O casamento poderia demorar um pouco; mas se as cartas fossem jogadas com prudência, tudo acabaria bem. Tais moças não se casam com alfaiates, e sempre irão preferir lordes a trabalhadores!

"Espero que não considere a minha visita invasiva", disse ele. A condessa, toda vestida de preto, com aquela cara de velório e semblante tristonho que passara envergar, olhos fundos e ares de preocupação em seu lindo rosto, o recebeu com uma cortesia aflita, mas calorosa. Era um prazer recebê-lo. Não havia nada de invasivo na visita. Ele iria perdoá-la, pensava ela, caso percebesse que as circunstâncias estavam praticamente esmagando-a de tanta tristeza. "Vim para saber da sua filha".

"Ela tem andado muito doente, Sir William".

"Mas está melhor agora?"

"Quase nada. Parece que a febre foi menos violenta nesta manhã".

“Ela vai se recuperar, lady Lovel”.

“Não é o que dizem. Mas na verdade nem tenho perguntado mais. Coloquei tudo nas mãos de Deus. Às vezes penso que seria melhor que ela morresse, pois assim seria o fim disso”.

Era a primeira vez que esses dois se encontravam a sós, e o advogado mal conseguiu disfarçar o mal-estar que sentiu ao ouvir a mãe falando dessa maneira da sua única filha.

“Oh, lady Lovel, não diga isso!”

“Eu falo. Por que não deveria dizer isso ao senhor, que sabe de tudo? De que vai adiantar se ela sobreviver e contaminar a si mesma e a sua família com este casamento? Seria melhor que ela morresse. Seria bem melhor que ela morresse. Ela é tudo que tenho, Sir William. É pelo bem dela que venho lutando desde o primeiro momento que soube que seria mãe. Desde então tudo que tenho feito é tentar provar que ela é filha do pai dela aos olhos da lei. Duvido que o senhor saiba o que é perseguir um objetivo, a vida toda, incessantemente; e tudo em isso em benefício de outra pessoa. Se soubesse, o senhor iria entender o que estou sentindo neste momento. Seria melhor que ela morresse em vez de se casar com um sujeito como Daniel Thwaite”.

“Lady Lovel, não apenas como mãe, mas como cristã, a senhora deveria dominar este sentimento”.

“Claro que eu deveria. Sem dúvida é o que todos os clérigos da Inglaterra me diriam. Mas é fácil falar, senhor. Experimente passar por uma provação. Experimente ver todas as suas ambições desfeitas, todas as suas esperanças virarem pó, todas as honras conquistadas caírem por chão, espere até o senhor virar alvo de escárnio e piedade – então me diga o quanto o senhor ama tal filho por quem sofreu todos esses males!”

“Espero nunca passar por isso, lady Lovel”.

“Espero que não; mas pense em tudo isso antes de me condenar. Mas eu a amo, e é por amá-la que prefiro vê-la livre das consequências que a própria loucura dela causará. Ela que morra, se for a vontade de Deus. E irei logo em seguida, pois não terei mais vontade de continuar vivendo. Então, uma família nobre irá se restabelecer novamente, e a triste história dela será contada de um Lovel para outro, com lágrimas e sem imprecações”.

CAPÍTULO XXXVIII
A CABECEIRA DE LADY ANNA

Dezembro passou, os vizinhos das casas ao redor festejaram o Natal; a neve e a geada de janeiro caíram sobre eles, e fevereiro estava quase chegando ao fim quando os médicos arriscaram dizer que a vida de lady Anna já não corria mais risco. Durante o longo período, todo mundo ficou sabendo sobre a doença – como se soubessem, ou fingissem saber, toda a história da sua vida. O mundo ficou sabendo que ela estava morrendo, e a maioria sentiu pena dela. Ela tinha despertado o interesse, e todos tinham ouvido falar muito sobre a sua jovialidade e beleza – sobre a sua história de amor também, da sua fidelidade para com o alfaiate, e das perseguições que ela sofrera. Durante os meses em que esteve acamada todos imaginaram que o alfaiate era um bom rapaz e que merecia ser acolhido. Ele tinha dinheiro agora, e acharam que seria bom trazê-lo para algum clube. A ideia corrente no Beaouford era que se fosse devidamente convidado e apresentado, ele seria aceito – não por que iria se casar com uma herdeira, mas porque ia perder a herdeira com quem ele ia se casar. Se a moça morresse, então lorde Lovel deveria trazê-lo para o Beauford. Daniel mesmo não ficou sabendo de nada disso; mas ouviu falar, assim como todos ouviram que lady Anna se encontrava em seu leito de morte.

Quando ficou sabendo da doença – de uma fonte que não inspirou muita confiança – ele foi até a Keppel Street para confirmar. Sim; lady Anna estava muito doente; mas, quem o atendeu foi Sarah, a criada da moça, e Sarah se lembrou do alfaiate. Ela o vira quando ele veio visitar a sua senhora, e sabia o suficiente da história para não mandá-lo entrar. Sua primeira resposta foi dada sem pensar; mas logo em seguida ela o enxotou, e não contou para ninguém mais além da condessa sobre a visita. Depois disso, Daniel foi falar com um dos médicos, e esperou pacientemente do lado de fora, até o médico aparecer. O infeliz contou toda sua história. Que ele era Daniel Thwaite, que trabalhara como alfaiate, que era de Keswick e que lady Anna Lovel era sua noiva. E pediu então se o médico poderia fazer a caridade de lhe contar qual era o estado de saúde da sua amada. O médico trocou um aperto de mão e o convidou para entrar, e só então contou que a sua amada estava à beira da morte. Diante disso, Daniel escreveu algumas linhas humildes para a condessa, e ele mesmo entregou a carta e ficou esperando na rua por uma

resposta. Na carta, ele contava que tinha ficado sabendo que a sua amada estava à beira da morte, e pedia permissão para vê-la uma vez mais e beijar a sua mão. Quase uma hora depois uma reposta foi entregue a ele, no portão. A resposta foi a sua própria carta aberta, e devolvida sem nenhuma palavra. Ele ficou muito triste para praguejar, mas declarou para si mesmo que tamanha crueldade no peito de uma mulher só poderia existir no peito de uma condessa.

Mas no começo de fevereiro, assim como todo mundo, Daniel Thwaite também ficou sabendo que lady Anna estava se recuperando. Na verdade, ele ficou sabendo antes que a novidade chegasse ao clube, pois o médico ainda era seu amigo. E por conta disso, ele perguntou ao médico se este poderia levar um recado dele para lady Anna; uma palavrinha apenas. O médico disse que não; que não poderia fazer isso. Mas não se negou a dar ao apaixonado um boletim médico sobre o estado da sua querida noiva. E assim, Daniel ficou sabendo antes de todo mundo sobre a mudança no estado de saúde da sua amada.

Lady Anna iria fazer aniversário em maio, e o plano do seu noivo era o seguinte: até esta data ele não iria fazer nada, e só depois iria visitá-la para pedir permissão para publicar os proclamas na igreja do bairro de Bloomsbury, como era costume da igreja inglesa. Antes disso, ele se mudaria para a Great Russel Street, com o intuito de ser aceito pela paróquia. Caso não conseguisse, o que era muito provável, entrar em contato pessoalmente com lady Anna, ou por carta, então recorreria à lei, e iria alegar que a jovem estava sendo mantida em cárcere privado. Ele foi informado de que tal denúncia não surtiria nenhum efeito se partisse dele – que nenhuma alegação do tipo teria efeito a menos que partisse da própria moça; mas ele se gabou e disse que através da sua denúncia a moça teria uma chance de se pronunciar. Bastaria alguém perguntar o que ela desejava que ele estaria preparado para cumprir.

Enquanto isso, lorde Lovel também andava ansioso; mas sua ansiedade era por um motivo bem distinto. Por vários dias, a condessa se encontrou com ele diariamente, assim acabou nascendo certa intimidade entre eles. Quando acreditavam que a moça corria o risco de morrer – acreditavam com aquela triste certeza que fez com que os mais próximos falassem da morte dela quase como certa, a condessa, quando sozinha com o jovem conde, disse a ele que caso a sua filha os deixasse tudo seria dele. Ele murmurou que não havia motivos para isso.

“Quem mais deveria ficar com tudo?” argumentou a condessa. “Para quem mais deveria ir? Seu povo, lorde Lovel, nunca me compreendeu. É pela

família que tenho lutado, lutado e lutado incansavelmente. Apesar de vocês serem meus adversários, foi pelos Lovel que lutei. Se ela partir, tudo será seu. Ninguém sabe a pouca importância que dou à riqueza".

Mas depois disso a moça começou melhorar, e a condessa voltou a armar seus esquemas, seus planos, e suas estratégias. Ela pretendia levar a moça para o exterior em maio, ou em abril se fosse possível. Elas iriam para o sul da França agora, e não para Roma, e, quando o clima melhorasse, iriam para a Suíça e depois para Tirol. Será que ele, lorde Lovel, não gostaria de ir com elas? Se é que ele estava disposto a ir junto e dar continuidade à sua corte, embora a moça ainda insistisse no seu amor pelo alfaiate. Se ele estivesse disposto a fazer isso, a fortuna em jogo ficaria entre eles. Para que mais serviria o dinheiro senão para alimentar a grandeza, nobreza e o esplendor dos Lovel? Ele disse que iria, e também que amava a moça – pelo menos ele imaginou que a amasse de todo o seu coração durante o período em que ela esteve acamada. Ele passava horas a fio com a condessa na Keppel Street, às vezes olhando para a moça enquanto ela jazia inconsciente, ou fingindo-se de inconsciente; até que por fim ele passou a sentar-se todos os dias ao lado da cama dela.

"É melhor não falar com ele, Anna", aconselhou a mãe, "mas obviamente ele está ansioso para vê-la".

Então o conde beijou a mão dela, e na presença da mãe, ela não teve coragem, talvez não tenha tido forças, para retirar a mão. A condessa andava menos cruel; afinal, a cabeceira de um enfermo não é lugar para crueldades. Mas ela foi uma enfermeira cuidadosa em vez de uma mãe amorosa, pois nunca se dirigiu a filha com palavras carinhosas e nunca lhe deu um abraço.

Mas aos poucos, a moça melhorou e conseguiu falar.

"*Maman*, a senhora poderia sentar aqui do meu lado?"

"Não, minha querida; você não deve conversar".

"Sente perto de mim, e permita que eu segure a sua mão". Por um momento a condessa cedeu, e sentou ao lado da filha permitindo que a moça segurasse a sua mão por entre as cobertas; mas não demorou muito, ela se levantou abruptamente, ao se lembrar da sua raiva, ao se lembrar de que seria melhor que a sua filha morresse, morresse de coração partido, em vez deixá-la pensar que ela poderia fazer o que desejava. A condessa se levantou abruptamente e se afastou da cabeceira sem dizer nada.

"*Maman*, lorde Lovel virá hoje?"

"Suponho que sim".

"A senhora me daria permissão para falar com ele por um minuto?"

"Claro que pode falar com ele".

"Estou me sentindo mais forte agora, *maman*, e acho que um dia ficarei bem novamente. Senti tanta vontade de morrer".

"É melhor nem falar nisso, minha querida".

"Mas eu gostaria de conversar com ele, *maman*, sem a sua presença".

"O que pretende dizer, Anna?"

"Não sei ao certo, mas eu gostaria de conversar com ele. Tenho algo a dizer sobre dinheiro".

"Não posso dizer isso, por você?"

"Não, *maman*. Se me permitir, eu gostaria de falar pessoalmente". A condessa olhou desconfiada para a filha, mas consentiu. Claro que não tinha nada demais no apaixonado se encontrar com a sua amada. A condessa quase pensou em exigir que lady Anna prometesse que não iria fazer nenhuma alusão a Daniel Thwaite; mas o nome do homem não era mencionado entre as duas desde o início da doença, e ela relutava em falar. Além do mais, seria impossível impedir tal encontro.

"Ele poderá vir, se assim desejar", disse a condessa. "Mas espero que se lembre de quem é e com quem está falando".

"Eu me lembrarei das duas coisas, *maman*", disse lady Anna. A condessa baixou os olhos para o rosto da filha, e não pôde deixar de pensar que a sua menina tinha mudado. Havia algo de desafiador nas suas palavras, apesar de terem sido ditas no tom de voz de um enfermo.

Às três horas daquela mesma tarde, como de costume, lorde Lovel apareceu, e foi logo informado de que a prima o aguardava para uma conversa.

"Ela disse que deseja falar sobre dinheiro", adiantou a Condessa.

"Dinheiro?"

"Sim. Se ela está se propondo a fazer isso, então é melhor atendermos. Se um dia ela vier a se casar com o senhor tudo estará resolvido; caso contrário é melhor que o dinheiro fique em suas mãos do que nas delas. Dentro de três meses ela poderá fazer o que bem entender da vida". Ele foi levado ao quarto de lady Anna.

"Aqui está seu primo", disse a condessa. "Não demore muito, senão terei de interromper. Se deseja falar com ele, como chefe da sua família, sobre a fortuna, tudo bem; mas limite-se a isso por enquanto". Em seguida, a condessa se retirou e fechou a porta.

"Não pense que é sobre dinheiro que desejo falar, lorde Lovel".

"Você pode me chamar de Frederic", disse ele carinhosamente.

"Não. Se um dia eu me recuperar e voltarmos a ser amigos, então será assim que o chamarei. Disseram-me que estou em posse de muito dinheiro, centenas de milhares de libras. Esqueci o valor".

"Não se preocupe com isso, agora".

"Mas eu me preocupo muito com isso, e sei que o senhor também. Tem uma coisa que quero lhe dizer, que o senhor precisa acreditar. Se um dia eu me casar com alguém, será com Daniel Thwaite". Aquele semblante sombrio que ela já tinha visto uma vez tomou conta do rosto dele novamente. "Peço que acredite que é assim que será", ela continuou. "*Maman* não acredita nisso, nunca irá acreditar; mas é assim que será. Eu o amo de todo meu coração. Penso nele cada minuto. É muito cruel que eu não possa ter notícias dele e nem possa enviar uma palavrinha, dizendo como estou. Muito bem! Com a mão sobre a Bíblia, eu juro que se um dia me casar, será com ele".

Ele olhou para a mão dela e percebeu que estava pálida, fina e débil, e por conta disso não ousou falar em nome família, como era devido a sua posição e situação hierárquica.

"Mas, Anna, por que está me dizendo isso agora?"

"Para que saiba disso e não se preocupe mais comigo. Acredite no que estou lhe dizendo de maneira tão direta. Talvez eu não sobreviva para me levantar desta cama. Mas se eu ficar boa, mandarei chamá-lo, ou irei até ele. Ninguém vai me impedir. Ele está sendo fiel a mim, e eu serie a ele. O senhor pode contar para a *maman* se achar que deve. Ela não acreditaria em mim, mas talvez acredite no senhor. Mas, lorde Lovel, não é certo que ele fique com todo este dinheiro. Ele não quer, e não aceitaria. Até eu me casar farei as coisas como eu bem entender; e assim o dinheiro será seu."

"Não posso aceitar".

"Sim, pode. Sei que posso entregar o dinheiro ao senhor se quiser. Eles me disseram… que o senhor não é rico, como um lorde Lovel deveria ser, pois o dinheiro foi tirado do senhor. Foi por isso que se aproximou de mim".

"Céus, Anna, eu a amo de verdade".

"Como poderia me amar antes mesmo de me conhecer? O senhor levaria um recado meu para Daniel Thwaite?"

Ele pensou antes de responder.

"Não posso fazer isso".

"Então terei de encontrar outro mensageiro. Mr. Goffe talvez o faça. Ele só precisa me dizer quanto vai querer, e o restante será do senhor. Isso é tudo. Se

resolver contar para *maman*, peça a ela para não ser muito dura comigo". Ele se endireitou e olhou para a mão dela, sem saber o que dizer. Então tentou beijar-lhe a mão; mas ela se apoiou sobre o cotovelo, balançou a cabeça e puxou a mão. "Ela pertence a Daniel Thwaite", disse.

Em seguida, ele a deixou, sem dizer nada.

"O que ela falou?" perguntou a condessa, com um sorriso simulado.

"Não sei se devo contar".

"Claro que deve me contar, Lovel".

"Ela me ofereceu para ficar com todo seu dinheiro, ou a maior parte".

"Ela está certa", disse a condessa.

"Mas ela jurou sobre a Bíblia que nunca se casará comigo".

"Bobagem! Isso não tem importância nenhuma".

"Tem sim, e muita. Ela nunca me amou, nem por um instante. Aquele outro homem chegou antes de mim, e ela está muito convicta para mudar de ideia".

"Ela disse isso?"

Ele ficou calado por um momento e então respondeu:

"Sim, ela disse".

"Então, ela que morra!" disse a condessa.

"Lady Lovel!"

"Ela que morra. Será melhor, meu Deus, que eu tenha de ver isso. O que devo fazer, milorde? O senhor está dizendo que pretende desistir dela?"

"Não posso pedir a mão dela outra vez".

"Só por que ela está doente, quase delirando; sonhando com as palavras que aquele homem disse para ela? O senhor não é mais forte do que isso? Acaso é uma criatura tão fraca?"

"Acho que fui um fraco quando pedi a mão dela pela segunda vez".

"De forma alguma. O seu dever e o meu são os mesmos, assim como deveria ser o dela. Devemos nos esquecer de nós mesmos para salvar a família. Por acaso não suportei tudo? Não suportei calúnias, blasfêmias, miséria e agora a crueldade dessa menina? Mas mesmo assim nunca desistirei. Aceite o dinheiro que lhe foi oferecido".

"Eu não teria coragem de tocar nele".

"Se não for pelo senhor, então que seja pelos seus filhos. Fique com tudo, para nos fortalecer. Mas não nos abandone agora, se for homem".

Ele não aguentava mais ouvir os conselhos dela, por isso saiu correndo da casa, cheio de dúvidas e infeliz.

CAPÍTULO XXXIX
A OFERTA DE LADY ANNA

No começo de março, lady Anna já estava recuperada, mas ainda não tinha saído de casa, e a vergonha e o desânimo da condessa só tinham aumentado. Lady Anna tinha declarado que não deixaria a Inglaterra naquele momento. Foi lembrada então que para todos os efeitos até o dia dez de maio ela estaria sujeita ao controle da sua mãe. Mas a esta altura o tratamento austero da mãe tinha despertado uma austeridade correspondente nela.

"Sim, *maman*, mas não vou para sair do país. Tenho coisas para acertar, e ainda não estou recuperada o suficiente para viajar".

A condessa argumentou, dizendo que tudo poderia ser resolvido do exterior, que os papeis poderiam ser enviados, que Mr. Goffe poderia cuidar de tudo, e com mais uma demonstração de autoridade insistiu. Ela estava disposta a fazer de tudo para conseguir anular a influência que Daniel Thwaite exercia sobre lady Anna até que a moça ainda estivesse sob o seu domínio. Mas na verdade a moça já não estava mais sob o domínio dela.

"Não, *maman*, eu não vou. Se perguntar para o Sargento Bluestone, ou para Sir William Patterson, estou certa de que eles vão dizer que ninguém pode me obrigar a fazer isso".

Cenas terríveis se sucederam e quase levaram a mãe ao desespero. Lady Anna repetiu para a condessa tudo que tinha dito a lorde Lovel, e jurou sobre a Bíblia que nunca iria se casar com outro homem senão com Daniel Thwaite. Então, a condessa arrancou o livro com violência da mão da filha, e o atirou para o outro lado da sala.

"*Maman*, não fiz nada para a senhora me tratar desta maneira. A senhora não dirigiu uma palavra gentil a mim desde que voltei de Yoxham".

"Se as coisas continuarem assim nunca mais falarei uma palavra gentil para você", disse a mãe.

Mas em meio a tudo isso havia um ponto sobre o qual a duas concordavam, um sobre o qual elas chegaram bem perto de um acordo, apesar da grande diferença que ainda havia entre elas. Boa parte da fortuna em jogo seria transferida para lorde Lovel no dia em que a moça atingisse o poder legal para transferir seus bens. A condessa achava que toda a fortuna de lady Anna deveria ser transferida, não por desconhecer o valor em questão, mas por

achar que o dinheiro estaria mais seguro nas mãos do conde do que com a sua filha. Se conseguissem acertar para que o alfaiate não recebesse nada além da noiva, quem sabe ele não desistiria do casamento. Quem sabe isso não fomentasse uma discórdia que acabaria por cortar o mal pela raiz. Mas lady Anna não concordou. Se pudesse cuidar deste assunto com Mr. Thwaite, ela poderia, imaginava a moça, fazer muito mais pelo primo do que estava sendo proposto. Mas como não teve permissão para saber qual era a opinião de Mr. Thwaite, ela daria apenas metade da sua fortuna para o primo. Mais do que isto ela não podia fazer, a menos que tivesse permissão para falar com Mr. Thwaite. Neste caso, ela propôs repassar algo em torno de dez mil libras por ano ao conde. Mr. Goffe foi chamado, e lady Anna teve permissão para comunicar a sua ideia ao advogado.

"É preciso pensar muito sobre isso", disse Mr. Goffe, muito solene. Lady Anna declarou que pensara muito enquanto estivera acamada. "Mas isto não deve ser feito as pressas", argumentou Mr. Goffe. Então, lady Anna lembrou que enquanto isso, seu primo, o conde, o chefe da sua família, não contava com nenhum recurso para sustentar seu título. Mr. Goffe se despediu, prometendo consultar seu sócio e falar com Mr. Flick.

Mr. Goffe consultou seu sócio e falou com Mr. Flick, e depois foi se aconselhar com o Sargento Bluestone e o Advogado-geral. O Sargento estava cansado dos Lovel e não se deu ao trabalho de dar um conselho que pendesse para um lado e nem para outro. A jovem dama, disse ele, poderia é claro fazer o que bem entendesse depois que atingisse a maioridade; mas ele achava que ela não deveria se precipitar. Apontou ainda o fato de que o conde não tinha direito a nenhuma parcela da fortuna – não mais do que teria se lady Anna tivesse recebido o dinheiro dos parentes da sua mãe em vez do seu pai. E que ele achava que os dois primos ainda poderiam se casar se deixassem as coisas acalmarem um pouco e a moça passasse uma temporada de um ou dois anos fora do país. Lady Anna, no entanto, iria atingir a maioridade dentro de algumas semanas, e depois disso, poderia, é claro, fazer o que bem entendesse da vida.

Mas todos chegaram à conclusão de que seria melhor fazer as coisas de acordo com o que o Advogado-geral dissesse. O Advogado-geral ia se ausentar da cidade por uma semana ou dez dias, para cuidar de um caso importante no interior. Enquanto isso, ele iria pensar na proposta de lady Anna, e dar a sua opinião quando retornasse. Lorde Lovel, porém, era seu cliente, e mais uma vez ele repetiu que era mais vantajoso acertar as coisas de

um modo amigável do que impondo uma oposição hostil. Se o conde conseguisse dez mil libras por ano através de um acordo amigável, isto mostraria para todos que o Advogado-geral estava certo, o que era muito provável, – assim como Mr. Goffe e Mr. Flick acreditavam – que ele não iria criticar tal decisão da família que sempre aconselhou com discrição.

Lorde Lovel, por outro lado, tinha a sua própria opinião. Mr. Flick, é claro, contou para ele sobre a oferta, que na verdade tinha sido feita diretamente a ele pela prima. Nesta época, a sua vida financeira não estava indo nada bem. Um jovem conde, bonito e estimado por todos, geralmente se casa com uma herdeira; se não com uma com outra. Embora ele mesmo fosse um homem pobre, seu título e posição compensariam a falta de dinheiro. E assim teria sido com este jovem conde, que era muito bonito e muito estimado por todos, se todos não soubessem que ele necessitava se casar com uma determinada herdeira. Por conta disso ele se viu impedido de sair em busca de outro pote de mel, uma vez que tinha uma colmeia particular a ele conferida pela opinião pública. Dentro de um ou dois anos ele poderia sair em busca de outra, mas enquanto isso o que iria fazer? Ele estava sem dinheiro e endividado. Assim, escreveu uma carta para seu tio, o pároco.

Convém lembrar que quando tio e sobrinho se despediram em Londres da última vez não foi num clima muito amistoso. Desde então, eles não tinham se visto, nem se comunicado. Os cavalos tinham sido levados embora e vendidos. O pároco falara mais de uma vez sobre o sobrinho em casa com grande amargor da ingratidão do rapaz; e sua esposa e irmã falaram mais de uma vez para o pároco, com uma piedade feminina, sobre a situação de miséria que o jovem lorde se encontrava. Mas tudo não passou de tristeza e pesar. Pois na verdade o pároco não ficaria satisfeito enquanto não fizesse as pazes com o chefe da sua família. Então o jovem lorde escreveu como se nada tivesse acontecido entre eles. Na verdade ele nem estava pensando mais nisso. A carta foi para contar sobre a oferta muito generosa que tinha sido feita. Era um valor que iria tirá-lo da miséria e elevá-lo ao patamar da riqueza; um valor razoável até mesmo para um conde. A sua prima tinha lhe oferecido dez mil por ano. Será que ele deveria aceitar? O pároco recebeu bem a carta, e implorou ao sobrinho que viesse o quanto antes para Yoxham. Ao que o sobrinho atendeu.

"O que Sir William diz?" perguntou o pároco, que apesar de desaprovar tudo que Sir William tinha feito, achava que a opinião do Advogado-geral sobre esta questão devia ser levada em consideração.

"Ele ainda não disse nada. Está viajando".

“Dez mil por ano! Quem fez a oferta?”

“Ela mesma”.

“Lady Anna?”

“Sim, lady Anna. É uma oferta nobre”.

“De fato. Mas se ela não tem direito a nada disso, por que ofereceu esta quantia?”

“Mas ela tem direito a tudo isso; ela e a mãe”.

“Nunca vou aceitar isso, Frederic, nunca. Elas só querem prendê-lo com um compromisso destes”.

“Creio que o senhor está vendo isso sobre o ângulo errado, tio Charles”.

“Bem. Não vou falar mais nada. Não vejo porque você não deveria aceitar; não mesmo. Deveria ser tudo seu de qualquer maneira. Todos dizem isso. Você vai precisar comprar terras, e este valor não vai dar para muita coisa. Espero que mesmo assim consiga, assim como espero que isto se resolva quando você se casar. Depois de casado, você ficará muito melhor do que imaginou”.

“Não vamos falar disso agora, tio Charles”, disse o conde.

No que dizia respeito à opinião do pároco, ficou claro que a oferta deveria ser aceita; mas mesmo assim tudo dependia do que o Advogado-geral dissesse. Então Miss Lovel expressou a sua opinião, que nem concordava e discordava da do irmão. Ela acreditava na legitimidade de lady Anna, apesar de o pároco professar que não acreditava. O pároco e lady Fitzwarren eram talvez as duas únicas pessoas que, depois de tudo que tinha sido dito e feito, ainda afirmavam que a condessa era uma impostora, e que lady Anna era simplesmente Anna Murray. Miss Lovel estava tão ansiosa com a situação do conde quanto seu irmão, mas ela ainda tinha esperanças de que o casamento pudesse acontecer.

“Ainda acho que tudo vai dar certo, se você souber esperar”, disse tia Julia.

“Posso até esperar, mas como vou viver?”

“Você poderia morar aqui, Frederic. Meu irmão iria adorar. Cheguei a pensar que ele fosse aguentar de tanta tristeza quando os cavalos foram levados. Seria apenas por um ano”.

“De que iria adiantar?”

“Até o final do ano ela terá se casado com você”.

“Nunca!” disse o conde.

“Os jovens são muito impacientes”.

“Nunca, de forma alguma, a pedirei em casamento outra vez. Pode tirar isso

da cabeça. Tão certo quanto à senhora está aí na minha frente agora, ela irá se casar com Daniel Thwaite, caso sobreviva mais doze meses".

"Você acha mesmo isso, Frederic?"

"Tenho certeza. Depois do que ela me falou, seria impossível para mim duvidar".

"E ela será lady Anna Thwaite! Céus, que horror. Eu preferia que ela tivesse morrido quando adoeceu; preferia mesmo. Um alfaiate! Mas algo irá impedir isso. Tenho certeza de que a Providência Divina vai interferir para impedir isso!" Mas em referência ao dinheiro, ela concordou. Se o grande advogado dissesse que deveria ser aceito, então deveria. No final da semana, o conde voltou às pressas para Londres para se encontrar com o grande advogado.

CAPÍTULO XL

NÃO ACONTECEU DESGRAÇA ALGUMA

Antes do Advogado-geral retornar para a cidade as coisas pioraram ainda mais. Com três dias de antecedência, lady Lovel mandou a filha se preparar para partir para Paris num determinado dia e hora; mas lady Anna se recusou. Mesmo assim a condessa arrumou as suas coisas e as da filha. Nesta altura Sarah tinha conquistado a confiança da condessa, de modo que lady Anna não tinha domínio nem mesmo sobre as suas próprias roupas. As malas foram arrumadas, e todas as providências necessárias para a viagem foram tomadas; mas lady Anna se recusava a ir, e quando chegou a hora ninguém conseguiu convencê-la a subir na carruagem. O aluguel do apartamento tinha sido pago até aquela data; o que deixou a senhoria da Keppel Street transtornada. Então a condessa, por uma questão de necessidade, adiou a viagem por vinte e quatro horas, dizendo a filha que no dia seguinte iria recorrer à ajuda do juizado de menores para forçar a rebelde a obedecer.

Ao longo daqueles três dias, mãe e filha praticamente não se falaram. A comunicação ocorreu na base de recados, e uma ou duas vezes a condessa irrompeu no quarto de lady Anna, exigindo obediência. Lady Anna estava na cama nas duas vezes, e, deitada, chacoalhava a cabeça, e depois entre soluços acusava a condessa de estar sendo cruel. Lady Lovel tornou-se uma pessoa agressiva, não sabia direito o que fazia ou dizia, sempre impondo sua autoridade, declarando seu próprio poder e reclamando da ingratidão da filha. A sua agressividade era tamanha que a criada pessoal da moça ficou com tanto medo que pensou em abandonar o emprego sem aviso prévio, embora o salário e a glória de servir a uma condessa rica, mas violenta, compensasse. E a senhoria ansiava por se ver livre das suas inquilinas, apesar de sempre ter recebido o aluguel em dia e nunca ter sido questionada pelas cobranças adicionais. Lady Anna andava calada e taciturna. Quando sozinha, passava o tempo na sua escrivaninha, que sempre mantinha trancada. As refeições eram servidas no seu quarto, tamanho o clima de desconforto entre mãe e filha.

No dia da partida que não aconteceu, a condessa escreveu pedindo ajuda a Mr. Goffe – e lady Anna, com a ajuda da senhoria, escreveu para o Sargento Bluestone. A carta para Mr. Goffe foi o primeiro passo da condessa no sentido

de tentar conseguir ajuda das autoridades para exercer o seu direito legal sobre a filha. Lady Anna escreveu para o Sargento, implorando apenas que ele viesse vê-la, e entregou a sua carta aberta à senhoria. Ela implorava que ele viesse o mais rápido possível – e, assim, ele compareceu a Keppel Street naquela noite, enquanto Mr. Goffe só apareceu na manhã seguinte. Ele perguntou pela condessa, e foi conduzido à sala. Não demorou muito para que tudo ficasse claro, pois a condessa nem se deu ao trabalho de tentar esconder a gravidade da situação. A sua filha estava se rebelando contra a sua autoridade, e ela tinha certeza de que o Sargento poderia ajudá-la a derrubar tal obstinação. Mas não demorou muito para ela descobrir que o Sargento não iria ajudá-la.

"Mas lady Anna será maior de idade dentro de um ou dois dias", disse ele.

"Somente daqui a quase dois meses", disse a condessa, indignada.

"Minha cara lady Lovel, sob tais circunstâncias, será muito difícil a senhora conseguir impor restrições a ela".

"Por que não? Ela é menor de idade ou não é. Até que seja menor de idade terá de me obedecer".

"É verdade. Neste caso, ela terá de obedecê-la, assim como é verdade que ela será maior de idade dentro de um mês. Mas tais obrigações raramente são impostas aqui na Inglaterra, a menos que tenham um motivo".

"Lei é lei".

"Sim, mas a lei estaria do lado dela antes de a senhora conseguir usufruir de seus direitos; isso se a senhora conseguir. Na situação em que se encontra, é natural que ela opte por esperar até poder agir por si mesma. Ela terá à sua disposição, uma imensa fortuna, e é claro que vai preferir estar perto daqueles que poderão lhe aconselhar".

"Eu sou a melhor guardiã. Eu posso aconselhar". O Sargento balançou a cabeça. "O senhor não vai me ajudar?"

"Sinto não poder ajudá-la, lady Lovel".

"Não vai me ajudar, apesar de saber os motivos que me levam a tirá-la da Inglaterra antes que ela escape das minhas mãos e acabe com todas as nossas esperanças?" Mas mesmo assim, o Sargento balançou a cabeça. "Estão todos contra mim", disse a condessa, erguendo as mãos ao alto em desespero.

Depois disso, o Sargento pediu licença para falar com lady Anna, mas ouviu que não podia, pois ela estava acamada, e não havia nada que justificasse receber a visita de um cavalheiro em seu quarto.

"Sou um homem velho", disse o Sargento, "e sempre me mostrei um amigo

fiel e verdadeiro para com a moça. Creio, lady Lovel, que a senhora estará cometendo um erro ao recusar meu pedido. Neste caso, serei obrigado a interferir a favor dela. Ela mandou me chamar, e sinto-me no dever de atender ao pedido dela".

"Ela mandou chamá-lo?"

"Sim, lady Lovel. Aqui está a carta dela".

"Ela me enganou novamente", disse a condessa, rasgando a carta em mil pedaços. Mas o Sargento conseguiu intimidá-la a tal ponto, que ela foi induzida a permitir que Mrs. Bluestone viesse visitar lady Anna na manhã seguinte, estipulando, no entanto, que Mrs. Bluestone falasse com ela antes de subir.

Na manhã seguinte. Mr.Goffe chegou cedo. Mas não conseguiu dar o conforto pelo qual sua cliente ansiava. Ele, no entanto, sentiu-se menos desconfortável do que o Sargento. Em sua opinião, lady Anna certamente deveria sair do país, de acordo com a vontade da sua mãe, e ele até se dispôs a falar sobre isso para ela, com a toda a sua autoridade legal; mas não pôde dizer que havia algo que pudesse ser feito para forçá-la a obedecer. Mr. Goffe sugeriu então que se talvez a condessa falasse com gentileza, pudesse dar certo.

"Falar com jeitinho!" exclamou a condessa, que mal estava conseguindo se conter. "As palavras mais duras são boas demais para ela. Se eu soubesse que ela seria assim, Mr. Goffe, não teria feito tudo que fiz. Eles que dissessem o que quisessem de mim e tudo bem".

Quando Mr. Goffe chegou ao andar de baixo já não tinha mais nada a dizer sobre a eficácia da gentileza. Apontou apenas que não acreditava que a moça pudesse ser induzida a partir, e sugeriu que seria melhor esperarem até o Advogado-geral voltar.

Em seguida, Mrs. Bluestone chegou, e quase topou com o advogado; pobre Mrs. Bluestone, que via tudo aquilo como uma grande injustiça contra ela e seu marido, que não tinham nada a ver com a família Lovel! Ela se mostrou extremamente formal, pois, na verdade, estava muito assustada. O Sargento tinha pedido que ela fosse visitar lady Anna Lovel. Será que ela poderia ver a moça? Então a condessa disparou com uma longa história sobre todos os seus erros – sobre toda a sua vida. Contou tudo: como todos ficaram contra ela, de como ela se sentira sozinha na sombria e distante Grange, como foi traída pelo marido e como acabou miserável e desprezada, como tinha aberto mão de tudo pelo bem de uma criança que era, pelas leis de Deus e dos homens, a herdeira

do seu pai, como ela tinha perseverado; misturando a tudo isso uma certa veneração das altas honras e hereditariedade com o qual Mrs. Bluestone até certo ponto conseguiu concordar. Ela era inteligente, e as palavras fluíam. Era praticamente impossível que qualquer ouvinte não acabasse se solidarizando com ela, qualquer ouvinte que soubesse que as suas palavras eram verdadeiras. E tudo que ela tinha contado era verdade. As coisas narradas tinham acontecido; as maldades suportadas, e o fim de tudo isso, ela achava, estava próximo. E a ouvinte era da mesma opinião da locutora no que dizia respeito ao casamento com o alfaiate, assim como a locutora acreditava como sendo a melhor opção o casamento com o lorde. Mas mesmo assim havia algo nos olhos da mulher, algo no tom da sua voz, algo nos movimentos das suas mãos enquanto ela contava a história, que levou Mrs. Bluestone a pensar que seria melhor tirar lady Anna do domínio da mãe, o quanto antes. Era certo apoiar a família Lovel, assim como era correto que lady Anna fosse mantida dentro dos limites da posição que ocupava. Mas havia coisas piores do que a deserção de lady Anna, e muito piores do que a própria queda dos Lovel.

Após quase duas horas ouvindo a condessa, Mrs. Bluestone foi conduzida ao andar de cima.

"Mrs. Bluestone veio vê-la", disse a condessa, sem entrar no quarto, e afastando-se assim que fechou a porta.

"É muita gentileza sua, Mrs. Bluestone", disse lady Anna, que estava agachada, de penhoar, próxima a lareira. "Mas imaginei que o Sargento viesse". A senhora, apanhada de surpresa, disse que o Sargento tinha vindo no dia anterior. "E *maman* não me deixou vê-lo! Mas a senhora vai me ajudar!"

Nesta conversa, assim como a do andar de baixo, uma longa história foi contada a visitante, e foi contada com uma energia tão eloquente que ela certamente não esperava.

"Falavam para mim sobre damas", disse lady Anna. "Mas eu não era uma dama. Eu não sabia nada sobre damas e suas obrigações. Eu era uma menina pobre, que não tinha nenhuma amiga além da minha mãe, às vezes não tinha nem sapatos para calçar, vivia em trapos, solitária, não sabia nada sobre damas. Então apareceu um garoto, que brincou comigo, e foi *maman* que nos aproximou. Ele brincou comigo, me deu coisas, me ensinou muito e me amou. Então quando ele pediu que o amasse também, e que o amasse para sempre, era para eu ter pensando que não poderia, por que eu era uma dama? Vocês o desprezam só por que ele é um alfaiate. Um alfaiate que foi bom para mim, quando ninguém mais foi. Como eu poderia desprezá-lo só por que ele era um

alfaiate? Eu não o desprezei, mas o amei com todo meu coração".

"Mas quando você ficou sabendo quem era, lady Anna…"

"Sim. Eu fiquei sabendo quem eu era, e fui apresentada ao meu primo, e disseram que eu deveria amá-lo, e assim me tornar uma dama de verdade. Por um tempo, achei que deveria fazer isso. Achei que seria bom ser uma condessa, e circular entre pessoas importantes; e ele era agradável, e achei que eu seria capaz de amá-lo também, e fazer o que estavam me pedindo. Mas ao pensar melhor, ao analisar sozinha, senti ódio de mim mesma. No fundo eu o amei como um amigo. E quando lorde Lovel se declarou em Bolton e disse que eu precisava lhe dar uma resposta, falei toda a verdade. Fiquei feliz por ter dito toda a verdade. Ele não deveria ter insistido depois disso. Se Daniel é uma criatura tão baixa só porque é um alfaiate, então sou baixa porque o amo? O que é ele então se ainda insiste em casar-se comigo depois de tudo que falei?"

Mrs. Bluestone deixou o quarto praticamente convencida de que a moça iria se tornar lady Anna Thwaite, e compartilhou com a condessa a sua opinião.

"Por Deus do céu!" exclamou a condessa, levantando-se da cadeira. "Por Deus do Céu, ela nunca será".

Mas depois disso, a condessa desistiu do seu projeto de forçar a filha a sair do país. A senhoria foi informada que o apartamento ainda continuaria ocupado por mais algumas semanas, talvez por meses; e depois de discutir o assunto com Mrs. Bluestone, ela acabou concordando.

Finalmente Sir William voltou, e foi cercado de todos os lados, como se estivesse em suas mãos o poder de decidir o destino da família Lovel. Mr. Goffe e Mr. Flick tiveram um particular com ele, e até mesmo o Sargento Bluestone apelou ao nobre colega. O jovem conde estava a portas fechadas com Sir William, no dia do seu retorno, quando o advogado encontrou o seguinte recado da condessa em cima da sua mesa:

"A condessa Lovel apresenta seus comprimentos ao Advogado-geral. A condessa anseia por partir da Inglaterra com a filha, mas tem sido impedida pela teimosia da mesma. Sir William Patterson está tão a par de todas as circunstâncias que sem dúvida pode aconselhar a condessa sobre um meio de forçar a filha a obedecê-la. A condessa Lovel jamais teria procurado o Advogado-geral nestes termos, não fosse a sua ansiedade de fazer de tudo pelo bem do conde Lovel e da família".

"Veja isso, milorde", disse o Advogado-geral, mostrando ao conde a carta. "Não posso fazer nada por ela".

"O que ela quer?"

"Ela quer levar a filha para longe do alcance de Mr. Thwaite. Não estou nem um pouco surpreso, mas ela não pode fazer isso. Foi-se o tempo quando uma mãe podia trancar uma filha no quarto, ou levá-la para longe à força; pelo menos neste país".

"Isto é muito triste".

"Pode piorar. Por que ela não pode ser casar com Mr. Thwaite? Os dois que se acertem, a moça que siga o seu caminho. Ela vai seguir seu caminho, quer a mãe queira ou não".

"Isto será uma desgraça para a família, Sir William".

"Nem tanto! Quantas filhas de nobres não se casam com plebeus na Inglaterra. As coisas aqui não são como em alguns países germânicos onde o sangue nobre é separado por uma barreira do sangue que não é nobre. Disseram que o homem é inteligente e honesto. Ele vai ter uma bela fortuna à sua disposição, e não vejo por que ele não possa vir a ser um cavalheiro tão bom quanto o melhor de nós. De qualquer maneira ela não pode ser obrigada a nada".

Sir William respondeu a carta da condessa por educação, mas não ofereceu conforto em sua resposta.

"O Advogado-geral apresenta seus comprimentos a condessa Lovel. Apesar da boa vontade, sente, mas não pode interferir entre a condessa e lady Anna Lovel. Mas, se puder dar um aconselho, ele diria que como lady Anna dentro de pouco tempo atingirá a maioridade, a condessa não deveria tentar exercer nenhum tipo de controle que perderá o efeito quando esta data chegar". "Estão todos contra mim", disse a condessa, depois de ler a carta. "Todos eles. Mas mesmo assim isto não vai acontecer. Não viverei para ver isso".

Depois disso aconteceu uma reunião entre Mr. Flick e Sir William. Mr. Flick deveria informar às damas que nada poderia ser feito antes que lady Anna atingisse a maioridade; que nenhuma instrução dada por ela deveria ser seguida antes desta data. Se, nesta data, ela ainda estivesse disposta a dividir a sua fortuna com o primo, então ela deveria instruir Mr. Goffe a tomar as medidas necessárias.

Tudo isso foi comunicado por carta para a condessa, mas Mr. Goffe pediu que a carta fosse mostrada para lady Anna, e que ele deveria receber uma resposta confirmando que lady Anna estava ciente do seu teor. Caso fosse necessário, ele poderia lhe fazer uma visita na Keppel Street. Depois de muito pensar e analisar, a condessa mostrou a carta do advogado para a filha, e lady

Anna escreveu a resposta, dizendo que entendia perfeitamente o teor da carta de Mr. Goffe, e que agradeceria se ele comparecesse à sua casa no dia dez de maio, quando a questão poderia, ela esperava, ser acertada.

CAPÍTULO XLI
CADA VEZ MAIS PERTO

Assim, elas seguiram vivendo na mais profunda tristeza até a chegada de maio, quando lady Anna finalmente foi dada como curada.

Numa noite, passado da meia noite, a condessa entrou no quarto da filha e sentou ao lado da cama. Lady Anna dormia profundamente, e a condessa ficou sentada, observando. O aniversário da moça já tinha passado, e ela já era maior de idade. Mr. Goffe tinha estado a sós com ela e depois com a mãe por duas manhãs consecutivas, Sir William Patterson também tinha estado com elas, e instruções sobre a fortuna foram dadas, sobre as quais as devidas providências estavam sendo tomadas. Do montante que cabia a lady Anna, a maior parte passaria para o conde. Enquanto isto estava sendo acertado nada foi dito sobre Daniel Thwaite, ou sobre o casamento com o lorde. O acerto foi feito como se não fosse nada demais; e todos ficaram surpresos – a mãe, o Advogado-geral e Mr. Goffe – com a determinação e total compreensão de lady Anna de tudo que estava sendo feito. Quando a coisa toda se concretizou – o abandono de toda aquela fortuna – a condessa ficou agitada e descontente. Ela também ansiava que lorde Lovel tivesse acesso ao dinheiro, mas seu desejo estava atrelado a um objetivo, que agora estava mais longe do que nunca de ser atingido. Mas o dinheiro em questão não era seu, e sim da sua filha, e ela não fez nenhuma objeção quanto ao procedimento. As instruções foram dadas, e tudo estaria concretizado antes do final do mês.

Foi na noite de onze de maio que a condessa sentou-se ao lado da cama da filha. Nas mãos ela tinha uma vela, e lá ficou observando a moça dormindo. Pensamentos desconexos e sentimentos antagônicos passaram pela sua cabeça e coração. Aquela era a sua única filha, a única coisa que ela tinha para amar, o único laço que tinha com o mundo. Mas pelo bem da sua menina, seria melhor que ela morresse. E se a sua filha fizesse aquele casamento, que acabaria transformando a sua vida num fardo, seria bem melhor que ela morresse! Ela não tinha medo de morrer, assim como não tinha medo do que viria depois da morte, mas com um medo covarde ela temia o tormento do seu fracasso caso a menina se casasse com Daniel Thwaite. Se isto acontecesse, ela nunca mais iria querer colocar os olhos na filha, e a vida então se apagaria. Sabia que ainda que se afastasse do mundo, todos iam ficar sabendo

sobre o seu fracasso, e iriam imaginar que ela estava se corroendo de tristeza. Se a moça tivesse feito o que a sua mãe tinha proposto, se tivesse se unido aos seus, e seguido pelos caminhos que tinham sido abertos, com que devoção e carinho, beijos e bênçãos, ela, a mãe teria assistido a jovem condessa e feito de tudo para abrilhantar o mundo para a noiva de sangue nobre. Mas um alfaiate! Oh! Que criatura vil era sua filha para se rebaixar a um amor como aquele!

Ela, no entanto, reconhecia consigo mesma que o apego da moça era daqueles que ela não tinha poder para por um fim. Nem a hera que se agarra ao tronco de uma árvore frondosa é mais leal do que era a sua filha àquele homem miserável. Mas a moça deveria morrer, ou o alfaiate deveria morrer, ou ela, a mãe infeliz, deveria morrer, pois só assim toda essa tristeza teria um fim. Nada além da morte conseguiria colocar um fim àquela situação insuportável. Pensamentos e visões violentas passaram pela sua cabeça: dela levando a menina embora à força, prendendo-a, obrigando-a dia após dia a se render a uma submissão infantil e quase patética. Mas para fazer a moça ceder a tal obediência seria necessário a ajuda de fora que ela em vão tentara obter junto aos advogados. Tais esperanças tinham se desfeito, e não restou nada além da morte.

Por que a moça não tinha partido quando estava prestes a partir? Por que não tinha morrido quando parecia que Deus queria tanto levá-la? Uma leve indiferença, um pouco menos de cuidados, o mais leve descuido poderia ter dado cabo daquilo que agora era tão almejado, mas que ao mesmo tempo estava tão fora de alcance! Sim; tão almejado! Para o bem de quem, seria bom que uma vida tão degradada devesse se prolongar? Mas não haveria tal escapatória. Com os olhos fixos no vazio, com a mente agitada, ela por concluir que até seria capaz de se matar, mas que não teria coragem de matar a própria filha.

Mas, se destruísse a si mesma, não haveria vingança alguma nisso. Porém, se pudesse ficar sozinha com aquele alfaiate desclassificado em um barquinho em alto mar, então ela puxaria o tampão e enquanto os dois afundavam, ela jogaria na cara dele tudo que ele tinha feito; esta sim seria a cura para o mal. Mas não havia o mar, e nem o barquinho. Já a morte estava ao seu alcance.

Então, ela pousou a mão sobre o ombro da moça, e lady Anna despertou.

"Oh, *maman*! É a senhora?"

"Sou eu, minha filha".

"*Maman*, *maman*, aconteceu alguma coisa? Oh, *maman*, me beije". A

condessa se abaixou e beijou a filha carinhosamente. "*Maman*, querida, *maman*, querida!"

"Anna, você faria uma coisa para mim? Se eu nunca mais falar sobre lorde Lovel, você promete que esquecerá Daniel Thwaite?" Ela fez uma pausa, mas lady Anna não estava pronta para dar uma resposta. "Você não pode me prometer pelo menos isso? Diga que irá esquecê-lo até o dia que eu me for".

"For, *maman*? Mas você não está de partida!"

"Até o dia que eu morrer. Não viverei por muito mais tempo, Anna. Diga ao menos que você não irá vê-lo ou mencionar seu nome por doze meses. Com certeza, Anna , você pode fazer pelo menos isso por uma mãe que fez tanto por você". Mas lady Anna não conseguiu fazer tal promessa. Apenas afundou o rosto no travesseiro e permaneceu calada. "Responda, minha filha. Tenho o direito de exigir pelo menos uma resposta".

"Darei uma resposta amanhã, *maman*". Então a condessa caiu de joelhos ao lado da cama e deu início a uma oração longa e inocente, endereçada em parte a Deus, e em parte à pobre menina que estava deitada na cama, suplicando com uma ânsia louca e fervorosa que aquele mal se afastasse dela. Então ela envolveu a filha num abraço e quase a sufocou de tanto beijar. "Minha filha única, minha querida, minha linda, meu tudo; salve a sua mãe de algo pior do que a morte, se puder… se puder!"

Se tal demonstração de carinho tivesse ocorrido antes, quem sabe não teria surtido mais efeito. Mas agora, embora a filha estivesse sentindo-se afetada e abalada, embora tenha sido deixada aos prantos e afogando-se em lágrimas, ela só conseguia se lembrar do modo como a mãe a tratara ao longo dos últimos seis meses. Se o pedido tivesse sido feito um ano antes, talvez houvesse sido consentido; mas agora, depois de tanta crueldade, tinha sido em vão. Dez vezes durante a noite ela disse que iria ceder, e dez vezes novamente disse a si mesma que se cedesse agora seria uma escrava para sempre. E assim, acabou por decidir, fosse certo ou errado; mas mesmo assim com uma forte determinação e grande propósito, que não iria se deixar desviar do seu caminho, e quando se levantou na manhã seguinte, estava ainda mais determinada. E foi até o quarto da mãe e falou sem rodeios sobre as suas intenções.

"*Maman*, não posso atender ao seu pedido. Pertenço a ele, e não posso esquecê-lo ou ter vergonha do seu nome; nem por um dia sequer".

"Então fique longe de mim, sua ingrata de coração duro, filha desnaturada, desprezível cruel e corrompida. Fique longe de mim para sempre, se

possível!”

Depois disso, elas se afastaram pela segunda vez, cada uma fazendo suas refeições no próprio quarto; e Mrs. Richards, a senhoria, mais uma vez foi falar com Mrs. Bluestone, declarando que estava com receio de que algo pudesse acontecer, e que rezava para se ver livre da presença daquelas duas. Mrs. Bluestonte teve de explicar que o apartamento tinha sido alugado por mais três meses, e que mãe e filha não podiam ser colocadas no olho para rua só porque estavam vivendo às brigas uma com a outra. A senhora, como era natural, subiu o valor do aluguel; mas mesmo assim não conseguiu o que queria.

No dia quinze de maio, lady Anna escreveu uma carta para Daniel Thwaite, e enviou uma cópia para sua mãe antes de enviá-la. A carta consistia de duas linhas apenas:

Querido Daniel,
Peço que venha me ver, aqui. Se tiver disponibilidade, peço que venha na terça-feira, por volta das treze horas.
Da sua querida,
Anna.

“Diga para *maman*”, disse ela para Sarah “que pretendo sair e colocar esta carta no correio ainda hoje”.

A carta estava endereçada a Wyndham Street, e a condessa sabia que Daniel Thwaite não estava morando mais lá.

“Diga para ela”, disse a condessa. “Diga para ela… De que adianta dizer qualquer coisa para ela? Tranque a porta depois que ela sair. Ela não precisa voltar mais”. O recado foi dado para lady Anna, mas mesmo assim ela despachou a carta e depois seguiu para a Bedford Square. Mrs. Blusetone a levou de volta para a keppel Street; mas a porta foi aberta por Mrs. Richards, que não impediu lady Anna de entrar, e assim Mrs. Bluestone voltou para casa sem pedir para ver a condessa.

Isso aconteceu no sábado, mas na terça-feira Daniel Thwatie não apareceu na Keppel Street. A carta é claro tinha sido entregue no endereço antigo, e foi devolvida na Wyndham Street na segunda-feira, no final da tarde, despertando é claro muita curiosidade e especulações. Na terça-feira à tarde, a carta foi entregue na residência de Daniel Thwaite na Great Russell Street, mas ele estava fora, andando pelas ruas como de costume, reclamando consigo mesmo

da falta de ocupação e pensando o que poderia fazer para ficar com a sua noiva. Ele sabia que ela tinha atingido a maioridade, e disse para si mesmo que iria dar a ela um mês, contando daquele dia, para lhe fazer uma visita para saber o que ia ser da vida deles. O aniversário tinha sido há poucos dias, e até agora ela não tinha tomado a iniciativa de escrever para ele.

Assim que entrou em casa ele recebeu a carta, e na manhã seguinte, na quarta-feira, um dia depois da data marcada por lady Anna, ele planejou o que iria fazer. Tomou seu desjejum às oito, ciente de que seria inútil sair da cama mais cedo, depois seguiu para a Keppel Street, e deixou um recado com Mrs. Richards de que ele voltaria às treze horas para falar com lady Anna.

"Diga para lady Anna que só recebi o recado dela ontem à noite".

Depois disso, ele foi para o hotel na Albermale Street, onde sabia que lorde Lovel estava morando. Já passava das nove quando ele chegou lá, e o conde ainda não tinha saído do quarto. Daniel, no entanto, mandou chamá-lo e o conde pediu que ele o aguardasse na sala de estar.

"Diga para Mr. Thwaite que não demorarei mais do que quinze minutos".

O alfaiate foi conduzido à sala onde havia uma mesa de café da manhã posta, e aguardou.

Ao longo das últimas semanas muitas coisas tinham sido ditas ao conde sobre Daniel Thwaite, especialmente pelo Advogado-geral.

"Esteja certo de que ela vai se casar com ele", tinha dito o Advogado-geral "e eu o aconselharia a aceitá-lo como marido dela. Ela não é mais aquela menina que imaginávamos que fosse. Ela é determinada, e muito franca. Persistente, se permite, e, persistente até as últimas consequências. Mas ela é generosa. Permita que ela se case com quem quiser, não a abandone. Você só tem a ganhar se conquistar a estima dela, e se eu não estiver enganado, se conquistar a dele também. Aceite os dois, e faça de tudo por eles. Dentro de cinco anos, ele estará no Parlamento, gostando ou não. Dentro de dez anos, será Sir Daniel Thwaite, se o quiser. E dentro de quinze, lady Anna será apoiada por ter feito um casamento tão bom". Lorde Lovel nessa época estava disposto a concordar com tudo que seu grande conselheiro dissesse, e por conta disso estava pronto para pegar Daniel Thwaite pela mão.

Ele de fato trocou um aperto de mão com o rapaz quando entrou na sala, animado pelo banho, vestindo um robe de seda curto estampado que os jovens estavam usando naquela época, com chinelos bordados nos pés e um sorriso no rosto.

"Ouvi falar muito sobre o senhor, Mr. Thwaite", disse ele "e estou feliz por

finalmente conhecê-lo. Sente-se, por favor. Espero que ainda não tenha tomado seu café da manhã".

Pobre Daniel foi apanhado de surpresa. O jovem lorde sempre fora seu inimigo, um inimigo porque ele tinha sido o adversário da condessa e da sua filha, um inimigo por que era um conde ocioso, um inimigo por que era seu rival. Apesar de então ter quase certeza de que este último fator de inimizade já não fosse mais um obstáculo. Além do mais, ele tinha vindo ter com o conde por motivos pessoais, e não acreditava que devesse existir nenhum tipo de camaradagem entre eles. Ele pegou na mão estendida, mas segurou sem jeito, e então sentou.

"Obrigado, milorde, mas já tomei meu desjejum há algum tempo. Se preferir, posso dar uma volta e retornar mais tarde".

"De forma alguma. Posso comer enquanto você fala. Aceite uma xícara de chá ao menos". O Conde tocou a sineta, pedindo outra xícara e pôs-se a passar manteiga na sua torrada.

"Creio que o lorde sabe que há muito estou noivo da sua prima, lady Anna Lovel".

"Sim, eu soube".

"Por ela mesma".

"Bem, sim. Ela mesma me contou".

"Tive permissão para vê-la apenas uma vez ao longo dos últimos oito ou nove meses".

"Isto não foi por minha culpa, Mr. Thwaite".

"Quero que o senhor entenda, milorde, que não estou interessado no dinheiro dela".

"Certamente não o acusei disso".

"Mas eu tenho sido acusado. Estou indo vê-la agora, se me deixarem entrar. Vou pressioná-la a marcar uma data para o nosso casamento, e se ela marcar, não deixarei pedra sobre pedra até conseguir me casar. Ela tem o direito de fazer o que bem entende da sua vida, e nada vai me impedir, se este for o desejo dela".

"Certamente não vou interferir".

"Fico feliz em saber, milorde".

"Mas não posso responder pela mãe dela. O senhor não vai ficar surpreso, Mr. Thwaite, se lady Lovel se manifestar contrária a tal casamento".

"Ela não foi contrária à companhia do meu pai e a minha por alguns anos; nem há doze meses. Mas não direi nada sobre isso. Ela que seja contrária. Não

podemos fazer nada. Vim para lhe dizer que espero que algo possa ser feito com relação ao dinheiro antes de ela se casar comigo. As pessoas dizem que o senhor deveria ficar com tudo".

"Quem diz isso?"

"Não sei dizer, talvez todo mundo. Mesmo que todos os xelins passassem a ser seus eu ainda estaria disposto a me casar com ela, amanhã mesmo. Recebi o que me deviam, e isto é o suficiente para mim. Quanto ao que é dela agora, e o que talvez, venha a ser seu, não vou interferir. Quando ela for minha esposa, cuidarei do que for dela e dos filhos que ela tiver; mas quanto ao que venha a ser feito antes disso, não quero nem saber".

Ao ouvir isso, o conde contou para ele toda a história do acordo que estava em progresso, como a fortuna de fato seria dividida em três partes, das quais a condessa iria ficar com uma, ele outra, e lady Anna, outra.

"Será suficiente para todos nós", disse o conde.

"E muito mais do que suficiente para mim", disse Daniel enquanto se levantava para ir embora. "Agora seguirei para a Keppel Street".

"Desejo-lhe boa sorte", disse o conde.

Mais uma vez os dois trocaram um aperto de mãos; o lorde se mostrou satisfeito e bem humorado, e o alfaiate ficou envergonhado e meio acabrunhado. Ele sabia que o jovem nobre o tratara bem, e foi um desapontamento para ele que um nobre pudesse se comportar bem.

Mesmo assim, enquanto seguia a passos lentos rumo a keppel Street, pois tinha tempo de sobra, ele começou a sentir que finalmente estava prestes a conquistar o maior de todos os prêmios.

CAPÍTULO XLII

DANIEL THWAITE VAI A KEPPEL STREET

Até mesmo os Bluestone estavam convencidos de que lady Anna Lovel deveria ter permissão para se casar com o alfaiate de Keswick, e que seria correto que nenhum impedimento fosse colocado. Mrs. Bluestone ficou sabendo, enquanto acompanhava a moça de volta a Keppel Street, do propósito da carta e do convite que tinha sido feito a Daniel Thwaite. O Sargento então declarou que a moça deveria seguir seu caminho, e o Advogado-geral, que também ficou sabendo, mostrou-se totalmente de acordo. Era um absurdo ir contra a vontade dela. Ela já era senhora de si. Tinha mostrado competência para cuidar dos seus negócios. A condessa precisava entender que seria melhor ceder de uma vez por todas. Foi nesta ocasião que ele fez aquela profecia para o conde sobre o futuro sucesso do alfaiate sortudo, e depois ele escreveu uma longa carta para a condessa, incitando vários motivos pelos quais a filha deveria ter permissão para se casar com Mr. Daniel Thwaite. "*Vossa Senhoria chegou longe",* escreveu o Advogado-geral *"e até mesmo com relação a este casamento a senhora terá a satisfação de comprovar que o homem é respeitável em muitos aspectos e muito educado. Ouvi dizer que é estudado, muito mais culto do que a maioria que vive no meio que ele vivia até bem pouco tempo, e que é sensível e nobre. O modo como ele tem insistido na união com a sua filha já é uma prova por si só. E creio que Vossa Senhoria tem a obrigação de se lembrar de que ele não teria se tornado um humilde trabalhador se os recursos reservados ao seu futuro não tivessem sido usados para apoiar e socorrer a sua causa. Estou ciente do sentimento de gratidão que a senhora nutre pelo pai; mas creio que a senhora deve ter em mente, pelo bem do filho, que ele é o que é hoje por conta do forte laço de amizade que o pai tinha com Vossa Senhoria*". E a carta se estendeu muito mais, reforçando a opinião de Sir William de que a condessa deveria abrir de uma vez por todas as portas para Daniel Thwaite.

Nem é preciso dizer ao leitor o quanto a condessa ficou contrariada com a carta. As palavras não tocaram nem de longe seu coração, tão pouco mudaram sua opinião. Gratidão, sim! Mas se todo o resultado do esforço, pelo qual o

receptor tem a obrigação de ser grato, fosse neutralizado pela ganância daquele que conferiu o favor, se tudo que foi dado fosse devolvido em dobro, que espaço sobraria para a gratidão? Se alguém consegue arrancar a carteira de outra pessoa das mãos de um ladrão, mas depois tem que trabalhar dobrado pelo que tinha dentro da carteira, então seria melhor ter deixado a carteira com o ladrão. Disseram que seria melhor que ela aceitasse o alfaiate como genro, pois seria inevitável. Eles que esperassem para ver se ela não ia conseguir evitar isso. Todos seriam obrigados a reconhecer que tudo que ela estava fazendo era para preservar pura e imaculada a honra da família.

Mas o que ela poderia fazer? Vestir um vestido de festa e colocar um sorriso no rosto e seguir para a igreja acompanhada de uma tropa de advogados e suas esposas para ver a sua filha se casar com um trabalhador estava fora de questão. Nem por um ato, palavra ou sinal ela iria abrir mão da sua autoridade de mãe a favor de um casamento tão vergonhoso. Se a sua filha se tornasse lady Anna Thwaite, as duas, mãe e filha, nunca mais iriam se ver. Disso ela tinha certeza. Mas será que era possível ter certeza de algo? Poderia tentar, ao menos.

Então lhe ocorreu uma ideia maluca, uma ideia que era em si uma prova de insanidade, de uma glória que seria sua se ela conseguisse impedir o casamento. Seu nome já estaria marcado se cedesse a tal causa; que fosse destruído de um jeito ou de outro, então. Ela passou horas pensando, e entre um pensamento e outro dizia para si mesma que ainda poderia fazer algo.

A carta de Sir William tinha sido entregue no final da terça-feira – e aquela noite ela passou em claro. O alfaiate, conforme ela tinha sido informada, tinha sido convidado para comparecer naquele dia, e ela tinha se preparado; mas ele não apareceu. Ela concluiu que a carta, que tinha sido enviada para seu endereço antigo, não tinha chegado até ele. Durante aquela noite ela escreveu uma longa resposta para Sir William em causa própria, discorrendo sobre seus sentimentos, e justificando qualquer atitude desesperada que viesse tomar. Mas, depois de passar a carta a limpo, dobrá-la e selar devidamente com o brasão dos Lovel, ela trancou a carta na sua escrivaninha, e não a enviou ao destinatário nem mesmo na manhã seguinte. Quando o dia amanheceu, logo depois das oito, Mrs. Richards trouxe o recado que Daniel tinha deixado na porta. “Devo permitir que ele entre, milady?” indagou Mrs. Richard com as mãos erguidas em súplica. A senhora gostava muito de lady Anna, mas temia a condessa, e por isso não ousou agir sem o consentimento da mãe. A condessa pediu que a senhora voltasse dentro de uma ou duas horas para saber a

resposta, e na hora marcada Mrs. Richards, cheia de importância pelo seu trabalho, dividida entre a satisfação e o medo, subiu novamente as escadas. “Devemos permitir que ele entre, milady? Deus sabe o quanto tem sido difícil para mim, que ao longo dos últimos três meses venho pisando em ovos.” A condessa instruiu então com toda calma que quando Mr. Thwaite chegasse, ele fosse conduzido à sala.

“Eu mesma receberei Mr. Thwaite, Mrs. Richards; mas é melhor que a minha filha não saiba nada sobre a vinda dele”.

Depois disso ocorreu uma confabulação no andar de baixo quanto ao que deveria ser feito. Muito se discutiu sobre isso, mas no fim as conclusões sempre acabavam pendendo a favor da condessa. Mrs. Richards por medo, e a criada da moça por fidelidade a patroa. Pobre lady Anna neste momento teve de lutar as suas batalhas sem nenhum aliado. Justamente, agora que ela contava com tantos aliados, justamente quando tantos ansiavam por apoiá-la, até mesmo os Bluestone, que tinham sido tão severos durante a sua estada com eles; mas estes aliados nunca estavam por perto para ajudá-la, nem mesmo com uma palavra de consolo.

E assim, quando Daniel Thwaite bateu à porta da casa às treze horas em ponto, lady Anna não estava esperando por ele. No dia anterior, naquele mesmo horário, ela aguardou ansiosa, com os ouvidos atentos para a batida à porta que anunciaria a sua chegada. Mas a espera foi em vão. Das treze às quatorze horas, até as sete da noite, ela esperou. Mas ele não apareceu, e ela desconfiou que houvesse alguma armação: os funcionários do correio tinham sido subornados, ou a senhoria da Wyndham Street tinha mentido. Mas ela não se deixaria abater. Se ele estivesse em Londres, ela iria encontrá-lo.

Mas quando ele veio, ela não estava achando que ele viria. Ele foi conduzido à sala, e um minuto depois a condessa entrou com seu passo firme. Ela estava bem vestida, os cabelos arrumados; e parecia tão mudada que ele não a reconheceria como aquela querida amiga cuja menor palavra costumava ser lei para seu pai, mas que naquela época nunca parecia se preocupar muito com a própria aparência. Ela tinha saído para uma caminhada naquela manhã, e o sangue tinha conferido um belo colorido às suas faces. Ele reconheceu consigo mesmo que ela parecia uma dama nobre e bem nascida. Havia fogo em seus olhos, e um quê de desprezo na sua boca e narinas, que pareciam fascinantes até mesmo para ele – que tanto odiava a pretensão daqueles que se sentiam tão superiores. Ela foi a primeira a falar.

“O senhor veio ver a minha filha”, disse ela.

“Sim, lady Lovel. Eu vim”.

“Mas o senhor não poderá vê-la”.

“Vim a pedido dela”.

“Sei disso, mas o senhor não poderá vê-la. O senhor não deve ser tão ingênuo, Mr. Thwaite, a ponto de supor que uma jovem pode receber quem bem entender sem a sensação de seus guardiões”.

“Lady Anna Lovel não tem guardião, milady. Ela é maior de idade, e no momento é sua própria guardiã”.

“Eu sou mãe dela, e assim posso exercer a minha autoridade de mãe. O senhor não poderá vê-la. Portanto, é melhor ir embora”.

“Ela é uma prisioneira?”

“Isso é entre ela e eu, e não é da sua conta. O senhor é um intruso, Mr. Thwaite, e não vai ganhar nada com a sua intromissão”. Em seguida, ela saiu do caminho, e apontou a porta. “Mr. Thwaite, peço que o senhor saia desta casa, que no presente momento é minha. Se tiver alguma decência, o senhor não ficará mais depois de ouvir que não é bem-vindo”.

Mas lady Anna, apesar de não estar esperando pelo seu noivo, ouviu vozes, e percebeu que havia um homem em casa. Enquanto sua mãe falava, ela desceu a escada correndo e atirou-se nos braços do seu amado.

“Não admito isto na minha presença”, disse a condessa.

“Anna, minha, Anna”, dizia Daniel num rompante de felicidade. Não apenas por que a sua amada era só dele, mas pela ousadia dela.

“Daniel!” disse ela, ainda tentando agarrar-se a ele.

Nisso todos eles passaram para a sala, a pedido da condessa, para escapar dos olhos curiosos das mulheres que estavam no topo da escada da cozinha.

“Daniel Thwaite”, disse a condessa, “se não for embora, o sangue que será derramado vai pesar na sua consciência”, e enquanto falava, ela se aproximou da janela e fechou uma parte da cortina. Em seguida, fechou o outro lado, e depois, parou ao lado de um bureau pesado de madeira que ficava entre a lareira e a janela. Quando se mudaram para esta casa, elas alugaram apenas o primeiro e o segundo andar; mas, depois de vencerem a causa resolveram ocupar tudo, incluindo a sala onde a cena estava acontecendo; e onde a condessa passava horas sentada diante do móvel que se encontrava neste cômodo escuro.

“De quem é o sangue que será derramado?” disse lady Anna, voltando-se para a mãe.

“Isto não passa de delírio da loucura”, falou Daniel.

“Loucura ou não, o senhor vai ver que é verdade. Tire as suas mãos dela. O senhor tem coragem de desonrar a filha na frente da própria mãe?”

“Não tem desonra nenhuma, *maman*. Ele é meu, e eu sou dele. Por que a senhora insiste tanto em nos separar?”

Mas nisso eles estavam separados, pois não era do seu feitio hesitar diante de uma situação difícil.

“Lady Lovel”, disse ele “a senhora precisa enxergar que esta oposição não vai adiantar nada. Pergunte ao seu primo, lorde Lovel, e ele irá lhe dizer a mesma coisa”.

“Estou pouco ligando para o meu primo. Se ele é falso, eu sou verdadeira. Mesmo que todos se mostrem falsos, eu continuarei verdadeira. Não peço que ela se case com o primo dela. Eu simplesmente exijo que ela não se case com alguém que é infinitamente inferior a ela, que não serve nem para amarrar os cadarços dos sapatos dela”.

“Ele se iguala a mim em todos os aspectos”, disse lady Anna “e será meu senhor e marido”.

“Não sei de quais desigualdades a senhora está falando, lady Lovel”, disse o alfaiate. “Reconheço os méritos da sua filha, e acho até que se uma pessoa tão boa como ela é capaz de me amar, então eu também devo ter algum valor. Mas, lady Lovel, agora sou eu quem não quer mais ficar aqui. A senhora está transtornada”.

“Eu estou transtornada, e é melhor o senhor ir embora mesmo”.

“Eu irei se a senhora permitir que eu marque uma data próxima que eu tenha permissão para me encontrar com lady Anna; a sós. Mas digo a ela aqui e agora que se ela não tiver permissão para falar comigo, então será seu dever deixar a casa da sua mãe, e ir me procurar. Eis meu endereço, querida”. Ele deu a ela um papel onde tinha escrito o nome da rua e o número da casa onde estava morando. “Você é livre para ir e vir de acordo com a sua vontade, e se mandar me chamar, eu a encontrarei aqui ou onde você quiser. Essa rua fica a cinco minutos de caminhada da casa onde esteve hospedada na Bedford Square”.

A Condessa permaneceu calada por um ou dois minutos, olhando para eles, tempo este que nem a moça e nem o rapaz disseram nada.

“O senhor não vai me dar nem seis meses para pensar sobre isso?” perguntou a condessa.

“Dou seis anos se ela disser que precisa deste tempo para pensar”.

“Não preciso nem de uma hora, nem de um minuto”, disse lady Anna.

A mãe olhou na direção da filha e falou:

"Pobre tola, infeliz".

"Ela é uma mulher sincera e honesta de coração", disse o rapaz.

"Volte amanhã" disse a condessa. "Você me ouviu, Anna? Ele pode voltar amanhã. Isso precisa acabar de alguma maneira, meu coração está partido. A minha vida acabou, posso deitar e morrer. Espero que Deus em sua misericórdia nunca permita que outra mulher, outra esposa ou outra mãe, passe por tudo que passei. Mas vou lhe dizer uma coisa, Anna; a maldade que um marido é capaz de fazer, mesmo um marido perverso como seu pai, não é nada, nada perto da crueldade de uma filha. Agora vá embora, Mr. Thwaite, por favor. Se voltar amanhã no mesmo horário, ela o receberá; a sós. E depois disso ela poderá fazer o que quiser".

"Anna, voltarei amanhã", disse o alfaiate. Mas lady Anna não disse nada. Permaneceu calada, olhando enquanto ele ia embora.

"Amanhã será o fim disso. Não aguento mais. Pedi para você, de mãe para filha. Pedi que tivesse misericórdia, e você não mostrou nenhuma. Eu me ajoelhei diante de você".

"*Maman*!"

"Eu me ajoelho outra vez se for preciso". E a Condessa se ajoelhou. "Você não vai me poupar?"

"Levante, *maman*; levante. O que estou fazendo… o que eu fiz para senhora falar assim comigo?"

"Estou lhe pedindo do fundo da minha alma, antes que eu cometa um crime terrível. Jurei que eu não iria ver este casamento, e não vou ver".

"Se ele concordar vou adiar o casamento", disse a moça tremendo.

"Devo implorar para ele então? Devo me ajoelhar diante dele? Devo pedir a ele que me salve da ira que virá? Não, minha filha, não farei isso. Se tiver que ser, que seja. Quando você era pequena, o bebê mais meigo que uma mãe já beijou, nunca imaginei que fosse crescer e se tornar tão dura comigo. Você carrega as feições da sua mãe, minha filha, mas tem o coração do seu pai".

"Vou pedir para ele adiar", disse Anna.

"Não. Se for assim, não tenho mais nada a tratar com você. O quê? Agora terei de pedir para ele – ele que acabou com a minha paz, que com a sua falsa amizade roubou tudo que eu tinha – para adiar por algumas semanas a desgraça que caíra sobre mim. Tempo este que todos ficarão sabendo que lady Anna Lovel vai se casar com um alfaiate! Deixe-me. Quando ele vier amanhã, você será avisada. Mas primeiro eu falarei com ele. Agora, deixe-me. Quero

ficar sozinha".

Lady Anna tentou pegar na mão da mãe, mas a condessa a empurrou rudemente.

"Oh, *maman*!"

"Ou somos inimigas ou amigas, minha filha. No pé em que se encontram as coisas, somos inimigas. Isso mesmo, grandes inimigas. Deixe-me, agora. Não temos mais nada a dizer".

Depois disso, lady Anna foi para seu quarto.

CAPÍTULO XLIII
DANIEL THWAITE RETORNA

A condessa Lovel tinha se preparado naquela manhã para tomar uma atitude, mas seu coração a traiu. Como poderia seguir adiante se a sua filha não concordasse – até quando ela conseguiria perseverar era impossível saber. Mas era certo que então ela tinha cedido, ao ponto de até mesmo na presença daquele homem detestável, ela mais uma vez suplicou a filha, mais uma vez falou sobre tudo que tinha sofrido, e pediu para que ao menos a data do casamento fosse adiada, se não houvesse outro jeito. Se a filha prometesse ao menos ficar com ela por seis meses, elas poderiam deixar o país, e então o tempo e a distância estariam a seu favor. E assim ela iria arrancar esse amor do coração da moça, e iria enchê-la de tantas regalias, mimos e luxos, que certamente a jovem iria acabar se afeiçoando as coisas que eram adequadas a sua posição, nobreza e posses. Não é possível que a sua filha, a filha que poucos meses antes era tão carinhosa e obediente quanto uma criança, ia lhe dar as costas desta maneira. Ela tentou, mas a filha ignorou as suas súplicas, pior, disse que deixaria a decisão nas mãos daquele seu noivo detestável; e a mãe acabou perdendo todo o controle. Ela se tornou agressiva; não, furiosa; e com isso pedeu a astúcia e o autocontrole necessários para alcançar seu objetivo. Se tivesse insistido, lady Anna teria cedido. Mas em vez disso, ela se deixou dominar pela ira, e declarou que a filha era a sua maior inimiga. Depois que lady Anna a deixou, sentada junto ao antigo bureau, ela jurou consigo mesma que iria tomar uma atitude.

Naquele momento, quando estava decidida a se ajoelhar diante da filha mais uma vez, ela se preparou para o trabalho que deveria fazer, caso a filha continuasse dura como uma pedra.

“Volte amanhã, às trezes horas” ela falara para o alfaiate; e ele disse que voltaria.

Depois que ficou sozinha, ela sentou-se na cadeira de sempre e destrancou a gaveta do bureau com uma chave que passara a carregar sempre consigo. Era um móvel grande – do tipo que não é mais fabricado hoje em dia, mas que pode ser encontrado em lojas de móveis antigos – com várias gavetas na parte de baixo, um corpo amplo, cheio de escaninhos para contas, testamentos, escrituras e papéis velhos, e uma torre de prateleiras, que ia quase até o teto.

Bem no centro do corpo havia um compartimento quadrado, que costumava ficar destrancando para que seu conteúdo estivesse à mão quando necessário. Então ela o abriu e tirou de dentro uma pistola; e, depois de olhar por cima do ombro na direção da porta para verificar se estava fechada e através das janelas, ela pegou a arma e a ergueu para sentir, se é que era possível, como seria quando tivesse de tomar a atitude. Verificou então a trava que já tinha sido desatada do gatilho para facilitar quando chegasse o momento fatal. Apesar de nunca ter atirado com uma pistola antes; apesar de nunca ter nem mesmo segurado uma arma, ela estava certa de que iria conseguir quando a paixão fervesse em suas veias.

Então, pela vigésima vez ela se perguntou se não seria mais fácil apontar a arma para seu peito; para a sua cabeça; e acabar com tudo de uma vez por todas. Ah, sim, seria bem mais fácil! Mas o que iria acontecer com aquele homem, que com a sua coragem e audácia, a levara a tal destruição? Se fosse para compartilhar com ele a sua conquista, então seria preferível morrer. Mas se desse cabo da sua vida agora, então seu inimigo ficaria livre para usufruir do seu prêmio, um prêmio que seria ainda melhor, pois ela teria desaparecido do mundo! E sobre ela, se tivesse coragem de tomar esta última atitude, só iriam dizer que a condessa maluca tinha enlouquecido de vez. Com o semblante abatido, mas felizes por dentro, os Lovel, e aquele alfaiate desqualificado, e a sua própria filha, iriam se fingir de tristes no seu funeral, e assim seria o fim da condessa Josephine Lovel; e ninguém iria se lembrar dela, de tudo que tinha feito e sofrido. Quando andava pela casa na manhã anterior e escutou que Daniel Thwaite viria às trezes horas, ela foi até a cidade em segredo, comprou a pistola, pólvora e balas, e depois, com muita paciência colocou mãos a obra e aprendeu sozinha como preparar e manusear a arma; sua intenção certamente não era facilitar o triunfo do seu inimigo.

E apesar de saber muito bem qual era a pena para assassinato, e estar ciente de que não teria chances de escapar, mesmo assim passou pela sua cabeça que talvez ela conseguisse destruir aquele homem sem que a mão do destruidor fosse apanhada. Mas isso seria impossível. Ela não poderia atacá-lo na rua. Não tinha como envenenar a sua comida. Não poderia entrar em seu quarto e estrangulá-lo na calada da noite. Mas, no fundo, mesmo enquanto dia após dia planejava o assassinato – mesmo enquanto dizia a si mesma que seria correto tirar a vida de alguém cuja existência estava impedindo seu sucesso – a mulher se arrependia do ato que pretendia praticar, da covardia de assassinar alguém pelas costas. Já olhar na cara dele e esfaqueá-lo, sem

chances de escapar, seria um feito quase nobre, ousado; algo do qual não sentiria vergonha. Eles poderiam mandá-la para a forca por isso! Que mandassem. Não era a forca que temia, mas a língua daqueles que iam falar dela depois que ela se fosse. As pessoas não iriam dizer que ela tinha fracassado. Iriam, sim, falar de uma mulher que tinha sido cruelmente usada ao longo da sua vida, difamada, desprezada e torturada, usurpada dos seus direitos, abandonada pela própria família, descartada e marcada pelo marido, e mesmo assim tinha lutado até conseguir provar ser merecedora do título que sempre fora seu de direito; de uma mulher que, mesmo depois de ter seus sonhos frustrados pela própria filha, e ter sido passada para trás justamente quando vencera, preferiu enfrentar uma morte injusta em vez de ver seus esforços frustrados pelas fantasias sentimentais de uma menina. Sim! Ela estava disposta a enfrentar tudo isso. Eles que fizessem o que bem entendessem dela. Ela não fazia ideia a que tipo de morte uma condessa condenada por assassinato seria submetida. Eles que a matassem como bem entendessem, eles que matassem uma condessa; assim o mundo todo tomaria conhecimento da sua história.

O restante daquele dia e noite foi terrível. Ela nem perguntou da filha. Seu jantar foi servido naquela mesma sala solitária, mas ela nem viu quem veio trazer e depois retirar os pratos. Várias vezes, ela trancou e destrancou o velho bureau, e verificou se a arma estava pronta para ser usada. Então, ela abriu a carta que tinha escrito para Sir William Patterson e acrescentou uma observação. "*Meu ato explicará tudo*". Isso foi tudo que acrescentou, e na manhã seguinte, por volta do meio dia, colocou a carta sobre a cornija da lareira. Ela se recolheu tarde naquela noite, e surpreendeu-se por ter conseguido dormir. A chave do velho bureau foi guardada embaixo do seu travesseiro, e quando acordou a primeira coisa que fez foi tocá-la. Depois que saiu do quarto, ela parou por um momento à porta do aposento da filha. Se matasse aquele homem muito possivelmente nunca mais voltaria a ver sua filha. E naquele momento, sentiu um ímpeto de irromper naquele quarto, se atirar sobre a cama da filha e mais uma vez implorar por misericórdia. Ouviu atenta, mas percebeu que a filha ainda dormia. Então, desceu silenciosamente até a sala escura, onde ficava o velho bureau. De que iria adiantar se humilhar? A filha era a única coisa que ela amava; mas o coração da sua filha só tinha lugar para aquele trabalhador desqualificado.

"Lady Anna já acordou?" perguntou para a criada por volta das dez da manhã.

“Sim, milady. Ela está tomando café, agora”.

“Diga para ela que quando… quando Mr. Thwaite chegar, eu mandarei chamá-la no momento oportuno”.

“Creio que isto já está claro para lady Anna, milady”.

“Diga para ela o que eu falei”.

“Sim, milady. Eu o farei”. Então a condessa não falou mais nada até as treze horas em ponto, quando Daniel Thwaite foi trazido à sala. “O senhor é pontual, Mr. Thwaite”.

“Os trabalhadores sempre devem ser, lady Lovel”, respondeu ele, como que para irritá-la e lembrá-la da origem humilde do homem que aspirava ser genro de uma condessa.

“Todos os trabalhares deveriam ser, presumo. Mas eu também sou pontual. Muito bem, o senhor tem algo mais a dizer?”

“Tenho muito a dizer para a sua filha, lady Lovel”.

“Não creio que o senhor voltará a ver a minha filha novamente”.

“A senhora está querendo dizer que ela foi levada para outro lugar?” A condessa não disse nada, apenas caminhou até o velho bureau, cuja portinhola no centro estava aberta. “Se fez isso, a senhora me enganou monstruosamente, lady Lovel. Mas isto não vai adiantar nada, pois sei que ela continuará fiel a mim. Diga para onde ela foi levada?”

“Não falei tal coisa”.

“Então peça para ela descer, conforme prometeu”.

“Primeiro preciso lhe dizer uma coisa. E se ela se recusar a descer?”

“Não acredito que ela faria isso. A senhora ouviu o que ela disse ontem. Nada neste mundo iria me fazer duvidar dela, muito menos a sua palavra, lady Lovel. A senhora sabe como é, e sabe como deve ser”.

“Sim, eu sei… eu sei… eu sei”. Ela olhava para ele com as costas voltadas para a janela, enquanto esticava o braço esquerdo até o compartimento aberto do bureau; mas ele não notou o movimento, pois estava com os olhos fixos nela, desconfiando apenas que estava sendo enganado e não que pudesse ser vítima de qualquer tipo de violência. “Sim, eu sei como deve ser”, disse ela, enquanto seus dedos aproximavam-se da portinha.

“Então permitia que ela desça”.

“Nada o fará desistir disso?”

“Nada me fará desistir disso”.

De repente, ela retirou a mão e o encarou.

“A minha vida foi dura, Mr. Thwaite; nenhuma vida foi mais dura. Mas eu

sempre tive um objetivo, e uma esperança; algo que um dia eu iria conseguir alcançar se a justiça prevalecesse".

"A senhora conseguiu seu título e dinheiro".

"Eles não valem nada, nada. Durante todos esses anos, só busquei pelo esplendor e a glória de outra pessoa, e a satisfação de sentir que consegui conquistar tudo que era dela de direito. O senhor acha que vou ficar parada, depois de tanta luta, vendo o senhor roubar de mim tudo isso…o senhor… o senhor, que foi um dos meus instrumentos? Conhecendo como me conhece, o senhor acha mesmo que eu iria me rebaixar assim? Responda, se chegou a pensar isso. Deixe as águias em paz, não tente invadir o ninho delas. Se o fizer, vai acabar dilacerado".

"Esqueça, lady Lovel. Estou aqui, conforme me pediu, para ver a sua filha. Deixe-me vê-la".

"O senhor não vai embora?"

"Certamente que não".

Ela o encarou enquanto recuava lentamente, mas nem por um momento ele desconfiou das intenções dela. Estava era achando que ela tinha enlouquecido, e não sabia direito o que fazer. Mas em momento algum sentiu que corria algum risco. Apenas se perguntou se não seria melhor subir até o andar de cima e procurar por lady Anna, enquanto observava o movimento dos olhos dela.

"É melhor o senhor ir embora", disse ela, e mais uma vez pousou a mão esquerda sobre o tampo aberto da mesa.

"A senhora está brincando comigo, lady Lovel" ele reagiu. "Se não permitir que lady Anna desça até aqui, irei à procura dela. Não tenho dúvidas de que a encontrarei". Nisso ele virou na direção da porta, com a intenção de se retirar. Os dois estavam conversando bem próximos, assim ele teve de dar alguns passos apenas antes de pousar a mão na maçaneta, só que ao fazer isso ele deu as costas para ela. Por um lado, era melhor para seu propósito que fosse assim. Ela poderia abrir o compartimento do bureau e pegar a pistola sem que ele visse. Mas a sensação que teve era que teria sido bem melhor se tivesse conseguido atirar na cara dele. Ela tinha deixado a oportunidade passar, a primeira oportunidade, quando ele estava bem pertinho, e agora poucos passos os separavam. Mas ela foi rápida. Pegou a pistola, e, enquanto a mudava de mão, avançou para cima dele, e quando a porta já estava entreaberta, ela puxou o gatilho. Na agonia do momento ela nem escutou nada, apesar de ter visto a faísca. Ela o viu se encolhendo e passando pelo vão da porta, que

deixou aberta, e em seguida ouviu um barulho no corredor, como se ele tivesse trombado contra a parede. Não restava mais pólvora para ir atrás dele concluir o trabalho começado. Apesar de ter certeza de que tinha conseguido acertá-lo, ela desconfiava que não tinha conseguido matá-lo. Ela desconfiava que não tinha conseguido concretizar seu desejo, e apesar de estar segurando um revólver de seis balas na mão, naquele momento, ela não seria capaz de fazer mais do que o que já tinha feito. Tinha sido tomada de um tremor tão forte por conta da própria violência que não conseguia se mover. E assim ficou parada olhando fixamente para a porta, atenta ao que poderia acontecer, e os segundos pareceram estender-se por horas. Mas ela não ouviu nenhum barulho. Um minuto depois, talvez, e o homem não se movia. Ela olhou ao redor como se estivesse à procura de uma rota de fuga; como se fosse possível pular a janela e alcançar a rua. Não havia por onde fugir, a menos que saísse pela mesma porta, onde, ela tinha certeza, o homem ainda se encontrava atrás. Nisso, ele pareceu se mover. Ela ouviu um farfalhar como se ele estivesse se levantando – em que condições, ela não fazia ideia – e depois passos na direção da escada. A pistola ainda estava em sua mão, mas ela não tinha a menor consciência disso. Até que finalmente seus olhos pousaram na pistola, e ela se lembrou que ainda estava armada. Será que deveria correr atrás dele, e tentar fazer o possível com aquele outra bala? A ideia passou pela sua cabeça, mas ela sabia que não conseguiria fazer mais nada. Ainda que todos os Lovel dependessem disso, ela não poderia puxar aquele gatilho outra vez. Ela guardou a pistola no seu antigo esconderijo, trancou mecanicamente a portinhola, e depois sentou na sua cadeira.

CAPÍTULO XLIV

A TENTATIVA SURPREENDEU MAIS QUE O ATO EM SI

A mão do alfaiate estava na maçaneta da porta quando ele viu a faísca do tiro, e então sentiu que estava ferido. Embora estivesse de costas para a mulher, ele viu o clarão direitinho, mas não conseguia se lembrar de ter ouvido nada. Não fazia a menor ideia do que causara o ferimento, e muito menos onde, quando soltou a porta às suas costas e em seguida trombou cambaleante na parede oposta. Por um momento, sentiu uma vertigem, como se estivesse prestes a desmaiar, mas mesmo assim não imaginou que estivesse gravemente ferido. Apesar de estar sem forças, praticamente impossibilitado de qualquer ação, ele sentou no último degrau da escada e pôs-se a pensar. A mulher pretendia matá-lo! Engarana-o com a intenção de destruí-lo! E essa era a mãe da sua noiva, a mulher a quem ele deveria chamar de sogra! Ele não estava morto, nem achava que fosse morrer; mas se ela o tivesse matado, qual seria o destino da assassina? Apesar de tudo, será que ela não deveria ser entregue a justiça para que fosse punida pelo seu ato? Quem sabe ela não iria para a forca só pela tentativa.

Ele disse depois que teve a impressão de que ficara sentado ali por uns quinze minutos. Mas três minutos tinham se passado apenas quando Mrs. Richard subiu a escada, vindo da cozinha e o encontrou lá.

"O que aconteceu, Mr. Thwaite?"

"Como assim?", indagou ele com um sorrisinho.

"O lugar está todo enfumaçado", disse ela, "e está cheirando a pólvora".

"Não aconteceu nada", respondeu ele.

"Pensei ter ouvido um barulho de tiro", disse Sarah, que estava logo atrás de Mrs. Richards.

"É mesmo?", exclamou ele. "Não ouvi nada; mas está mesmo muito enfumaçado aqui" completou ainda sorrindo.

"Por que está sentado ai, Mr. Thwaite?" insistiu Mrs. Richards.

"O senhor não tem nada que sentar ai, Mr. Thwaite", comentou Sarah.

"O senhor fez alguma coisa para a condessa?", indagou Mrs. Richards.

"A condessa está bem. Vou subir para ver lady Anna; só isso. Mas eu me machuquei um pouquinho. Dei um mau jeito no ombro, e sentei para descansar

um pouco". Enquanto falava, ele ainda sorria.

Então a senhora olhou e percebeu que ele estava muito pálido. Naquele momento, ele sentia uma dor imensa, apesar de ter a impressão de que a tontura estava diminuindo e logo ele poderia subir para trocar uma ou duas palavras com a sua amada, isso se a encontrasse.

"O senhor está muito esquisito, Mr. Thwaite", disse Mrs. Richards.

Ele estava muito abatido, com a testa molhada de suor, e ela desconfiou que ele andara bebendo.

"Estou bem" disse ele, levantando-se. "Sou estou um sentindo um pouco de incômodo no meu ombro. De qualquer maneira vou subir". E com isso ele subiu os degraus devagar, deixando as duas paradas no mesmo lugar.

Mrs. Richards abriu a porta devagar, e entrou na sala, que ainda estava enfumaçada e cheirando a pólvora, e lá ela encontrou a condessa sentada junto ao velho bureau, mas com o rosto e o corpo voltados para a porta. "Está tudo bem, condessa?" perguntou a senhora.

"Para aonde ele foi?"

"Mrs. Thwaite acabou de subir a escada. Ele estava muito esquisito, milady".

"Ele está ferido?"

"Achamos que andou bebendo, milady", disse Sarah.

"Ele disse que deu um mau jeito no ombro", falou Mrs. Richards.

Então pela primeira vez passou pela cabeça da condessa que talvez seu ato – a sua tentativa frustrada – nunca fosse descoberta. Instintivamente, ela tinha guardado a pistola, trancado a portinhola e escondido a chave entre os seios assim que se viu sozinha. Então pensou em abrir a janela, mas estava tão amedrontada que nem conseguia se mover, e assim ficou sentada ali esperando enquanto escutava o barulho de vozes no corredor.

"Ah, o ombro dele!", exclamou ela. "Não, ele não bebeu. Ele não bebe. Ele é muito violento, mas nunca bebe. Bem, o que estão esperando?"

"Esta sala está com um cheiro esquisito", comentou Mrs. Richards.

"Está mesmo, é melhor abrir as janelas. Aconteceu um acidente. Obrigada, assim está melhor".

"Ele pode ficar sozinho com lady Anna, lá em cima?" perguntou a criada.

"Sim, ele ficará sozinho com ela. O que posso fazer? Se ela escolheu ser uma desclassificada que siga seu caminho. Fiz tudo que pude. O que estão esperando? Já falei que ele pode falar com ela. Saiam, deixem-me em paz". As duas se retiraram e deixaram-na sozinha, imaginando mil coisas, menos a

verdade. A condessa ficou observando a porta fechar, e então no mesmo instante escancarou a outra janela. Já era maio, mas o clima ainda estava muito frio. Tinha chovido na noite anterior, e chuviscado a manhã toda. Ela voltara da sua caminhada úmida e gelada, e a lareira estava acesa. Mas ela nem se importou com o clima. Olhando ao redor ela viu um pedaço de estopa no chão e tratou de jogá-lo no fogo. Então pensou em dar uma olhada na pistola, mas não ousou tirá-la do esconderijo com receio de ser apanhada. Todas as suas energias estavam agora concentradas no esforço de evitar a prisão. Se ele resolvesse contar o que tinha acontecido, então tudo estaria acabado. Mas se ele não tivesse optado por manter-se calado então não teria suportado a dor do ferimento e subido sem dizer nada. A vontade de escapar da desgraça da punição era tão grande que ela quase se esqueceu de todas as agruras sofridas no último ano. Foi tomada por um nervosismo súbito, um desejo de fazer 1' algo para se safar daquela situação. Mas não havia nada que pudesse ser feito. Ela não poderia ir atrás dele e correr o risco de ser acusada na cara. Seria inútil deixar a casa enquanto ele não tivesse ido embora. Se fizesse isso, não ousaria voltar. Assim ela ficou sentada, pensando, sonhando, fazendo planos, assolada por uma agonia avassaladora, olhando ansiosamente para a porta, ouvindo cada passo dentro da casa; e atenta também ao estalo familiar do portão da frente, temendo que alguém pudesse sair para solicitar a intervensão dos policiais.

Enquanto isso, Daniel Thwaite subiu a escada e bateu à porta da sala íntima que fora aberta de imediato por lady Anna em pessoa.

"Eu sabia que você viria. Que horas chegou?" Enquanto falava, ela se aproximava para que ele pudesse abraçá-la. Mas a dor do ferimento tinha se espalhado por todo seu corpo, e ele mal conseguiu erguer nem mesmo o braço direito. Neste momento, ele soube que a bala tinha penetrado nas suas costas, em um ponto do ombro esquerdo. "Oh, Daniel; você está doente?" perguntou ela, olhando para ele.

"Sim, minha querida, estou mal, mas não muito. Você ouviu alguma coisa?"

"Não!"

"Nem viu nada?"

"Não!"

"Contarei o que aconteceu em outro momento; só não me pergunte mais nada agora". Ela tinha sentado ao lado dele e passou o braço ao redor das suas costas para apoiá-lo. "É melhor não encostar em mim, querida".

"Você se feriu".

“Sim, eu me feri. Estou com dor, apesar de achar que não deve ser nada. Acho melhor eu procurar um médico; depois mando notícias”.

“Conte, Daniel. O que aconteceu?”

“Eu vou lhe contar, mas não agora. Você saberá de tudo, mas não será bom se eu contar agora. Não comente nada com ninguém sobre isso, minha querida, a menos que a sua mãe lhe pergunte alguma coisa”.

“O que devo dizer para ela?”

“Diga que estou ferido, mas não gravemente ferido, e que quanto menos falarmos sobre isso, melhor. Diga também que espero que as cartas que eu enviar para você não sejam mais interceptadas, ou que eu seja proibido de vê-la quando vier aqui. Deus a abençoe, minha querida. Um beijo, e agora me vou”.

“Prometa que vai mandar me chamar se estiver ferido, Daniel?”

“Se eu estiver mesmo ferido, prometo que mandarei notícias”. Em seguida, ele se foi, desceu os degraus com imensa dificuldade, abriu a porta e se foi.

Lady Anna, apesar de ter sido instruída a não comentar nada sobre o ocorrido, exceto que seu noivo estava ferido, na hora imaginou o que tinha acontecido. Daniel Thwaite tinha sofrido algum ferimento resultado da ira da sua mãe. Ela permanece sentada por um tempo, pensando no que poderia ter sido. Não tinha visto nenhum sinal de sangue. Será que a sua mãe, num momento de raiva, o golpeara com qualquer coisa que estava ao seu alcance? Que tinha acontecido alguma coisa era certo, assim como era certo que a sua mãe era a culpada. Alguns minutos depois que Daniel se foi, ela desceu para dar o recado. Ao pé da escada, próximo à porta da sala, encontrou Mrs. Richards.

“Suponho que o jovem já foi, milady?” perguntou a senhora.

“Mr. Thwaite já foi”.

“E ouso dizer, milady, que ele nem deveria ter vindo. Aconteceu alguma coisa, mas não sei o que foi. Ele disse que estava ferido, mas não sei como ele poderia ter se ferido aqui, a menos que já tenha vindo assim. Nunca aconteceu algo assim nesta casa, desde que moro aqui. Claro que o título é seu e tudo o mais, milady, mas a verdade é que esse jovem não serve. Acho que ele andou bebendo, e não vou admitir isso na minha casa”.

Lady Anna passou pela senhora sem dizer uma palavra e entrou na sala onde se encontrava sua mãe. A condessa ainda se encontrava sentada no mesmo lugar, e nem se levantou ou falou quando a filha entrou.

“*Maman*, Mr. Thwaite está ferido”.

"O que aconteceu? Foi muito grave?"

"Ele está sentindo muita dor. O que aconteceu, *maman*?" A condessa olhou para a filha, tentando descobrir pela sua expressão e modos o que tinha sido dito ou não. "Você o feriu?"

"Ele disse que eu o feri?"

"Não, *maman*, mas aconteceu algo que não deveria ter acontecido. Sei disso. Ele mandou um recado para você".

"Que recado?" perguntou a condessa, num tom de voz abafado.

"Que está ferido, mas não é grave".

"Oh, ele disse isso".

"Receio que ele esteja gravemente ferido".

"Mas ele não disse que não é grave?"

"Sim; e que quanto menos falarmos sobre isso, melhor".

"Ele disse isso também?"

"Este foi o recado que ele mandou".

A condessa soltou um longo suspiro, então soluçou, e por último irrompeu num choro histérico. Ficou claro que o homem estava poupando-a; estava fazendo de tudo para poupá-la. E que ainda não tinha contado para ninguém. *Quanto menos falarmos sobre isso, melhor*. Claro que seria bem melhor para ela se ele nunca contasse para ninguém sobre o que tinha acontecido entre eles naquele dia. Mas será que ele não iria contar nada? Quando algum médico lhe perguntasse como tinha se ferido, certamente ele teria de contar! Seria possível que ninguém ficasse sabendo de algo como aquilo, que tinha acontecido naquela salinha! E por que ele não iria contar para ninguém… ele que era seu inimigo? Se o tivesse pegado de jeito, será que não teria conseguido feri-lo no quadril e na cocha? E então ela tentou imaginar como seria viver dependendo do perdão de Daniel Thwaite, do perdão do seu inimigo, dele que sabia, isso se ninguém mais viesse a saber, que ela tinha tentado matá-lo. Seria melhor se poupar disso, ir para algum lugar distante, onde poderia se esconder para sempre.

"Posso ir até ele, *maman*, para vê-lo?" perguntou lady Anna. A condessa, perdida em seus pensamentos, ficou em silêncio, não disse nada. "Sei onde ele mora, *maman*, e acho que ele está muito ferido".

"Ele não vai morrer", murmurou a condessa.

"Deus permita que não. Mas vou ver como ele está". Então ela subiu a escada sem ouvir nenhuma palavra contrária da mãe, vestiu a touca, e saiu. Ninguém tentou impedi-la ou disse algo, e ela sentiu-se livre como o ar

enquanto caminhou até a esquina com a Gower Street, e virou na Bedford Square, passando pela casa do Sargento. Em seguida, perguntou para alguém a direção da Great Russel Street, que ficava muito próxima à casa do Sargento, e não demorou muito encontrou o número da casa do seu amado. Não; Mr. Thwaite não se encontrava em casa. Sim; ela gostaria de esperar. O problema era que ele morava em um quarto apenas. Mas ela não se deixou abater. "Sou noiva dele", disse.

"A senhora é lady Anna?" perguntou a mulher, que tinha ouvido toda a história. Ao confirmar, ela foi recebida com grande distinção e convidada para sentar no saguão de entrada, onde esperou por três horas, sem sair do lugar, sozinha, esperando… esperando… esperando. Quando estava escurecendo, por volta das seis, Daniel Thwaite apareceu com o braço esquerdo enfaixado.

"Minha menina", exclamou ele, num tom tão alegre que a contagiou. "Você descobriu onde moro, e veio me ver!"

"Sim, eu vim. Conte o que é isso. Sei que você está ferido".

"De fato me feri. O médico queria que eu fosse para um hospital, mas estou certo de que vou escapar dessa. Mas preciso me cuidar. Voltei de carruagem, pois o homem recomendou que eu não andasse".

"Como isso aconteceu, Daniel? Oh, Daniel, não vai me contar o que aconteceu?"

Então, ela sentou-se ao lado dele no sofá, e escutou toda a história. Ele não escondeu nada, mas deixou claro que era sua intenção guardar segredo sobre tudo que tinha acontecido, não contar nada para ninguém, para que a causadora de tudo pudesse ficar impune, se é que isso seria possível. Ela escutou surpresa e emudecida toda a história sobre a culpa da sua mãe. E ele, com uma habilidade incrível, com todo amor que sentia pela moça, e em consideração aos sentimentos dela, atenuou o crime de tentativa de assassinato.

"Ela estava transtornada por causa da dor e da emoção", disse ele "e me apanhou de surpresa. Se tivesse imaginado, teria me preparado".

"Ela pode tentar fazer isso outra vez, Daniel".

"Não creio. Ela ficará com medo e não vai dizer mais nada. Ela não se opôs quando você disse que viria me ver, não foi? Isso servirá de lição para ela, e pode ser bom para nós". Então ele pediu que ela dissesse a sua mãe que por ele tudo seguiria em paz. E se ela pudesse esquecer as ofensas do passado, ele também esqueceria. Se estendesse a mão, ele aceitaria. Mas que se ela não pudesse fazer isso, então que seguisse seu caminho. Nada seria dito sobre o acontecido. "Mas ela não pode se colocar entre nós novamente", finalizou ele.

“Nada irá se colocar entre nós novamente”, disse lady Anna.

Então ele contou para ela, rindo, o quanto foi difícil esconder o que tinha acontecido do médico, que já tinha extraído a bala, e viria visitá-lo no dia seguinte. O primeiro profissional que ele procurou não entendia nada de ferimentos causados por balas, e o levou a um cirurgião de primeira linha, e o cirurgião obviamente perguntou o motivo do ferimento. Ao que Daniel disse que tinha sido um acidente do qual ele não poderia explicar a motivo.

“O senhor não vai me contar”, disse o cirurgião.

“Exatamente. Não vou lhe contar. Este é o meu segredo. Que não fiz isso sozinho o senhor pode perceber pela localização”.

O cirurgião assentiu; e, apesar de ter insistido na pergunta, e ter dito algo sobre a necessidade de uma investigação, não conseguiu obter nenhuma resposta. No entanto, ele conseguiu o endereço e o nome de Daniel. E prometeu fazer uma visita no dia seguinte, quando então, quem sabe, conseguiria descobrir algo sobre o misterioso tiro.

“Enquanto isso, minha querida, devo permanecer na cama, pois parece que todos os ossos do meu corpo doem. Trouxe uma senhora comigo para cuidar de mim”.

Em seguida ela se foi, prometendo voltar no dia seguinte para cuidar dele.

“A menos que me prendam em casa, estarei aqui” disse ela.

Daniel Thwaite achava que na atual conjuntura ninguém iria tentar impedi-la de mais nada.

CAPÍTULO XLV
OS ADVOGADOS SANCIONARAM

Um mês depois, muitos sabiam como Mr. Daniel Thwaite tinha se ferido nas costas, mas ninguém sabia "oficialmente". Existe uma grande diferença entre saber os detalhes ou saber por alto. Em temas de interesse público sempre ficamos sabendo, ou imaginamos saber de todos os detalhes de como as coisas aconteceram: quem subornou quem, quem mentiu e quem fingiu acreditar, quem cometeu peculato e o tamanho do rombo nos cofres públicos, quem era amante da esposa de quem e como o caso foi descoberto e como tudo foi abafado e perdoado; mas ninguém sabe oficialmente o que aconteceu de fato, e nada pôde ser feito a respeito. O alfaiate e o conde, a condessa e sua filha, tinham se transformado em pessoas públicas desde o início do grande julgamento, e muitos olhos se voltaram para eles. Pouco menos de uma semana depois já era notório em todos os clubes e salões que o alfaiate tinha levado um tiro no ombro, e quase todos sabiam que a pistola tinha sido disparada pelas mãos da condessa. O famoso cirurgião que Daniel teve a sorte de cair nas mãos não insistiu na pergunta quando seu paciente disse que pelo bem de muitos seria melhor que nenhuma pergunta mais fosse feita.

"Tudo não passou de um acidente", disse Daniel "por isso não pretendo levar o caso adiante. Posso lhe assegurar que não sofri nada mais além deste ferimento".

O famoso cirurgião sem dúvida comentou sobre o caso com seus amigos, mas sempre declarou que não sabia quem tinha sido o autor do disparo.

As mulheres da Keppel Street comentaram. Não tinham dúvidas de que sentiram cheiro de fumaça e pólvora. Mrs. Richards não ouviu nada. Sarah achava que tinha ouvido um barulho. Ambas tinham certeza de que Daniel Thwaite estava bêbado, uma declaração que gerou controvérsias. A pistola nunca foi encontrada, apesar de a arma ter ficado no velho bureau por alguns dias, até finalmente ter sido tirada da casa quando a condessa se foi, levando junto seus pertences. Ela ficou com medo de tentar esconder a arma em outro lugar ou de jogar fora, com receio de que seu ato fosse descoberto. Se a lei tivesse atuado, se tivesse ocorrido alguma investigação, a pistola teria sido encontrada. Mas ninguém perguntou nada à condessa sobre o assunto. Os advogados que sempre estiveram do seu lado, e se empenharam em guiá-la

durante os momentos mais difíceis, ficaram com medo dela e se afastaram. Todos eram da opinião de que lady Anna deveria receber permissão para se casar com o alfaiate, e por conta disso acabaram se transformando em inimigos aos seus olhos. Ela ficou completamente isolada, e corriam vários boatos a seu respeito; alguns diziam que era uma mulher que muito sofrera, e que por conta disso estava louca, que era violenta, determinada, perigosa. Ela era um bom tema para conversas, mas não para se conhecer pessoalmente. A maior parte daquele mês, a condessa passou na Keppel Street, e não foi vista por quase ninguém além dos habitantes daquela casa.

Lady Anna voltou para casa sozinha na tarde do dia do acontecido, depois de deixar seu noivo aos cuidados de enfermeira que ele tinha contratado. A chuva ainda caía quando ela passou pela Russel Square. A distância era de fato curta, mas mesmo assim ela estava encharcada, gelada e tremendo quando chegou em casa; e a dimensão do ato criminoso praticado pela sua mãe se tornou claro em sua mente durante a curta jornada. A porta foi aberta por Mrs. Richards, e ela perguntou pela condessa assim que entrou.

"Lady Anna, por onde andou?" perguntou Mrs. Richards, que estava tentando tirar proveito da proximidade, durante todo aquele imbróglio, para entender o que estava acontecendo. Mas lady Anna a colocou em seu lugar sem dizer nada, e tomou o rumo da sala. E lá estava a condessa do jeitinho que tinha sido deixada, exceto pelo par de velas sobre a mesma, e o chá servido.

"Você está toda molhada", disse ela. "Onde estava?"

"Ele me contou tudo", respondeu a moça, em vez de responder a pergunta que tinha sido feita. "Oh, *maman*, como pôde?"

"Quem me levou a isso? Foi você… você… Quem mais?"

"*Maman*, ele a perdoa".

"Ele me perdoou! Não quero o perdão dele".

"Oh, *maman*; se eu a perdoar, a senhora fará as pazes conosco?" Ela aproximou-se da mãe para lhe dar um beijo e depois contou tudo que tinha ouvido. Contou tudo num tom de voz baixo, para que ninguém além da sua mãe pudesse escutar: como a bala tinha atingindo-o, como tinha sido removida, como nada tinha sido e nem deveria ser dito, que Daniel estava disposto a perdoar tudo e fazer as pazes, se ela permitisse. "Mas, *maman*, espero que se arrependa do que fez". A condessa nada disse, nem que aprovava ou desaprovava. Lady Anna sentou um pouquinho, esperando que a sua mãe permitisse que ela comesse e bebesse em sua companhia, e que depois de tudo isso elas pudessem voltar a viver juntas novamente. Mas nada foi dito e nem

um gesto feito, e o silêncio tornou-se desconfortável, tanto que a moça não ousou continuar sentada ali. “Devo me retirar, *maman*?”

“Sim, é melhor”. Depois disso as duas não se viram mais naquela noite, e em torno de uma semana ou dez dias elas viveram separadas.

Na manhã seguinte, depois de tomar seu desjejum bem cedo, lady Anna seguiu para a Great Russel Street, e lá permaneceu durante a maior parte do dia. Os outros moradores do prédio tinham ficado sabendo que o casal iria se casar assim que o vizinho estivesse totalmente recuperado, e muito tinham ouvido falar sobre o grande casamento. Os dois eram bons e gentis, e o alfaiate costumava dizer que aquele era o momento mais feliz da sua vida. De todas as coisas boas que tinham lhe acontecido, disse ele, o ferimento nas suas costas tinha sido a melhor. Enquanto a sua amada lhe fazia companhia, sentada ao lado da sua cama, eles faziam planos para o futuro. Ainda mantinham os planos de irem para as terras distantes que ele tanto sonhara, embora ainda pudesse demorar um pouco mais; e ela, em tom de brincadeira, declarou que iria como Mrs. Thwaite.

“Acho que eles não podem me impedir de ser chamada de Mrs. Thwaite, se eu quiser”.

“Não tenho certeza disso”, disse o alfaiate. “Oposição é igual carrapicho”.

Seria impossível tentar transcrever aqui todas as doces palavras de amor que foram trocadas entre os dois durante aquelas longas horas que passaram juntos; mas o homem acreditava que nenhuma outra mulher tinha sido tão fiel ao seu amado diante de tantas dificuldades quanto lady Anna tinha sido, e ela tinha certeza de que nunca fraquejara na sua convicção de se casar com o homem que primeiro tinha pedido seu amor. O jovem conde passara por seus pensamentos por várias vezes, mas ela acabou compartilhando da mesma opinião do seu amado, e começou a ver o primo, o conde, como um ser ocioso, um janota, nascido para comer, beber e espalhar seu perfume. “Ele é igual a uma borboleta”, disse o alfaiate.

“Uma das borboletas mais reluzentes”, completou a moça.

“Nem mesmo uma mulher deve ser igual a uma borboleta… muito menos uma borboleta”, respondeu ele. “Para um homem então é desprezível. Você se lembra do [32]jovem que mata Hotspur no campo de batalha, ou do rapaz que o rei envia até [33]Hamlet para propor a aposta? Quando vi lorde Lovel sentado à mesa de desjejum lembrei deles. Pensei então que espermacete é[34]‘o melhor remédio do mundo para contusões internas’, e que ele era [35]‘de convívio fácil e exibicionista’.” Ela sorriu, apesar de não fazer a menor ideia das citações

que estavam sendo feitas, e assegurou a ele que seu pobre primo, lorde Lovel, não iria incomodá-lo no futuro. "Ele não vai me incomodar de forma alguma, mas como é seu primo eu esperava que fosse mais macho. Ele estava usando um tipo de vestido que ficaria lindo em você, minha querida; apesar de muito chique para ser da minha esposa". Ela riu, ficou satisfeita e recordou sem arrependimento ou remorso do modo como o janota estendera a mão quando a ajudou transpor o caminho de pedras em Bolton Abbey.

Mas o alfaiate, embora desprezasse o lorde, concordava que uma parte da fortuna fosse dada a ele.

"Se você não fizer isso, como ele vai poder continuar usando aqueles vestidos? Compreendo que ele queira isso muito mais do que você, e se tem de existir condes, acho que eles devem ser ricos. Nós não queremos isso, minha menina".

"Você ficará com a metade, Daniel", disse ela.

"No que diz respeito a isso, não quero um níquel… um centavo. Quando pagaram o dinheiro que deviam ao meu pai, já fiquei rico o bastante; rico o bastante para você e para mim, minha menina. Mas é melhor que esse dinheiro seja dividido, mesmo. Se ele ficar com tudo, provavelmente irá comprar muitos vestidos; e já conosco talvez possamos fazer algo de bom. Até onde sei, todo dinheiro gasto em corridas de cavalos e roupas caras não geram nenhum tipo de retorno proveitoso".

Assim passaram os dias no decorrer de um mês, e todos os dias lady Anna assumia o posto ao lado do seu amado. Depois de um tempo, a sua mãe passou a ocupar a sala íntima, na Keppel Street, e então as duas acabaram retomando o convívio. Pouco ou quase nada, no entanto, era dito entre elas sobre o futuro. A condessa andava quieta, mal humorada, e para alguém que visse de fora a acharia indiferente. Ela tinha sido vencida pelo temor resultante do seu ato, e pelo medo de ser levada a julgamento pelo delito. Mas mesmo à medida que o medo foi diminuindo, ela não conseguiu recuperar o espírito de antes. Já não falava mais sobre o que tinha feito e tudo que tinha sofrido, e parecia conformada com o inevitável. Não comentou nada sobre o que a vida lhe reservava, e, até onde a sua filha podia perceber, não tinha nenhum plano para o futuro. Até que finalmente lady Anna achou que se fazia necessário falar com a mãe sobre os seus próprios planos.

"*Maman*, Mr. Thwaite quer que os proclamas para nosso casamento sejam lidos na igreja."

"Proclamas!" exclamou a condessa.

"Sim, *maman*; ele acha melhor". A condessa não comentou mais nada. Se era para ser, pouco lhe importava se eles se casassem na igreja ou apenas no civil, se a sua filha entrasse na igreja igual a uma criada, ou se casasse com toda a pompa e glória devidos à sua posição e riqueza. Como um casamento como aquele poderia ter algum esplendor, ou até mesmo decência? Como de qualquer maneira não estaria presente, eles que se casassem como quisessem. No quarto domingo depois que o tiro foi disparado os proclamas foram lidos pela primeira vez na igreja Bloomsbury, e a futura noiva foi descrita como Anna Lovel, mais conhecida como lady Anna Lovel, solteira. Nem da primeira vez, ou das duas outras vezes que foram lidos os proclamas, alguém se levantou na igreja para declarar a existência de algo que pudesse impedir a união pelo sagrado matrimônio entre Daniel Thwaite, o alfaiate, e lady Anna Lovel.

Enquanto isso, os advogados trabalharam na divisão da fortuna, e durante o processo Mr. Goffe precisou falar com a condessa várias vezes. Ela, como viúva herdeira indiscutível do patrimônio do conde, também tinha se tornado uma mulher muito rica, com uma grande renda para cuidar. Mas ninguém se dispôs a ajudá-la. Lá estava o seu dinheiro, mas ela estava condenada a viver sozinha com ele, sem nenhuma criatura para se alegrar com o seu triunfo, sem nenhum dependente a quem ela pudesse fazer feliz com a sua riqueza. Ela era uma mulher de muitos defeitos, mas a cobiça não estava entre eles. Se pudesse ter dado tudo ao jovem conde, e junto à sua filha, seria uma mulher feliz. Ela tinha se permitido sonhar que estava tudo tão acertado e que seus netos seriam os sucessores dos Lovel, os mais ricos e os mais esplêndidos, e que ela finalmente iria triunfar. Mas, pelo andar das coisas, não havia um sinal que indicasse dias melhores do que os longos anos sofridos que ela passara na esperança de que algum dia a sua filha fosse bem sucedida. Triunfo! Não lhe restara mais nada além da solidão e da vergonha.

Mesmo assim, ela ouviu Mr. Goffe, e assinou os papéis que foram colocados a sua frente. Mas quando ele falou sobre o casamento – sobre o acordo que deveria ser feito relativo à metade dos bens que cabia a sua filha – ela foi curta e grossa, e disse que não sabia de nada. Os negócios da sua filha não eram problema seu. Ela tinha, sim, feito de tudo para conquistar os direitos da filha, mas agora ela era maior de idade, e podia fazer o que bem desejasse da sua vida. E que ela nem iria permanecer na sala enquanto o assunto fosse discutido.

"Lady Anna e eu temos interesses distintos", disse de modo brusco.

Lady Anna declarou apenas que metade da sua fortuna deveria ser concedida ao seu primo, e que a outra metade deveria ir para seu marido. Mas o advogado não gostou da ideia de receber instruções de alguém tão jovem. Quanto à parte que deveria ir para o conde, o assunto já estava decidido. O Advogado-geral e o Sargento Bluestone já tinham concordado com este arranjo, e a condessa tinha dado seu consentimento antes de ter separado seus interesses dos da filha. No que dizia respeito à primeira parte, Mr. Goffe poderia trabalhar em conjunto com Mr. Flick sem problemas; mas quanto à outra questão seria preciso fazer algumas consultas, reuniões e muito discutir. A jovem dama, sem dúvida, podia fazer o que bem entendesse; mas os advogados podem ser muito poderosos. Pediram a opinião de Sir William, e ele sugeriu que Daniel Thwaite fosse convidado a comparecer no gabinete de Mr. Goffe, assim que estivesse plenamente recuperado. Daniel, que não se preocupava com seu ferimento tanto quanto deveria, compareceu ao gabinete de Mr. Goffe na manhã seguinte, e ouviu uma longa explicação do advogado. O Advogado-geral tinha sido consultado – disse Mr. Goffe, sentindo que o alfaiate poderia contestar a sua autoridade – e a opinião dele era que os bens de lady Anna careciam de cuidado especial. E que o que estava em jogo era uma vasta fortuna, uma fortuna esplêndida, ele diria. Mr. Thwaite obviamente sabia que a família era contra o casamento, naturalmente era muito contra. Mas que agora, no entanto, estavam dispostos a ceder.

O alfaiate interrompeu o advogado neste ponto do discurso.

"Não precisamos da permissão de ninguém, Mr. Goffe. Vamos fazer tudo como bem entendermos, e não vamos abrir mão de nada".

Mr. Goffe disse que tudo bem, mas que, como a fortuna que estava em jogo era muito grande, os aliados da dama seriam obrigados a interferir. E que um acordo já tinha sido feito com relação ao conde.

"O senhor quer dizer, Mr. Goffe, que lady Anna deu metade do seu dinheiro para o primo?"

O advogado prosseguiu, dizendo que Mr. Thwaite poderia colocar as coisas daquela maneira, se assim desejasse. Que as providências para tal já tinham sido tomadas. E que com relação à outra metade, Mr. Thwaite, sem dúvida, não iria opor-se que esta fosse confiada a um gestor, que iria investir o dinheiro em terras, e que os lucros advindos fossem destinados a lady Anna, e o direito a herança coubesse ao filho mais velho dela. Mr. Thwaite, é claro, também iria usufruir da renda ao longo da vida da sua esposa. O Advogado explicou tudo em termos legais e então esperou pelo consentimento do alfaiate.

"Estas foram as instruções de lady Anna?"

Mr. Goffe respondeu que a proposta tinha sido feito de acordo com o conselho do Advogado-geral.

"Não tenho nada a ver com tal acordo", disse o alfaiate. "Lady Anna abriu mão de metade do seu dinheiro, e poderia ter dado tudo se quisesse. Ela será a mesma para mim se vier com as mãos vazias ou cheias. Mas quando ela for minha esposa, o dinheiro dela deverá ser meu, e quando eu morrer não terá isso de passar tudo para o filho mais velho". Mr. Goffe se mostrou persuasivo, eloquente, indignado e muito sábio. Toda experiência, todo costume, toda justiça, toda tradição, requeria que um acordo como o que tinha sido sugerido fosse aceito. Mas foi em vão. "Não quero que a minha esposa tenha nada que seja apenas dela de antes do casamento" disse ele, "e com certeza ela não terá nada depois do casamento, independente de mim". Se quiser um marido que tenha uma visão definida do poder doméstico e dos direitos conjugais escolha um Radical! Neste caso não era uma questão de estar sob o domínio dele. A moça estava totalmente do lado dele, e Mr. Goffe, com grande pesar, foi obrigado a contentar-se com um acordo que passaria uma parte da renda da fortuna para a viúva, caso o alfaiate morresse antes da esposa. E assim o casamento do alfaiate recebeu a sansão de todos os advogados.

Um ou dois dias depois disso, Daniel Thwaite fez uma visita a condessa. O casamento estava marcado para começo de julho, e algumas dúvidas tinham surgido. Quem iria acompanhar a moça até o altar? Como seria a cerimônia? Teria festa? Damas de honra? Onde eles iriam morar depois de casados? Que trajes deveriam comprar? Que estilo de vida deveriam levar? Estas, e outras perguntas da mesma natureza, careciam de respostas, e lady Anna achava que tudo isso não deveria ser decidido sem a opinião da sua mãe. Seu maior desejo era conciliar a condessa com a ideia do casamento, pois a obtenção de tal reconhecimento permitiria que a sua mãe estivesse presente na igreja. Mas a condessa se recusava a falar sobre o assunto, e sempre que indagada sobre isso, permanecia calada, sorumbática e distante. Então Daniel se dispôs a ir ter com a condessa, e numa manhã apareceu para uma conversa amistosa. Ele pediu fosse anunciado e que enviava seus comprimentos, e ela permitiu que ele fosse trazido até ela. Lady Anna implorou para que ele fosse recebido, e ela cedeu – cedeu calada, como vinha fazendo com tudo que era relacionado a este casamento desastroso. Naquela manhã, porém, ela falou algo:

"Se Mr. Thwaite quiser falar comigo, terá que ser apenas comigo".

E ela estava sozinha quando o alfaiate foi trazido até a sala. Até aquele dia,

ele vinha usando uma tipoia, e assim deveria ter continuado; mas para esta visita de paz a ela, que tinha tentado assassiná-lo, ele achou por bem tirar a marca do ferimento do qual ela fora a autora. Ele sorriu ao entrar na sala, e ela se levantou para recebê-lo. A condessa já não era mais uma mulher jovem, e nenhuma mulher da sua idade ou de qualquer outra tinha enfrentado tantas adversidades, mas mesmo assim ela não conseguiu manter o rubor das faces quando seus olhos se encontraram, assim como não conseguiu manter a rigidez com a qual pretendia se armar para a ocasião.

"Veio me ver, Mr. Thwaite?"

"Vim, lady Lovel, para trocarmos um aperto de mãos, se possível, antes que eu me case com a sua filha. É desejo dela que sejamos amigos, e meu também". Assim dizendo, ele estendeu a mão e a condessa lentamente estendeu a sua. "Espero, lady Lovel, que chegue um dia em que todas as animosidades possam ser esquecidas entre a senhora e eu, e reste apenas a velha amizade de antes".

"Não sei se isso será possível", disse ela.

"Espero que sim. O tempo cura tudo, e espero que assim o faça".

"Algumas tristezas, Mr. Thwaite, nem mesmo o tempo é capaz de curar. O senhor venceu, e pode ansiar pelos prazeres do sucesso. Eu fui frustrada, atacada e dilacerada. Para mim o resultado foi muito pior do que o golpe que deu início a tudo isso. Não creio que eu consiga ter outro amigo. Seu pai foi meu amigo".

"E eu também posso ser".

"O senhor tem sido meu inimigo. Tudo que ele fez para me ajudar, tudo que outros fizeram desde então para me colocar no meu caminho, não deu em nada, por culpa do senhor! Minhas alegrias se transformaram em dor, a minha posição caiu em desgraça, a minha riqueza virou pó; e tudo por culpa sua. Disseram que o senhor vai se casar com a minha filha. Sei que isto vai acontecer. Mas não acho que possamos ser amigos".

"Imaginei que fosse encontrá-la mais branda, lady Lovel".

"Não é da minha natureza ser branda. Tudo isso que aconteceu não me tornou uma pessoa mais branda. Se minha filha me mandar notícias de vez em quando, já me darei por satisfeita. Quanto ao futuro dela, não me interessa mais. Adeus, Mr. Thwaite. O senhor não precisa se preocupar mais com as minhas inferências".

Assim foi encerrada a conversa, e nenhuma palavra foi dita sobre a tentativa de assassinato.

CAPÍTULO XLVI
CAMINHOS DIFÍCEIS

Na época da tentativa de assassinato, lorde Lovel se encontrava em Londres, e tinha visto Daniel Thwaite naquela mesma manhã; mas antes que os rumores sobre o que de fato tinha acontecido pudessem se confirmar, ele já tinha partido para Yoxham. Nesta altura ele já sabia que iria receber uma renda em torno de dez mil por ano da fortuna do falecido conde, mas que não teria a mão da sua bela prima, a filha do falecido conde. Talvez tivesse sido melhor assim. A moça nunca o amara, e agora ele poderia escolher a vontade; e não iria ter de fazê-lo até achar que tinha chegado o momento de se casar. Afinal, seu casamento com lady Anna seria um casamento forçado; um casamento que ele teria aceitado com o único intuito de enriquecer. A moça certamente o agradara, mas muito provavelmente uma moça que preferia um alfaiate logo iria perder seu encanto. De qualquer maneira ele seria feliz com a fortuna recém-adquirida, e partiu para Yoxham para receber as felicitações da sua família, pensando que cabia a ele agora fazer algum esforço no sentido de fazer seu tio e tias aceitarem o casamento.

"O senhor ficou sabendo de algo sobre Mr. Thwaite?" perguntou Mr. Flick da sua partida. O conde não tinha ouvido nada. "Dizem que ele levou um tiro". Lorde Lovel se hospedou por alguns dias na casa de alguns amigos no caminho para Yorkshire, e quando chegou ao presbitério, o pároco já estava sabendo o que tinha acontecido em Londres. Mr. Thwaite, o alfaiate, tinha sido assassinado, e desconfiavam que a condessa fosse a culpada.

"Espero que os papéis tenham sido assinados antes de você partir de Londres", disse o pároco ansioso. Os documentos relativos à sua parte na fortuna estavam certos, mas o conde não conseguia acreditar na história do assassinato. Mr. Thwaite podia até estar ferido. Ele tinha ouvido falar isso; mas estava quase certo de que isto não tinha sido obra da condessa. No dia seguinte, a história mudou. Mr. Thwaite passava bem, mas todos estavam dizendo que lady Lovel era a culpada da tentativa de assassinato. E assim, aos poucos, a história sobre o que tinha acontecido foi chegando ao presbitério.

"Você não está insinuando que teremos de receber Mr. Thwaite aqui?" disse o pároco, erguendo as mãos, ao ouvir a proposta feita pelo seu sobrinho um ou dois dias depois.

“Por que não, tio Charles?”

“Eu não poderia fazer isso. Não acho que a sua tia seria capaz de se sentar a mesa com ele”.

“Tia Jane?”

“Sim, a sua tia Jane, e a sua tia Julia, também”. Agora não havia dama mais calada do que tia Jane, menos propensa a torcer o nariz para quem quer que seu marido resolvesse receber.

“Posso perguntar para minhas tias?”

“De que vai adiantar, Frederic?”

“Ele vai se casar com a nossa prima. Não é o homem que vocês imaginam”.

“Ele sempre foi um alfaiate”.

“O senhor vai perceber que ele dará um bom cavalheiro. Sir William Patterson diz que não vai demorar muito para ele ser convidado ao Parlamento”.

“Sir William! Sir William está sempre se intrometendo. Nunca pensei muito bem de Sir William”.

“Vamos, tio Charles, seja justo. Se tivéssemos entrado na briga e contado com a justiça, onde eu estaria agora? Eu nunca iria receber um centavo daquela fortuna. Todos disseram isso. Sir William foi muito sábio”.

“Não sou advogado. Não posso dizer o que teria acontecido. Mas tenho minhas dúvidas. Sempre achei que lady Lovel, como preferem chamá-la, nunca foi esposa do lorde Lovel. Por vinte anos, tive certeza disso, e não consigo mudar de opinião tão rápido quanto outras pessoas”.

“Agora ela é lady Lovel. O rei e a rainha a receberiam como tal se ela comparecesse a Corte. E a filha dela é lady Anna Lovel”.

“Pode ser. É possível”.

“Se não fosse” disse o jovem lorde contornando a mesa “onde eu teria arrumado o dinheiro?”. Para este argumento o pároco não teve resposta; assim apenas meneou a cabeça. “Fui obrigado a reconhecer isso quando aceitei o dinheiro dela”.

“Mas não ele. Você não recebeu nada dele. Não precisa aceitá-lo”.

“É melhor nos esforçarmos, tio Charles. Ele vai se casar com a nossa prima, e devemos ficar do lado dela. Sir William me aconselhou a comparecer ao casamento, e me oferecer para entrar com ela na igreja”.

“A moça com quem você ia se casar!”

“E o senhor poderia celebrar a cerimônia, o que seria ainda melhor”.

O pároco de Yoxham rosnou quando a proposta foi feita. Quanta vergonha e

degradação essas falsas Lovel já tinham lhe causado ao longo dos últimos doze meses! Primeiro, ele tinha sido obrigado a receber a moça na sua casa e ainda chamá-la de lady Anna, apesar de não acreditar que ela fosse de fato; depois teve de tratá-la como se ela fosse a sonhada noiva do seu importante sobrinho, o conde, para em seguida ela recusar o pedido de casamento; e depois de ter repudiado ela e a mãe novamente por causa do seu noivado com um reles trabalhador, agora o obrigavam outra vez a aceitá-la de bom grado, por que ela tinha sido generosa com seu sobrinho, e para completar o sobrinho tinha lhe pedido para se colocar no altar e entregá-la ao alfaiate! Um ato que não iria lhe dar nem prazer e nem lucro. Tudo que ele tinha suportado fora para o bem da família e do seu sobrinho.

"Não vejo por que eu deveria fazer isso por ela".

"Todos dizem que é muito bonito da parte dela ter se mantido fiel ao homem que ela amou quando vivia na pobreza e obscuridade. Sir William disse…"

"… Sir William!" resmungou o pároco entre dentes cerrados, dando as costas, contrariado. A primeira palavra da frase dita entre dentes, lorde Lovel não entendeu direito. Ele tinha sido trazido para a casa do tio ainda menino, e nunca tinha ouvido seu tio soltar uma blasfêmia. Ninguém em Yoxham iria acreditar que o pároco da paróquia fosse capaz de fazer isso. Mrs. Grimes teria dado a sua palavra em qualquer corte de Yorkshire que isto era absolutamente impossível. O arcebispo não acreditaria nem mesmo que o seu arquidiácono contasse que tinha ouvido pessoalmente. Todos os antecedentes do homem desde que se mudara para Yoxham iam contra a probabilidade. Mas seu sobrinho desconfiava que o pároco de Yoxham tinha insultado o Advogado-geral.

Mas ainda houve muitos outros motivos para imprecações e fúria do pároco. Isso por que o conde não tinha contado nem metade dos sacrifícios aos quais o tio ainda teria de se submeter. Sir William sugeriu diretamente ao jovem nobre que concordasse com tudo que dissesse respeito à sua prima.

"Obviamente não me cabe impor nada", disse o advogado, "mas como me foi permitido até agora dar conselhos que vão além da minha alçada profissional, me permita dizer que o senhor tem obrigação de dar a ela tudo que estiver ao seu alcance. Ela dividiu tudo com o senhor, e não ganhou nada em troca. E ele, milorde, se fosse mais ambicioso, sem dúvida teria tentado impedi-la de fazer o que fez. Seria honrado de sua parte aceitar ela e o marido de braços abertos. Se não puder tratá-la como prima, então não deveria nem

ter aceito o que lhe foi dado como primo. Ela reconheceu o seu posto como chefe da família, sendo assim o senhor deve reconhecê-la como membro desta família. Permita que o casamento aconteça em Yoxham. Convença seu tio e sua tia a convidá-la. O senhor entra com ela na igreja e seu tio celebra a cerimônia. Se conseguir arrumar uma casa na vizinhança que possa me hospedar, irei ao casamento. Trate-a desta maneira em nome da sua honra". O plano era complexo, e o conde achou que muito possivelmente fosse encontrar algumas dificuldades.

Mas mesmo assim, ele seguiu em frente, e sua próxima estocada foi desferida contra tia Julia.

"A senhora gostou dela, não gostou?"

"Sim, eu gostei dela". O tom foi de dúvida. "Gostei dela, até o dia que ela se esqueceu quem era".

"Mas ela não se esqueceu de quem era. Ela simplesmente fez o que qualquer moça, que levava a vida que ela levava, teria feito. E foi muito nobre comigo".

"Ela foi inconsequente, isso sim".

"Que é isso, tia Julia! A senhora já conheceu alguma mulher que tenha dado uma renda de dez mil por ano para um sujeito só por que ele é seu primo? Temos de fazer algo por ela. Por que a senhora não a convida para voltar aqui?"

"Não acho que meu irmão vá gostar disso".

"Ele irá se a senhora disser. Precisamos fazer com que ele aja com cavalheirismo".

"Meu querido, Frederic, não adianta tentar tapar o sol com a peneira".

"Vamos tentar. Não faça oposição. Cabe a mim, pela minha honra, mostrar alguma gratidão depois do que ela fez por mim".

Tia Julia balançou a cabeça, e resmungou alguma coisa consigo mesma sobre a impossibilidade de convencer o irmão. Os residentes do presbitério de Yoxham, que eram todos bem nascidos, damas e cavalheiros sem uma mácula sequer, que até então nunca tinham tido um caso de endogamia, e que entre seus primos homens não havia um que ocupasse um cargo inferior ao de um soldado ou marinheiro, pároco e advogado, que tinham feito oposição, com sucesso, a um casamento entre uma prima de terceiro grau com um advogado porque a aliança estava abaixo do nível dos Lovel, eram particularmente contra qualquer tipo de mistura de classes. Eles eram descendentes de condes antigos, e o chefe atual da família era um conde. Agora havia apenas uma

jovem donzela casadoura com título entre eles, e ela tinha acabado de conquistar seu direito ao tal título. Só havia uma lady Anna, e ela ia se casar com um alfaiate!

"Dever é dever", disse tia Julia, esquivando-se. O que ela quis dizer ao sobrinho foi que o dever a fazia fechar o coração para qualquer prima que fosse capaz de se casar com um alfaiate.

Em seguida, o lorde contra-atacou.

"A senhora não iria se importar de recebê-la, iria?"

"Não se o seu tio concordar", respondeu Mrs. Lovel.

"Vou lhe contar meu plano". Então ele contou tudo. Lady Anna deveria ser convidada para se hospedar no presbitério. O alfaiate passaria a noite anterior a do casamento em outro lugar. A cerimônia seria celebrada pelo seu tio na igreja de Yoxham. Sir William viria como convidado. E tudo seria feito como se eles estivessem muito orgulhosos com a união.

"Seu tio já sabe disso?" perguntou Mrs. Lovel, atordoada com a proposta.

"Não tudo. Eu queria que a senhora sugerisse a ele. Pense bem, tia Jane, em tudo que ela fez por nós!" Tia Jane não conseguia se lembrar de nada que tivesse sido feito por ela. Eles não tinham ficado mais ricos com o dinheiro da prima. Nunca tiveram interesse pessoal na questão. Não estavam interessados nem absolutamente nada. E ainda assim estavam sendo solicitados a receber um alfaiate, só por que lorde Lovel era o chefe da família. Mas o conde era o conde; e a pobre Mrs. Lovel conhecia o seu lugar. "Se deseja, claro que falarei com ele, Frederic".

"Desejo muito, e serei muito grato à senhora".

Na manhã seguinte, o pároco foi informado sobre o plano, e soltou as piores imprecações possíveis. Isto foi antes de sugerirem que ele deveria realizar a cerimônia, e apesar de muito ter reclamado, ele sabia que teria de ceder se o conde pedisse, pois não poderia opor-se ao chefe da família. Mas nunca imaginou que fossem lhe pedir para poluir seu próprio lar com a presença daquele alfaiate detestável. Enquanto se barbeava, naquela manhã, vários conceitos religiosos passaram pela sua cabeça. Que coisa horrível era a maldade! Tudo aquilo de ruim que estava lhe acontecendo era por culpa do falecido conde que tinha sido um homem tão malvado! Ele tinha jurado para sua esposa que não iria tolerar aquilo. Já tinha feito e estava disposto a fazer muito mais do que qualquer outro tio da Inglaterra. Mas isto ele não poderia tolerar. Porém, enquanto ainda se barbeava, e ponderava sobre todas as iniquidades cometidas pelo falecido conde, ele sabia que teria de ceder.

“Acho que eles nem vão querer vir”, disse tia Julia. “Ele não vai querer estar conosco do mesmo jeito que não queremos estar com ele”.

Tal esperança lhe deu algum conforto; e confiando nisso, o pároco cedeu a todos os pedidos antes do final do terceiro dia.

“E posso convidar Sir William?” perguntou o conde.

“Claro que vamos ficar muito felizes em ver Sir Wiliam, se quiser convidá-lo”, disse o pároco, um pouco contrariado ainda. “Sir William Paterson é sem dúvida um cavalheiro, e um homem muito respeitado. Claro que sua tia e eu teremos o maior prazer em recebê-lo. Como advogado não o considero muito bom, mas uma coisa não tem nada a ver com outra”. Cabe ressaltar que apesar de Mr. Lovel ainda ter vivido por muitos anos mais depois dos acontecimentos aqui narrados, ele nunca concordou com o veredicto do caso. Se os advogados tivessem perseverado como era dever deles, teriam acabado descobrindo que a condessa não era condessa, e que lady Anna não era lady, e que todo o dinheiro pertencia ao conde. E acreditando nisso, e afirmando, ele foi enterrado aos oitenta anos de idade.

Mas antes disso, ele concordou com tudo que lhe foi pedido. A condessa e sua filha seriam convidadas para se hospedarem em Yoxham; a igreja da paróquia seria oferecida para a cerimônia; ele celebraria a união; o conde entraria com a noiva na igreja e Daniel Thwaite, o alfaiate, seria convidado para jantar na casa do pároco, em Yoxham, na véspera do casamento! As cartas foram escritas por tia Julia, e o conde poderia acrescentar o que achasse conveniente.

“Acho que esta provação nos foi enviada para o nosso bem”, disse o pároco para sua esposa, naquela noite, no santuário do casal.

CAPÍTULO XLVII
AS COISAS ACABAM SE AJEITANDO

Mas a condessa nunca cedeu um milímetro. A seguir a resposta que ela enviou à carta escrita por tia Julia:

"A condessa Lovel apresenta seus cumprimentos a Miss Lovel. A condessa não aprova de forma alguma o casamento que está prestes a acontecer entre lady Anna Lovel e Mr. Daniel Thwaite, e por isso não pretende comparecer à cerimônia".

"Céus, ela é a melhor Lovel de todos nós", disse o pároco ao ler a carta.

Essa resposta chegou em Yoxham três dias antes de lady Anna e do alfaiate enviarem as suas. Daniel recebera o convite do jovem lorde, que o chamara de "Estimado, Mr. Thwaite", e que escrevera num tom familiar sobre as núpcias com a "sua prima", convidando-o para se juntar à família "como um bom amigo", e assinando com um "Sinceramente, Lovel".

"Estou quase sem fôlego", disse o alfaiate para a sua amada, rindo.

"Eles são meus primos", falou lady Anna. "E ainda tem uma menininha à qual me apeguei muito".

"Eles me desprezam", disse o alfaiate.

"Por que alguém deveria desprezá-lo?"

"Ninguém deveria, a menos que eu fosse uma pessoa má e desprezível. Mas eles me desprezam, pode estar certa. É da natureza humana que eles me desprezem. Somos diferentes, apesar de a matéria prima da qual somos feitos seja a mesma. Ficarei sem jeito com todo o luxo deles, e sentirei vergonha de mim. Não saberei como beber o vinho com eles, e muito provavelmente cometerei um milhão de gafes que os farão pensar que sou um animal".

"Não vejo por que você não pode erguer a cabeça como qualquer outro homem da Inglaterra" disse lady Anna.

"Eu deveria, mas não posso. Eu deveria sentir admiração por aqueles que são superiores a mim. Mas não sinto. É melhor não nos misturarmos, querida!" Mas a moça implorou para que ele pensasse um pouco mais. Era uma questão que merecia ser levada em consideração. Se fosse preciso brigar com todos seus primos em nome do seu marido, com o jovem conde indolente, com as tias Jane e Julia, e até mesmo com a querida Minnie, ela o faria. Seu marido estava acima de tudo para ela. Por ele, agora que tinha decidido que seria

dele, ela seria capaz de se afastar de todos. Tinha resistido aos pedidos da sua mãe, e estava convencida de que nada a faria mudar de ideia. Mas se seus primos estavam dispostos a aceitá-lo como seu marido, por que ele não poderia se deixar ser aceito? O orgulho dele era tão ruim quanto se fosse deles. Se eles estavam lhe estendendo a mão, por que recusar? "Pense por mais um dia, Daniel, antes de me responder". Ele pensou por mais um dia, e então aquele que decidia tudo, Sir William, veio visitá-lo para lhe dar os parabéns, desejar tudo de bom e falar bem da família Lovel, em geral. Nosso alfaiate o recebeu com cortesia, pois tinha aprendido a admirar o homem, entendido que ele agira com honestidade e sabedoria em nome do seu cliente, e o respeitava como o grande profissional que era; mas declarou que quanto à família Lovel, a família como um todo, ele pouco se importava.

"Eles são o oposto de mim", disse ele.

"Nem tanto", respondeu Sir William. "Eles serão opostos se você quiser. Mas por sorte e mérito, se me permite dizer, o senhor foi de um extremo ao outro".

"Prefiro muito mais o meu lado, Sir William".

"Sou mais velho do que o senhor, Mr. Thwaite, e posso lhe assegurar que o senhor está errado".

"Errado por preferir aqueles que trabalham para ganhar o pão aos que comem na ociosidade?"

"Não é por isso. Mas está errado por pensar que não existe trabalho duro tanto de um lado quanto do outro; e errado também por não perceber que os melhores homens que surgem de tempos em tempos sempre migram do lado que o senhor diz preferir para o outro extremo que o senhor quer evitar. Entendo o seu desprezo por um fidalgo ocioso, mas cabe lembrar que em nove de cada dez casos, os lordes se tornam lordes como recompensa pelo bom trabalho prestado ao país".

"Por que seus filhos devem herdar o título da décima à vigésima geração?"

"Compareça ao parlamento, Mr. Thwaite, se tem um ponto de vista que se opõe a hereditariedade, e expresse a sua opinião. Certamente é um tema que valerá uma boa discussão. No momento, creio que a maioria neste país está de acordo com a hereditariedade da aristocracia. Mas seja como for, não despreze esta condição social que todos ambicionam conquistar".

"Eu não ambiciono".

"Perdão. Mas quando era um trabalhador e vivia entre outros trabalhadores, acaso não ambicionava se tornar o coordenador do seu grupo?

Quando alcançou o cargo de contramestre, não ambicionou ser o coordenador dos outros contramestres? Por acaso nunca desejou ter dinheiro para poder subir profissionalmente? Se fosse um vereador na sua cidade, será que não iria sonhar em se tornar prefeito? Se fosse prefeito, será que não iria querer um assento no Parlamento para representar a sua cidade? Uma vez no Parlamento, não acha que iria querer ser ouvido e respeitado? Será que então não iria começar a se vestir como os outros, comer o mesmo que eles, beber o mesmo que eles, conviver com eles, cair nos mesmos hábitos, e se tornar um deles? A teoria da igualdade é muito ampla".

"E isto é a melhor coisa do mundo, Sir William".

"É a ela que todos os esforços legislativos e humanos deveriam e devem respeitar. Tudo que foi dito e feito entre as pessoas que conseguiram se emancipar do trabalho escravo serviu, em parte, para diminuir o distanciamento entre a classe alta e a baixa. Mas será que se a igualdade fosse estabelecida na Inglaterra, como foi na França, há cerca de meio século, a diferença de pensamento e caráter não acabaria restabelecendo uma aristocracia dentro de vinte anos. O enérgico, o talentoso, o honesto e o altruísta sempre serão levados para um lado aristocrático da sociedade, pois suas virtudes acabam gerando admiração, e esta acaba gerando riqueza, que dá poder para aqueles que se destacam".

"Igual quando um homem joga fora quarenta mil por ano em corridas de cavalos".

"Quando colocamos muita água para ferver, Mr. Thwaite, um pouco sempre acaba espirrando. Quando dois homens disputam uma corrida, sempre será desperdiçado um pouco de energia antes de se atingir o objetivo. Este é o problema de muitos patriotas que, na ânsia de derrubar as mazelas que existem só enxergam o poder desperdiçado, e não têm olhos para o bom trabalho que foi realizado. O tema é tão extenso que gostaria de voltar a discutir isto com o senhor em outra oportunidade. Por enquanto, peço apenas que pelo seu bem e o da sua futura esposa, o senhor não rejeite a receptividade que a família dela está lhe oferecendo. O fato de se aproximar deles, aceitar a posição que a fortuna da sua esposa e suas próprias aquisições poderão lhe proporcionar, em vez de se afastar irritado só porque eles são aristocratas, só irá mostrar a sua superioridade".

"O senhor sabe fazer-se entendido quando fala, Sir William".

"Fico feliz em ouvir isso do senhor", disse o advogado, sorrindo.

"Eu não, e isso é tudo que tenho para oferecer. Mas o senhor não vai

conseguir me fazer gostar de um lorde, e nem achar que um jovem pode usar robe de seda".

"Concordo com o senhor que os robes de seda devem se usados apenas pelos mais velhos", e assim terminou a conversa.

Daniel Thwaite não tinha sido convencido a gostar de um lorde, mas a eloquência do advogado não foi em vão. Enquanto caminhava sozinho pelas ruas ponderando, ele achou que seria mais corajoso de sua parte fazer tudo de acordo como fora aconselhado do que se manter afastado, só porque lhe seria muito desagradável fazer aquilo. No dia seguinte, lady Anna foi visitá-lo, como de costume; com a desculpa de que o ferimento justificavam suas visitas diárias que em circunstâncias melhores ele naturalmente faria a ela.

"Você quer ir para Yoxhama?" perguntou ele.

Ela olhou esperançosa, pois nutria um desejo verdadeiro de que os lados se unissem. E ao pensar nisso, ela descobrira que não conseguiria ser feliz a menos que se casasse com ele, mas que não seria sem arrependimento caso tivesse de consentir em destruir o elo que a ligava ao nobre sangue dos Lovel. Ela tinha provado o doce sabor vida aristocrática, e agora que os Lovel estavam dispostos a aceitá-la apesar do seu casamento, ela ansiava por aceitar a oferta de amizade deles.

"Se está com vontade, então deve ir", disse ele.

"Mas você também deve ir junto".

"Eu vou, mas para passar um dia. Mas preciso comprar um par de luvas e um paletó preto".

"E um azul, para o casamento".

"Ai de mim! Vou ter que comprar um robe rosa para vestir quando acordar?"

"Se quiser, e eu mesma farei para você".

"Prefiro que remende as minhas meias de lã, querida".

"Posso fazer isso também".

"E terei de ir para a igreja em uma carruagem e voltar em outra, e todos irão sentir o meu perfume e olhar para mim, e comentarem entre si como será que o alfaiate vai se portar."

"O alfaiate vai se portar muito bem", disse lady Anna.

"Isso é exatamente o que ele não vai fazer. Sei que você vai sentir vergonha de mim, e então nós dois ficaremos tristes".

"Não vou sentir vergonha de você. Nunca sentirei vergonha de você. Sentirei vergonha deles se não forem gentis com você. Mas, Daniel, você não

precisa ir se não quiser. Que importância tem isso tudo, se você não estiver feliz?"

"Eu vou", disse ele. "E vou escrever uma carta agora mesmo para seu primo".

Duas cartas foram escritas, aceitando o convite. A que o alfaiate escreveu para o lorde foi sucinta e exatamente assim:

Caro, lorde,

Agradeço imensamente pelo seu convite para comparecermos em Yoxham, e se o fato de aceitá-lo fará de mim um bom amigo, eu aceito. Temo, no entanto, que nunca estarei à altura de vossa amizade. Mesmo assim aprecio vossa gentileza.

Sinceramente, vosso servo muito obediente,

Daniel Thwaite

A resposta de lady Anna à carta de tia Julia foi mais extensa e menos formal, mas deixando clara a sua intenção de ir para Yoxham uma semana antes da data marcada para o casamento, que seria no dia 10 de julho. Agradeceu também pela gentileza do pároco por ter se oferecido para celebrar a cerimônia; e que como não tinha amigas, ela esperava que Minnie Lovel pudesse ser a sua dama de honra. Mas antes da cerimônia, várias cartas ainda foram trocadas, e dentre elas houve uma onde ela pedia permissão para levar Miss Alice Bluestone junto, para que assim tivesse uma madrinha, além das outras filhas da aristocracia local de Yoxhamque já tinham sido convidadas. Miss Alice Bluestone aceitou o convite com grande alegria – apesar do abismo, sobre o qual ela tinha falado – e, assim acompanhada, mas sem a sua criada pessoal, lady Anna seguiu para Yoxham para se unir a Daniel Thawaite, o alfaiate, no sagrado matrimônio, levada até o altar pelo primo, onde receberia as bênçãos do Rev. Charles Lovel.

CAPÍTULO XLVIII
O CASAMENTO

O casamento saiu do jeitinho que deveria ser um casamento quando uma lady Anna é conduzida ao altar nupcial. Como a cerimônia foi transferida de Bloomsbury, Londres, para Yoxham, Yorkshire, foi necessário providenciar uma autorização, e os proclamas com o qual Daniel Thwaite tanto se preocupara foram em vão. É claro que há diferenças em casamentos aristocráticos. Nem todas as filhas de condes se casam na igreja St. George, que fica na Hanover Square, assim como não é absolutamente necessário que um bispo presida a cerimônia, ou que os vestidos sejam descritos no jornal. Este foi um casamento essencialmente tranquilo, com uma quietude esplêndida, e de uma obscuridade graciosa e decorosa. Assim que as coisas se acertaram – quando não havia mais dúvida de que todos os Lovel tinham aceitado o casamento – as duas tias colocaram mãos a obra. Outra moça Lovel, que quase ninguém conhecia, foi convidada para ser a terceira madrinha, e para a quarta, quem melhor do que a filha mais velha de lady Fitzwarren? Os Fitzwarren não eram ricos, não iam para Londres uma vez por ano, e os acontecimentos sociais de destaque no interior eram raros! lady Fitzwarren não achou de bom tom recusar o pedido da velha amiga, Mrs. Lovel; e, além do mais, lady Anna era uma dama, ou para todos os efeitos era, de acordo com as notícias dos jornais. Miss Fitzwarrense dispôs-se a ir de branco e azul, e abrir o cortejo – mas, assegurou à sua melhor amiga, Miss De Moleyns, que ninguém iria convencê-la a permitir que o alfaiate a beijasse.

Uma semana antes da chegada de Daniel Thwaite, lady Anna mais uma vez reuniu-se com as damas do presbitério. No final da sua última estada, naquela mesma casa, ela estivera calada e fechada, mas desta vez voltara a ser a mesma moça gentil, acessível e dócil.

“Gosto dela do mesmo jeito”, disse Minnie.

“Sim, minha querida. É uma pena que as coisas tenham que ser assim, pois ela é uma pessoa muita boa”.

Minnie adorava a sua amiga, mas achava um horror ela se casar com um alfaiate. Era quase como a história da princesa que foi obrigada a se casar com um urso; um pouco pior, pois Minnie não acreditava que o alfaiate um dia iria se transformar em um cavalheiro, apesar de ter tido certeza desde o

começo da história que o urso iria se transformar em um príncipe.

Quando chegou a Yoxham Daniel não foi recebido por nenhum dos moradores do presbitério. Foi levado para a casa de um fazendeiro vizinho, onde lhe foi oferecida uma refeição por educação. Fez uma visita ao presbitério, e viu a sua noiva, mas na ocasião nem chegou a ver o pároco. O fazendeiro o levou para a igreja na manhã seguinte, vestido com uma sobrecasaca azul, calça marrom e gravata cinza. Ele sentiu muita vergonha das suas roupas, mas não havia nada nele que chamasse tanta atenção, uma vez que todos sabiam que era um alfaiate. O pároco trocou um aperto de mão educado, mas frio. As damas se mostraram mais receptivas; e Minnie olhou demoradamente e curiosa para o rosto dele.

"Ele não é lá essas coisas", disse ela, depois "mas eu tinha imaginado que fosse bem pior!"

Depois que o casamento terminou, ele beijou a noiva, mas não se dirigiu às madrinhas. Após a cerimônia foi oferecido um *brunch* no presbitério, que na verdade foi um belo banquete nupcial. Em tais ocasiões, o papel da noiva é sempre muito fácil de representar. É obrigação dela mostrar-se bela, e caso não consiga – apesar de a maioria das noivas conseguir – seu fracasso é atribuído às emoções naturais ao acontecimento. Já o papel do noivo é um pouco mais complicado. Ele deve parecer viril, agradável, composto, jamais petulante, pronto para dizer algumas palavras quando solicitado, e com ares de triunfo. Isto está um pouco acima do que os simples mortais são capazes de conseguir, e os noivos geralmente apresentam algumas falhas neste momento terrível. Quando lady Fitzwarren o cumprimentou com palavras eloquentes e um sorriso – que continha algo de ridículo e algo de civilidade – ele quase escorregou ao responder.

"É muita gentileza sua, milady", disse ele.

Então ela deu as costas e sussurrou algo para o pároco, e Daniel teve certeza de que ela estava rindo dele. O herói do dia foi o Advogado-geral, que fez um discurso, propondo saúde e prosperidade aos nubentes. Fez também uma referência sutil ao julgamento, expressando o prazer que todos os envolvidos sentiram em reconhecer os direitos e o título de nobreza da noiva assim que tomaram conhecimento dos detalhes do caso. Em seguida falou da longa e sincera amizade e da devoção do noivo e do seu pai, dizendo que em toda a sua vida nunca tinha visto nada mais comovente e encantador do que o amor que surgiu na tenra idade entre a bela jovem e seu amigo de infância. Disse ainda que um dos momentos mais felizes da sua vida foi quando

conheceu Mr. Daniel Thwaite, e que esperava se tornar um grande amigo do cavalheiro. Houve muitos aplausos, e os do jovem conde foram os mais altos. O pároco não conseguiu dizer uma palavra sequer. Já estava sendo um sacrifício e tanto cumprir com seu dever para com o chefe da família, e dizer que o casamento entre lady Anna e o alfaiate era um acontecimento feliz seria impossível. O pobre Daniel se viu obrigado a fazer um discurso em agradecimento ao do seu amigo, Sir William.

"Não sei falar bem", disse ele, "e espero que me desculpem. Só posso dizer que sou profundamente grato a tudo que Sir William Patterson fez pela minha esposa".

O casal seguiu para York em uma carruagem, puxada por quatro cavalos, e assim terminou a festa.

"Espero ter feito tudo certo", disse o pároco num sussurro confidencial para lady Fitzwarren.

"Acho que fez, Mr. Lovel. Tenho certeza de que fez. As circunstâncias eram muito difíceis, mas tenho certeza de que o senhor fez tudo direitinho. Ela sempre deverá ser vista como a filha legítima do seu pai".

"Foi o que disseram", murmurou o pároco num tom melancólico.

"Isso mesmo. E como ela sempre será considerada com sendo lady Anna, o senhor foi obrigado a tratá-la como tal. É uma pena que isto não tenha acontecido antes, para que assim ela pudesse ter feito uma união melhor. O conde, no entanto, não foi de todo esquecido, e isto é um conforto. Eu diria até que Mr. Thwaite me pareceu ser um homem bom, apesar de não ser exatamente o tipo de homem que a família desejava". Estas palavras sem dúvida foram ditas pela dama com grande satisfação. Os Fitzwarren eram pobres, e os Lovel eram todos ricos. Até mesmo o jovem conde tinha conseguido conquistar uma situação confortável, graças à generosidade da prima recém-descoberta. Foi, portanto, um prazer para lady Fitzwarren aludir à desgraça da família que em certo grau permitiu a prosperidade dos seus amigos. Mr. Lovel compreendeu tudo, e suspirou; mas não ficou com raiva. Na verdade, agradeceu por lady Fitzwarren ter vindo à sua casa num momento tão difícil.

Assim nos despedimos de Yoxham. O pároco era um homem honesto, sincero, altruísta, fiel aos seus instintos, um inglês genuíno, caridoso, hospitaleiro, uma pessoa boa que gostava de fazer o bem para todos que o cercavam. Quando tentamos julgar tal personagem é difícil traçar uma linha entre a sagacidade política e o preconceito político. Se ele fosse diferente, provavelmente teria sido menos útil a sua função.

A noiva e o noivo seguiram para a lua de mel em Devonshire, e no caminho passaram por Londres. Lady Anna Thwaite, pois ela não conseguiu abandonar o título, escreveu para sua mãe para comunicar sobre a sua chegada e pedir permissão para lhe fazer uma visita. No dia seguinte, ela foi sozinha para a Keppel Street, onde foi recebida.

"Minha querida, *maman*!", exclamou, atirando-se nos braços da mãe.

"Então está feito?" indagou a condessa.

"Sim, *maman*, nós nos casamos. Escrevi para a senhora de York".

"Recebi a sua carta, mas não pude responder. O que eu poderia dizer? Eu queria que isto não tivesse acontecido; mas aconteceu. Você fez a sua escolha, e não vou repreendê-la".

"Não me repreenda, *maman*".

"Seria inútil. Carregarei as minhas mágoas em silêncio. Não me fale sobre ele, mas me diga que tipo de vida pretendem levar".

Eles iriam passar um mês no sul, em Devonshire, e depois pegariam um navio para a nova colônia fundada nos antípodas. Ainda não tinham definido um estilo de vida definitivo, mas pretendiam ir para Sydney, e lá 'meu marido' – como lady Anna se referiu a ele, imaginando que assim seria menos dolorido aos ouvidos da sua mãe do que se usasse o nome do homem que tinha se tornado tão odiado por ela – iriam fazer o que parecesse melhor para ele. De qualquer maneira, primeiro iriam avaliar se o novo mundo que estava surgindo servia os propósitos deleou se seria melhor retornarem para a Inglaterra.

"E a senhora, *maman*, o que pretende fazer?"

"Nada", disse a condessa.

"Mas onde pretende morar?"

"Se eu conseguisse descobrir, minha filha, onde vou morrer, eu lhe diria".

"*Maman*, não fale em morrer".

"Como posso falar do meu futuro, minha querida? Que motivos tenho para viver? Eu só tinha você, e você me abandonou".

"Venha comigo, *maman*".

"Não, minha querida. Eu não poderia viver com ele e nem ele comigo. É melhor que eu e ele nunca mais nos encontremos".

"Mas a senhora não pretende ficar aqui?"

"Não pretendo ficar aqui. Preciso me acostumar com a solidão, mas a solidão de Londres é insuportável. Voltarei para Cumberland caso consiga encontrar uma casa lá. As montanhas me ajudarão a recordar dos dias que, por mais tristes que fossem, eram menos tristes do que o presente. Naquela época

eu nem sonhava que fosse conseguir ganhar tudo que tinha perdido. O conde estava lá?"

"No nosso casamento? Oh, sim, ele estava".

"Vou apelar para a generosidade dele. Quem sabe ele me permita morar em Lovel Grange?"

Após o encontro, lady Anna voltou para o seu marido aos prantos, de coração partido e em dúvida se não tinha sido muito cruel com sua mãe, apesar de não saber como poderia ter feito tudo que fez de outra maneira. Sua mãe tentara dominá-la com pulso firme, e falhara. Mas nem por isso seu coração doía menos.

"Minha querida" disse o alfaiate "muitos corações ainda serão feridos. Enquanto o mundo for mundo continuarão existindo injustiças; e tristezas".

Quando fazia aproximadamente um mês que eles tinham partido de Londres a condessa escreveu uma carta para seu primo, o conde, compartilhando com ele seus desejos. "Caso queira morar lá, não se fala mais nisso. Mas caso contrário, o senhor poderia deixar a velha casa para mim. Ela continuará na família, e estou disposta a fazer tudo que puder pelo povo da região, para que assim todos deixem de odiar o nome Lovel".

O jovem lorde respondeu que ela poderia usar a casa pelo tempo que desejasse – pelo resto da vida se quisesse. Quanto a um aluguel, claro que não iria cobrar nada depois de tudo que ela tinha feito por ele. Mas a propriedade seria arrendada em seu nome, pois desta forma ela não precisaria ter receios de ser incomodada. Quando chegou a primavera, depois que o navio que levava o alfaiate e sua esposa atracou nos antípodas, lady Lovel viajou acompanhada da sua criada para Cumberland, deixando Londres sem nenhum amigo de quem pudesse se despedir. E em Lovel Grange ela se instalou definidamente, em meio aos móveis e retratos antigos, com tudo que lembrava a sua tragédia da juventude, quando seu marido revelou, com um sorriso nos lábios e desprezo nos olhos, que ela não era sua esposa, e que a criança em seu ventre não passava de uma bastarda. De certo modo, ela tinha conseguido triunfar sobre a maldade. Agora, estava vivendo na casa dele como a inquestionável e incontestável condessa Lovel, dona de grande parte da riqueza dele, enquanto ainda viviam ao redor aqueles que a conheceram quando ela foi expulsa da própria casa. E lá, com uma generosidade desvairada, ela distribuiu seu dinheiro, e acabou se tornando amada pelos pobres da região. Mas em termos de vida social não fez amizade com ninguém e raramente ia além do vale onde ficava a casa solitária para onde ela tinha

sido trazida depois do casamento.

Sobre a nova vida de Mr. Thwaite e sua esposa lady Anna – do quanto viajaram e de tudo que viram; e de como talvez ele tenha acabado se transformando num homem mais sábio – quem sabe o presente autor possa, ele espera, viver para contar.

FIM

AUTOR

Aclamado romancista inglês da era vitoriana e autor de mais de quarenta obras, Trollope (1815 –1882) é um dos autores ingleses mais publicados no mundo atualmente. Suas obras continuam atuais e ele tem milhões de leitores. Quarto filho de um bem-sucedido e polêmico advogado, ele viveu a experiência de ser muito rico e muito pobre, pois seu pai perdeu toda a fortuna e, por volta do ano de 1826 ele viu sua família na miséria, profundamente endividada. Foram salvos da penúria pela mãe, Fanny Trollope, que se tornou escritora e deu a Anthony uma visão de como ser um escritor profissional, lição que ele aprendeu se tornando um dos mais respeitados autores do século XIX. Além de *Lady Anna,* é dele *Senhorita Mackenzie* lançado impresso pela Pedrazul Editora.

NOTAS

[1]Os Radicais eram da ala esquerdista extrema do partido Whig, que tinha tendências liberais e fazia oposição ao partido Tory, que era da ala conservadora.

[2]Robert Southey foi historiador, escritor e poeta. Nasceu em Bristol em 1774 e faleceu em Keswick em 1843.

[3]William Wordsworth foi o maior poeta romântico inglês. Influenciado pelo ideal revolucionário francês, que deu origem a ala dos Radicais, ele, Coleridge, outro grande poeta, e Southey eram conhecidos como os “Poetas dos lagos”.

[4] Expressão latina que significa à primeira vista.

[5] Palavra francesa que significa: que se intitula, que se diz.

[6] O YorshireStingo era um pub que ficava afastado do centro de Londres, nos séculos XVIII e XIX.

[7] Em francês no original.

[8] Apesar de orginalmente os poetas dos lagos apoiarem os ideais da Revolução Francesa eles acabaram tomando um rumo mais conservador e passaram para o Tory, partido que fazia o oposição aos Wigs.

[9] C. R. Significa Conselheiro da Rainha e são advogados mais experientes que atuam em instâncias superiores.

[10] O cargo de Sargento foi extinto na Inglaterra em 1959, e por muitos séculos os Sargentos foram os únicos advogados que podiam defender um caso no Tribunal Judicial de Primeira Instância.

[11] Famosa escola em Londres para meninos fundada em 1572.

[12] Expressão em latim que significa “Ao acusador cabe o trabalho de provar”.

[13] Expressão francesa que significa “a nobreza obriga”, utilizada para indicar que pessoas nobres e importantes têm a obrigação de agir de acordo com a posição que ocupam.

[14]Loja aberta na Ludagte Hill por William Edgar e George Swan, em 1812. A sociedade progrediu e pequena loja acabou se tornando uma loja de departamento, localizada no Piccadilly Circus no início do século XIX, mas encerrou suas atividades em 1982.

[15] Em francês no original.

[16] O vinho francês ChâteuMargaux é considerado um dos melhores do mundo e um dos mais caros.

[17] Um dos vales de Yorkishire, na Inglaterra, por onde corre o rio Wharfe.

[18] Propriedade na região de Wharfedale, ao norte de Yorkshire, que recebeu este nome por conta das ruinas de um monastério agostiniano do século XII.

[19] Sir Edwin Henry Landsserfoi um pintor e escultor inglês famoso pelas suas pinturas de animais. Suas obras mais conhecidas são os leões da Trafalgar Square, em Londres.

[20] Aqueles que ingerem a flor de lótus são acometidos por um tipo de amnésia, perda da noção do tempo e do espaço.

[21] O rei James I reinou na Escócia desde 1567 e na Inglaterra, a partir de 1603, que então eram dois estados soberanos separados, até a sua morte em 1625.

[22] O centro financeiro de Londres é conhecido como “The City”.

[23] Antiga estalagem, localizada no centro de Londres, mas que foi demolida em 1868.

[24] O autor se refere a uma passagem da Bíblia sobre o homem rico que depois de morto pede do inferno a Abraão que permita que Lázaro, o mendigo que está no céu, molhe a ponta do dedo e refresque a sua língua que arde. Ao que Abraão responde que o rico teve tudo de bom em vida enquanto Lázaro apenas sofrimento.

[25] Existe uma fábula sobre um cão que dormia em uma manjedoura cheia de feno quando chegaram dois bois famintos. O cão latiu e rosnou ameaçador para impedi-los de comer. Os bois reclamaram, dizendo que o cão era egoísta, pois nem gostava de comer feno. Vendo isso, o fazendeiro pegou um pedaço de pau e enxotou o cão do estábulo. *Moral da história: Tem gente que tem prazer em roubar o prazer dos outros.

[26] O autor se refere a uma peça não muito conhecida de Shakespeare, *Cimbelino*. Em que a personagem Imogênia, filha do rei Cimbelino, casa-se às escondidas com Póstumo, que é guarda e conselheiro do seu pai. Porém, a madrasta da moça ambiciona que ela se case com seu filho, Clóten, que tenta sem sucesso seduzir a moça. A fidelidade de Imogência é posta a prova mais uma vez quando Iachimo, um fidalgo italiano, aposta com o marido dela que é capaz de seduzi-la, porém mais uma vez a moça se mostra fiel.

[27]*Noite de Reis*, de William Shakespeare, é uma peça cômica, cujo título se refere à tradição inglesa de festejar e presentear uns aos outros nesta data, a décima segunda noite após os festejos natalinos. Dois personagens são vítimas de uma peça, Olívia (lady de Strachy) e Malvólilo (o mordomo), que é induzido a pensar que Olívia está apaixonada por ele.

[28] A Tattersall, orginalmente grafada com apóstrofe, foi fundada em 1766 e ainda é a principal casa de leilões de cavalos de corrida da Inglaterra.

[29] O Templo é um dos bairros jurídicos históricos no centro de Londres ocupados por escritórios de advogados e Cortes de Justiça, e onde se encontra uma famosa igreja redonda do século XIII, que dá nome ao bairro.

[30] A colônia *New South Wales*, em inglês, foi fundada em 1788 pelo governo britânico, e incluía quase todo o continente australiano e algumas ilhas da Nova Zelândia.

[31] Trecho do monólogo de uma das primeiras comédias de William Shakespeare, *Trabalhos de Amor Perdidos*.

[32] O autor faz uma referência à outra obra de Shakespeare, *Henrique IV*.

[33] Em *Hamlet*, também de Shakespeare, Osric conta para Hamlet que o rei Claudio apostou que Laerte seria capaz de derrotá-lo.

[34] Trecho o monólogo de Hotspure, personagem de *Henrique IV*.

[35] Fala do personagem Osirc, de *Hamlet*.